

Mariana Spagnolo Martins
Myriam Rossi Sleiman Gholmie
(Orgs.)

*Atlas Linguístico do Brasil:
Desvendando a língua, formando jovens pesquisadores...*

VOLUME V

ISBN - 978-85-7846-492-9

Londrina
2018

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
---------------------------	---

FONÉTICA

ALTERNÂNCIA ENTRE [V] E [B] NAS CAPITAIS DO SUL DO BRASIL

<i>ANA CLÉA DOS REIS</i>	6
--------------------------------	---

ANÁLISE LINGUÍSTICA DO FENÔMENO REDUÇÃO DOS DITONGOS NASAIS ÁTONOS EM SÃO LUÍS: O QUE MOSTRAM OS DADOS DO ALiB

<i>NÁDIA LETÍCIA PEREIRA SILVA</i>	14
--	----

CAMINHÁ? GOSTO MUITO DE CAMINHÁ: O APAGAMENTO DO /R/ EM POSIÇÃO DE CODA NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

<i>ERIC HENRIQUE ABREU SILVA</i>	23
--	----

O FENÔMENO DA METÁTESE NA PALAVRA BRAGUILHA VERIFICADO NA CIDADE DE LONDRINA

<i>MARIA CAROLINE CHAGAS</i>	29
------------------------------------	----

SUARABÁCTI: UM ESTUDO SINCRÔNICO E DIACRÔNICO EM CORPORA DISTINTOS – ALPR, ALiB E LHiSPAR

<i>MYRIAM ROSSI SLEIMAN GHOLMIE</i>	36
---	----

LÉXICO

A VARIAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE O CAMPO SEMÂNTICO VIDA URBANA ACERCA DO ITEM TERRENO NOS DADOS DO PROJETO ALiB

<i>MARIANA SPAGNOLO MARTINS</i>	52
---------------------------------------	----

A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NO CAMPO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS: UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA COM BASE NO CORPUS DO ALiB/MARANHÃO

<i>LARYSSA FRANCISCA MORAES PORTO</i>	60
---	----

AS DESIGNAÇÕES PARA ALGUNS ANIMAIS NO PROJETO ALiB

<i>LARISSA SANTOS DEOMONDES</i>	67
---------------------------------------	----

AS VARIANTES DO ITEM LEXICAL DIABO REGISTRADAS PELO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL NA FALA DO SUL DE MINAS GERAIS

<i>BRENDA VIVAN BOVO</i>	82
--------------------------------	----

UMA ANÁLISE COM OS DADOS DO PROJETO ALiB: DESIGNAÇÕES PARA MEIO-FIO NO SUL DO BRASIL

<i>ANA CLÁUDIA CHOFARD</i>	90
----------------------------------	----

VARIAÇÃO LEXICAL DO ITEM LEXICAL “SOVINA” NAS REGIÕES NORTE, NORDESTE E CENTRO-OESTE – ALiB

MARINA RAMOS LUZ	97
------------------------	----

MORFOSSINTAXE

A VARIAÇÃO MENOS/MENAS NA REGIÃO NORDESTE: O QUE DIZEM OS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALiB

AMANDA DE JESUS FERNANDES DE CARVALHO	105
---	-----

“NÃO SEI NÃO, NÃO VOU NÃO, NÃO QUERO NÃO” – A DUPLA NEGAÇÃO NA FALA DE LUDOVICENSES: UM ESTUDO COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB

LAYANE KESSIA PEREIRA SOUSA	115
-----------------------------------	-----

TU, VOCÊ, CÊ, OCÊ, SENHOR: O FALAR DE BACABAL EM FOCO

JAMILE IEDA ALVES CALDAS	125
--------------------------------	-----

FRASEOLOGIA

A VARIAÇÃO LEXICAL NAS REGIÕES NORDESTE E CENTRO-OESTE COM BASE NO CORPUS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

CÍNTIA DA CONCEIÇÃO MARQUES	134
-----------------------------------	-----

FRASEOLOGISMOS COMO EXPRESSÃO DA CULTURA E IMAGINÁRIO POPULAR: UMA ANÁLISE SOBRE AS EXPRESSÕES UTILIZADAS PARA DENOMINAR OS MESES DO ANO

CÍNTIA DA CONCEIÇÃO MARQUES	144
-----------------------------------	-----

OS FRASEOLOGISMOS RELACIONADOS À CHUVA NO NORDESTE

TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA	154
--------------------------------------	-----

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL EM SÃO LUÍS, TERESINA, FORTALEZA, NATAL, JOÃO PESSOA E RECIFE

TAIANE CRISTINA PRATA OLIVEIRA.....	162
-------------------------------------	-----

UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA REGIÃO NORTE NO CORPUS DO PROJETO ALiB

ANA RITA CARVALHO DE SOUZA	175
----------------------------------	-----

BANNERS

ALiB – PARANÁ: 20 ANOS DE CAMINHADA E TRAVESSIAS

MYRIAM ROSSI SLEIMAN GHOLMIE.....	191
-----------------------------------	-----

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – REGIONAL PARANÁ EM 20 ANOS DE ATIVIDADES

ALINE FRACAROLLI DO CARMO	192
---------------------------------	-----

AUTORES.....	194
--------------	-----

APRESENTAÇÃO

Os programas de iniciação científica têm como propósito primordial fomentar a pesquisa científica, propiciando a produção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades que permitam o ingresso de alunos no campo da pesquisa. Por intermédio desses programas, as equipes regionais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) recorrem ao necessário auxílio de alunos da graduação durante os trabalhos que desenvolvem, desde a coleta até o armazenamento dos dados, passando pelas etapas de transcrição e revisão do material recolhido.

Como temos observado com o passar dos anos, as atividades realizadas pelos alunos enquanto integrantes de programas de iniciação científica, sobretudo no mencionado projeto, vem se revelando verdadeiro estímulo para o prosseguimento e o aprofundamento dos estudos realizados nos níveis da pós-graduação. É importante comentar, ainda, o crescente reconhecimento do trabalho desses iniciantes na pesquisa não só durante a formação acadêmica, mas também no decorrer da vida profissional. Prova disso é o número cada vez maior de pessoas que, durante a graduação, contribuíram para o Projeto ALiB e vêm se tornando mestres e doutores atuantes na pesquisa, bem como como professores de instituições públicas e privadas.

Esta coletânea de trabalhos tenciona dar o devido reconhecimento e a oportuna publicidade aos trabalhos de iniciação científica desenvolvidos recentemente por bolsistas e voluntários sobre dados do *corpus* do Projeto ALiB, a fim de que a significativa colaboração desses alunos seja, efetivamente, levada ao conhecimento de todos. Ademais, a valorização da iniciação científica na esfera das pesquisas dialetológicas e geolinguísticas é fundamental para estimular novos alunos a vivenciarem a experiência de pesquisadores durante o curso de graduação.

Aqui, os trabalhos foram divididos em dois grupos, considerando a sua respectiva modalidade: artigo científico (19) e painel (2). Os artigos científicos foram organizados segundo a área de produção: fonética, prosódia, léxico, morfossintaxe. Vale mencionar que esses estudos foram realizados sob a orientação dos Professores Doutores Vanderci Aguilera, Fabiane Altino, Dircel Kailer, Marcel Paim, José de Ribamar Bezerra, Felício Margotti e Aparecida Isquerdo, em três universidades: Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Desejamos que a presente coletânea, além de disseminar as pesquisas realizadas no âmbito do ALiB aos membros do Projeto e aos demais interessados, contribua para estimular mais alunos a se tornarem pesquisadores da Dialetologia e da Geolinguística.

Mariana Spagnolo Martins
Myriam Rossi Sleiman Gholmie

FONÉTICA

Alternância entre [v] e [b] nas capitais do Sul do Brasil

Ana Cléa dos Reis (IC/UEL)

RESUMO: A presente pesquisa, com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e ancorada teórica e metodologicamente na Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998) e na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), tem como objetivo principal averiguar a alternância no uso da oclusiva bilabial [b] e da fricativa labiodental /v/ nas três capitais dos Estados do Sul do Brasil. Essa referida alternância pode ocorrer, segundo Torres (2013), no Português Europeu (PE) em lexias como *ver ~ ber*, *venho ~ bénho*, *vamos ~ bamos*, dentre outras. No Português Brasileiro (PB), entre lexias apresentadas, verificamos a referida variação em *vamos ~ bamos* e em outras como, por exemplo, *varrer ~ barrê*, *vassoura ~ bassora*, *vagem ~ bage*, *assobio ~ assovio*. Neste sentido, além do objetivo geral já mencionado, verificamos a influência dos contextos linguísticos e extralinguísticos no uso de uma ou de outra variante no falar de 24 informantes estratificados pela equipe do ALiB, conforme a localidade, o sexo, a faixa etária e a escolarização.

PALAVRAS CHAVE: Alternância entre [v] e [b], ALiB, Região Sul.

Introdução

Segundo Cunha (1981, p. 13), "o estudo científico de uma língua é fundamentalmente o estudo da cultura de que ela é forma e produto. Estudar o português do Brasil é, pois, em grande parte, estudar a história de nossa formação histórica que tem relação intrínseca com as variantes linguísticas predominantes em diferentes localidades. Nesse sentido, faz-se necessário, portanto, conhecer e compreender os caminhos que essas variantes seguem em cada localidade, buscando averiguar a relação que cada elas têm com a formação de cada comunidade investigada.

Para compreender se determinadas variantes linguísticas caminham para uma variação estável (em que as duas coexistem), mudança em progresso (quando a forma inovadora ou a arcaica está se sobressaindo), ou uma mudança completa (em que uma das variantes cai em desuso e torna-se uma forma obsoleta), Labov (1968, 1972) sugere que o pesquisador, além de fazer reestudos e averiguar as variáveis linguísticas, também verifique as variáveis sociais como a faixa etária, a escolaridade, o sexo, a localidade, o estilo de produção de fala entre outras, que podem ajudar a esclarecer se o uso de alguma variante está no estágio de variação estável, em progresso ou de mudança linguística.

Sendo assim, o presente trabalho busca, com base nos dados dos Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001), verificar a alternância das variantes [v] e [b] no falar de 24 informantes das capitais da região Sul do Brasil. Além disso, traz, também como objetivos: i) averiguar qual das lexias analisadas é mais suscetível à variação (*travesseiro~trabesseiro*, *varrer~barrer* e *assovio ~ assobio* (presente no Questionário Fonético-Fonológico (QFF)) e *vagem ~ bagem* (presente no Questionário Semântico Lexical (QSL)); ii) analisar a influência dos contextos linguísticos (vogal da sílaba alvo, extensão silábica, item lexical, posição das variantes na sílaba) ou extralinguísticos, (faixa etária, sexo, escolaridade, localidade) no uso de uma ou de outra variante nas localidades analisadas (Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, capitais do Sul do Brasil).

Alternância das variantes [v] e [b]

A alternância entre as variantes fricativa labiodental [v] e oclusiva bilabial [b] é bastante antiga. Ela vem desde o latim e, consoante Lima, Sana, Bueno (2013), é possível verificar a referida alternância nos exemplos trazidos por Huber (1933, p. 102), *habere* > *aver*, *debita* > *devida* (dívida), *móBILE* > *móvil* (móvel), dentre outras. Podemos verificar que algumas palavras que usamos com [v] *haver*, *dívida*, *móvel* já tiveram uma oclusiva [b] no latim.

No Português Europeu, Teyssier (2011, p.41) afirma que Duarte Nunes de Leão, em *Orthographia* (1576), destaca ‘a confusão do b e do v’, e precisa que ela aparece ‘nos galegos e em alguns portugueses dentre Douro e Minho’. Teyssier (2011, p.41) observa que “desde então, os gramáticos e ortógrafos portugueses não deixam de apontar esse ‘erro’, pelo qual os portugueses do Norte se vinculam aos galegos e, de um modo mais geral, aos espanhóis”.

Segundo o referido autor, esse processo delimita áreas no Português Europeu conforme algumas pesquisas dialetológicas têm demonstrado. “[...] a zona de distinção entre /b/ e /v/ termina hoje a oeste, um ao sul de Coimbra, mas ela sobe a leste até Trás-os-Montes, penetrando como uma cunha na zona de confusão que abrange o português do Norte, o galego e o espanhol” (TEYSSIER, 2011, p. 40).

Já no Português Brasileiro (PB), a alternância entre essas variantes ([v] e [b]) é observada em lexias como, por exemplo: *vassoura* ~ *bassoura*, *travesseiro* ~ *trabesseiro*, *assovio* ~ *assobio*, *vagem* ~ *bage*, *verruga* ~ *berruga*, *varrer* ~ *barrer*, *vespa* ~ *bespa*, *gavar* ~ *gabar*. Desconhecemos a existência de um estudo sistematizado sobre os falares brasileiros que esclareça se há predominância desse processo fonético-fonológico em alguma região brasileira. Esse fato justifica o presente estudo que faz parte de um projeto maior que objetiva descrever essa alternância em todas as localidades inqueridas pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Viaro (2011), ao tratar dessa alternância entre o [v] e o [b], lembra que não ocorre em todas as lexias que possuem a consoante /v/, que é um processo marcado no PB e que, conforme Marroquim,

o b não passa a v, senão, talvez em *gavar* e *desenxavido*. Não há sincretismo entre os dois fonemas [...], a mudança, aliás, vem da formação da língua: *vesicam* > *bexiga*; *vaginam* > *bainha*; *votum* > *bôdo*. Dizem os matutos: *barrer*, *bassôra*, *béspra* ou *bespra*, *berruga*, por: *varrer*, *vassoura*, *véspera*, *verruga*" (MARROQUIM, 1996, p. 61).

Essa variação entre [v] e [b] ocorre, segundo Nascentes (1953), por serem /b/ e /v/ dois fonemas, do ponto de vista articulatório, muito próximos: "basta uma pequena abertura pra o /b/ explosivo passar a /v/ fricativo" (NASCENTES, 1953, p.52).

Como vimos, em Portugal a alternância de [v] e [b] é um demarcador regional, já no Brasil, ao que parece, é social, pois está vinculado ao grau de escolaridade. Sendo assim, buscamos, com já dissemos, verificar quais contextos guiam o uso de [v] e de [b] em algumas lexias e se ele prevalece nas capitais do Sul do Brasil. Para isso, procedemos a algumas considerações sobre as localidades analisadas.

As três capitais da Região Sul do Brasil: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre¹

Imagem 1: Curitiba- Paraná



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Curitiba>

Curitiba tem cerca de 1 893 997 habitantes, sendo a cidade mais povoada do estado e a oitava do país. Foi fundada em 1693, por bandeirantes e passou a ser capital em 1853 com o nome de Província do Paraná. Foi colonizada, entre outros povos, por imigrantes alemães, poloneses, ucranianos, italianos. Destaca por ser a capital com menor índice de analfabetismo do país e tem fama internacional pela inovações urbanísticas e cuidado com o meio ambiente.

Imagem 2: Florianópolis-Santa Catarina



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_de_Santa_Catarina

A cidade Florianópolis é composta pela ilha principal, a ilha de Santa Catarina, com pequenas ilhas ao seu redor. Possui 469 690 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa do estado. Sua economia provém do turismo e da tecnologia da informação. Foi colonizada, principalmente, por imigrantes portugueses, açorianos, alemães e italianos. Florianópolis tem recebido, atualmente, muitos imigrantes paulistas, argentinos, estadunidenses e europeus. A cidade também foi considerada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) uma das "cidades criativas" do Brasil em 2014, ao lado de Curitiba.

¹ As informações sobre as três capitais e as imagens foram encontradas no site oficial de cada município e/ou no site: pt.wikipedia.org/wiki/Curitiba; pt.wikipedia.org/wiki/Florianópolis; pt.wikipedia.org/wiki/PortoAlegre

Porto Alegre- Rio Grande do Sul



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/PortoAlegre>

A capital Porto Alegre possui 1,4 milhões de habitantes, ficando em quinto lugar como a cidade mais populosa e a segunda mais verticalizada do país. Tem em sua formação étnica, imigrantes açorianos, alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses e libaneses. Atualmente continua recebendo grande quantidade de migrantes por sua infraestrutura superior às outras capitais.

Como pudemos verificar, as três capitais tiveram em sua formação principalmente imigrantes europeus, estando os alemães e italianos presentes em todas elas.

Procedimentos metodológicos

O *corpus* do presente estudo é composto por dados coletados pela equipe do Atlas Linguístico do Brasil –ALiB (COMITÊ,2001) nas três capitais (Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre) da região Sul. Referem-se à fala de 24 informantes estratificados quanto ao sexo, escolaridade, faixa etária e localidade.

Pautados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), primeiramente, recortamos, por meio do programa (*SoundForge* (2011), as respostas dadas às perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e do Questionário Semântico-Lexical (QSL) referentes aos itens lexicais *travesseiro*, *varrer*, *assovio* e *vagem*. Após o recorte, esses dados foram codificados quanto: a) às variáveis linguísticas (extensão o vocábulo, item lexical, vogal da sílaba alvo; b) às extralinguísticas (sexo, faixa etária, escolaridade e localidade). Por fim, a codificação foi submetida ao programa de Goldvab X (2001) que cruzou todos os fatores codificados e forneceu os resultados em percentual e peso relativo², selecionando os grupos mais relevantes para a implementação da regra em estudo.

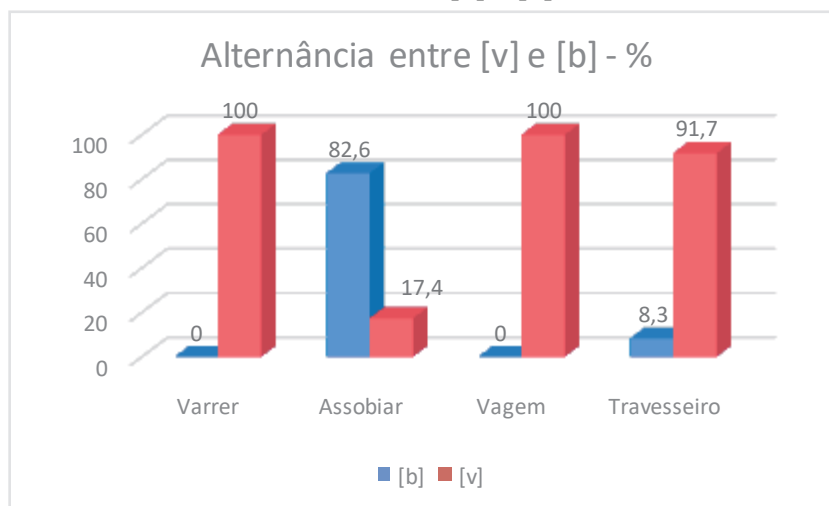
O Gráfico 1 mostra os resultados obtidos por meio do referido programa.

²Como são poucas e as mesmas lexias, apresentamos apenas os resultados em percentuais por questões de aleatoriedade e não-ortogonalidade que podem gerar falsos pesos relativos.

Análise dos dados

Primeiramente, apresentamos os resultados referentes à alternância do [v] e [b] nas lexias *assobio*, *vagem*, *travesseiro*, *varrer*.

Gráfico 1: Alternância das variantes [v] e [b] conforme as lexias



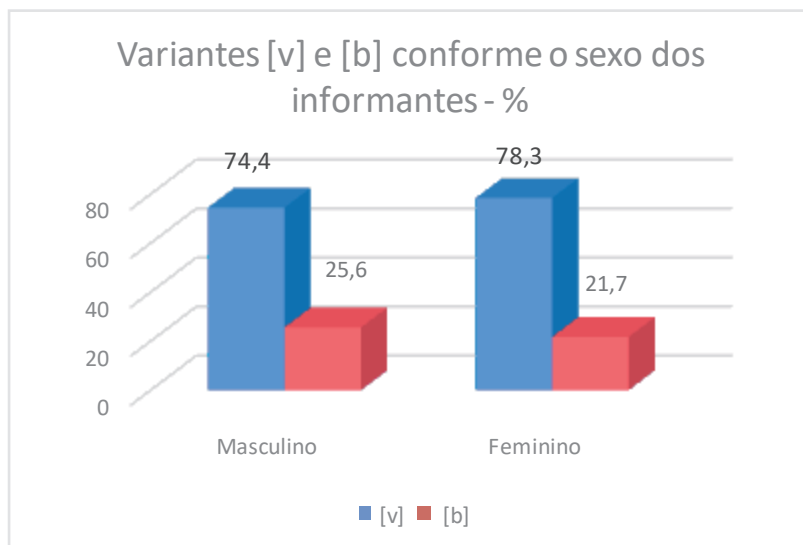
No gráfico 1, podemos observar que *assobiar* (Lat. Ad. + sibilare) (FONTINHA³s/d), foi a lexia que apresentou maior alternância em relação ao uso do [b] e [v], das 23 ocorrências, 19 foram da variante [b] e quatro de [v]. Destas, 19 foram produzidas com a oclusiva [b], sendo cinco em Curitiba, sete em Florianópolis e sete em Porto Alegre. Apesar de o informante, provavelmente, não falar isso conscientemente, é possível que em algum momento histórico, a referida alternância esteja associada a *sibilar*, uma lexia com uma oclusiva [b] ou a *silvo*, que possui uma fricativa [v].

Travesseiro (Lat. Transversariu (FONTINHA s/d), por sua vez, apresentou apenas duas ocorrências com a variante [b], uma em Florianópolis e uma em Porto Alegre. É interessante verificar que as duas lexias que apresentam a alternância (*travesseiro* e *assobiar*) foram realizadas com a vogal alta [i] na sílaba alvo e têm no contexto adjacente uma fricativa. As outras duas (*vagem* (Lat. *vagena*) e *varrer* (Lat. *varrere* (FONTINHA s/d)) não apresentaram nenhum caso da variante oclusiva [b].

O Gráfico 2 traz os resultados segundo a faixa etária dos informantes que produziram as referidas alternâncias.

³ Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (RODRIGO FONTINHA S/D)

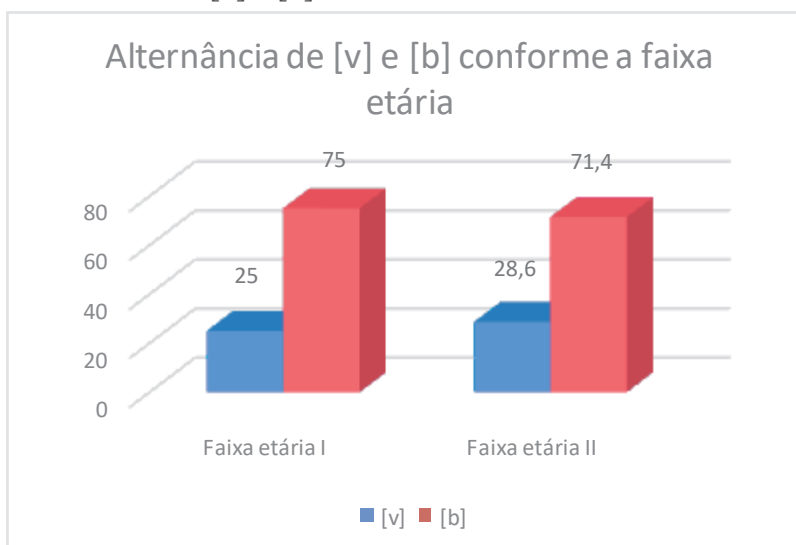
Gráfico 2: Alternância entre [b] e [v] conforme o sexo dos informantes



Esse percentual refere-se a todas as lexias, inclusive *assobio*, com a oclusiva [b] (9 casos na fala de mulheres e 10 na fala dos homens) e quatro casos com a fricativa [v]. Em relação às outras lexias, tivemos apenas dois casos de *trabissero* na fala de dois informantes (um homem e uma mulher) da faixa etária II, com o Ensino Fundamental incompleto.

O Gráfico 3 traz a alternância entre [v] e [b] de acordo com a faixa etária.

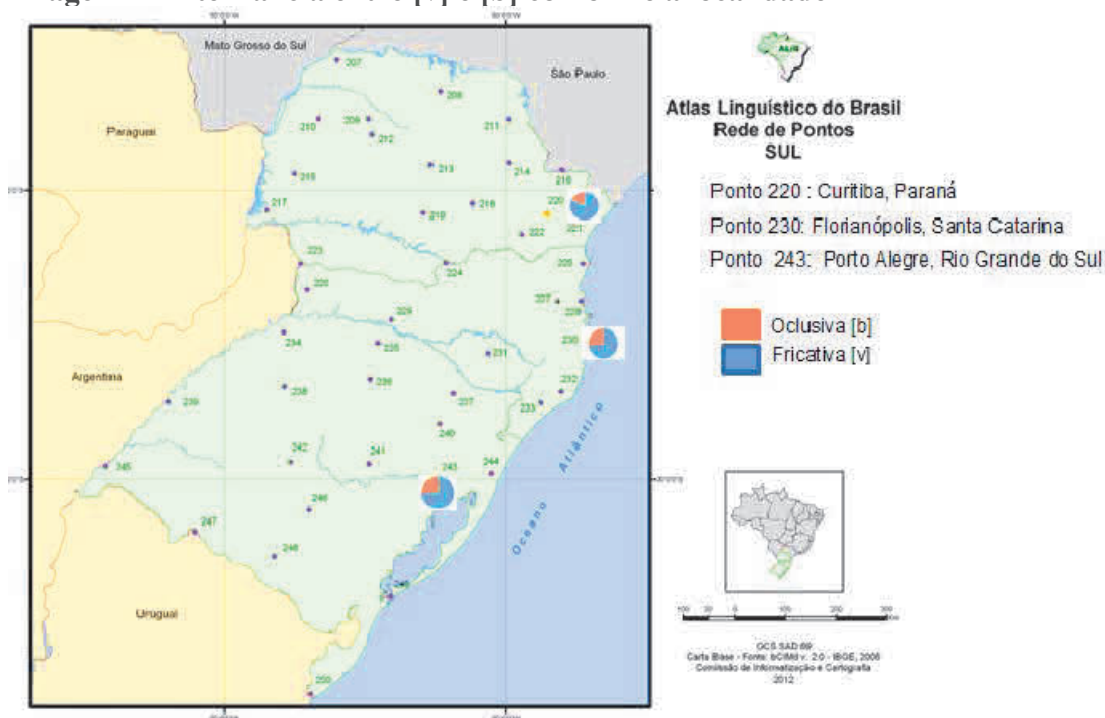
Gráfico 3 - Alternância entre [v] e [b] conforme a faixa etária dos informantes



Em relação à faixa etária, verificamos oito casos de *assobio* na fala dos mais jovens e seis na fala dos mais velhos de um total de 23 (11 na fala dos informantes da faixa etária I (18 a 30 anos) e 12 na fala dos informantes da faixa etária II (de 50 a 65 anos)).

Os quatro casos de *assobio* foram produzidos por três informantes com ensino superior da faixa etária II, uma mulher, da faixa etária I, de Florianópolis e dois homens, um de Curitiba e outro de Porto Alegre. Acreditamos que o uso da fricativa, no caso de *assobio*, tenha ocorrido na fala dos informantes com ensino superior por conta de hipercorreção.

Imagem 1- Alternância entre [v] e [b] conforme a localidade



Fonte: Imagem adaptada, pelas autoras, da Carta Base: bCImd v.2.0 IBGE 2006. Comissão de Informatização e Cartografia, 2012.

De acordo com a imagem 1, podemos verificar que a alternância da oclusiva e da fricativa é pouco recorrente nas três capitais (Curitiba (17,2%), Florianópolis (27,6%) e Porto Alegre (25,8%) , pois não houve nenhum caso de uso da oclusiva em *varrer* e *vagem* e apenas dois casos em *trabisserso*. O percentual geral, deve-se à lexia *assobio*, que apresentou apenas quatro casos da fricativa [v], conforme já mencionamos.

Quanto às localidades, apesar de Florianópolis apresentar um percentual sutilmente mais elevado em relação a Curitiba e próximo ao de Porto Alegre, não podemos dizer que se trata de uma marca regional, como Teyssier(2011, p. 57) atribui à origem do galego-português ao tratar do Português Europeu. Acreditamos, pautados em Viaro (2011), que a troca da fricativa [v] pela oclusiva [b] em algumas lexias como *traveseiro*, *vagem*, *varrer*, *vespa*, *vamos*, *vassoura* entre outras, é um processo marcado no PB e por isso, pouco recorrente. Já no caso, de *assobio*, que apresentou algumas ocorrências de *assovio*, na fala dos informantes mais escolarizados e de uma mulher menos escolarizada, pode tratar-se de hipercorreção.

Algumas considerações

Apesar deste estudo ainda estar em andamento, pois pretende averiguar a alternância do [b] e [v] em um número maior de lexias e em outras localidades brasileiras inquiridas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), já traz resultados que mostram a pouca produtividade da referida alternância e que o uso de uma ou de outra variante está vinculado à origem latina de cada uma das lexias. Além disso, acreditamos que isso seja uma tendência no Português brasileiro por tratar-se de um processo fonético-fonológico marcado em algumas lexias (*traveseiro*, *varrer*, *vagem*, *verruga*), geralmente, combatido pela escola e atribuído, pela mídia, a pessoas menos escolarizadas e do interior, como ocorre com o rotacismo (troca do [l] por [r] e o lambdacismo [troca do [r] pelo [l]), entre outros. Verificamos isso, por exemplo, quando os informantes mais escolarizados, talvez por hipercorreção, tenham produzido três casos de *assovio*.

Por fim, cabe destacar, pautados em Faraco (2005, p.14), que “(...) as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo.” Neste sentido, apenas por meio de estudos sistematizados podemos dizer se o uso de determinadas variantes tende a permanecer por um longo período em variação estável ou se aponta para uma mudança em progresso ou uma mudança completa. No caso das lexias analisadas: *varrer* e *vagem*, a alternância, nas localidades investigadas, tende a deixar de existir, ocorrendo apenas em *travesseiro*, em que a fricativa também lidera e em *assobio* na qual a oclusiva é majoritária.

Referências

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX Maria Inês Pagliarini. **Vozes Cuiabanas**: estudos linguísticos de Mato Grosso. Cuiabá: 1 ed: Catedral Publicações, 2005.

CUNHA, C. **Língua, nação, alienação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FARACO Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da histórica das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FONTINHA, Rodrigo. **Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Revisto por Dr. Joaquim Ferreira. Editorial Domingo Barreira- Porto.s/d

LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro. Ed: Organizações Simões, 1953.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Paul Teyssier; tradução Celso Cunha. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

VOTRE, S. Escolaridade. In MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

Wikipédia. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Curitiba>. Acesso em: 06/12/2017.

Wikipédia. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Florian%C3%B3polis>. Acesso em: 06/12/2017.

Wikipédia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Alegre. Acesso em: 06/12/2017.

Análise linguística do fenômeno redução dos ditongos nasais átonos em São Luís: o que mostram os dados do ALiB⁴

Nádia Letícia Pereira Silva (CNPq/UFMA)

RESUMO: Os ditongos nasais do português brasileiro podem sofrer variações: geralmente, preservam a nasalidade e o ditongo, ou o reduzem e desnasalizam. Essa variação que ocorre na fala é influenciada por fatores sociais e/ou estruturais. Este estudo analisa as variáveis mais relevantes para a ocorrência do fenômeno na fala de ludovicenses. Considera-se a perspectiva teórico-metodológica da geossociolinguística, com ênfase nos trabalhos de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005). Para a análise quantitativa dos dados usou-se o programa GOLDVARB X. O *corpus*, extraído do banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil, é representativo da fala de ludovicenses, distribuídos por faixa etária; nível de escolaridade e sexo.

PALAVRAS-CHAVE: *Ditongo Nasal. Redução. Análise Linguística.*

Introdução

O presente trabalho trata de um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica⁵ sobre a redução dos ditongos nasais átonos na fala dos maranhenses, mais especificamente, dos ludovicenses, seguindo os moldes da Geossociolinguística, em que o registro acomoda os parâmetros diatópicos, diageracionais, diassexuais e diastráticos.

Sabemos que toda e qualquer língua é cheia de variações. A língua falada (vernáculo) funciona como característica de determinado grupo social, portanto, é influenciada por fatores linguísticos e sociais, a saber, faixa etária, nível de escolaridade, localidade, entre outros.

A relação entre a língua e a sociedade nos possibilita investigar as variações relacionadas aos grupos sociais. Cabe à Sociolinguística, segundo Mollica (2012, p. 9), estudar “a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. A Sociolinguística nos mostra que toda forma de falar é válida, identificando a comunidade de fala em que o indivíduo está inserido.

O português falado no Brasil está repleto de variações e, com base nisso, decidimos investigar um fenômeno que sofre bastante estigmatização social. Inserido no nível fonológico – a redução dos ditongos nasais átonos em final de palavras faladas por ludovicenses, toma como ponto de partida os trabalhos de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005).

Este tema vem sendo bastante discutido e os estudos têm mostrado que a realização dessa variação é mais comum em nomes⁶ do que em verbos. Assim como mostra o trabalho de Battisti (2002), dentro da variável classe morfológica analisada, a

⁴ O presente trabalho foi financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – CNPq, vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) e teve como orientador o Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA).

⁵ Iniciação Científica realizada no período de agosto de 2015 a agosto de 2016.

⁶ Substantivos, nomes terminados em *-gem*, adjetivos e advérbios.

autora observou que a redução dos ditongos nasais apresenta maiores índices em nomes do que em verbos.

Segundo outros estudos, a regra de redução se aplica com maior frequência também em nomes do que em verbos, a hipótese seria de que nos nomes a nasalidade final não seja um morfema, mas nos verbos sim.

A pesquisa sociolinguística é o ponto de partida para o estudo aprofundado dessas variações, de acordo com Tarallo (2012, p.8), “Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação”. Uma delas é a variação fonético-fonológica que ocorre durante a pronúncia de determinados fonemas da língua, sendo influenciada por grupo de fatores de natureza social ou estrutural.

Partindo dos pressupostos da Sociolinguística, a fala possui variantes da norma padrão e da norma não padrão, é importante lembrar que as variantes consideradas não padrão são estigmatizadas quando usadas em contextos formais. Segundo Tarallo (2012, p. 11-12), “As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadora vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas”.

No fenômeno aqui estudado, a exemplo, temos: *ontem* ~ *onti*, a primeira forma preserva a nasalidade do ditongo, sendo assim considerada a forma padrão e, na segunda forma, a nasalidade é reduzida, portanto considerada forma não padrão.

A partir disso, investigamos as variáveis linguísticas/estruturais e sociais que influenciam o fenômeno da redução da nasalidade dos ditongos átonos em final de palavras faladas por maranhenses, mais especificamente para este estudo, analisamos a redução dos ditongos na fala dos ludovicenses.

Os ditongos nasais átonos

Segundo Battisti (2002), os ditongos nasais do português podem sofrer variações, como veremos no decorrer da pesquisa. As pessoas geralmente realizam duas formas de pronúncia para a mesma palavra, por exemplo, *ontem* ~ *onti*, a primeira forma preserva a nasalidade e o ditongo e na segunda forma a nasalidade é reduzida. Neste caso, segundo a autora, a palavra sofre influência da tonicidade da sílaba em que o ditongo se encontra, além de ser influenciada também por fatores sociais que contribuem para a ocorrência do fenômeno, como a escolaridade.

Para entender melhor este estudo, é necessário fazer uma breve busca na história dos ditongos nasais átonos.

Alguns estudiosos afirmam que, durante o século XII, o /n/ intervocálico de alguns vocábulos nasalizou a vogal precedente e caiu. Ainda segundo Battisti (2002), “a ressonância da nasal persistiu, expandindo-se para a vogal seguinte”. A partir disto, ocorreram vários desenvolvimentos diferentes, influenciados pela combinação vocálica, da consoante, e da considerada mais importante, da posição do acento.

Alguns exemplos mostram que a tendência de os ditongos nasais átonos se reduzirem é muito antiga, como já dito, podemos citar a terminação arcaica-*om* que teria evoluído para *-ão*, mas, quanto átona, podia realizar-se como *-um* ou *-ô*: fórum ou fôro, o que nos leva a pensar que o fenômeno da redução é algo comum e que aconteceu desde muito cedo na língua portuguesa.

É importante destacar, ainda, que formas como *garage::garagem* já se encontram, inclusive, dicionarizadas.

Pressupostos teórico-metodológicos

A perspectiva teórico-metodológica

A pesquisa segue a perspectiva teórico-metodológica da geossociolinguística que representa, na realidade, o resultado de uma feliz aliança entre três orientações teórico-metodológicas que têm como alvo a variação: a geolinguística, a dialetologia e a sociolinguística.

Com relação a essa aliança, cabem aqui duas questões. A primeira delas diz respeito ao fato de que não podemos perder de vista que a geolinguística, como ressalta Elizaincín (2010, p.17),

(...) não é disciplina que epistemologicamente tenha o status de disciplina: trata-se de um método possível (recomendável) para capturar a variação por meio de sua sofisticada bateria de técnicas de recolha dos dados, ordenamento e representação cartográfica (metáfora do espaço) destes. Desses dados, cuidadosamente apresentados pelo geolinguista se serve de forma privilegiada a dialetologia, embora possa usar também outro tipo de fontes⁷.

Quanto à segunda questão, convém destacar que a dialetologia e a sociolinguística estudam a língua em uso, buscando apreendê-la no cotidiano dos falantes, em situações de diálogo e interação. Em síntese, a ideia, como evidencia Elizaincín (2010), é integrar e não separar essas disciplinas, pois essa aliança fortalece o objeto de estudo.

Os trabalhos de Battisti (2000) e Bopp da Silva (2005) contribuíram com decisões metodológicas para o nosso estudo, pois analisaram o mesmo fenômeno por nós investigado.

O corpus

Para este estudo, utilizamos os dados coletados para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil⁸, em um dos municípios que integra sua rede de pontos linguísticos – São Luís, capital do estado do Maranhão, ponto 026, que se situa na mesorregião Norte do Estado.

Os dados foram obtidos por meio da aplicação de três tipos de questionários – Fonético-Fonológico (QFF), Semântico Lexical (QSM) e Morfosintático (QMS) – de questões de pragmática, de discurso semidirigido e de questões metalinguísticas.

Embora nossa pesquisa se insira no âmbito dos estudos fonético-fonológicos, decidimos fazer o levantamento dos ditongos nasais átonos em todo o material coletado, tendo em vista que, em estudo preliminar, constatamos que apenas os dados relativos ao

⁷ Tradução livre de: “(...) no es disciplina que epistemologicamente tenga el status de ella: se trata de un método posible (recomendable) para capturar la variación a través de su sofisticada batería de técnicas de recolección de los datos, ordenamiento y representación cartográfica (metáfora del espacio) de los mismos. De esos datos, cuidadosamente presentados por el geolinguista se sirve privilegiadamente la dialectología, aunque pueda usar también otro tipo de fuentes.”

⁸A equipe de pesquisadores do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) é responsável pela coleta e transcrição dos dados dos municípios maranhenses que integram a rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil, a saber: São Luís, Bacabal, Tuntum, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, São João dos Patos, Alto Parnaíba e Balsas.

QFF eram insuficientes para submetê-los à rodada do pacote de programa GOLDVARB X.

Nossa amostra é representativa da fala de oito informantes ludovicenses, isto é, naturais de São Luís, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II – de 50 a 65 anos, dois níveis de escolaridade – Ensino Fundamental até a 4ª série e Ensino Superior completo e pelos dois sexos.

O instrumento usado para análise

Para a análise quantitativa dos dados linguísticos lançamos mão do programa computacional GOLDVARB X, muito usado para análises multivariadas. Esse tipo de análise permite investigar a correlação de vários fatores que podem apresentar significância para a ocorrência da variável em estudo.

O programa também permite ao pesquisador testar suas hipóteses e selecionar as variáveis independentes, isto é, aquelas variáveis de natureza linguística ou social, testadas pelo pesquisador, para verificar sua possível influência no comportamento da variável dependente (cf. GUY; ZILLES, 2007). A variável dependente, por sua vez, é aquela que é o foco da pesquisa. Em se tratando deste estudo, a variável dependente é a redução dos ditongos nasais átonos, e as independentes são: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, vogal do ditongo e classe de palavra, todas estas de natureza linguística, e as variáveis sociais faixa etária, escolaridade e sexo.

Análise dos dados

A análise dos dados consistiu de três etapas: (i) audição das entrevistas; (ii) transcrição grafemática de todos os dados e transcrição fonética apenas dos vocábulos que contêm ditongo nasal átono e (iii) análise quantitativa dos dados.

Como visto anteriormente, para a análise dos dados, utilizamos o programa GOLDVARB X que requereu, preliminarmente, a inserção dos dados em uma tabela Excel, contendo os informantes e todas as variáveis controladas, para a amalgamação e, na sequência, rotação dos dados no programa.

Ao todo, obtivemos 105 ocorrências de ditongo nasal átono no material coletado.

Vale destacar que no português brasileiro os ditongos nasais podem sofrer variações, como já falado anteriormente: geralmente, preservam a nasalidade e o ditongo, como em *passagem*, ou o reduzem e desnasalizam, como em *chamu*. Considerando essa realidade da língua, nossa variável dependente, então, foi obtida com base em um fator binário:

- (a) *Redução* – caracterizada pela desnasalização do ditongo
- (b) *Não redução* – caracterizada pela manutenção da nasalidade do ditongo

Com relação às variáveis independentes mencionadas anteriormente, decidimos controlar a variável *escolaridade*, porque acreditamos que quanto menos escolarizado o informante for maiores serão os índices de redução, uma vez que, segundo Votre (2012, p.56) “o nível de escolaridade (...) continua a desempenhar um papel crítico na configuração geral do domínio da língua padrão pelos informantes”.

Controlamos também a variável *sexo*, porque acreditamos que mulheres e homens, por desempenharem papéis diferentes na sociedade, acabam por apresentar comportamentos distintos também no que diz respeito à linguagem, sendo as mulheres as que mais tendem a preservar a forma padrão.

Temos, ainda, o controle da variável *faixa etária*, pois partimos da hipótese de que pessoas mais jovens e mais idosas apresentam, também, comportamentos linguísticos diferentes: os mais jovens tendem a reduzir mais o ditongo do que os mais idosos.

Após análises preliminares, decidimos incluir neste estudo uma variável *discursivo-pragmática*, que nos possibilitou examinar a fala dos sujeitos da pesquisa em contexto de discursos livres, momentos em que o falante presta menor atenção ao *como diz*, já que sua atenção se volta, basicamente para *o que diz*. Em nossos dados, observamos que o primeiro caso se verifica, basicamente, nos discursos livres, isto é, nas conversas espontâneas dos falantes; enquanto o segundo caso ocorre nas respostas pontuais dadas pelo informante às questões do QFF, QSL e QMS. Cremos que essa inclusão foi acertada, uma vez que, como veremos mais adiante, essa variante foi selecionada pelo programa como a segunda que mais se correlaciona com o fenômeno.

As variáveis extralinguísticas mencionadas estão assim codificadas:

Quadro 1 – Variáveis extralinguísticas

Variáveis		Codificação
Idade	Faixa I	1
	Faixa II	2
Escolaridade	Fundamental	F
	Superior	U
Sexo	Homem	H
	Mulher	M

A variável discursivo-pragmática que levou em consideração os tipos de questionários aplicados está assim codificada:

Quadro 2 – Variáveis discursivo-pragmática

Variáveis	Codificação
Fonético – Fonológico	X
Semântico – Lexical	L
Morfossintático	Y
Discurso Livre	D

As variantes linguísticas, por sua vez, foram codificadas como indicado no Quadro 3.

Quadro 3 – Variáveis linguísticas

Variáveis	Codificação	
Contexto Fonológico Precedente	Nasal	N
	Não nasal anterior	L
	Não nasal posterior	K
	Onset vazio	Z
Contexto Fonológico Seguinte	Nasal	R
	Não nasal	J
	Vogal	I
Vogal do ditongo	Vogal O	O
	Vogal E	E
	Vogal A	A
Classe de Palavra	Verbo	V
	Substantivo	S
	Advérbio	B
	Adjetivo	T
	Nome em <i>-gem</i>	G

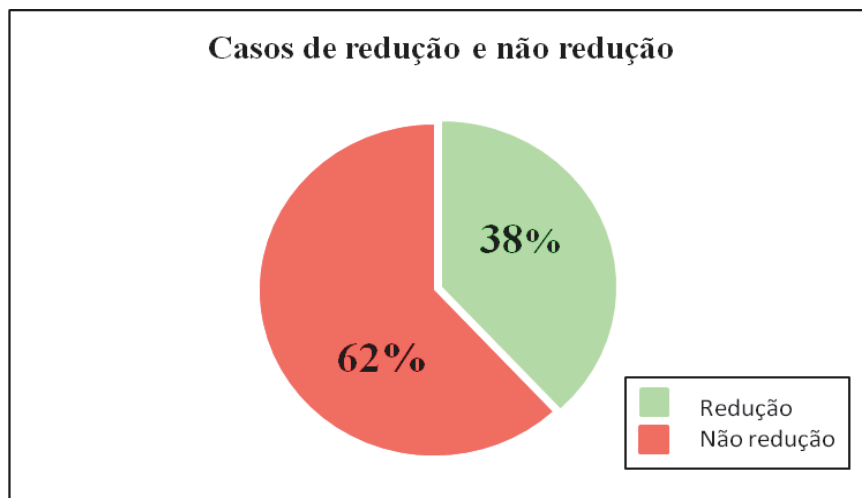
Ao submeter os dados ao programa GOLDVARB X, constatamos a ocorrência de vários casos de nocautes⁹, segundo GUY; ZILLES (2007) “(...) qualquer nocaute nos dados tem que ser excluído dos cálculos de pesos relativos”. Devido também à má distribuição entre as células, optamos por amalgamar algumas variáveis. Após as rodadas iniciais, as variáveis linguísticas amalgamadas se organizaram da seguinte forma:

Quadro 4 – Variáveis linguísticas amalgamadas

Variáveis		Codificação
Contexto Fonológico Precedente	Nasal	N
	Não nasal	K
Contexto Fonológico Seguinte	Consonantal	J
	Vocálico	I
	Pausa	#
Vogal do Ditongo	Vogal E	E
	Vogal A	A
Classe de Palavra	Verbo	V
	Substantivo	U

Após a última rodada, já com as variáveis amalgamadas, obtivemos a seguinte distribuição geral dos dados:

Gráfico 1 – Porcentagem de redução e não redução



Do total de 105 dados coletados, obtivemos 38% de ocorrências de redução contra 62% de não redução.

⁹Corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente.

Tabela 1 – Distribuição dos dados

Variáveis		Total Geral	Não redução	Redução
Idade	18 - 30	54	24	30 (55,6%)
	50 - 65	51	41	10 (19,6%)
Escolaridade	Fundamental	54	19	35 (64,8%)
	Superior	51	46	5 (9,8%)
Sexo	Mulheres	67	37	30 (44,7%)
	Homens	38	28	10 (26,3%)

Na Tabela 1, temos a distribuição geral dos dados que mostra a quantidade de casos de redução segundo o perfil dos informantes.

Nas tabelas 2, 3 e 4, temos as variáveis que foram selecionadas pelo GOLDVARB X como as que mais se correlacionam com o fenômeno. O primeiro grupo selecionado foi *Escolaridade* com range¹⁰ 59. O resultado desta variável está de acordo com o estudo de Battisti (2002), pois há um grande contraste entre as falas dos informantes com ensino fundamental e dos universitários. Vejamos a Tabela 2 que traz os resultados da variável *Escolaridade*.

Tabela 2–Escolaridade

	Redução		Não redução		Total	P.R.	
Fundamental	35	64,8%	19	35,2%	54	51,4%	0,78
Superior	5	9,8%	46	90,2%	51	48,6%	0,19

Input: 0.27

Significância:0.40

O contraste entre os pesos relativos obtidos mostra que quanto menor a escolaridade dos informantes mais eles tendem a reduzir o ditongo. O maior valor para peso relativo foi 0,78, para os informantes com Ensino Fundamental, e o menor peso relativo foi 0,19, para os informantes com Ensino Superior, confirmando, assim, nossa hipótese inicial de que, quanto menor a escolaridade do informante, maior o índice de redução da nasalidade dos ditongos átonos em sua fala.

Parece-nos que, de fato a escola exerce alguma pressão em favor da nossa variável dependente; constatamos que ela atua como preservadora das formas de prestígio, mostrando que esse é um fenômeno estigmatizado socialmente. Como assinala Votre (2012, p.52):

A forma estigmatizada é interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva. Assim, criam-se consensos quanto ao caráter estigmatizado dos usuários de *framengo*, *pobrema* e *homi*. A forma estigmatizada é objeto de comentário jocoso ou rejeição explícita na comunidade discursiva.

Na Tabela 2, temos o *Tipo de questionário* selecionado como o segundo grupo de fatores que mais se correlaciona com o fenômeno com range 57.

¹⁰“Que mede a força de uma variável independente” (Tagliamonte, 2006, p. 242-243; 251).

Tabela 3 – Tipo de questionário

	Redução		Não redução		Total		P.R.
Discurso Livre	32	56,1%	25	43,9%	57	54,3%	0,76
Fonético- Fonológico/Semântico- Lexical/Morfossintático		16,7%	40	83,3%	48	45,7%	0,19

Input: 0.27

Significância: 0.40

Com maior valor de peso relativo, de 0,76, o discurso livre apresentou mais ocorrências de redução. A hipótese inicial era de que nos discursos menos monitorados, isto é, naqueles contextos em que o sujeito estivesse o mais descontraído possível, o informante não manteria a nasalidade do ditongo, o que acabou se confirmando na análise computacional dos dados.

Por conta da má distribuição entre as células (variáveis) nos questionários fonético-fonológico e morfossintático decidimos, então, amalgamá-los com o semântico lexical.

O terceiro grupo de fatores selecionado foi *Faixa Etária*, com range 38.

Tabela 4 – Faixa Etária

	Redução		Não redução		Total		P.R.
18 - 30	30	55,6%	24	44,4%	54	51,4%	0,68
50 - 65	10	19,6%	41	80,4%	51	48,6%	0,30

Input: 0.27

Significância:0.40

Confirmando mais uma vez a nossa hipótese inicial, a primeira faixa etária apresentou peso relativo de 0,68, mostrando que os falantes mais jovens reduzem mais o ditongo que os mais velhos.

Nós estamos diante, pelo que parece, de uma variável que mostra uma mudança em curso na língua, visto que são os mais jovens aqueles que tendem a reduzir mais o fenômeno da redução dos ditongos nasais átonos com 55% dos dados.

Parece-nos então, de acordo com a seleção feita pelo programa GOLDVARB X, que estamos diante de um fenômeno mais de natureza social do que estrutural, já que dois dos grupos de fatores selecionados são de natureza extralinguística.

Considerações Finais

A análise variacionista mostrou que o fenômeno da redução em São Luís, resulta da combinação de fatores linguístico-estruturais e sociais, ou seja, de fato, existe uma correlação entre as variáveis independentes que podem influenciar na variável dependente.

Escolaridade, *Tipo de Questionário* e *Faixa Etária*, respectivamente, foram os grupos de fatores que o programa selecionou como os mais relevantes para a ocorrência do fenômeno.

Podemos notar que, dois dos três grupos de fatores selecionados compõem a variável social ou extralinguística. Surpreendentemente, a variável discursivo-pragmática que, nos estudos preliminares se mostrava desfavorável ao fenômeno, foi selecionada como o segundo grupo de fator mais relevante para a ocorrência do fenômeno da redução.

Referências

BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In. BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina. **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre, Edipucrs: 2002.

BOPP DA SILVA, Taís. **A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulos entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul**. 156f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y geolinguística: nueva alianza en los estudios sobre el uso lingüístico. **Estudios Lingüísticos e Literários**, Salvador, n.41, p.13-28, jan./jun. 2010.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 9-14.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercício. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analyzing sociolinguistic variation**. Cambridge: University Cambridge Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2012.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: VOTRE, Sebastião Josué; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 9-14.

Caminhá? Gosto muito de caminhá: o apagamento do /r/ em posição de coda no português falado no Maranhão

Eric Henrique Abreu Silva (PIBIC/UFMA)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise dos fatores condicionadores para o apagamento do fonema pós- vocálico /r/ no português falado no Maranhão, com base em dados coletados no *corpus* constituído para a elaboração do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. A pesquisa fundamenta-se nos princípios teórico-metodológicos da Geossociolinguística que nos permitiu analisar os seguintes fatores linguísticos e extralinguísticos: dimensão do vocábulo, classe morfológica e sexo, que foram analisados com o auxílio do programa computacional GOLVARB X. Nosso aporte teórico, tanto sociolinguístico como geossociolinguístico, se fez a partir dos estudos de Ramos *et al.* (2014), de Callou *et al.* (1998) e de Monaretto (2002), entre outros. Após a codificação dos dados e análise estatística feita pelo pacote do programa computacional Goldvarb, observou-se um significativo apagamento do fonema /r/ tendo como fator mais relevante para a ocorrência do fenômeno a categoria dos verbos e, sobretudo, com as variantes no infinitivo. Esse resultado se deve ao fato desse modo verbal ser marcado em português, na maioria das vezes, pela presença do /r/ em final de vocábulos, fato comprovado por Oliveira (1993). A partir dos resultados obtidos, concluiu-se que os fatores linguísticos favorecem o apagamento do fonema, e que os fatores extralinguísticos não agem de forma isolada; ao contrário, influenciam-se mutuamente. Por fim, acredita-se que trabalhos dessa natureza sejam relevantes para a elaboração de teorias satisfatórias a respeito dos estudos linguísticos e fonéticos do português brasileiro, bem como para a descrição da língua falada no Brasil, em particular do falar maranhense.

PALAVRAS-CHAVE: *Apagamento do /r/. Geossociolinguística. Português falado no Maranhão.*

Introdução

A comunicação e a capacidade de transmitir conhecimentos são características intrínsecas ao ser humano que possibilitam organizar-nos socialmente e ocupar o espaço em que vivemos da forma que o fazemos. Por conta disso, acreditamos que o interesse pelos estudos da linguagem acompanha o homem em sua evolução no decorrer da história.

A língua, instrumento sociointerativo, reflete a realidade em que cada indivíduo está inserido, identificando o grupo social ao qual pertence e, ainda, as diferenças e semelhanças que são características do sistema heterogêneo, composto pelas variações produzidas pelos falantes no ato comunicativo.

É, pois, com essas ideias que objetivamos, aqui, contribuir para as descrições do português brasileiro, com base na análise de um fenômeno de caráter fonético-fonológico: o apagamento do /r/ no falar maranhense. Neste estudo, serão analisados os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam esse apagamento em posição de coda. Tal fenômeno, facilmente observado na linguagem popular, é alvo de diversos estudos que tentam explicar as motivações que levam ao seu aparecimento.

Procedimentos metodológicos

O *corpus* desta pesquisa foi constituído com base nos inquéritos realizados para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), mais especificamente das respostas dos informantes aos Questionários Fonético-Fonológico (QFF) e Semântico Lexical (QSL), além das Questões de Pragmática, Discursos Semidirigidos e Questões Metalinguísticas.

Os informantes com os quais trabalhamos são homens e mulheres nativos das localidades pesquisadas: São Luís - MA (026), Bacabal - MA (028) e Imperatriz - MA (029), distribuídos igualmente em duas faixas etárias – 18 a 35 anos e 50 a 65 anos. Seleccionamos 16 inquéritos, de onde foram extraídos 1.099 dados, que, para o apagamento, em linhas gerais, correspondem a um percentual de 81,8% e, para realização do fonema /r/, 18,2%.

A amostra foi submetida a análises com o uso do programa computacional Goldvarb, que permitiu investigar o fator extralinguístico sexo e os linguísticos dimensão do vocábulo e classe morfológica.

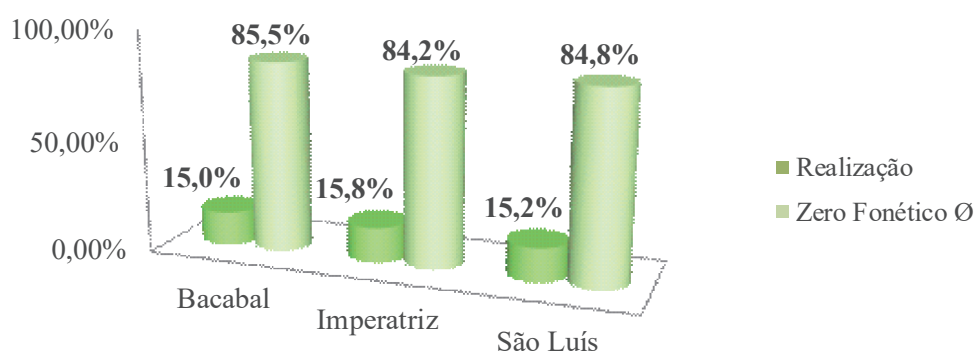
O /r/ em coda no falar maranhense: resultados

Sendo o apagamento do /r/ a regra de aplicação, codificamos nossa variável da seguinte forma: **Realização (R)** e **Zero Fonético (Ø)**. Vejamos agora a análise dos dados de acordo com as variáveis consideradas.

A variável dimensão do vocábulo

Quanto à dimensão do vocábulo, os dados revelaram que os dissílabos foram os que mais apresentaram o apagamento do /r/, como podemos observar no gráfico a seguir:

GRÁFICO 1: Apagamento do /r/ em coda, em dissílabos.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do ALiB.

Para Callou *et al* (1998), isso se deve ao fato de que os vocábulos com maior dimensão tendem a suprimir o /r/ em posição de coda, por exigirem uma tensão articulatória maior na realização do fonema.

Considerando a dimensão do vocábulo, notamos em nossa amostra que, apesar de haver maior ocorrência de apagamento do /r/ nos dissílabos, que apresentaram um peso relativo de 0,53, os polissílabos, trissílabos e monossílabos átonos e tônicos também foram relevantes no que concerne ao apagamento do /r/ em posição de coda. O Gráfico 2

evidencia essa realidade, considerando os dados das três localidades estudadas e a Tabela 1 mostra suas significâncias.

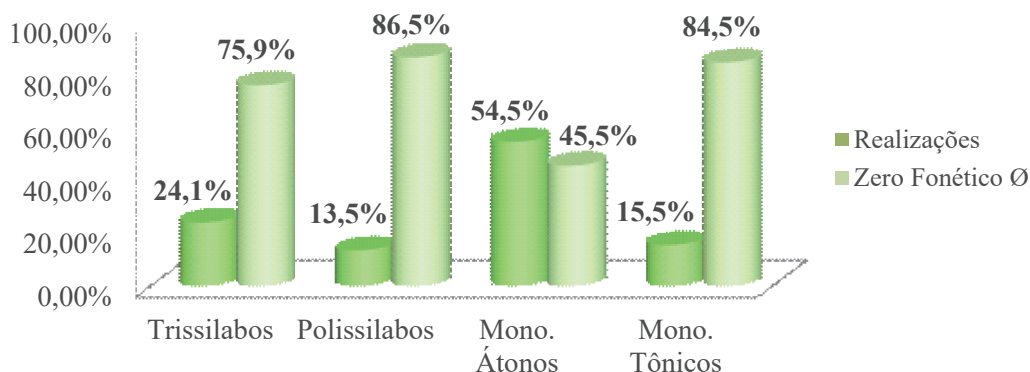
TABELA 1: Significância da dimensão do vocábulo em peso relativo.

	P.R
Trissílabos	0,37
Polissílabos	0,78
Mono. Átonos	0,21
Mono. Tônico	0,59

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do ALiB.

Em termos percentuais, os dados das três localidades estão assim distribuídos:

GRÁFICO 2: Apagamento do /r/ em posição de coda.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do ALiB.

Destacamos que, para os monossílabos átonos, registramos apenas a ocorrência da preposição *por*, como no Exemplo (1), extraído da fala de um informante de Bacabal, do sexo masculino, da segunda faixa etária. Para os monossílabos tônicos que, em sua quase totalidade, apresentam verbos no infinitivo, documentamos o verbo *ter*, como no Exemplo (2), extraído da fala de uma informante de São Luís, do sexo feminino, da segunda faixa etária.

Exemplo (1)

[...] Bom...quando eu assim...quando eu to...**pô** exemplo, que eu tenho folga, eu gosto de *passarinhá*, tendeu? [...].

Exemplo (2)

[...] Aí uma notícia dessa, tinha que **tê** uma notícia boa, né! Tinha que **tê** uma notícia boa [...]

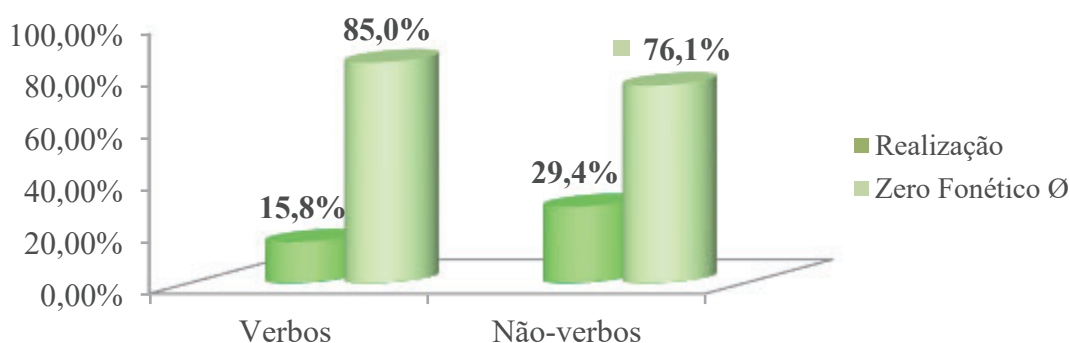
Vale, contudo, ressaltar que a ideia de inibição da regra de apagamento do /r/ em função da dimensão do vocábulo, como presente nos estudos de Callou *et al* (1998) e Amaral (1976), em nossa pesquisa, até o momento, considerando os dados de apenas três localidades maranhenses, parece não ser muito relevante. Como podemos observar nas análises, os monossílabos átonos e tônicos favorecem sensivelmente a realização do zero fonético no falar maranhense.

O fator classe morfológica

Em relação à variável classe morfológica, nosso estudo se alinha a diversos estudos (cf. OLIVEIRA, 1993; MONARETTO, 2002; RAMOS *et al.*, 2014) sobre o português brasileiro que destacam a influência desse fator para a variação do /r/ final. Observamos que, quando o /r/ é um morfema verbal, marcador do modo infinitivo, é mais alta a ocorrência do zero fonético. Conseqüentemente, no falar maranhense, nossos dados apontam que o zero fonético é mais presente em verbos do que em não-verbos.

A análise de nosso *corpus* confirma, tanto em termos de percentual, como em termos de significância (0,54), que os verbos são os que mais favorecem a realização do zero fonético. Contudo, o percentual obtido com relação aos não-verbos – aqui representados por substantivos, adjetivos, pronomes e preposições – com uma significância de 0,31 em nossas análises, contradiz a hipótese de que entre os não-verbos registraríamos mais realizações do /r/, como ilustra o Gráfico 3.

GRÁFICO 3: O /r/ em posição de coda, segundo o fator classe morfológica.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do ALiB.

Essa realidade se confirma no Exemplo (3), extraído da fala de um informante de Imperatriz, do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária.

Exemplo (3)

[...] **Caminhá?** Gosto muito de **caminhá!** Só gosto de **andá** caminhando, eu. Tinha um **lugá** onde eu ia...tinha uns de carro, aí eu **rapá** eu vô de pé mermo... chego do mermo jeito, e eu gosto de **andá...andá** é bom demais...

Vale ressaltar que Ramos *et al* (2014), no estudo com dados de São Luís, afirmam que esperavam uma manutenção maior do /r/ nos casos em que esse segmento não aportasse informações de natureza gramatical.

Por fim, Callou *et al* (1998) ressaltam que, para o melhor entendimento da atuação da regra de apagamento do /r/, é necessário distinguir, além da posição interna e

da posição externa, a classe morfológica do vocábulo. A esse respeito, assim se manifestam os autores:

Há indícios, pois, de que os condicionamentos para as diferentes realizações do /R/ são tanto fonológicos, como morfológicos e sociais. Isso em si afasta a hipótese neogramática mais radical, na qual prevaleciam apenas fatores fonético-fonológicos na implementação de uma mudança (CALLOU *et al*, 1998, p. 485).

No conjunto de não-verbos, a preposição demonstrou ser a classe que mais favorece a realização do /r/ tendo a preposição *por* com maiores incidências de realização do fonema. Talvez isso se dê pela necessidade de uma forma inacentuada apoiar-se em um vocábulo com tonicidade, como podemos observar no Exemplo (4), extraído da fala de um informante de Imperatriz, do sexo feminino, da primeira faixa etária.

Exemplo (4)

[...] eu e meu marido, nós se casamos **por**, eh...um acaso (risos)...

O fator sexo

Com relação ao sexo, observamos que essa variável não se apresentou de maneira uniforme nas três localidades. São Luís e Imperatriz se alinham, com resultados que evidenciam que os homens têm favorecido a mudança mais do que as mulheres, contrapondo-se aos resultados obtidos no Município de Bacabal, onde são as mulheres que favorecem a mudança. A Tabela 2, a seguir, demonstra a relevância desse fator para as nossas análises.

TABELA 2: Distribuição dos dados, segundo o fator sexo, em São Luís e Imperatriz.

SEXO	OCORRÊNCIAS	ZERO FONÉTICO Ø	REALIZAÇÕES	P.R
HOMEN	298 / 353	84,4%	15,6%	0,59
MULHER	225 / 286	78,7%	21,3%	0,38
TOTAL	523 / 639	81,1%	18,1%	

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do ALiB.

Analisando a tabela 2, podemos verificar que os homens realizaram o zero fonético em 298 ocorrências, correspondendo a um percentual de 84,4% dos casos, enquanto as mulheres realizaram 225 ocorrências, correspondendo a 78,7% dos casos.

Em Bacabal, como mencionado, as mulheres têm favorecido a mudança mais do que os homens, realizando o zero fonético em 134 ocorrências do total de 156, correspondendo a 85,9% dos casos. Os homens, por sua vez, realizaram o zero fonético em 240 ocorrências, o que representa 78,9% do seu total, correspondendo a retenção a 21,1% dos dados.

TABELA 3: Distribuição dos dados segundo o fator sexo em Bacabal.

SEXO	OCORRÊNCIAS	ZERO FONÉTICO Ø	REALIZAÇÕES	P.R
HOMEM	240 / 304	78,9%	21,1%	0,52
MULHER	134 / 156	85,9%	14,1%	0,43
TOTAL	374 / 460	81,3%	18,7%	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Convém enfatizar que nossa expectativa em relação à variável sexo, tendo em vista o avanço do zero fonético no português brasileiro e o fato de esse fenômeno não ser estigmatizado socialmente, é que esse fator não seria relevante para a ocorrência do fenômeno investigado.

Considerações finais

Buscamos, com este trabalho, oferecer subsídios para uma compressão mais ampla do falar maranhense, tendo como base dados da língua real em uso. A análise dos dados nos possibilitou chegar a algumas conclusões que julgamos importantes para o exame do comportamento do fonema /r/ em posição de coda.

Com relação aos fatores linguísticos, nossos dados ratificam os resultados de estudos realizados em diferentes localidades do País: os verbos como a classe gramatical favorecedora, por excelência, do apagamento do /r/.

Quanto à dimensão do vocábulo, observamos que a maior dimensão da palavra já não é mais um fator significativo para o apagamento do /r/: os monossílabos, tanto átonos como tônicos, vêm se mostrando sensíveis à ocorrência do zero fonético.

Já em relação aos fatores extralinguísticos, diante da variável sexo, constatamos uma divergência entre São Luís e Imperatriz, de um lado, e Bacabal, de outro. Em Bacabal, as mulheres tendem a realizar com maior frequência o zero fonético e, entre os homens, há uma tendência à preservação, o que nos permite ver nesse fato uma evidência para um processo de mudança linguística no falar bacabalense.

Referências

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

CALLOU, Dinah Maria Isensee *et al.* Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **Delta**, São Paulo, v. 14, p. 61-72, 1998.

MONARETTO, Valéria N. Oliveira. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. *In*: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-268.

OLIVEIRA, M. A. de. **Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids**. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1993.

RAMOS, Conceição; ALVES, Cibelle; ROCHA, Maria; SANTOS, Wendel. Pra mim tê uma coisa, eu tenho que trabaiá muito: o apagamento do /r/ no português falado no Maranhão. *In*: RAZKY, Abdelhak; FERNANDES, Alcides de Lima; BARROS, Marilucia de Oliveira; OLIVEIRA, Eliane da Costa (Org.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes, 2014.

O fenômeno da metátese na palavra *braguilha* verificado na cidade de Londrina

Maria Caroline Chagas (G-UEL/CNPq)

RESUMO: A proposta deste trabalho é analisar a metátese ocorrida na palavra *braguilha* nos inquéritos da cidade de Londrina-PR para o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e para a disciplina de Sociolinguística do Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Trata-se de um fenômeno de transposição de segmentos e sílabas dentro de uma palavra, irregular, de difícil datação e que, muito frequentemente, envolve consoantes líquidas, aquelas que menos estabilidade têm. Apesar de não ser tão comum quanto os processos como assimilação, dissimilação e apagamento, a metátese tem sido atestada na fonologia diacrônica e sincrônica em diferentes línguas. Em entrevistas feitas em Londrina, constatou-se que a palavra *braguilha* sofre a derivação para *barguia* e *barguilha*, o que atesta a ocorrência do fenômeno. Este trabalho analisa as respostas dos informantes considerando fatores como idade, localidade e escolaridade dos entrevistados, partindo dos estudos de Sociolinguística, com interface na Fonética e Fonologia. Os resultados apontam para a manutenção do fenômeno na fala de informantes de Londrina.

PALAVRAS-CHAVE: *Metátese; Sociolinguística; variação.*

Introdução

A língua ou linguagem não pode ser caracterizada como um sistema fechado e imutável, pois as construções se modificam durante o tempo. A influência do meio social, sobretudo, faz com que a língua seja uma instituição, um condutor de ideologias que traduz o mundo e a realidade que o concerne. Portanto, não só pela condução, a língua reflete visões de mundo, culturas e crenças que se vinculam à comunidade falante.

Falantes de qualquer língua fazem reflexões sobre o uso e a forma da linguagem que utilizam. Estes falantes são capazes de fazer observações quanto ao ‘sotaque’ e às ‘palavras diferentes’ utilizadas por outro falante. Qual o falante que não se lembra de ter um dia discutido o ‘jeito diferente de falar’ de uma pessoa que seja de outra região geográfica? Pode-se também determinar se o falante é estrangeiro e muitas vezes precisar o país de origem daquele falante. Qualquer indivíduo pode ‘falar sobre’ a linguagem e discutir aspectos relacionados às propriedades das línguas que conhece. Isto faz parte do ‘conhecimento comum’ das pessoas. Contudo, há um ramo da ciência cujo objeto de estudo é a linguagem (SILVA, 2003, p. 11).

A palavra *braguilha*, por exemplo, está institucionalizada no cotidiano como parte da peça de roupa – as calças – e denomina a abertura frontal de peças usadas na parte inferior do corpo humano. Hoje pouco utilizada por jovens, o termo em estudo é influenciado por diversos fatores: a idade dos falantes, o sexo e, principalmente, a escolaridade podem interferir na produção da fala e propiciar variantes para a palavra. Essas modificações que ocorrem a partir do momento em que o falante a produz cria variações dentro da sua comunidade de fala.

É preciso considerar, como pontua Marcuschi (2002, p. 24), que “o léxico deve ser entendido não como um conjunto de etiquetas/rótulos que são atribuídos mecanicamente a entidades do mundo antropocultural”. Esse processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto e com o mesmo valor de significado é conhecido como variação linguística. Palavras ou construções em variação, em vez de comprometer o entendimento mútuo, são ricas em significados sociais e têm o poder de comunicar características únicas de determinado grupo.

Como perguntas de pesquisa para a consecução deste estudo, questionamos: i) o termo *braguilha* sobrevive em Londrina-PR? ii) qual a motivação dessa permanência e quais os fatores para a mudança na palavra, caso ela ocorra? Respondê-las é a proposta deste artigo.

Metodologia

Partindo de uma pesquisa feita para a disciplina de Sociolinguística do 4º ano do Curso de Graduação em Letras – Habilitação: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas – da Universidade Estadual de Londrina (UEL), foram realizadas entrevistas com oito informantes, igualmente divididos em homens e mulheres. Dessa primeira divisão surge outra, em que metade possui ensino superior completo e outra concluiu até o ensino médio. Por idade, separaram-se as faixas de 20-30 anos e 40-60 anos, uma adaptação do modelo de pesquisa e entrevista do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para esta análise e para efeito de comparação, tomamos, também, as respostas dadas pelos quatro informantes de Londrina inquiridos pelo Projeto ALiB, com ensino fundamental, na faixa etária entre 18-30 anos e 50-65 anos, sendo duas mulheres e dois homens.

Segundo o site oficial do ALiB¹¹, o Projeto é definido da seguinte forma:

[...] empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento – tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. Desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, durante todo o desenvolvimento dos estudos linguísticos e filológicos, ganha corpo nesse final/começo de milênio, a partir de iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras. Mais uma vez a UFBA assume atitude pioneira ao empreender a concretização dessa proposta que se realiza como projeto conjunto que envolve hoje doze Universidades (ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, 2018).

Tanto para o Projeto ALiB quanto para a disciplina, utilizou-se o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) completo. Concluídas as entrevistas, selecionamos a questão 142: *Como se chama a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? Caso a pessoa não compreendesse a pergunta, reformulava-se a questão da seguinte forma: Se você / o (a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____?*, esperando-se que a resposta dada correspondesse a *braguilha* ou a alguma variante fonética.

Estudos da palavra

Segundo a Sociolinguística, existem condicionadores que levam os falantes à utilização de uma variante e conseqüentemente à concretização de um dialeto. Esses condicionadores determinam a escolha entre uma variante ou outra, podendo ser internos ou externos à língua, e se apresentam como variações lexicais, fonético-fonológicas,

¹¹ Disponível em <www.alib.ufba.br>.

morfológicas, morfofonológicas, morfossintáticas, sintáticas e discursivas, exemplificados nesta seção. Nos internos, também chamados de condicionadores linguísticos, temos, por exemplo, a ordem dos constituintes em uma sentença e a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, como a pronúncia de *tia/dia*, que pode ser realizada como [tiə/diə] ou [tʃiə/dziə]. Já no segundo caso, também conhecidos por condicionadores extralinguísticos, podem ser de natureza social, em que os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante. Como exemplo, a clássica raiz branca com casca marrom que é conhecida por *mandioca*, *macaxeira*, *maniva* ou *aipim*, entre outros, dependendo da região geográfica.

Ao buscar os significados atribuídos a *braguilha*, encontramos nos dicionários de língua portuguesa: abertura dianteira de calças, calções, cuecas e outras peças do vestuário usados nos membros inferiores do corpo humano. Para Houaiss (2001), é uma abertura dianteira de qualquer calça, calção, ceroula etc. e possui a variante *barguilha*. Em Caldas Aulete Digital temos: “abertura na parte frontal de calças, cuecas etc. [F.: braga + -ilha. Tb. barguilha, barriguilha.]” (BRAGUILHA, 2018).

Segundo Aguilera (2009, p. 289), *braguilha* vem da palavra “braga”, que tem origem espanhola e significa *pantalon ample*:

A braguilha é uma peça de vestuário masculino que se usava no século XV e XVI para cobrir os órgãos genitais. Por extensão, o nome é aplicado à abertura à frente das calças, calções, ou cuecas que se costuma fechar com fecho éclair ou com botões, e que permite ao seu portador retirar o pênis para fora na ocasião de urinar (AGUILERA, 2009, p. 290).

Não só no dicionário a palavra *braguilha* é encontrada, mas na literatura também. Mia Couto, em seu romance intitulado *Um rio chamado tempo, uma casa chama terra* (2002, p. 42), escreve: “As suas mãos trabalham na braguilha das calças do falecido”. Outro exemplo, já na literatura nacional: “De manhã cedo, no metrô, preparando-me para ir trabalhar, vi o que vinha com o homem, o que vinha com a mulher. Não se viram. Eu vi o que não viram: braguilha aberta” (SOUZA, 2016). Atesta-se aqui a utilização do termo em tempos atuais. Apesar de ser termo usado já nos séculos XV e XVI para designar a cobertura dos órgãos genitais dos cavaleiros que usavam calças justas e abertas entre as pernas, o termo continua relativamente popular quando se menciona a entrada da calça.

As respostas fornecidas pelos informantes das entrevistas de Londrina atestam essa vitalidade e fornecem três variantes para o referente: *braguilha*, *barguia* e *barguilha*.

INQ.- A abertura da calça do homem normalmente é fechada com um botão ou com zíper. Vamos supor que tá entrando aqui alguém conhecido seu, aí você, tá aberta, aí você fala: “Fulano, fecha ____.”?

INF.- Fecha o zíper, fecha a ... a barguia

INQ.- É? Você costuma falar mais o quê?

INF.- É isso aí.

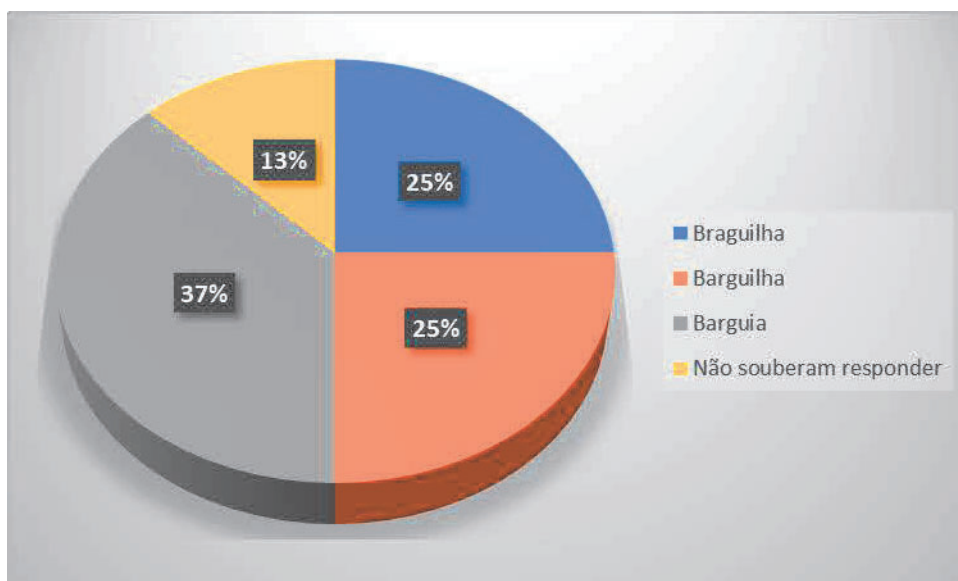
INQ.- O zíper ou então a...

INF.- Barguilha

(Fonte: Banco de dados do ALiB).

Segue abaixo o gráfico geral de respostas dadas pelos informantes das coletas de dados utilizadas neste estudo.

GRÁFICO 1: Respostas dos informantes



Fonte: Banco de dados constituído para o artigo (entrevistas).

Quando tratamos dos fenômenos decorrentes da fala dos informantes constatamos:

- i) 25% registraram a variante considerada culta/padrão – *braguilha*;
- ii) 25% dos informantes utilizaram a variante popular da língua em que se encontra a metátese em *braguilha* > *barguilha*; e
- iii) 37%, a variante em que se registram a metátese e a iotização em *braguilha* > *barguia*.

Estes fenômenos dizem respeito, respectivamente, à mudança linguística que consiste na troca de lugar de fonemas dentro do vocábulo (de *bra* > *bar*) e à passagem de elemento consonântico para vogal (de *ʃ* > *j*). Chama a atenção, ainda, o não conhecimento do referente por um dos informantes, que utilizou outros termos para o nominá-lo, perfazendo 13% de não respostas esperadas. Este pode ser um indício de arcaização do termo *braguilha*. Outras lexias mais atuais podem estar substituindo sua utilização ou coocorrendo com a lexia em estudo, termos como *vista*, *zíper* ou *fecho*, mais generalizantes, ou ainda empréstimos como *fecho éclair*, mais especializado.

Quanto ao fator faixa etária, é possível constatar que as variantes para o referente foram registradas da seguinte forma:

- i) *barguia* – metátese e iotização – associa-se aos informantes de idade superior a 40 anos e tem percentuais de 43% de realização;
- ii) *braguilha* e *barguilha* – metátese –, à faixa dos 20-30 anos, 57% dos registros.

O Quadro 1 resume as idades e as respostas dadas pelos informantes desta pesquisa.

QUADRO 1: Dados dos informantes e respostas obtidas.

Informante	Banco de dados	Escolaridade	Idade	Resposta
01	ALiB	Fundamental	18-30	barguilha
02	ALiB	Fundamental	18-30	-
03	ALiB	Fundamental	50-65	barguia
04	ALiB	Fundamental	50-65	barguia
05	UEL	Superior	20-30	barguilha
06	UEL	Superior	20-30	braguilha
07	UEL	Superior	40-60	braguilha
08	UEL	Superior	40-60	barguia

Fonte: Banco de dados constituído para o artigo (entrevistas).

O Quadro 1 permite a visualização da variante *barguia* como a mais recorrente entre os falantes da segunda faixa etária das duas amostras. As variantes *braguilha* e *barguilha*, ambas dicionarizadas, são representativas da fala da primeira faixa etária, o que pode estar relacionado ao grau de escolaridade dos informantes selecionados para as entrevistas, realizadas exclusivamente para este artigo.

A não resposta da Informante 02 pode remeter ao ambiente linguístico em que ela vive. Muitas vezes isso pode acontecer em razão de que, dentro do espaço da comunidade de fala do informante, a palavra não é utilizada de forma frequente, não estando dentro do léxico ativo de quem a pronuncia. Mesmo com o questionário semidirigido (um dos questionários do ALiB) e o entrevistador reformulado a pergunta para a obtenção da resposta, nesta entrevista a lexia-alvo não foi registrada, o que direciona para a conclusão da tendência da não utilização do termo. Há que se ressaltar, ainda, dois pontos: i) sendo um questionário fonético, a recolha da lexia inscrita no *caput* das questões torna-se imprescindível para o sucesso das análises posteriores; ii) a não resposta dos questionários também é um dado precioso para os estudos linguísticos, possibilitando verificar os “limites” de uma palavra dentro de uma língua.

Outro fator que pode interferir na recolha dos dados é a presença do entrevistador, que pode deixar o entrevistado desconfortável, fazendo com que não consiga responder de forma espontânea ou tenha “brancos”.

Quanto ao fator escolaridade, considerando que quatro dos informantes deste estudo concluíram o ensino fundamental, é possível conjecturar que o pouco tempo de bancos escolares possa ter influenciado na utilização da língua. Em outras palavras, a ausência de contato direto com a norma culta via escolarização poderia ser uma das justificativas para a utilização da metátese e da iotização.

Contudo, é preciso lembrar que o fenômeno da metátese é uma recorrência no português em encontros consonantais, ou seja, o motivo da variação também pode ser interno à língua, que é a maneira como avaliamos essa variação, como nos seguintes exemplos: *fenestra*>*feestra*>*festra*>*fresta* e *semper*>*sempre*.

O termo *barguilha* já está dicionarizado na língua portuguesa. Durante as entrevistas e a pesquisa, no entanto, o termo *barguia* foi registrado entre os informantes de Londrina, revelando-se característica dos falantes dessa região. Embora tenhamos outras lexias para designar o referente, como *zíper*, *vista* ou *fecho eclair*, o registro de *braguilha*, *barguia* e *braguilha* demonstra que o termo segue em coocorrência com outros termos mais modernos na língua.

O processo de metátese, na literatura da área, é irregular. Ele pode ocorrer com determinadas palavras e não com outras para um mesmo falante. Durante as entrevistas, palavras como *prateleira* não sofreram o mesmo processo, mas também sofreram outras

variações como a monotongação (*prateleira*>*prateleira*) a o alçamento (*prateleira*>*pratileira*). Em outras palavras, apesar de a metátese ser um fenômeno comum, seu funcionamento não ocorre de forma homogênea dentro da língua.

Alguns neogramáticos e estruturalistas tratam a metátese como marginal, fora dos termos padrões, o que também poderia explicar o motivo da existência dessa variação.

Estudos mais recentes acerca da metátese têm sido desenvolvidos, dentre eles o de Blevins e Garrett (2004, p. 3), segundo os quais os neogramáticos e estruturalistas consideraram a metátese como fenômeno marginal, precisamente porque ela pareceu contradizer as doutrinas padrão que separam a fonética da fonologia. Grammont (1946) afirma que a metátese é também governada fonotaticamente: consoantes menos sonoras (aquelas com abertura menor) são sempre colocadas mais próximas de uma fronteira silábica e as consoantes mais sonoras mais próximas do núcleo silábico (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 180).

A palavra *barguia*, portanto, é tida como marginalizada, estigmatizada, não só por sofrer a metátese, mas também por ter a iotização. Já *barguilha* seria marcada, mas sem tantos estigmas quanto a anterior, que será associada ao falar sertanejo, não tão prestigiado. Sobre o assunto, Silva (2003, p. 11) cita:

Falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam), a partir da maneira pela qual as seqüências sonoras são pronunciadas. Assim, determinamos variantes de prestígio e variantes estigmatizadas. Algumas variantes podem ser consideradas neutras do ponto de vista de prestígio. Partindo dessa concepção, portanto, *barguilha* é vista como neutra.

Considerações finais

O estudo das respostas dadas pelos oito informantes de dois *corpora* (ALiB e dados de pesquisa para a disciplina de Sociolinguística) compõe uma pequena amostra sobre o falar cotidiano do londrinense, que pode nos indicar as misturas entre palavras novas e antigas e impregnadas de teor sertanejo, marcadas pela fundação da cidade, surgida de fazendas e trabalhos domésticos, como os das costureiras, mas que também, ao se industrializar, manteve esse viés rural, em um *contínuo rural-urbano* (BORTONIRICARDO, 2011). Essa mescla do Brasil urbano e rural não é visto somente em Londrina, mas em quase todo o estado do Paraná, por sua formação e inclinação à economia rural.

Quando às perguntas de pesquisa, acreditamos ter respondido a todas, como segue:

i) o termo *braguilha* pertence ao vernáculo londrinense, pelo menos em nossas amostras, haja vista a vitalidade do registro na fala dos informantes;

ii) essa permanência é indicada pela ocorrência na fala de 87% dos informantes e, embora a amostra coletada para este artigo seja reduzida, o rigor na escolha dos informantes e os critérios de seleção nos permitem concluir que a palavra em estudo permanece na fala londrinense provavelmente por sua cultura ruralista;

ii) no caso de *barguia*, a pouca escolaridade de dois dos três informantes que registraram a variante pode ter influenciado na sua escolha, ficando evidente a metátese, seguida da iotização.

Apesar de a palavra ter se modificado por condicionadores internos, que mostram o recorrente caso de metátese, por ser uma língua que utiliza mais as vogais e,

por consequência, tende a separar as consoantes, também percebemos, dentro da iotização, a marca oral rural que ocorre por um fator externo. Dentro dos fatores externos para as variantes encontradas e trabalhadas na língua temos a idade e a questão cultural, o que conseguimos perceber durante o estudo para encontrar na palavra *braguilha* que para o londrinense seria *barguilha* ou *barguia*.

Este artigo mostra um campo fértil para a investigação do termo na localidade. Outras investigações poderão confirmar ou refutar os resultados aqui apresentados, permitindo, para além do estudo fonético que o termo autoriza, o do léxico, sua abrangência e possíveis motivações de uso.

Referências

AGUILERA, V. A. Braguilha ou barguia: eis a questão. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Org). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 283-303.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.

BRAGUILHA. In: **Dicionário Caldas Aulete Digital**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/braguilha>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

COSTA, S. A. M. **A iotização no falar paulista**. Disponível em: <http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2006_g/textos/001.htm>. Acesso em: 03 jan. 2018.

COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HORA, D.; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. Português brasileiro: uma língua de metátese? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p, 178-196, set. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/2799/2138>>. Acesso em: 06 jan. 2018.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Histórico**. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/historico>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, J. **Terezinha e outros contos de literatura Queer**. São Paulo: Hoo, 2016. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 06 jan. 2018.

TERRA, E. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Rideel, 2012.

Suarabácti: um estudo sincrônico e diacrônico em *corpora* distintos – ALPR, ALiB e LHisPAR

Myriam Rossi Sleiman Gholmie

RESUMO: Este artigo tem por escopo iniciar um trabalho de verificação da ocorrência do fenômeno linguístico suarabácti na fala e escrita paranaenses, com base nos dados do “Atlas Linguístico do Paraná” – ALPR –, de Aguilera (1994), nos resultados do Projeto “Atlas Linguístico do Brasil” – ALiB – e em manuscritos do Paraná reunidos pelo Projeto “Léxico Histórico do Português do Paraná” – LHisPar. Tal fenômeno linguístico resulta do processo fonético-fonológico de inserção de uma vogal para desfazer um encontro de consoantes, como se observa na seguinte passagem do latim para o português: *blatta* > *brata* > *barata*. A pesquisa que resultou no ALPR registrou a ocorrência do suarabácti no vocábulo *eucalipto*, enquanto o ALiB catalogou o fenômeno nas respostas a três questões de seu Questionário Fonético-Fonológico, enunciadas pelos vocábulos *aftosa*, *pneu* e *advogado*. Antigos documentos paranaenses também contêm diversos vocábulos nos quais se observa o referido fenômeno, o que demonstra que o uso do suarabácti, além de ser frequente na fala paranaense da atualidade, era habitual no Estado durante os séculos XVIII e XIX. Por tudo isso, durante esta pesquisa oportunamente selecionaram-se termos desses *corpora* que retratam a incidência do fenômeno, com o objetivo de registrá-los, analisá-los e compará-los.

PALAVRAS-CHAVE: *Suarabácti; Atlas Atlas Linguístico do Brasil; Léxico Histórico do Português do Paraná.*

Introdução

Os dados constantes do ALPR e do ALiB evidenciam a ocorrência de um fato bastante comum na língua portuguesa atualmente falada no Paraná. Trata-se do suarabácti, também conhecido como anaptixe, uma epêntese especial que consiste em desfazer um grupo de consoantes pela intercalação de uma vogal (por exemplo: *grupa* (<*kruppa*>) > *garupa*; *bratta* (<*blatta*>) > *barata*; *frevrairo* (<*febrariu* por *februariu*>) > *fevereiro*; *cangrejo* (<*cranguejo*>) > *caranguejo*) (COUTINHO, 1974, p. 147).

Tendo em vista que o mencionado fenômeno remonta também a antigos manuscritos reunidos pelo LHisPar, vislumbrou-se a necessidade de estudá-lo, junto a suas possíveis causas, e realizar uma comparação entre os dados e conclusões obtidos.

Para tanto, buscou-se inicialmente identificar a presença do suarabácti na fala de informantes do Paraná inquiridos pelo ALPR e pelo ALiB e averiguar o fenômeno linguístico em manuscritos paranaenses dos séculos XVIII e XIX selecionados pelo LHisPar, bem como analisar a ocorrência desse processo fonético-fonológico com base nos fatores linguísticos e extralinguísticos favorecedores e, por fim, foi feito um estudo diacrônico comparativo dos resultados referentes ao *corpus* oral paranaense dos registros dos séculos XVIII e XIX.

O presente estudo, pois, tem por escopo verificar as ocorrências desse fenômeno linguístico, considerando aspectos teóricos e metodológicos da Dialectologia e da Linguística Histórica, tendo como norte os estudos de Coutinho (1976), Lee (1993), Collischonn (2004), Romano (inédito) e outros.

Procedimentos metodológicos

O ALPR (AGUILERA, 1990) registra aspectos da fala rural paranaense por meio de cartas geolinguísticas, que contemplam itens lexicais e aspectos fonéticos. Para o presente trabalho, foram consideradas as variantes com presença de suarabácti em relação ao vocábulo “eucalipto”, que foi objeto da questão 61: “Como se chama aquela árvore bem alta, sem galhos, e que tem uma folha cheirosa, boa para fazer chá pra gripe?”.

No que concerne ao Projeto ALiB, esta pesquisa considera dados referentes ao Estado do Paraná em dezessete municípios. Em cada um dos municípios, foram entrevistados quatro informantes naturais da região linguística, tendo como nível máximo de escolaridade o ensino fundamental. Assim, em cada ponto linguístico, tem-se um homem e uma mulher de 18 a 30 anos (faixa 1) e um homem e uma mulher de 50 a 65 anos (faixa 2). Na capital, Curitiba, entrevistou-se quatro informantes de nível superior, cujos dados não são utilizados neste trabalho. As questões selecionadas para esta pesquisa fazem parte do Questionário Fonético Fonológico (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001) e buscam documentar a presença ou não de uma vogal suarabáctica. São elas:

Questão 54 (AFTOSA): ... uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.

Questão 72 (PNEU): ... aquilo que o carro tem; preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?

Questão 101 (ADVOGADO): ... que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?

Por fim, quanto aos documentos paranaenses dos séculos XVIII e XIX, tem-se um *corpus* composto de 724 manuscritos reunidos pelo Projeto LHisPar, que foram digitalizados e transcritos como edição semidiplomática em um bloco de texto no formato “.doc”, formatado em “.txt” e submetido ao programa Lexico3, ferramenta computacional que possibilitou a seleção de 27 casos de suarabácti.

Dados

Partindo-se da metodologia supracitada, a presente pesquisa reuniu os dados dispostos nos quadros a seguir.

QUADRO 1: Levantamento referente ao ALPR, questão 61, carta 125 - eucalipto.

Localidade / Ponto Linguístico	Ocorrência ¹²
Diamante do Norte/1	calipiu
Santo Inácio/2	aucalipio eucalipi

¹² Segundo convencionou AGUILERA (1990), “nas cartas fonéticas analíticas, quando: a) as formas são coincidentes e únicas para ambos os informantes, registra-se simplesmente esta única realização; b) cada um apresenta uma única forma diferente, registram-se as duas realizações separadas por uma barra vertical, iniciando-se pelo registro feminino; c) há uma forma coincidente para ambos e uma exclusiva para apenas um deles, registra-se em primeiro lugar a forma comum, separa-se por barra vertical e transcreve-se a forma exclusiva, identificada por A ou B, conforme seja da mulher ou do homem, respectivamente; d) há uma forma comum e uma, ou várias, para cada um dos informantes, a forma comum aparece em primeiro lugar, separa-se por barra vertical, transcreve(m)-se a(s) realização(ões) exclusiva(s) da informante feminina (A) separada(s) por ponto e vírgula, isola-se por outra barra, e finalmente, o(s) registro(s) do informante masculino (B), separado(s) por ponto e vírgula quando mais de um; e) há várias formas exclusivas de um só informante, registram-se as formas separadas por ponto e vírgula, indicando-se A ou B, segundo o caso; f) há várias formas exclusivas de cada informante, registram-se as formas da informante feminina, separadas por ponto e vírgula, isola-se por barra e transcrevem-se as formas do informante B, também separadas por ponto e vírgula entre si.

Primeiro de Maio/3	aucalipi; calipio acalipio
Bandeirantes/4	aucalipio eucalipito
Cambará/5	calipio ocalipi
Jacarezinho/6	calipi (B)
Loanda/7	ocalipio calipio
Paranavaí/8	ocalipio (A)
Maringá/9	calipio
Jaguapitã/10	eucalipito calipio
Londrina/11	arcalipio calipi
Jataizinho/12	calipi; eucalipi (B)
Ribeirão do Pinhal/13	calipio
Querência do Norte/14	arcalipi calipio
Cianorte/15	aucalipi calipio
Apucarana/16	eucalipito calipio
São Jerônimo da Serra/17	calipito calipis
Ibaiti/18	arcalipio (A)
Siqueira Campos/19	eucalipi ocalipi
São José da Boa Vista/20	calipio eucalipito
Umuarama/21	arcalipi acalipi
Cruzeiro do Oeste/22	arcalipio calipio
Peabiru/23	arcalipio calipi
São Pedro do Ivaí/24	calipio calipi
Ortigueira/25	calipio ocalipio
Jaguariaíva/26	calipito calipio
Guaíra/27	eucalipito
Goioerê/28	arcalipio
Campo Mourão/29	arcalipio calipi
Ivaiporã/30	calipio
Tibagi/31	calipio (A)
Marechal Cândido Rondon/32	ocalipito eucalipito
Assis Chateaubriand/33	calipio (A)
Campina da Lagoa/34	arcalipio calipio
Manoel Ribas/35	calipio calipio
Castro/36	calipio
Cerro Azul/37	calipio
Adrianópolis/38	calipio calipito
Cascavel/39	calipio
Guaraniaçu/40	calipio calipio
Pitanga/41	calipio

Prudentópolis/42	calipio
Ponta Grossa/43	calipito calipio
Rio Branco do Sul/44	calipio; calipito calipi
Antonina/45	calipe; calipio (A)
Guaraqueçaba/46	calipito calipio
Foz do Iguaçu/47	eucalipito
Capanema/48	calipio ocalipio
Dois Vizinhos/49	calipio (A)
Laranjeiras do Sul/50	eucalipio calipio
Guarapuava/51	ocalipio; calipio calipito
Irati/52	calipio
Palmeira/53	calipio calipito
Curitiba/54	calipito eucalipito
Paranaguá/55	calipio calipi; eucalipio
Barracão/56	eucalipito calipito
Francisco Beltrão/57	calipito calipio
Pato Branco/58	calipio calito
Mangueirinha/59	calipio
Palmas/60	ocalipio calipio
União da Vitória/61	calipito calipio
São Mateus do Sul/62	arcalipio calipio
Lapa/63	calipio
Rio Negro/64	calipio calipi
Guaratuba/65	calipio ocalipio

Fonte: ALPR (AGUILERA, 1990).

QUADRO 2: Levantamento referente ao ALiB, Estado do Paraná, Questão 54/QSL - aftosa.

Localidade / Ponto Linguístico	Informante	Sexo	Faixa Etária	Primeira Resposta	Segunda Resposta
Nova Londrina/207	1	Masculino	1	aftosa	
Nova Londrina/207	2	Feminino	1	fitosa	aftosa
Nova Londrina/207	3	Masculino	2	fetosa	
Nova Londrina/207	4	Feminino	2	aftosa	
Londrina/208	1	Masculino	1	aftosa	
Londrina/208	2	Feminino	1	fitose	
Londrina/208	3	Masculino	2	fetosa	
Londrina/208	4	Feminino	2	fetosa	aftosa
Terra Boa/209	1	Masculino	1	aftose	

Terra Boa/209	2	Feminino	1	afitosa	
Terra Boa/209	3	Masculino	2	afetose	
Terra Boa/209	4	Feminino	2	fitosa	
Umuarama/210	1	Masculino	1	((não soube))	
Umuarama/210	2	Feminino	1	afitose	
Umuarama/210	3	Masculino	2	afetosa	
Umuarama/210	4	Feminino	2	fetosa	
Tomazina/211	1	Masculino	1	afitosa	
Tomazina/211	2	Feminino	1	afitose	
Tomazina/211	3	Masculino	2	afetose	
Tomazina/211	4	Feminino	2	afetosa	
Campo Mourão/212	1	Masculino	1	áfitas	
Campo Mourão/212	2	Feminino	1	((não soube))	
Campo Mourão/212	3	Masculino	2	afetosa	
Campo Mourão/212	4	Feminino	2	afitosa	
Cândido de Abreu/213	1	Masculino	1	afitosa	
Cândido de Abreu/213	2	Feminino	1	afitosa	
Cândido de Abreu/213	3	Masculino	2	afetosa	
Cândido de Abreu/213	4	Feminino	2	fetose	
Piraí do Sul/214	1	Masculino	1	afitosa	
Piraí do Sul/214	2	Feminino	1	afetosa	
Piraí do Sul/214	3	Masculino	2	afetosa	
Piraí do Sul/214	4	Feminino	2	afetosa	
Toledo/215	1	Masculino	1	afitosa	
Toledo/215	2	Feminino	1	((não soube))	
Toledo/215	3	Masculino	2	afetosa	
Toledo/215	4	Feminino	2	afetosa	
Adrianópolis/216	1	Masculino	1	((não soube))	
Adrianópolis/216	2	Feminino	1	((não lembrou))	
Adrianópolis/216	3	Masculino	2	fetosa	
Adrianópolis/216	4	Feminino	2	afitose	
São Miguel do	1	Masculino	1	afitosa	

Iguaçu/217					
São Miguel do Iguaçu/217	2	Feminino	1	afita	
São Miguel do Iguaçu/217	3	Masculino	2	afetosa	
São Miguel do Iguaçu/217	4	Feminino	2	afetosa	
Imbituva/218	1	Masculino	1	afitosa	
Imbituva/218	2	Feminino	1	((não soube))	
Imbituva/218	3	Masculino	2	afitosa	
Imbituva/218	4	Feminino	2	afetosa	
Guarapuava/219	1	Masculino	1	afitosa	
Guarapuava/219	2	Feminino	1	((não soube))	
Guarapuava/219	3	Masculino	2	fetose	
Guarapuava/219	4	Feminino	2	afitosa	
Curitiba / 220	1	Masculino	1	afitosa	fetosa
Curitiba / 220	2	Feminino	1	afita	
Curitiba / 220	3	Masculino	2	afetosa	
Curitiba / 220	4	Feminino	2	afetosa	
Morretes/221	1	Masculino	1	afitosa	
Morretes/221	2	Feminino	1	afitose	
Morretes/221	3	Masculino	2	((não soube))	
Morretes/221	4	Feminino	2	afetosa	
Lapa/222	1	Masculino	1	afetosa	
Lapa/222	2	Feminino	1	afitosa	
Lapa/222	3	Masculino	2	afetosa	
Lapa/222	4	Feminino	2	afitosa	
Barracão/223	1	Masculino	1	afitose	
Barracão/223	2	Feminino	1	afetosa	
Barracão/223	3	Masculino	2	fetosa	afetosa
Barracão/223	4	Feminino	2	fetose	

Fontes: Dados do ALiB. Elaboração da autora.

QUADRO 3: Levantamento referente ao ALiB, Estado do Paraná, Questão 72/QSL - pneu.

Localidade / Ponto Linguístico	Informante	Sexo	Faixa Etária	Primeira Resposta	Segunda Resposta
Nova Londrina/207	1	Masculino	1	pneu	
Nova Londrina/207	2	Feminino	1	pineu	

Nova Londrina/207	3	Masculino	2	peneus	peneu
Nova Londrina/207	4	Feminino	2	peneu	
Londrina/208	1	Masculino	1	peneu	
Londrina/208	2	Feminino	1	peneu	
Londrina/208	3	Masculino	2	peneu	
Londrina/208	4	Feminino	2	peneu	
Terra Boa/209	1	Masculino	1	peneu	
Terra Boa/209	2	Feminino	1	peneu	
Terra Boa/209	3	Masculino	2	pineu	
Terra Boa/209	4	Feminino	2	peneu	
Umuarama/210	1	Masculino	1	pineu	
Umuarama/210	2	Feminino	1	peneu	
Umuarama/210	3	Masculino	2	pneus	
Umuarama/210	4	Feminino	2	peneu	
Tomazina/211	1	Masculino	1	pineu	
Tomazina/211	2	Feminino	1	pineu	
Tomazina/211	3	Masculino	2	peneu	
Tomazina/211	4	Feminino	2	peneu	
Campo Mourão/212	1	Masculino	1	peneu	
Campo Mourão/212	2	Feminino	1	((não soube))	
Campo Mourão/212	3	Masculino	2	peneu	
Campo Mourão/212	4	Feminino	2	peneu	
Cândido de Abreu/213	1	Masculino	1	peneu	
Cândido de Abreu/213	2	Feminino	1	peneus	
Cândido de Abreu/213	3	Masculino	2	peneu	
Cândido de Abreu/213	4	Feminino	2	peneu	
Piraí do Sul/214	1	Masculino	1	peneu	
Piraí do Sul/214	2	Feminino	1	peneu	
Piraí do Sul/214	3	Masculino	2	peneu	
Piraí do Sul/214	4	Feminino	2	peneu	
Toledo/215	1	Masculino	1	peneu	
Toledo/215	2	Feminino	1	peneu	
Toledo/215	3	Masculino	2	peneu	
Toledo/215	4	Feminino	2	peneu	
Adrianópolis/216	1	Masculino	1	peneu	

Adrianópolis/216	2	Feminino	1	peneu	
Adrianópolis/216	3	Masculino	2	peneu	
Adrianópolis/216	4	Feminino	2	peneu	
São Miguel do Iguaçu/217	1	Masculino	1	peneu	
São Miguel do Iguaçu/217	2	Feminino	1	peneu	
São Miguel do Iguaçu/217	3	Masculino	2	peneu	
São Miguel do Iguaçu/217	4	Feminino	2	pineu	
Imbituva/218	1	Masculino	1	peneu	
Imbituva/218	2	Feminino	1	peneu	
Imbituva/218	3	Masculino	2	peneu	
Imbituva/218	4	Feminino	2	peneu	
Guarapuava/219	1	Masculino	1	peneu	
Guarapuava/219	2	Feminino	1	peneu	
Guarapuava/219	3	Masculino	2	peneu	
Guarapuava/219	4	Feminino	2	peneu	
Curitiba / 220	1	Masculino	1	peneu	
Curitiba / 220	2	Feminino	1	peneu	
Curitiba / 220	3	Masculino	2	peneu	
Curitiba / 220	4	Feminino	2	pineu	
Morretes/221	1	Masculino	1	pineu	
Morretes/221	2	Feminino	1	pineu	
Morretes/221	3	Masculino	2	peneu	
Morretes/221	4	Feminino	2	peneu	
Lapa/222	1	Masculino	1	peneu	
Lapa/222	2	Feminino	1	peneu	
Lapa/222	3	Masculino	2	peneu	
Lapa/222	4	Feminino	2	peneu	
Barracão/223	1	Masculino	1	peneu	
Barracão/223	2	Feminino	1	peneu	
Barracão/223	3	Masculino	2	peneu	
Barracão/223	4	Feminino	2	peneu	

Fontes: Dados do ALiB. Elaboração da autora.

QUADRO 4: Levantamento referente ao ALiB, Estado do Paraná, Questão 101/QSL - advogado:

Localidade/Ponto Linguístico	Informante	Sexo	Faixa Etária	Primeira Resposta
Nova Londrina/207	1	Masculino	1	advogado
Nova Londrina/207	2	Feminino	1	advogado
Nova Londrina/207	3	Masculino	2	advogado
Nova Londrina/207	4	Feminino	2	advogado
Londrina/208	1	Masculino	1	advogado
Londrina/208	2	Feminino	1	advogado
Londrina/208	3	Masculino	2	advogado
Londrina/208	4	Feminino	2	advogado
Terra Boa/209	1	Masculino	1	advogado
Terra Boa/209	2	Feminino	1	advogado
Terra Boa/209	3	Masculino	2	advogado
Terra Boa/209	4	Feminino	2	advogado
Umuarama/210	1	Masculino	1	advogado
Umuarama/210	2	Feminino	1	advogado
Umuarama/210	3	Masculino	2	advogado
Umuarama/210	4	Feminino	2	advogado
Tomazina/211	1	Masculino	1	advogado
Tomazina/211	2	Feminino	1	advogado
Tomazina/211	3	Masculino	2	advogado
Tomazina/211	4	Feminino	2	advogado
Campo Mourão/212	1	Masculino	1	advogado
Campo Mourão/212	2	Feminino	1	advogado
Campo Mourão/212	3	Masculino	2	advogado
Campo Mourão/212	4	Feminino	2	advogado
Cândido de Abreu/213	1	Masculino	1	advogado
Cândido de Abreu/213	2	Feminino	1	advogado
Cândido de Abreu/213	3	Masculino	2	advogado
Cândido de Abreu/213	4	Feminino	2	advogado
Piraí do Sul/214	1	Masculino	1	advogado
Piraí do Sul/214	2	Feminino	1	advogado
Piraí do Sul/214	3	Masculino	2	advogados
Piraí do Sul/214	4	Feminino	2	advogado
Toledo/215	1	Masculino	1	advogado
Toledo/215	2	Feminino	1	advogado
Toledo/215	3	Masculino	2	advogado

Toledo/215	4	Feminino	2	advogado
Adrianópolis/216	1	Masculino	1	advogado
Adrianópolis/216	2	Feminino	1	advogado
Adrianópolis/216	3	Masculino	2	advogado
Adrianópolis/216	4	Feminino	2	advogado
São Miguel do Iguaçu/217	1	Masculino	1	advogado
São Miguel do Iguaçu/217	2	Feminino	1	advogado
São Miguel do Iguaçu/217	3	Masculino	2	advogado
São Miguel do Iguaçu/217	4	Feminino	2	advogado
Imbituva/218	1	Masculino	1	advogado
Imbituva/218	2	Feminino	1	advogado
Imbituva/218	3	Masculino	2	advogado
Imbituva/218	4	Feminino	2	advogado
Guarapuava/219	1	Masculino	1	advogado
Guarapuava/219	2	Feminino	1	advogado
Guarapuava/219	3	Masculino	2	advogado
Guarapuava/219	4	Feminino	2	advogado
Curitiba / 220	1	Masculino	1	advogado
Curitiba / 220	2	Feminino	1	advogado
Curitiba / 220	3	Masculino	2	advogado
Curitiba / 220	4	Feminino	2	advogado
Morretes/221	1	Masculino	1	advogado
Morretes/221	2	Feminino	1	advogado
Morretes/221	3	Masculino	2	advogado
Morretes/221	4	Feminino	2	advogado
Lapa/222	1	Masculino	1	advogado
Lapa/222	2	Feminino	1	advogado
Lapa/222	3	Masculino	2	advogado
Lapa/222	4	Feminino	2	advogado
Barracão/223	1	Masculino	1	advogado
Barracão/223	2	Feminino	1	advogado
Barracão/223	3	Masculino	2	advogado
Barracão/223	4	Feminino	2	advogado

Fontes: Dados do ALiB. Elaboração da autora.

QUADRO 5: Levantamento referente aos manuscritos paranaenses reunidos pelo LHisPar.

Forma Documentada	Frequência	Verbetes	Fólio(s)	Ano	Localidade (Sigla)
adejunto	1	adjunto	482	1821	Antonina (ANT)
ademenistrador	1	administrador	107	1817	Curitiba (CTB)
ademenistrando	1	administrar	112	1819	Curitiba (CTB)
ademeter	1	admitir	298	1817	Castro (CAS)
adeministracãõ	1	administração	472	1819	Antonina (ANT)
adeministraçãõ	1	administração	208	1811	Guaratuba (GRT)
adeministrador	1	administrador	50	1798	Curitiba (CTB)
adeministradores	2	administrador	49 e 50	1798	Curitiba (CTB)
adeministre	1	administrar	154	1791	Guaratuba (GRT)
ademitem	1	admitir	41	1797	Curitiba (CTB)
ademoestando	1	admoestar	661	1799	Paranaguá (PGA)
adevertem	1	advertir	286	1808	Castro (CAS)
adevertidos	1	advertido	700	1803	Paranaguá (PGA)
adevirta	1	advertir	351	1815	Paranaguá (PGA)
adevogar	1	advogar	300	1818	Castro (CAS)
adiministrador	1	administrador	47	1798	Curitiba (CTB)
benignidade	1	benignidade	696	1802	Paranaíba (PRB)
coadejetor	1	coadjutor	726	1803	Paranaguá (PGA)
inadevirtida	1	inadvertido	551	1815	Paranaguá (PGA)
obeservancia	1	observância	458	1812	Antonina (ANT)
obetenha	1	obter	14	1764	Curitiba (CTB)
reclutas	2	recruta	566 e 569	1818	Paranaguá (PGA)
subescrevy	1	subcrever	709	1800	Paranaguá (PGA)
subistenssia	1	subsistência	198	1805	Guaratuba (GRT)
supellicante	1	suplicante	7	1764	Curitiba (CTB)

Fontes: Dados do LHisPar. Elaboração da autora.

Discussão

Os dados obtidos por meios dos *corpora* selecionados demonstram que o fenômeno linguístico suarabácti é frequente na fala paranaense da atualidade, bem como é significativo na escrita dos séculos XVIII e XIX registrada em documentos oficiais emanados das vilas que hoje compõem este Estado.

No que concerne ao ALPR, constatou-se que, das 65 informantes mulheres, 14 utilizaram o suarabácti ao pronunciar a palavra “eucalipto”. Isso se deu nos seguintes pontos: Jaguapitã, Apucarana, São Jerônimo da Serra, Jaguariaíva, Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Ponta Grossa, Rio Branco do Sul, Guaraqueçaba, Foz do Iguaçu, Curitiba, Barracão, Francisco Beltrão e União da Vitória.

Quanto aos homens, 10 dos 65 informantes realizaram a epêntese vocálica estudada em suas respostas. Os pontos onde a fala masculina registrou o suarabácti foram: Bandeirantes, São José da Boa Vista, Guaíra, Marechal Cândido Rondon,

Adrianópolis, Foz do Iguaçu, Guarapuava, Palmeira, Curitiba e Barracão.

De outro vértice, no que tange às informações oriundas do Projeto ALiB, vale destacar que houve a ocorrência da vogal epentética em quase todos os inquéritos.

Em relação à “Questão 54/QSL - aftosa”, dos 68 informantes distribuídos nos 17 pontos onde aconteceram os inquéritos, a anaptixe foi categórica: ocorreu na fala de todos que responderam à questão. Vale mencionar que, desse total, oito informantes não souberam responder ou não lembraram a resposta.

Da mesma forma, a resposta à “Questão 72/QSL - pneu” foi unânime em inserir uma vogal para desfazer o encontro consonantal: 67 informantes realizaram a epêntese e apenas um não soube responder.

Já quanto à “Questão 101/QSL - advogado”, 13 informantes responderam à pergunta proposta sem o uso do suarabácti, conforme dispõe o quadro em sequência.

QUADRO 6: Informantes que responderam à “Questão 101/QSL - advogado” sem suarabácti.

Localidade	Informante	Sexo	Faixa etária
Toledo	1	Masculino	18 a 30 anos
Toledo	2	Feminino	18 a 30 anos
Toledo	4	Feminino	50 a 65 anos
Adrianópolis	4	Feminino	50 a 65 anos
São Miguel do Iguaçu	1	Masculino	18 a 30 anos
São Miguel do Iguaçu	2	Feminino	18 a 30 anos
Imbituva	2	Feminino	18 a 30 anos
Guarapuava	4	Feminino	50 a 65 anos
Curitiba	1	Masculino	18 a 30 anos
Curitiba	2	Feminino	18 a 30 anos
Morretes	2	Feminino	18 a 30 anos
Lapa	1	Masculino	18 a 30 anos
Lapa	2	Feminino	18 a 30 anos

Fonte: Dados do ALiB. Elaboração da autora.

De acordo com os dados do ALiB dispostos acima, pode-se inferir que a ausência do suarabácti na pronúncia do vocábulo “advogado” esteve concentrada no Sudoeste, Centro-Sul e Sudeste do Estado do Paraná, especialmente na fala das mulheres (9 entre os 13 informantes que dispensaram a epêntese) e na faixa etária 1 – de 18 a 30 anos (10 entre os 13 informantes que não realizaram a inserção da vogal).

A respeito dos dados do Léxico Histórico do Português do Paraná, é possível observar a distribuição das ocorrências do fenômeno linguístico estudado entre os séculos XVIII e XIX:

QUADRO 7: Frequência de casos de suarabácti conforme a data em que ocorreram.

SÉCULO	Nº DE FÓLIOS	FÓLIOS COM SUARABÁCTI	FREQUÊNCIA DE FÓLIOS COM SUARABÁCTI
XIX	465	18	3,8%
XVIII	251	9	3,5%
(sem data)	8	0	0

Fonte: dados do LHisPar (elaborado pela autora).

E, ainda, entre as localidades onde a anaptixe foi registrada:

QUADRO 8: Frequência de casos de suarabácti conforme a localidade onde ocorreram.

LOCALIDADE	Nº DE FÓLIOS	FÓLIOS COM SUARABÁCTI	FREQUÊNCIA DE FÓLIOS COM SUARABÁCTI
Paranaíba	2	1	50%
Curitiba	144	9	6,2%
Paranaguá	221	8	3,6%
Guaratuba	84	3	3,5%
Castro	93	3	3,2%
Antonina	103	3	2,9%
Outras	77	0	(não ocorreu)
Todas	724	27	3,7%

Fonte: dados do LHisPar (elaborado pela autora).

Os dados históricos revelam, pois, que o fenômeno linguístico em foco teve uma distribuição uniforme entre as datas de emissão dos manuscritos e, além disso, esteve presente na maioria das vilas existentes no território que corresponde ao Paraná hodiernamente.

Conclusões

A presente pesquisa reuniu dados do Atlas Linguístico do Paraná, do Atlas Linguístico do Brasil (em relação ao Estado paranaense) e do Léxico Histórico do Português do Paraná, no que se refere ao suarabácti. As perspectivas consideradas foram as seguintes: sociolinguística, considerando as variáveis externas sexo e idade; geolinguística, com vistas às localidades onde ocorreu o fenômeno; histórica, focalizada nos anos em que se deram os usos do suarabácti.

Relativamente ao ALPR (Aguilera, 1990), que trabalha exclusivamente com a variável externa sexo, constatou-se que o fenômeno se deu em uma frequência aproximada entre homens (10 dos 65 informantes) e mulheres (14 das 65 informantes), bem como esteve presente de Norte a Sul e de Leste a Oeste do Estado no Paraná.

No que atine ao ALiB-PR, em especial quanto às questões “54/QSL - aftosa” e “72/QSL - pneu”, houve uma distribuição equilibrada entre sexo e faixa etária, já que a epêntese vocálica apareceu na fala de todos os informantes que responderam à pergunta.

De outro vértice, na questão “101/QSL - advogado”, 13 informantes apresentaram a forma padrão. Os resultados revelaram uma propensão feminina para a forma de maior prestígio – como já observou Labov (2008) –, uma vez que quase 70% desses informantes eram mulheres.

Nessa mesma questão, em relação à faixa etária, este estudo revelou que os informantes da faixa etária 1 preponderaram entre os que não utilizaram o suarabácti – 77% –, ou seja, os jovens preocuparam-se com o uso da forma padrão, o que demonstrou que a forma estigmatizada prevaleceu na fala dos mais velhos. Vale ressaltar, entretanto, que muitos estudos têm mostrado que a idade não pode ser estudada sem que se leve em conta uma correlação entre indivíduo e comunidade e entre esse fator e os demais fatores sociais.

Por derradeiro, os dados do LHisPar revelaram que, sob a perspectiva histórica, a data de emissão do fólho não foi relevante: há registros da anaptixe em 3,5% dos fólhos do século XVIII e em 3,8% dos fólhos do século XIX. Já sob a perspectiva geolinguística, o fenômeno teve destaque em Paranaíba, onde ocorreu em 50% dos fólhos e em Curitiba, localidade que registrou 1/3 das ocorrências da epêntese.

Por assim dizer, verificou-se a significativa frequência da suarabácti tanto nos *corpora* oral como no escrito, indicando que o fenômeno não se restringe apenas à oralidade, mas também foi transposto para o meio escrito pelas mãos de pessoas que, segundo o cargo que exerciam nas respectivas vilas paranaenses, deveriam estar aptas a fazer a distinção entre os dois meios de expressão.

Igualmente, pôde-se constatar a partir de dados registrados ou coletados desde os anos 1700 até os anos 2000 que “o suarabácti no português pode ser compreendido sob uma perspectiva pancrônica, uma vez que está atestado na história da língua portuguesa, caracterizando-se como um típico fenômeno em variação” (ROMANO; SEABRA, 2014).

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. 1990. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, 1990.

COLLISCHONN, Gisela. 1996. Um estudo da epêntese à luz da Teoria da Sílabas de Junko Itô (1986). **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2. p. 149-158.

COLLISCHONN, Gisela. 2000. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela Teoria da Otimalidade. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n.1, p.285-318.

COLLISCHONN, Gisela. 2002. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Claudia (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 205-230.

COLLISCHONN, Gisela. 2003. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61 (especial), p. 285-297.

COLLISCHONN, Gisela. 2004. Epêntese vocálica e restrições de acento no português do Sul do Brasil. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 61-78.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: EdUEL, 2001.

CONCEIÇÃO, C. R.; SILVA, D. F. **Metaplasmos**: um fenômeno linguístico sempre atual. IV Encontro Internacional de Letras, p. 76, 2013. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/encontroletras/docs/anais/IV_EIL_2010_CD.pdf#page=76>. Acesso em: 02 abr. 2016.

COUTINHO, Ismael de Lima. 1976. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial [1972], 2008.

LEE, Seung-Hwa. 1993. Epêntese no português. Estudos Lingüísticos XXII – **Anais de Seminários do GEL**, Ribeirão Preto, Instituição Moura Lacerda, v. II, p. 847-854.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. **Estudo de vogais suarabáticas na fala de paranaenses e paulistas sob uma perspectiva estatística e sociodialeológica**. 2014, no prelo.

Para uma História do Português do Brasil. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/phpb-rj/index.htm>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <www.alib.ufba.br>. Acesso em: 02 abr. 2016.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Trad. Antonio Houaiss, 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LÉXICO

A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vida urbana acerca do item *terreno* nos dados do Projeto ALiB

Mariana Spagnolo Martins

RESUMO: Esta pesquisa está inserida nos campos da Sociolinguística e da Dialetoлогия e faz parte dos estudos realizados com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. O Projeto ALiB disponibiliza aos pesquisadores da área de Sociolinguística, Dialetoлогия, Fonética e Fonologia, Lexicologia e demais interessados, um *corpus* representativo da realidade linguística do Brasil. Acerca da variação presente no território brasileiro, nos dispusemos a conhecer um pouco mais sobre as variantes para a Questão 199 do campo *vida urbana* do Questionário Semântico Lexical (QSL): *a área que precisa comprar para construir uma casa?* O intuito desta pesquisa é analisar as variantes obtidas por meio dos dados das três capitais da Região Sul (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre) e suas 41 localidades do interior. Dessa forma, pretendemos alcançar os seguintes objetivos: i) analisar as variantes das capitais do país, observando o percentual de ocorrências, a ponto de; ii) comparar os dados das capitais com os do interior da Região Sul; iii) pesquisar a respeito do léxico, levando em conta sua etimologia; iv) contribuir com outras pesquisas voltadas para o campo *vida urbana* do Questionário do Projeto ALiB.

PALAVRAS-CHAVE: *Terreno; Variação Linguística; Léxico.*

Introdução

A língua é compreendida como patrimônio social e cultural, uma vez que o homem evidencia aspectos de sua natureza e saberes históricos, identitários, sociais e geográficos que caracterizam grupos linguísticos, costumes culturais e tradições de comunidades. A intensa relação de língua, sociedade e cultura gera o léxico, nível da língua que retrata aspectos da realidade dos falantes, pois a nomeação dos seres e objetos configura determinadas línguas, comunidades linguísticas e grupos sociais.

Nas palavras de Oliveira e Isquierdo (2001), o léxico é a unidade da língua mais representativa do homem, pois:

[...] como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, crenças, os hábitos, costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

Na fala de nordestinos, mineiros, paulistas, cariocas, gaúchos, baianos, paranaenses e demais falantes espalhados pelo Brasil, podemos observar que ocorrem diferenças fonéticas, lexicais e morfossintáticas já comprovadas por estudos dialetais anteriores e, agora, também pelas cartas do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014). Por exemplo, a carta L12 traz as denominações para a *libélula* nas capitais brasileiras, que recebe também o nome de *helicóptero* em sete capitais das várias regiões

do país: Nordeste (Natal), Sul (Florianópolis, Curitiba), Sudeste (São Paulo), Centro-Oeste (Goiânia, Campo Grande) e Norte (Rio Branco). *Bate-bunda*, *lava-bunda* e *lava-cu* ocorrem nas Regiões do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste; *jacinta*, no Norte do país, *zigue-zigue* centralizado na Região Nordeste e *cigarra* registrada na fala dos nortistas, sulistas e habitantes do Sudeste.

Além da carta L12, destacamos as cartas: L24 *bala*, L08 *aipim*, L05 *tangerina* e L06 *penca de banana*. Em todo o território brasileiro conhecemos “o doce embrulhado com papel colorido que se chupa” (Questionário, 2001) como *bala*. Essa designação é bem típica do Sul, Sudeste e Centro-Oeste. No Norte e no Nordeste também é comum nomear a *bala* como *bombom*; os nordestinos ainda gostam de chamá-la de *confeito* e *queimado*. Nas capitais Cuiabá, Goiânia, Campo Grande (Centro-Oeste) e Natal (Nordeste), os falantes a chamam de *caramelo*.

Ademais, os nortistas e nordestinos comem a *macaxera*, já os catarinenses, gaúchos e soteropolitanos, o *aipim*. Os paranaenses, cariocas e capixabas, por seu turno, comem o *aipim* e a *mandioca*. Já os mineiros, paulistanos, cuiabanos e mato-grossenses só comem a *mandioca*.

A *tangerina* e a *mexerica* todo mundo saboreia, exceto os cariocas, macapaenses e boa-vistense que preferem somente a *tangerina*. Em todas as Regiões houve o registro de *poncã* em pelo menos uma das capitais. As capitais do Centro-Oeste e São Paulo além de conhecerem a *tangerina*, *mexerica* e *poncã* também nomeiam a fruta como *maricote*.

Assim, dando continuidade à análise do repertório lexical que o Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO, *et al*, 2014) nos apresenta, observamos que todo os brasileiros conhecem a *penca de banana*, só em Belém e Recife dão preferência para a *palma*. A designação *cacho* é registrada no Sul, Sudeste, Nordeste e Norte. Em Natal e João Pessoa, além das variantes *penca*, *palma* e *cacho* também há o registro de *concha*.

Tratando da variação fonética no Atlas Linguístico do Brasil, damos destaque às cartas: F04 C5, F05 C6 que apresentam os resultados de /R/ em coda silábica interna nas capitais brasileiras, cujas realizações da fricativa glotal [h, fi] predominam no Nordeste e Norte, além de aparecer com menos ocorrência no Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

O retroflexo [ɾ] caracteriza a fala de Campo Grande e de parte de Goiânia, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Assim como o tepe [ɾ] está presente no Sul, em Curitiba e Porto Alegre; e também em São Paulo. Os cariocas e capixabas fazem maior uso da fricativa velar [x], que ocorre, com baixa frequência, em Salvador, São Luís, Teresina, Belém, Manaus, Rio Branco, Porto Alegre e Florianópolis.

As cartas do Atlas Linguístico do Brasil são bons retratos da realidade linguística do país, sobretudo, por disponibilizar as variedades lexicais e fonéticas que distinguem culturas, traçam costumes e contam histórias de cada região brasileira.

Metodologia da pesquisa

Devido à importância do nível lexical para a língua e a caracterização de identidades sociais, este estudo, inserido no campo da variação linguística e nortado pelos conceitos da Sociolinguística e Lexicologia, busca apresentar os resultados coletados nas capitais da Região Sul do país, quanto à nomeação da *área que se precisa comprar para construir uma casa* – Questão 199 do campo semântico *vida urbana* do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto ALiB. Na sequência, contrapomos essas variantes com as obtidas nas localidades do interior da mesma Região, com o intuito de verificar semelhanças e diferenças entre ambas.

A metodologia da pesquisa que deu origem a este trabalho segue os critérios do Projeto ALiB, ou seja, analisamos as respostas de 188 informantes, sendo 24 das capitais e 164 do interior do Sul do país. O perfil dos informantes obedece às exigências do

Comitê do Projeto, sendo quatro informantes do interior e oito das capitais, de ambos os sexos e duas faixas etárias: jovens (18 a 35 anos) e idosos (50 a 65 anos). No interior, investigam-se informantes com apenas o nível fundamental de escolaridade e nas capitais acrescentam-se mais quatro informantes com o nível superior.

Considerações acerca de língua e de léxico

Paim (2011), acerca da conceituação de língua, recorre às reflexões de Marcuschi, para quem:

[...] a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e que está situado em contextos concretos tais como o texto e o discurso. Esse caráter dinâmico encontra um campo para aumentar as fronteiras do domínio do repertório linguístico de muitas sociedades no nível lexical. É justamente nesse nível de análise da língua que pode haver a construção, projeção e manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo no qual vivem bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas (MARCUSHI *apud* PAIM, 2011, p. 1).

É sabido que a língua é heterogênea e fonte de variações e adaptações lexicais, dependendo do contexto em que o falante está inserido. O autor citado por Paim diz que o caráter dinâmico da língua possibilita o aumento das fronteiras a respeito do repertório linguístico de diversas sociedades em seu aspecto lexical.

A seleção lexical dos falantes diz respeito a diversos fatores linguísticos e extralinguísticos, como o grupo social ao qual pertencem e o estilo a que aderem.

Tratando da importância dos estudos lexicais, Isquierdo e Marins (2012) assinalam que o léxico reflete aspectos da cultura de um povo e por meio dele é possível compreender a forma como o homem interpreta os mais diversos aspectos da vida em sociedade, dado que o léxico pode refletir nuances da cultura de um povo, caracterizando a identidade de grupos linguísticos por intermédio da fala.

Silva (2012) afirma que a linguagem, assim como as palavras, é experimentada como dotada de realidade exterior, possuidora de objetividade e de historicidade. Por sua vez, possui autoridade moral e força coercitiva, demonstrando, assim, a relevância do léxico como conceito primordial no autoconhecimento do homem e da caracterização da língua. A autora encerra a sua reflexão com o seguinte argumento a respeito da importância do léxico: “o léxico é um dos nomes da forma de conhecimento que sustenta o autoentendimento dos seres humanos em sua experiência de mundo” (SILVA, 2012, p. 10).

Moreno Fernández (2012) questiona o que leva um pesquisador a estudar sobre o tema da variação lexical e chega à seguinte conclusão:

La repuesta no puede ser muy diferente de la que se há dado a propósito de la variación fonético-fonológico o de la gramatical. Se intenta explicar el uso alternante de unas formas léxicas – normalmente substantivos, verbos o adjetivos – em unas condiciones lingüísticas y extralingüísticas determinadas (Moreno Fernández, 2012, p. 32).

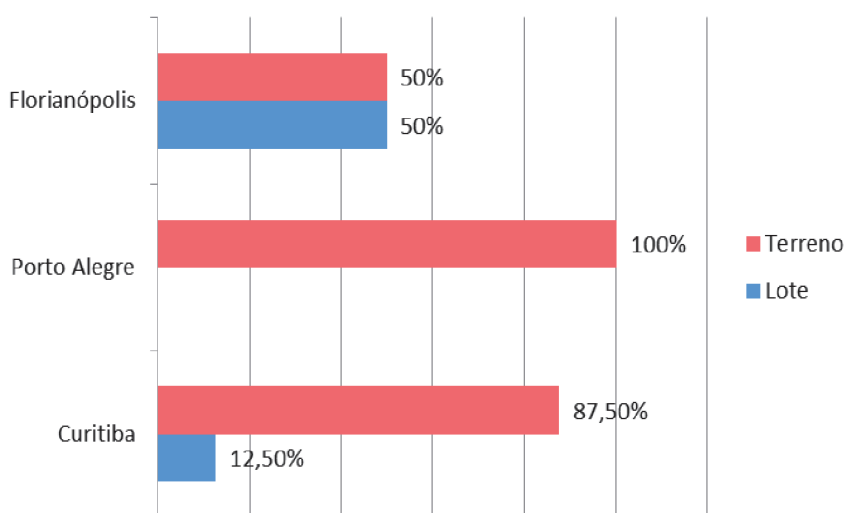
Direcionando a ideia de Moreno Fernández para o objetivo deste estudo, afirmamos que o interesse de estudar a variação lexical é movido pelas alternâncias com que o mesmo objeto pode ser nomeado, dependendo da localidade onde o falante mora, da origem familiar e das condições escolar e social do falante que o nomeia.

A variação dialetal nos dados do Projeto ALiB

O objetivo geral deste estudo é o de analisar sob uma perspectiva diatópica as nomeações para a *área que se precisa comprar para construir uma casa*, correspondentes às respostas dadas à Questão 199 do campo semântico *vida urbana* do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto ALiB. Como já referido, seguimos a metodologia do ALiB e analisamos os dados dos 188 informantes sob a ótica da Sociolinguística Variacionista e da Lexicologia.

Para melhor explicitação dos resultados, apresentamos o Gráfico 1 com os percentuais registrados nas capitais do Sul do Brasil, tendo em conta apenas a primeira resposta dada pelo informante.

GRÁFICO 1: Índice de respostas para a questão 199 (QSL) nas capitais do Sul do Brasil.

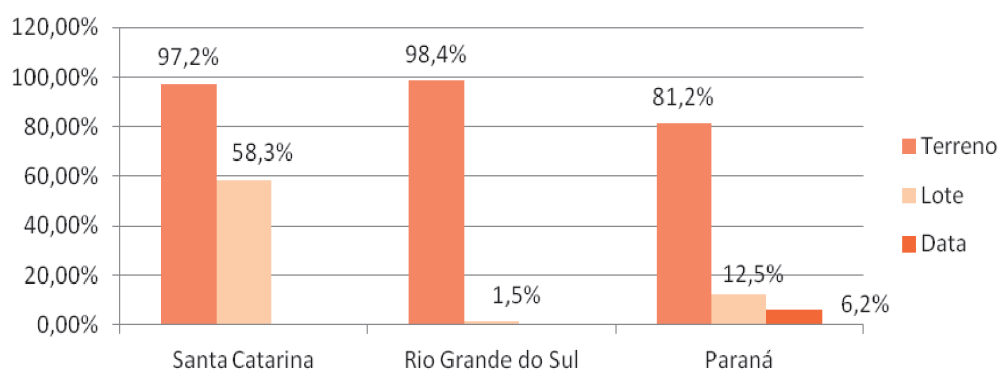


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB.

Das variáveis estabelecidas para a pesquisa Sociolinguística Variacionista, nesta ocasião, a mais relevante foi a variável diatópica, visto que, por meio dos resultados dessa perspectiva, podemos subentender que as demais variáveis não são tão significativas para esse item lexical. É visível que em Curitiba e Porto Alegre a maioria dos informantes nomeia a área que se constrói uma casa como *terreno*, visto que os gaúchos registraram 100% dos dados e os curitibanos 87.5%. Em Florianópolis, a escolha lexical é igualitária, para *terreno* e *lote*.

No interior do Sul do Brasil, obtivemos os seguintes percentuais:

GRÁFICO 2: Índice de respostas para a questão 199 (QSL) no interior da Região Sul do Brasil.

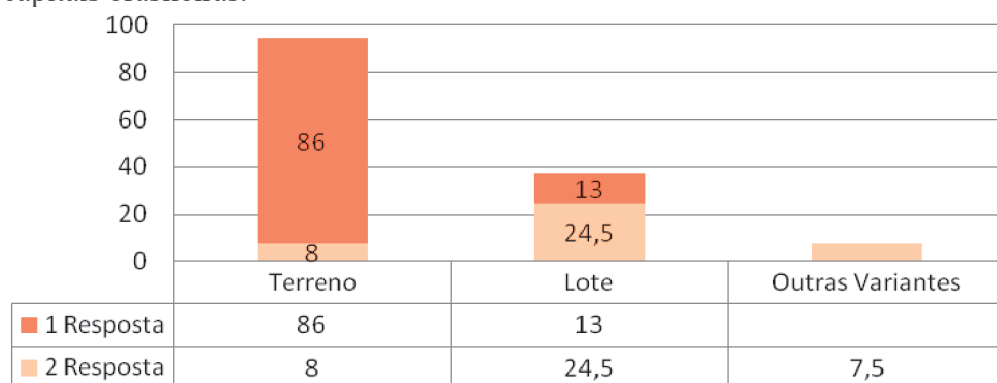


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB.

Na Região Sul, isto é, nas localidades interioranas de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, predomina a variante *terreno*, com percentuais variando de 81% a 98%. Tanto nas capitais sulistas (exceto em Florianópolis) como no interior da Região Sul, predomina a variante *terreno*, com mais de 80% dos dados, o restante é preenchido por *lote*, segunda variante mais utilizada pelos informantes e, em terceiro lugar, registramos *data*, variante exclusiva do Paraná, sobretudo nas cidades de Londrina (208)¹³, Terra Boa (209), Umuarama (210), Campo Mourão (212), Cândido de Abreu (213), Piraí do Sul (214) e Toledo (215), totalizando apenas 6.2% dos registros da Região Sul.

Depois de descritos os resultados das capitais e do interior da Região Sul, fizemos um levantamento da primeira e segunda respostas para a questão 199 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB e observamos que 86% dos informantes das capitais brasileiras registraram *terreno* como primeira resposta e 8% deles o fizeram na segunda resposta, depois de reformulada a questão pelo entrevistador. Quanto a *lote*, como primeira resposta, representou 13%, mas somou mais 24.5% na segunda resposta. O Gráfico 3 ilustra com mais clareza esses resultados.

GRÁFICO 3: índice de primeira e segunda respostas para a questão 199 (QSL) nas capitais brasileiras.

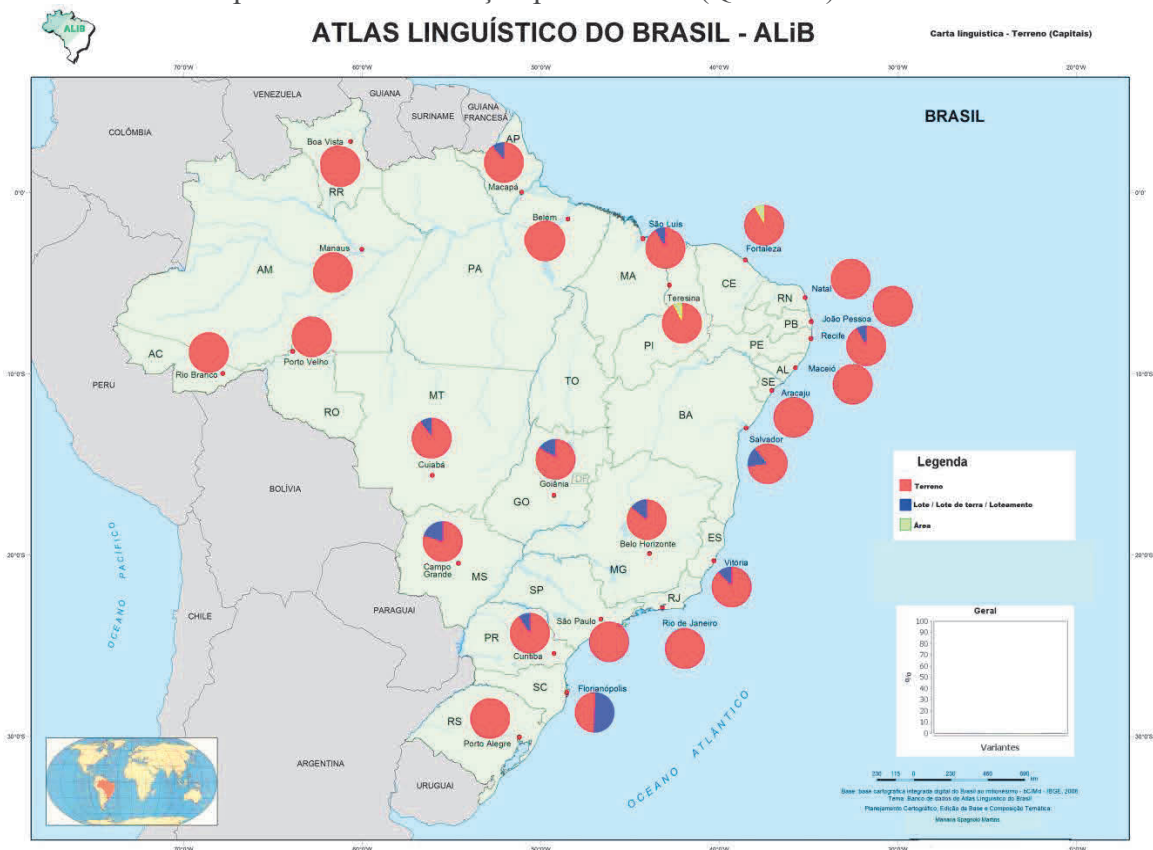


Banco de dados do Projeto ALiB.

Ao estudar as demais capitais brasileiras, observamos que, também, há pouca variação. Para ilustrar a distribuição diatópica das variantes mais frequentes em território nacional, elaboramos uma carta experimental de *terreno*.

¹³ De acordo com a metodologia do Projeto ALiB cada localidade faz parte da rede de pontos do Projeto e recebe um número para diferenciá-la das demais.

Carta 1: Carta experimental da variação para *terreno* (QSL 199).



Fonte: Elaborada pela própria autora com dados coletados nas capitais brasileiras pelo Projeto ALiB.

Em pesquisa on-line a três dicionários, a respeito das acepções do léxico, verificamos a polissemia do item *terreno*, como transcrevemos no Quadro 1:

Quadro 1: Registros de terreno nos dicionários online.

Aulete digital	Aurélio on-line	Michaelis on-line
1. Ref. ao mundo material, em oposição ao espiritual (bens terrenos); TERREAL; MUNDANO, 2. Ref. ou pertencente à Terra; TERREAL; TERRESTRE 3. Natureza, qualidade natural ou propriedade da terra: Tratemos de conhecer logo o terreno. 4. Espaço de terra de dimensões variáveis, ger. comercializado para construção 5. Espaço aberto, área não construída de uma propriedade 6. Chão, solo 7. Porção de terra cultivável 8. Semelhante à terra; que é da cor da terra. 9. Fig. Assunto, tema: A conversa entrou num terreno que o desagradava 10. Domínio, disciplina: No terreno da física entendia de tudo 1 Recuar no terreno, cedendo espaço. 2 P.ext. perder vantagem antes obtida em competição, luta, confronto etc. 1 Fig. Conhecer as condições, a situação em que algo deve ocorrer ou ser realizado. 1 RS Pop. Andar (o cavalo) com muita velocidade.	1 - Espaço de terra de certa extensão. 2 - terrenos de transição: os que estão entre os terrenos primitivos e os secundários. 3 - Terrestre, mundano. 4 - Semelhante à terra. 5 - Da cor da terra. 6 - Terral. 7 - terrenos primitivos: os que não contêm nenhuns vestígios de corpos organizados.	1 terrestre . 2 Semelhante à terra ou da cor dela; terroso, terrulento. 1 Qualquer porção de terra de dimensões variáveis: “Hoje quatro braços de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega” 2 Área não construída de uma propriedade: Era dono de um casarão com um vasto terreno no fundo. 3 Espaço de terra cultivável: “A sacristia tem uma janela e uma porta, que se abrem

<p>1 Fig. Estudar as condições, a situação em que algo deve ocorrer ou ser realizado.</p> <p>1 Avançar, ir à frente; ocupar ou dominar porção maior de terreno (numa batalha, numa disputa territorial, etc.).</p> <p>2 Fig. Obter vantagem em relação a outro ou outrem, numa disputa, num negócio, numa empresa etc.</p> <p>3 Fig. Estender sua abrangência, propagar-se, espalhar-se, difundir-se: As chamas ganhavam terreno apesar da ação dos bombeiros: Suas ideias ganham terreno dia a dia na empresa.</p> <p>1 Fig. Pôr, intencionalmente, obstáculos e empecilhos que dificultam a ação de outrem em certa atividade, tarefa, projeto etc.</p> <p>1 Recuar, deixar de ocupar e dominar certa área (numa disputa territorial, numa luta, etc.)</p> <p>2 Fig. Ter diminuída ou reduzida vantagem ou prevalência antes obtida numa concorrência, disputa etc.</p> <p>3 Perder influência ou prestígio.</p> <p>Saber o terreno em que pisa</p> <p>1 Jur. Bras. Terreno na costa marítima - continental ou insular, - ou marginal a rios e lagoas, de acordo com as condições da maré, cuja localização corresponde a medidas convencionadas (33m para a terra etc.). [Todo terreno nessas condições pertence, por lei, à União.]</p> <p>1 Jur. Bras. Terreno à margem de curso de água navegável, fora do alcance das marés, e que vai até a distância de 15m para a parte da terra, medidos horizontalmente a partir da linha média das enchentes ordinárias.</p>		<p>para um terreno plantado de girassóis”.</p> <p>4 Qualidade natural de determinado solo.</p> <p>5 Ramo de atividade: Seu terreno sempre foi o comércio.</p> <p>6 Assunto para o qual uma conversa pode ser conduzida: “Não direi que Luís Alves gastasse a noite a cavar fundo no terreno das conjecturas vagas. Não era homem que perdesse tempo em coisas inúteis [...]”</p> <p>7 Qualquer disciplina sobre a qual se tem um grande conhecimento: Acho que a química é o seu terreno.</p> <p>8 Conjunto de fatores que contribuem para o aparecimento de uma doença.</p>
---	--	--

Dos registros expostos acima é perceptível a relação semântica de *terreno* com terra, pois vemos que a origem do item *terreno* é a do radical *terr+e+no* derivado de terra, com significado semelhante a terrestre e terreal. A ideia de terreno como um pedaço de chão ou de terra livre para uma futura construção está presente nos três dicionários pesquisados, marcados em azul, além das demais acepções.

Os dados do Projeto ALiB são um precioso acervo da fala popular, cotidiana, livre de regras gramaticais ou preconceitos linguísticos e os dicionários aqui apresentados registram algumas das variantes aqui analisadas.

Algumas considerações

O estudo realizado demonstrou que, embora o *corpus* desta pesquisa se constitua de dados das capitais e do interior da Região Sul, há certa uniformidade na seleção lexical feita pelos informantes das diferentes regiões do país. O percentual de *terreno* no interior sulista é significativamente próximo ao de todas as capitais juntas, ou seja, com 97.2% em Santa Catarina, 98.4% no Rio Grande do Sul e 81.2% no Paraná. Tanto nas capitais, quanto no interior da Região Sul, o item *terreno* predomina como primeira e segunda respostas.

No Paraná, em sete cidades – Londrina (208), Terra Boa (209), Umuarama (210), Campo Mourão (212), Cândido de Abreu (213), Piraí do Sul (214) e Toledo (215) – obtivemos a variante *data*, item lexical já registrado em manuscritos paranaenses do século XVIII, mais precisamente em Paranaguá em documento de 1743: “Na melhor paraje que tem esta Villa para o seu aumento proueo si não goardaçe a tal *data* de chaonz”.

Em relação à etimologia lexical de *terreno*, observamos, conforme os dados dos dicionários online – Aulete online, Dicionário do Aurélio e Michaelis online – que o campo semântico para o item é vasto, sempre relacionado à terra e ao espaço territorial de qualquer propriedade. Pode receber o sentido figurado de disputa, sobretudo, a disputa é por terras, no entanto, há o retorno ao sentido de terreno, espaço, chão ou pedaço de terra.

Com este estudo, esperamos contribuir para outras pesquisas a respeito dos vários campos semânticos presentes no Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, com o propósito de, gradativamente, termos um retrato fiel da dinamicidade e da variabilidade da língua portuguesa falada no Brasil.

Referências

AULETE. **Dicionário online**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/terreno>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. **ALFA**, São Paulo, pp. 1-26, 1984.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Documento 3: projeto atlas linguístico do Brasil**. Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim (Orgs.). Salvador: Vento Leste, 2012.

MICHAELIS. **Dicionário online**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 09-11.

PAIM, Marcela. M. T. **A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB**. *In*: VI Simpósio Internacional de Estudo dos Gêneros Textuais, 2011, Natal. VI Simpósio Internacional de Estudo dos Gêneros Textuais. Natal: EDUFRRN, 2011. v. 1. p. 102-103.

SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge. **Pesquisas sobre o Léxico: Reflexões teóricas e aplicações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

SILVA, Caio Cesar Castro. Mecanismo de Conceptualização no Léxico. **SIGNUM: Estudos da Linguagem/Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina**. Londrina: EDUEL, 2012. p. 10-22.

A variação semântico-lexical no campo *vestuário e acessórios*: uma análise geossociolinguística com base no *corpus* do ALiB/Maranhão

Laryssa Francisca Moraes Porto (PIBIC/UFMA)

RESUMO: A língua é um fenômeno sociocultural heterogêneo e variável em função da ação de fatores como idade, sexo, localidade, escolaridade, classe social, entre outros. Nessa perspectiva, esta pesquisa, baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e da Geossociolinguística, tem o objetivo de investigar o léxico maranhense do campo Vestuário e Acessórios constitutivo do Questionário Semântico-Lexical – QSL do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB/ Maranhão. O *corpus* deste trabalho é constituído, mais especificamente, pelas respostas dadas às questões 188 a 193 do QSL do ALiB. Do ponto de vista metodológico, foram selecionados 16 informantes, sendo oito informantes da I faixa etária (18 a 35 anos) e oito da II faixa etária (50 a 65 anos) de ambos os sexos, com ensino fundamental incompleto de quatro municípios maranhenses: São Luís, Tuntum, Imperatriz e Alto Parnaíba. Como resultado desta pesquisa, constatou-se, por exemplo, que a variante *grampo* é mais recorrente no Norte do estado enquanto no Centro maranhense houve maior ocorrência de *presilha*.

PALAVRAS-CHAVE: *ALiB/Maranhão; vestuário e acessórios; Geossociolinguística.*

Introdução

Ao considerar a língua como heterogênea, dinâmica e mutável, reconhece-se que fatores extralinguísticos, como os sociais e os geográficos, influenciam o uso dos diversos níveis linguísticos.

O nível lexical, mais especificamente, é compreendido, de forma geral, como uma coleção de palavras que constitui todas as línguas do mundo. Antunes (2012, p. 27) ressalta a indiscutível importância desse nível de análise da língua, pois, assim como não existe uma língua sem um conjunto de regras — a gramática —, não existe uma língua sem léxico.

Ratificando e ampliando a importância desse nível, o processo de nomeação gerado pelos falantes de uma língua proporciona o conhecimento de suas crenças, valores, hábitos e heranças, pois o léxico reflete as características próprias dos grupos de fala.

Segundo Isquierdo e Krieger (2004, p. 11):

Na história das diferentes civilizações, a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura.

Considerando as pesquisas realizadas no âmbito do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, constata-se que a realização de pesquisas sobre a variação no campo *Vestuário e Acessórios* ainda é restrita. Como consequência, o objetivo principal deste trabalho foi

observar as lexias usadas no campo *Vestuário e Acessórios* do ALiB-MA¹⁴ a fim de identificar e analisar os fatores extralinguísticos que influenciam os usos dessas lexias.

Para uma análise mais apurada dos fatos a que este estudo se propôs, esta pesquisa está alicerçada nos princípios teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geossociolinguística.

De forma geral, fez-se, em um primeiro momento, o levantamento dos dados obtidos, no campo *Vestuário e Acessórios*, nos municípios de Alto Parnaíba, Imperatriz, São Luís e Tuntum, constitutivos do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB/MA. Em seguida, foram analisadas as variantes lexicais encontradas nesse campo com o intuito de verificar os fatores extralinguísticos que, de fato, influenciam os usos dessas lexias no Maranhão. Para melhor visualização, as localidades foram distribuídas por mesorregiões e microrregiões, segundo tabela abaixo.

Tabela - Distribuição dos municípios por mesorregiões

MESORREGIÃO	MUNICÍPIO	Microrregião
Norte	São Luís	Microrregião Aglomeração Urbana de São Luís
Centro	Tuntum	Microrregião do Alto Mearim e Grajaú
Oeste	Imperatriz	Microrregião Imperatriz
Sul	Alto Parnaíba	Microrregião Geral de Balsas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2017)

Pesquisas desta natureza porte permitem conhecer os usos regionais do português brasileiro e os fatores que os influenciam ou determinam, promovendo a valorização de um povo pelos usos que faz de sua língua.

Metodologia

Os estudos da Dialetoлогия e da Geossociolinguística foram fundamentais para a observação das especificidades de uso do português do Maranhão. Esses dois campos de estudo dão o aporte teórico e metodológico necessários para a análise dos fatores extralinguísticos que condicionam os usos das lexias pertencentes ao campo semântico-lexical *Vestuário e Acessórios*, do ALiB-MA.

De forma geral, pode-se afirmar, com base em Cardoso (2010, p. 15), que a Dialetoлогия tem como objetivo o estudo das diversidades linguísticas de acordo com sua distribuição no espaço geopolítico e que, com a evolução dos estudos dialetológicos, surgiu a Geossociolinguística ou Dialetoлогия Pluridimensional, pois havia a necessidade de conhecer minuciosamente os fatores sociais que exerciam influência na língua dentro de uma delimitação geográfica.

Para garantir a análise comparativa dos dados recolhidos, alguns procedimentos metodológicos foram estabelecidos pelo ALiB a partir desses aportes teórico-metodológicos. Para as entrevistas, com exceção das capitais¹⁵, são selecionados quatro informantes por localidade (município): um homem e uma mulher da faixa etária I (18 a 30 anos) e um homem e uma mulher pertencentes à faixa etária II (50 a 65 anos). Esses

¹⁴Nesta pesquisa, serão considerados quatro municípios, um de cada mesorregião, que fazem parte da rede de pontos de investigação do ALiB no Maranhão, a saber: São Luís, Tuntum, Imperatriz e Alto Parnaíba.

¹⁵ Nas capitais brasileiras estudadas pelo ALiB, são selecionados oito informantes, quatro com nível superior e quatro com ensino fundamental, obedecendo-se as faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65). São Luís, assim como as outras capitais estudadas pelo ALiB, possui oito informantes – quatro com nível fundamental incompleto e quatro com ensino superior – porém, nesta pesquisa, foram considerados apenas os informantes com nível fundamental.

informantes não devem ter passado 1/3 da sua vida em outra localidade, devem ter cursado até o 5º ano do ensino fundamental e, preferencialmente, não devem ter cômjuge de outra localidade, pois esses fatores interferem na realização linguística.

É necessário obedecer a esses critérios estabelecidos para a escolha dos informantes para que se possa dar ao trabalho realizado um aparato científico que permita ao pesquisador a análise e a comparação dos dados, como enfatiza Cardoso (2010, p. 19):

A recolha de dados, *in loco*, é feita a informantes cujo perfil deve permitir não só apurar a diferenciação de usos, como também dar destaque às variáveis consideradas relevantes para o objetivo que se visa alcançar com o trabalho. Assim, idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem-se variáveis que, na perseguição de aspectos socioculturais, a dialetologia busca controlar e identificar.

Os instrumentos de coleta dos dados são os questionários – Questionário Fonético-Fonológico, Questionário Semântico-Lexical, Questionário Morfosintático, Questões de Pragmática, Perguntas Metalinguísticas, Texto para Leitura e Temas para Discurso Semidirigido. O Questionário Semântico-Lexical – QSL é elaborado para favorecer, do melhor modo possível, a compreensão dos informantes para evitar duplos sentidos. Esse questionário contém 14 campos semânticos: Acidentes Geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e Tempo; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo Humano; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Religião e crenças; Jogos e diversões infantis; Espaço e habitação; Alimentação e cozinha; Vida urbana e o campo *Vestuário e Acessórios*, objeto de estudo desta pesquisa. Estes campos semântico-lexicais compõem 202 questões do QSL do ALiB.

No que diz respeito ao campo *Vestuário e Acessórios*, é composto por seis questões (188 a 193). Neste trabalho, foram analisadas apenas as questões 191 (referente a *rouge*) - a 192 (referente a *grampo*). Por meio das respostas dadas à Questão 191, busca-se identificar no discurso dos informantes a manifestação da variação diageracional de acordo com Mota *et al* (2014, p.85).

Após a seleção, os informantes conversam com os inquiridores — pesquisadores que fazem as perguntas e conduzem a interlocução — respondendo oralmente às questões que compõem o QSL do ALiB. *A posteriori*, esse material, registrado em gravadores, é copiado em CD e, em seguida, as respostas são transcritas grafemática e foneticamente, em um documento em *Word*.

Após as pesquisas bibliográficas, a identificação e a análise dos dados, foi elaborado um gráfico, e em seguida, uma carta linguística para proporcionar a melhor visualização dos dados obtidos.

Análise dos dados

A investigação qualitativa proporciona reconhecer como os grupos sociais utilizam as unidades lexicais, por exemplo, no campo *Vestuário e Acessórios* dentro de um espaço geopolítico. Para esta pesquisa, foram considerados os fatores diastráticos – diageracional e diassexual – e o fator diatópico.

Compartilhando das ideias de Brandão (1991, p. 6), ao falar, o usuário da língua deixa transparecer informações próprias de sua realidade, revelando a comunidade de fala à qual pertence, seu grupo socioeconômico, grau de escolaridade, sexo e idade.

Variações denominativas para o objeto que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas

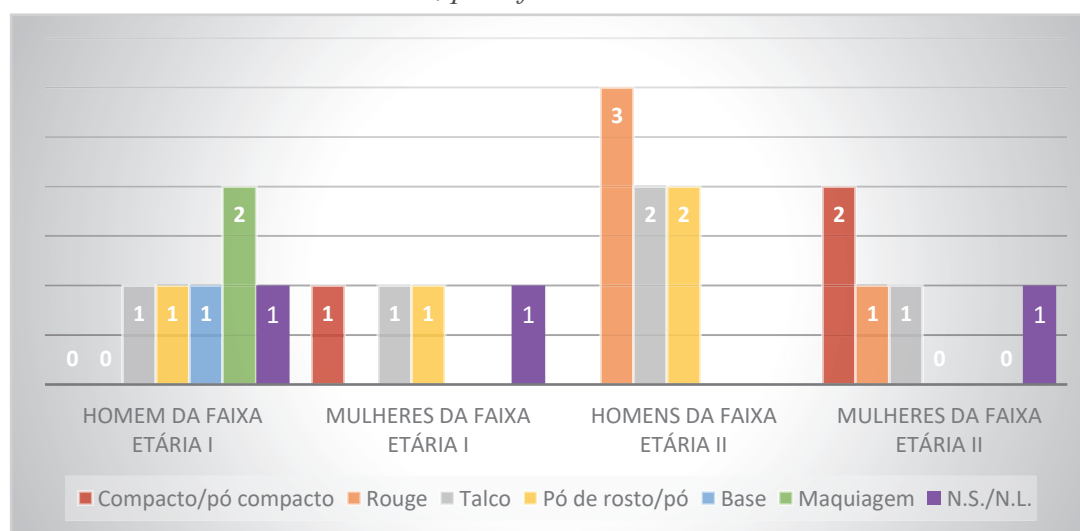
Em relação às respostas fornecidas para a questão 191 do ALiB, foram encontradas, no Maranhão, sete variantes: *rouge*; *compactu/ pó compactque*; *pó de rosto/ pó*; *talco*; e *maquiagem* (hiperônimo). Dessas respostas obtidas, apenas *rouge* e suas variações fonéticas são consideradas válidas pelo ALiB¹⁶, entretanto, nesta pesquisa, apresentam-se outras formas lexicais recolhidas para ressaltar que houve um desconhecimento maior dessa variante por parte dos informantes do sexo feminino da faixa etária I (18 a 30 anos) e da faixa etária II (18 a 30 anos), isso revela que as mulheres estão mais propícias a receber novas unidades lexicais e tendem a tirar do seu vocabulário lexicais mais antigas para a referida questão do campo *Vestuário e Acessório*. É provável que a interferência das empresas de cosméticos promova o aparecimento e o uso de novas formas lexicais para a questão citada.

Constatou-se que, quando um informante não sabia ao certo o nome específico do item referente à questão, optava pelo uso da lexia *maquiagem*. Dentro do campo semântico, então, essa unidade é considerada um hiperônimo, pois apresenta um sentido mais abrangente. Essa unidade apareceu, sucessivamente, na fala dos homens da faixa etária I.

Rouge é uma lexia de origem francesa que foi incorporada ao português brasileiro, fenômeno que acontece naturalmente nas línguas em uso. A unidade lexical *rouge* foi encontrada, com grande frequência, na fala dos homens mais velhos, indicando que os homens tendem a preservar mais do que as mulheres esta lexia.

Outras denominações muito produtivas registradas foram *pó de rosto/ pó* e *talco* por fazerem alusão aos materiais que compõem o item em questão e por serem denominações muito usadas para nomear os objetos cosméticos. Os informantes selecionados para esta pesquisa possuem apenas o nível básico de ensino, o que possibilita supor que o fator escolaridade também interfira no desconhecimento de algumas variantes por parte de alguns informantes.

Gráfico - Variações denominativas para o objeto que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas



Fonte: Elaborado pelas autoras

¹⁶Metodologicamente, para a questão 191 do QSL, o Atlas Linguístico do Brasil reconhece como pertinentes apenas as variações lexicais *rouge*, *carmim* e *blush*.

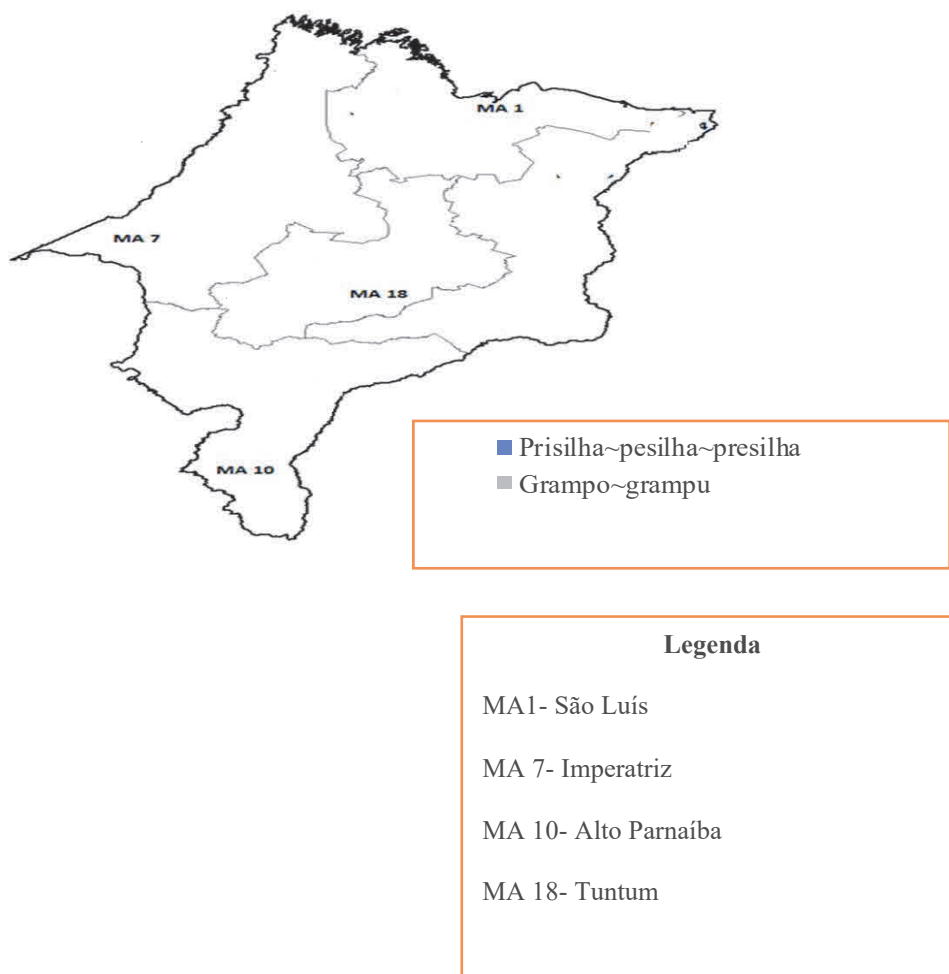
Variações denominativas para o *objeto fino de metal para prender o cabelo*

As respostas fornecidas pelos informantes para a questão 192 do ALiB foram as seguintes lexias e suas variantes fonéticas: *presilha~pesilha~prisilha* e *grampo~grampu*.

Em Imperatriz e em Tuntum, os informantes registraram, em maior quantidade, a variante lexical *presilha*, a qual mais apresentou variação fonética. Em São Luís, capital do estado, a variante *grampo* mostrou-se estável, pois todos os informantes, independentemente de idade ou sexo, realizaram em seus discursos o uso dessa unidade lexical. Já em Alto Parnaíba, observou-se que as duas variantes estão em conflito, pois, segundo Tarallo (2001, p.9), a língua é exposta como um campo de batalha no qual as duas formas de dizer a mesma “coisa” lutam entre si para, para assim, saber qual destas formas se manterá no discurso dos usuários.

De forma geral, pode-se dizer que a variação diastrática não influenciou significativamente nas formas denominativas para o *objeto fino de metal para prender o cabelo*, já em relação à variação diatópica, o espaço geográfico atuou de forma significativa no uso das variantes como é visto na carta abaixo.

Carta linguística referente às lexias *grampo* e *presilha*¹⁷



¹⁷Fonte: Elaborado pelas autoras

É por meio da língua que se pode conhecer a diversidade de determinado povo, as diferentes formas e como se estrutura no contexto das realidades geográficas. Cardoso (2010, p. 15), assim, evidencia as variações das regiões:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Conclusão

O Brasil possui um vasto território geográfico e recebeu influência de diversos grupos étnicos. Assim, pensar em uma língua uniforme é utopia. Os falantes das diversas regiões do país adaptam a língua em uso para atender às suas particularidades.

Refletir sobre a língua como instrumento de identidade e como fonte de memória do imaginário de uma comunidade faz pensar no léxico não só como um agrupamento de palavras, mas sim, como uma representação de como a língua tende a comportar-se para atender às necessidades de determinada época, lugar e/ou para pessoas de diferentes gêneros, por exemplo.

Os trabalhos nas áreas dos estudos linguísticos precisam continuar sendo desenvolvidos e os seus resultados, discutidos no meio acadêmico e escolar, para que se possa conhecer e valorizar as variações do português brasileiro/maranhense sem o estigma que as acompanham.

As unidades lexicais identificadas e analisadas, nesta pesquisa, proporcionaram a constatação da diversidade e expressividade de variantes lexicais no campo *Vestuário e Acessório* no estado do Maranhão.

Observou-se que as variantes deste campo semântico variam geograficamente, como é o caso de *grampo* – mais comum no norte do estado – e *presilha* – mais utilizada no centro maranhense. No sul e no oeste do estado, observou-se que existem duas variantes em batalha, pois as duas são usadas com o mesmo valor de verdade. Contatou-se que os homens da faixa etária II tendem a preservar mais a lexia *rouge* que as mulheres da mesma faixa etária, suspeita-se que por ser um objeto mais comum para as mulheres, os homens sofrem menos interferência do mercado cosmético e, nesta perspectiva, tendem a preservar mais a lexia *rouge* que as mulheres. Os informantes mais novos dos dois sexos não apresentaram um conhecimento da variante *rouge*, evidenciando uma variação também diageracional.

Estudar o léxico maranhense permitiu conhecer melhor esse povo sem o estigma social linguístico revestido, em muitos casos, com um conceito gramatical de certo e de errado. Pesquisas neste nível devem dar suporte aos lexicógrafos para a entrada de novos lexemas nos dicionários, e assim, proporcionar materiais que reflitam a língua *in loco*.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Ed. Parábola, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza. Camargo. **A estrutura do léxico e a organização do conhecimento**. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/17049/11065. Acesso em: 20 de março de 2017.

BRANDÃO, Silvia. Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010

ISQUERDO, Aparecida Negri. e OLIVIERA, Ana Maria Pinto Pires. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande- MS: Editora UFMS, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande-MS: Editora UFMS vol.2, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.

MOTA, Jacyra Andrade *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**, v. 1. Londrina: EdUEL, 2014.

PAIM, Marcela Moura Torres Paim. **A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB**. Disponível em: www.cchla.ufrn.br/visiget/MarcelaMouraTorresPaimUFBA). pdf. Acesso em: 09 de fevereiro 2017.

As designações para alguns animais no Projeto ALiB

Larissa Santos Deomondes (PIBIC/FAPESB)

RESUMO: O trabalho tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa vinculada ao Projeto de Pesquisa “Descrevendo áreas dialetais brasileiras: revisitando o ‘Falar Baiano’ - Fase 1”, que se centraliza no estudo do léxico e na descrição da variação diatópica, bem como busca a identificação de regiões dialetais brasileiras, em especial a reidentificação e subdivisão do “Falar Baiano” (NASCENTES, 1953; RIBEIRO, 2012). Trata-se de pesquisa vinculada ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) que prevê uma “revisitação” à área do “Falar Baiano” descrita por Ribeiro (2012), utilizando-se outras questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB. A recolha dos dados tomou por base as Questões 67, 68, 69 e 70 do QSL, que preveem como resposta algumas variantes para *Galinha d’angola*, *Papagaio*, *Galinha sem rabo* e *Cachorro sem rabo*. Os dados serão apresentados por meio de gráficos e cartas linguísticas. Foram analisadas 22 localidades da Bahia, dos Pontos 081 (Juazeiro) ao 102 (Caravelas), que integram a rede de localidades do Projeto ALiB, incluindo a capital; reuniram-se 92 informantes, divididos em faixa etária, sexo e escolaridade. Através dos dados obtidos, buscou-se averiguar o registro ou não registro das lexias nos dicionários Houaiss (2009), Michaelis (1998) e Caldas Aulete (2008), a fim verificar a extensão de uso e entender o significado dessas denominações no português do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Dialetologia; Léxico; Língua Portuguesa.*

Introdução

As culturas ao redor do mundo apresentam-se plurais, isso porque são construídas de formas diferentes, dependendo de inúmeros fatores, como seu país, sua história e seu povo. A língua não é diferente, pois, para se desenvolver e mudar, precisa de influências sociais, políticas, econômicas, geográficas e até mesmo motivações internas ao indivíduo como sua mente.

A pesquisa aqui apresentada tem como foco as variantes linguísticas para as aves – *Galinha d’angola*, *Papagaio* e *Galinha sem rabo* – e para *Cachorro sem rabo* na Bahia, a fim de observar sua distribuição diatópica e, por meio da análise do comportamento das lexias dentro dos dicionários Houaiss (2012), Michaelis (1998) e Caldas Aulete (2008), compreender sua origem, seu significado no português brasileiro e sua extensão no uso.

Fundamentação teórica

A língua portuguesa no Brasil apresenta uma grande diversidade de falares, visto que sua construção etnocultural aconteceu por meio de imigração de povos estrangeiros, como europeus da Ibéria – portugueses e espanhóis –, da Europa Central – como italianos e alemães –, povos africanos escravizados originários de inúmeros países, populações asiáticas, além dos povos ameríndios que já habitavam o local com a chegada dos portugueses em abril de 1500.

Todos esses povos de origem e cultura diferentes se inter-relacionaram, gerando uma grande miscigenação na construção populacional brasileira. Para Mattos e Silva

(2004), a influência das línguas africanas e indígenas teve um papel importante na diversidade linguística do português no Brasil, trazendo como reflexão as questões que fizeram com que muitas línguas desses povos fossem “abandonadas” em detrimento do português, língua de prestígio. Porém, ressalta-se aqui que essas línguas deixaram marcas, principalmente no léxico do português brasileiro.

Essa diversidade linguística pode ser analisada por meio dos dialetos. Ferreira e Cardoso (2001) comentam a existência de diferenças internas dentro de determinado sistema linguístico, como, por exemplo, as diferenças diatópicas, que consistem em comportamentos específicos dos falantes que vivem em determinadas regiões. Com relação a essas diferenças diatópicas, as autoras propõem uma definição de dialeto, que depende da delimitação de isoglossa, que se entende como “[...] uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas [...]” (Ferreira e Cardoso, 2001, p.13). Sendo assim, dialeto é: “[...] um feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras [...]” (FERREIRA; CARDOSO, 2001, p. 16).

Assim, a Dialectologia estudará os dialetos, isto é, estará em busca dessas relativas homogeneidades dentro de uma língua, aplicando seu método, a Geolingüística, o qual consiste na criação de cartografias linguísticas sobre esses fenômenos dialetológicos. Mota (2016) destaca que houve várias tentativas de divisão de áreas dialetais no Brasil, sendo uma delas a divisão feita por Antenor Nascentes (1953), cuja delimitação parte de dois falares: o do Norte e o do Sul. Além disso, subdivide esses dois falares: o do Norte em dois – falar amazônico e nordestino –, e o do Sul em quatro – falar baiano, fluminense, mineiro e sulista.

Com o propósito de estudar os dialetos, surge em 1996 o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que retoma o objetivo do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, encarregando a elaboração de um atlas que trouxesse a realidade linguística do país à Casa de Rui Barbosa. Desse modo, o ALiB, por meio de um extenso questionário que envolve fenômenos como os fonéticos, os semântico-lexicais e morfossintáticos, busca entender como funciona o vernáculo brasileiro, podendo por esses dados ratificar ou refutar a divisão dialetal de Nascentes.

Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio dos inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nas 22 localidades do Estado da Bahia. Os informantes são distribuídos em ambos os sexos, pertencentes a duas faixas etárias (faixa I, de 18 a 35 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos) e com seguintes escolaridades: 1) no interior – fundamental; 2) na capital – fundamental e universitário. Levam-se em conta as respostas para quatro questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB – 067, 068, 069 e 070.

Após a escuta dos inquéritos, realizou-se um trabalho de quantificação e de observação do comportamento das variantes apresentadas para as questões delimitadas acima, comportamento esse que se apresentará neste artigo por meio da composição de gráficos e cartografia.

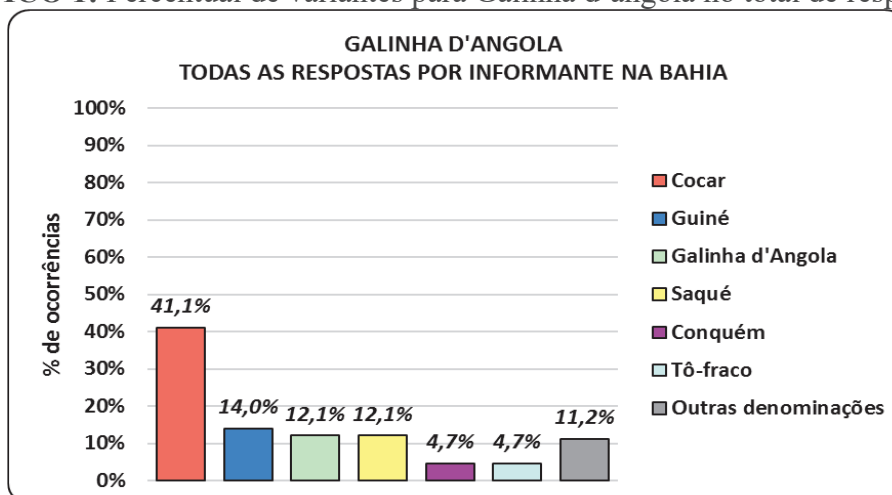
Com a coleta de dados dessas questões, foram comparadas as definições constantes de três dicionários: Michaelis (1998), Caldas Aulete (2008) e Houaiss (2009).

Análise dos dados

Galinha-D'angola

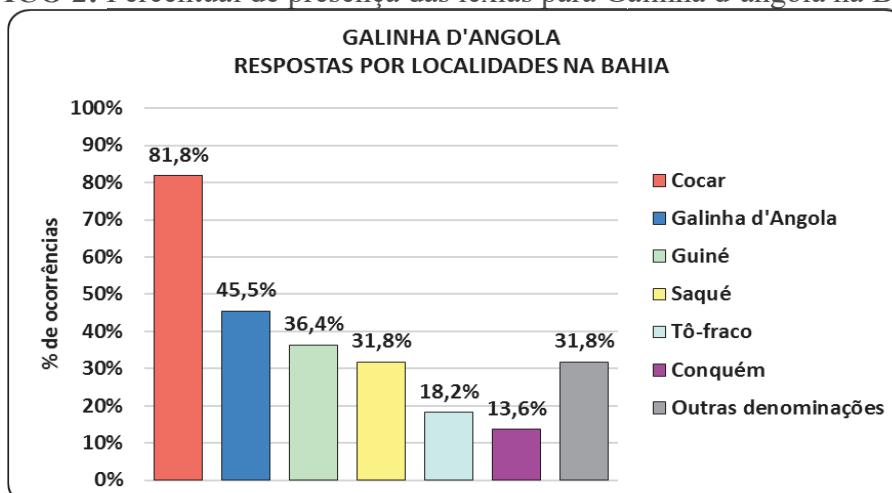
As respostas obtidas mediante a Questão 067 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) – “Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.27) –, forneceram os dados para a elaboração dos Gráficos 1 e 2:

GRÁFICO 1: Percentual de variantes para Galinha d'angola no total de respostas.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

GRÁFICO 2: Percentual de presença das lexias para Galinha d'angola na Bahia.



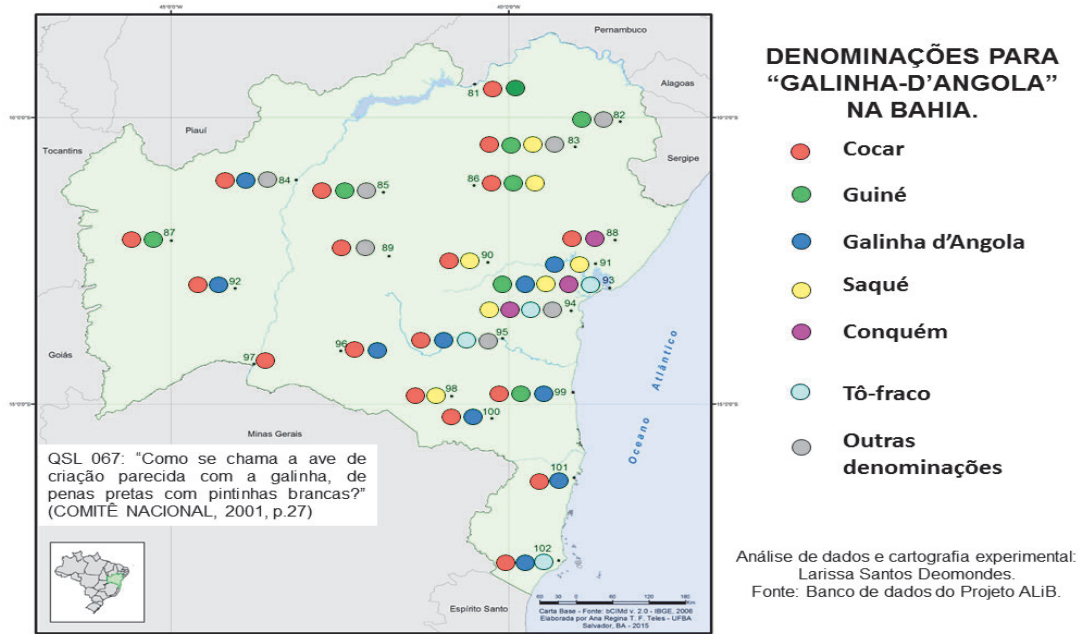
Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

Foram obtidas 124 respostas de 92 informantes; os Gráficos 1 e 2, além da carta experimental, mostram o predomínio da variante *cocar* (41,1% do total de ocorrências), com abrangência em praticamente todo interior baiano (presente em 18 localidades de 22 – 81,8%). Os resultados demonstraram a presença de outras lexias. Observando-se o Gráfico 1, verifica-se que a segunda variante mais usada é *guiné* (com 14%), seguida de *galinha d'angola* e *saqué* (ambas com 12,1%), *conquém* e *tô-fraco* (ambas com 4,7%) e *outras denominações* (com 11,2%).

Já no Gráfico 2, que revela o “percentual de frequência nas localidades”, a segunda variante aparece como *galinha d'angola* (com 45,5%), vindo posteriormente

guiné (com 36,4%), *saqué* (com 31,8%), *tô-fraco* (com 18,2%), *conquém* (com 13,6%) e outras denominações, sendo essas as outras unidades lexicais que apareceram apenas uma ou duas vezes (com 31,8%). Após a análise dos gráficos, acima foi desenvolvida uma carta experimental, mostrando a distribuição das variantes pelo território do Estado da Bahia, conforme ilustra a Figura:

FIGURA 1: Distribuição das variantes para Galinha d'Angola no território da Bahia.



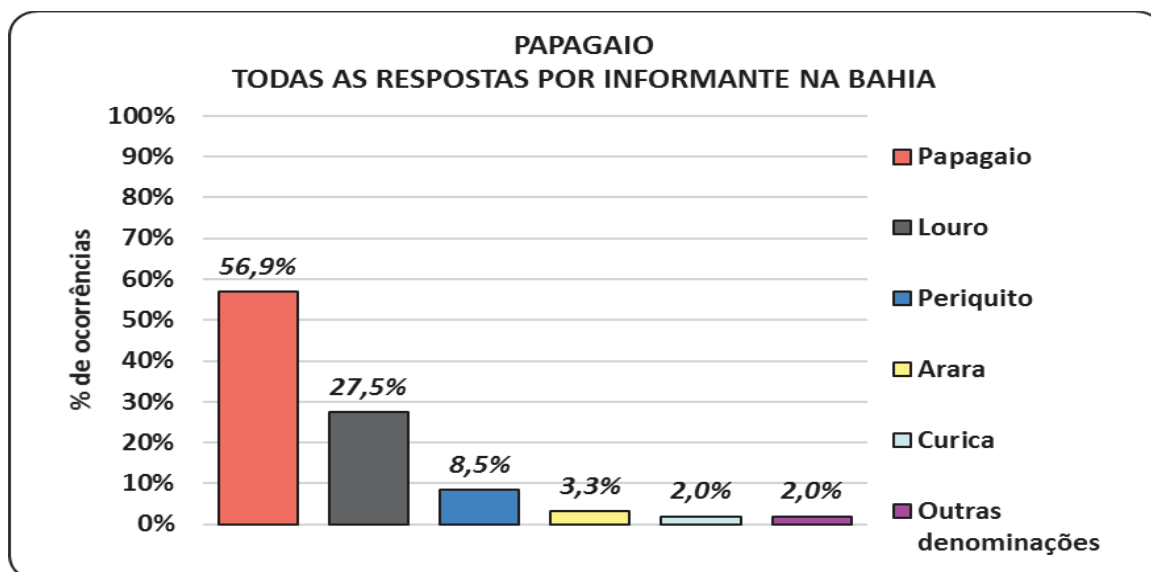
Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

As denominações *cocar* e *galinha d'angola* são as unidades lexicais que predominam no território baiano. *Cocar* aparece na maioria das localidades, menos em quatro: uma localizada no extremo Norte (Ponto 82 – Jeremoabo) e as outras três no Recôncavo Baiano (Pontos 91 – Santo Amaro, 93 – Salvador e 94 – Valença). *Galinha d'angola* aparece em 10 localidades que se estendem do Sul até a parte ocidental, ficando de fora a parte Norte Oriental. A variante *guiné* concentra-se no Centro-Norte da região, enquanto *tô-fraco* está na área do Recôncavo Baiano, em Salvador (Ponto 93), Valença (94), na parte Sudeste Central do Estado, nas margens do Rio de Contas, correspondente a Jequié (Ponto 95) e litoral Sul, em Caravelas (Ponto 102). Por outro lado, *conquém* não só ocorre na capital (Ponto 93), mas também em localidades próximas, mais precisamente em Valença (Ponto 94) e em Alagoinhas (Ponto 88). Por fim, *outras denominações* foram registradas em sete localidades nas regiões Central e Norte.

Papagaio

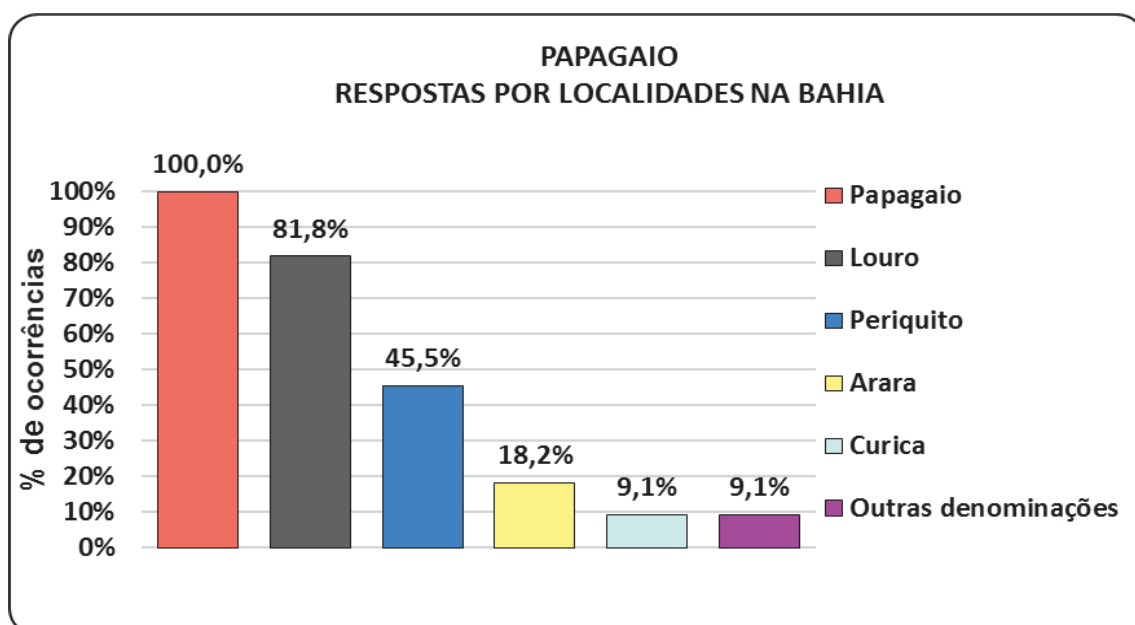
Na Bahia, como resposta à Questão 068 do QSL – “Como se chama a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?” (COMITÊ NACIONAL, 2001, p. 27) –, obtiveram-se as seguintes respostas demonstradas nos Gráficos 3 e 4:

GRÁFICO 3: Percentual de presença das variantes para Papagaio no total de respostas.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

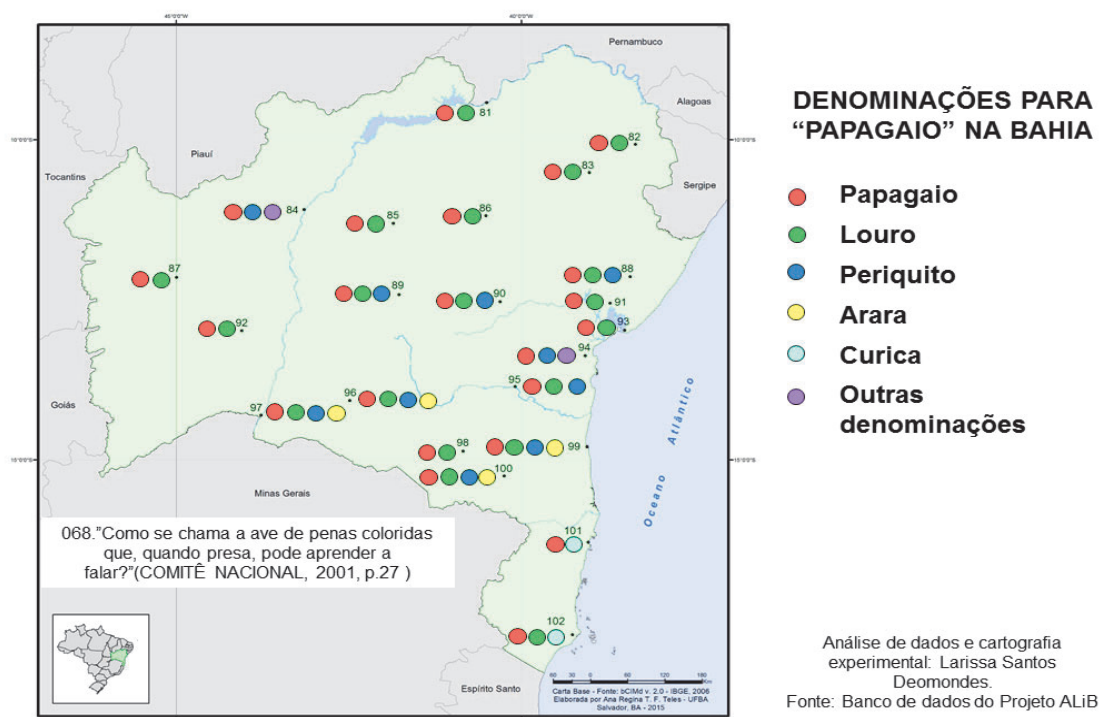
GRÁFICO 4: Percentual de presença das lexias para Papagaio na Bahia.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

Percebe-se que a predominância, tanto com relação à frequência de respostas, quanto a de localidade, é para a lexia *papagaio* para a ave. Na Tabela 3, que traz o percentual de respostas no total dos informantes, *papagaio* aparece com 56,9%, seguida de *louro* (27,5%), *periquito* (8,5%), *arara* (3,3%), *curica* (2,0%) e, por fim, *outras denominações* (2,0%). Já no Gráfico 4, observa-se a frequência dessas variantes dentro do Estado da Bahia. Assim, *papagaio* aparece em 100% das localidades, *louro* em 81,8%, *periquito* em 45,5%, *arara* em 18,2%, *curica* em 9,1% e *outras denominações* em 9,1%.

FIGURA 2: Distribuição das variantes para Papagaio no território da Bahia.



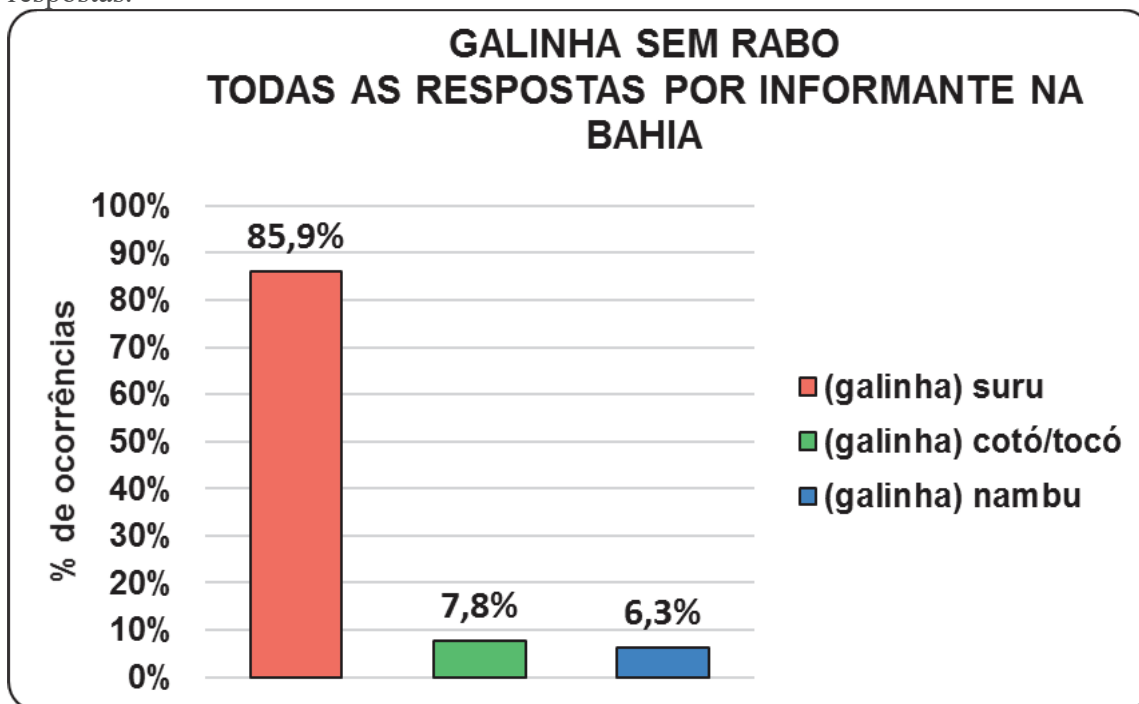
Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

Papagaio aparece distribuída por todo território do Estado, enquanto *louro* não aparece apenas em três Pontos: 84 (Jeremoabo), 94 (Valença) e 101 (Santa Cruz Cabrália). Já *arara* aparece em quatro Pontos localizados em sua parte Centro-Occidental, englobando os Pontos 96 (Caetité), 97 (Carinhanha), 99 (Ilhéus) e 100 (Itapetinga). O uso de *curica* fica restrito a duas localidades no Sul do Estado, sendo encontrada nos Pontos 101 (Santa Cruz Cabrália) e 102 (Caravelas).

Galinha Sem Rabo

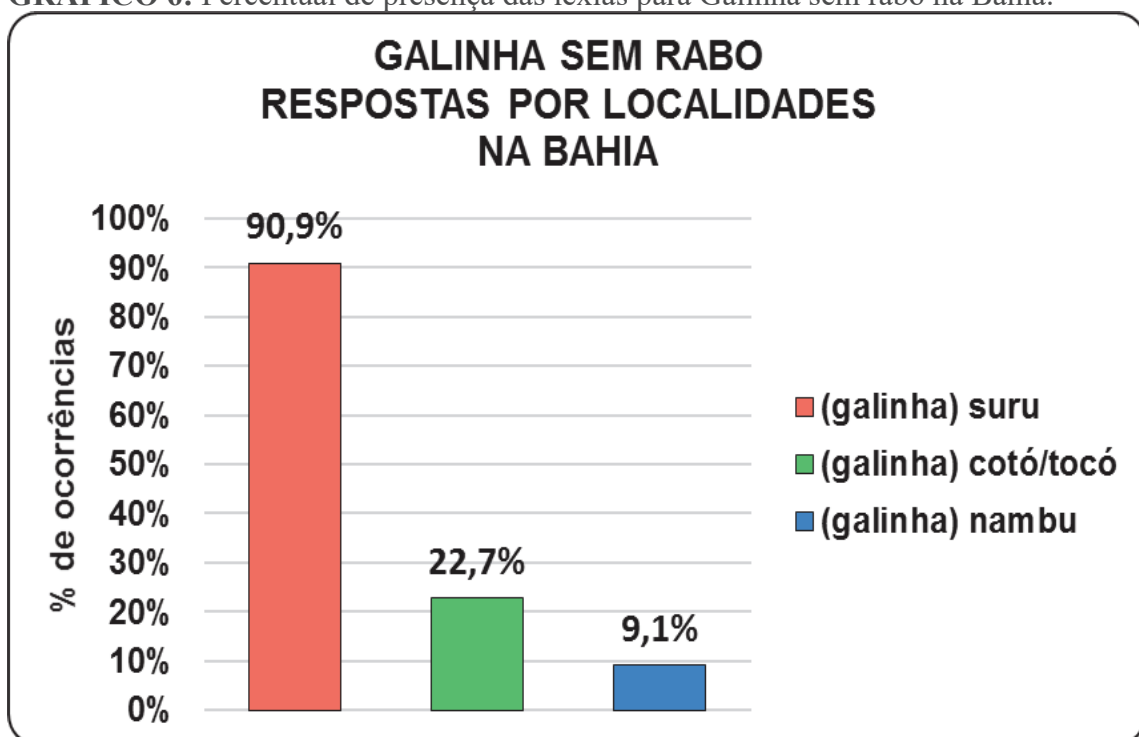
Questionou-se como se chama "uma galinha sem rabo" (COMITÊ NACIONAL... 2001, p. 27), representante da questão 69 do QSL do ALiB. Obtiveram-se como respostas: *galinha suru* (85,9% do total de respostas), *galinha cotó* (6,6%), *galinha nambu* (5,3%). Assim como mostra o Gráfico 5:

GRÁFICO 5: Percentual de presença das variantes para Galinha sem rabo no total de respostas.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

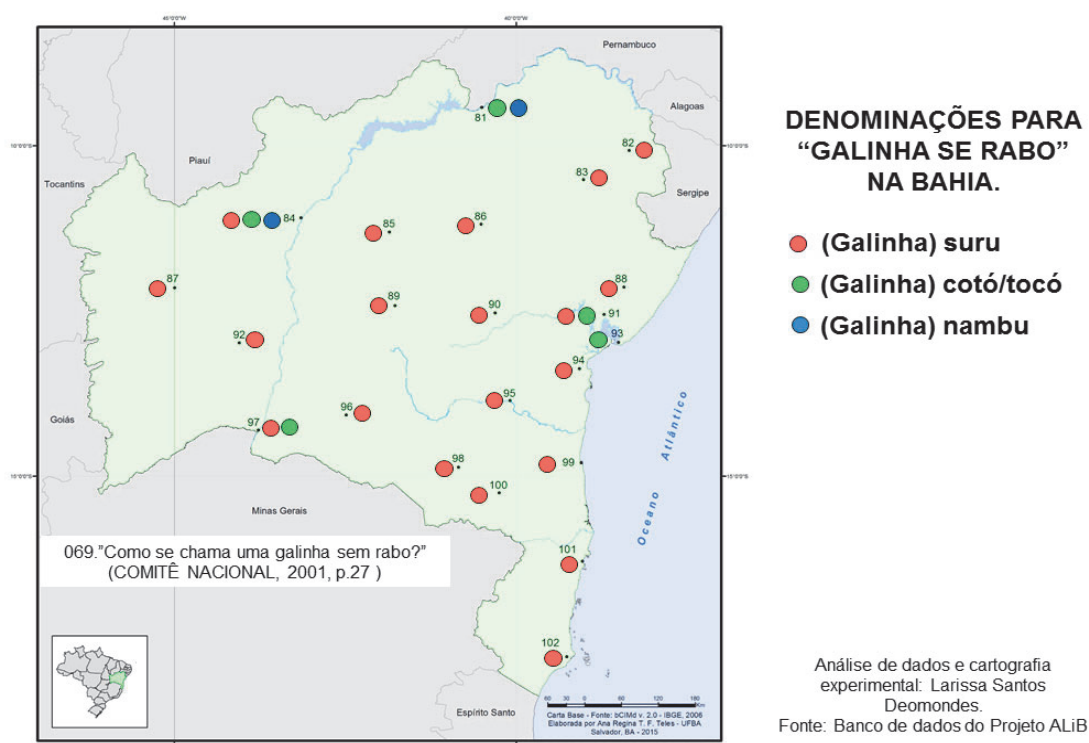
GRÁFICO 6: Percentual de presença das lexias para Galinha sem rabo na Bahia.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

Com relação ao Gráfico 6, que representa a frequência das respostas pelas localidades do Estado da Bahia, observa-se que a predominância é, também, da variante *galinha suru*, que apareceu em 90,9% das cidades, enquanto *galinha cotó* em 22,7% dos Pontos e *galinha nambu* em 9,1%. A Figura 3 deixa isso bem claro:

FIGURA 3: Distribuição das variantes para Galinha Sem Rabo no território da Bahia.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

Galinha sura não aparece apenas em duas localidades, o Ponto 93 que corresponde à capital baiana, Salvador, e o Ponto 81, Juazeiro, mais ao Norte do Estado, localizado na fronteira entre a Bahia e Pernambuco, mostrando que esse local pode apresentar um comportamento linguístico mais parecido com o Estado de Pernambuco, exatamente por se localizar nesse ponto limítrofe entre os Estados.

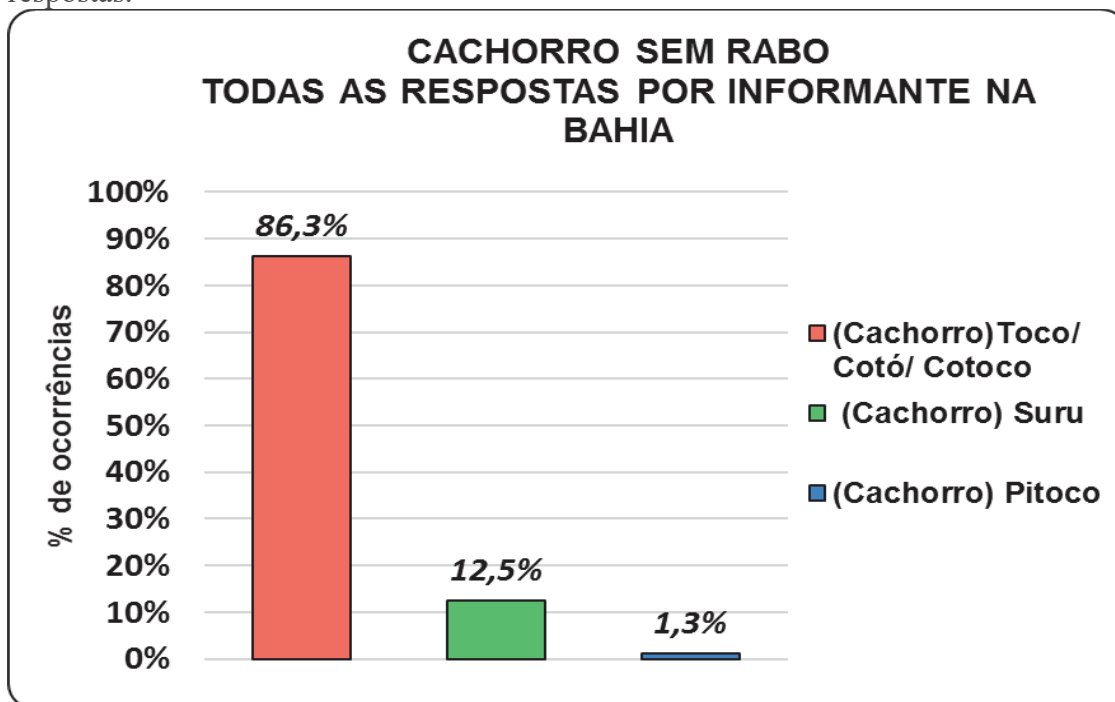
Localizado em quatro regiões diferentes, *galinha cotó* apresenta-se: 1) no Recôncavo da Bahia, nos Pontos 091 e 093; 2) no limite entre a Bahia e Pernambuco, no Ponto 81; 3) nas margens do Rio São Francisco, ao Noroeste do Estado, no Ponto 84; 4) na fronteira com o Estado de Minas Gerais, também às margens do Rio São Francisco, na Região Centro-Oeste da Bahia, referente ao Ponto 097, correspondente à cidade de Carinhanha.

Galinha nambu apareceu em apenas duas localidades, sendo essas situadas no Norte do Estado. O primeiro ponto localiza-se na cidade de Barra, já o segundo ponto está voltado para Pernambuco, no ponto 81, Juazeiro.

Cachorro Sem Rabo

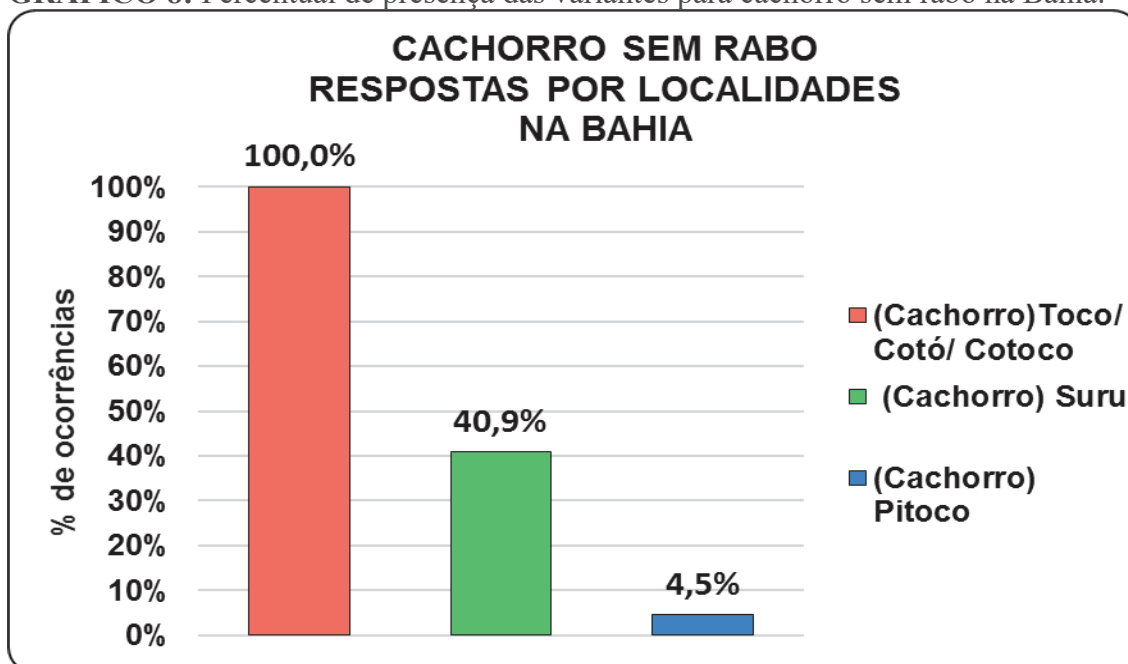
Da questão 070 do QSL – “Como se chama um cachorro de rabo cortado?” (COMITÊ NACIONAL, 2001, p. 27) –, resultaram as seguintes variantes demonstradas nos Gráficos 7 e 8:

GRÁFICO 7: Percentual de presença das variantes para cachorro sem rabo no total de respostas.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

GRÁFICO 8: Percentual de presença das variantes para cachorro sem rabo na Bahia.



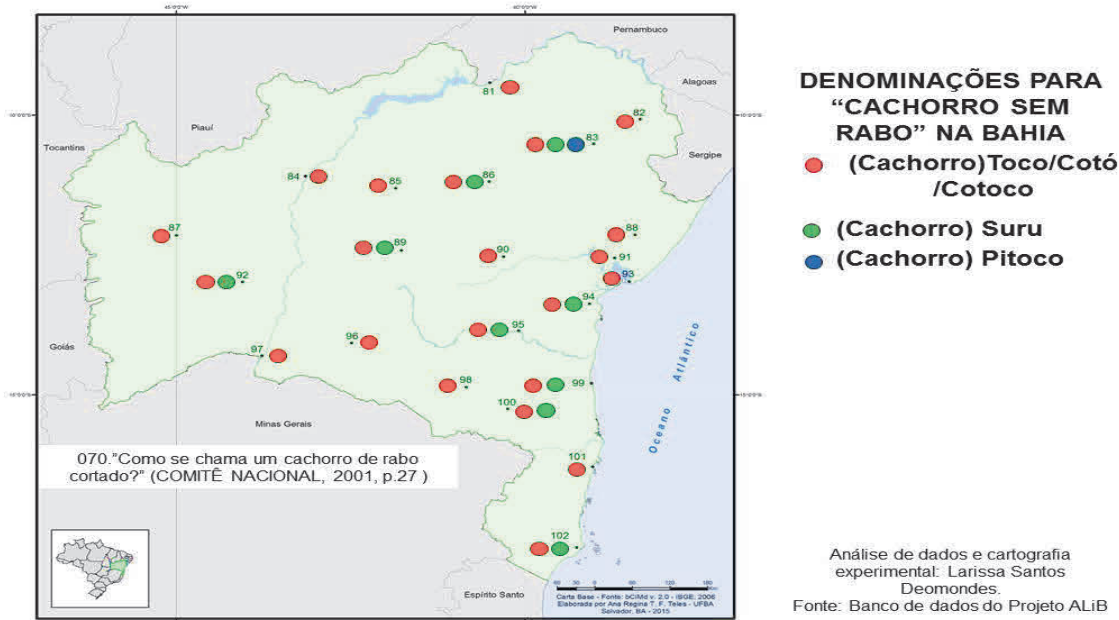
Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

Compreende-se que a lexia que apresenta maior frequência, tanto dentro das respostas totais, quanto nas respostas por localidade, é *cachorro toco*, incluindo-se aí as as lexias *toco*, *cotó* e *cotoco*.

Analisando o Gráfico 7, entende-se que *cachorro toco* apresenta-se com 86,3%, seguida de *cachorro suru* (com 12,5%) e *cachorro pitoco* (1,3%). No Gráfico 8, tem-se *cachorro toco* presente em 100% das localidades baianas, em sequência *cachorro suru*

(em 40,9%) e *cachorro pitoco* (em 4,5%). Vê-se melhor a distribuição espacial das variantes na Bahia na Figura 4:

Figura 4 - Distribuição das variantes para cachorro sem rabo no território da Bahia.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do ALiB.

Cachorro toco está presente em todas as cidades do Estado, enquanto *cachorro suru* surge em nove localidades, estando a maioria delas presentes na parte central da Bahia, abrangendo os Pontos 83 (Euclides da Cunha), 86 (Jacobina), 89 (Seabra), 92 (Santana), 94 (Valença), 95 (Jequié), 99 (Ilheus), 100 (Itapetinga) e 102 (Caravelas). Enfim, *cachorro pitoco* está apenas em uma localidade, no Ponto 83, no Norte da Bahia.

Dicionarização

A partir dos dados coletados na pesquisa, analisaram-se as variantes, encontradas nas cartografias e gráficos acima, nos dicionários Houaiss (2009), Caldas Aulete (2008) e Michaelis (1998); conseqüentemente, desenvolveram-se dois quadros por questão do QSL para facilitar o entendimento: 1) os Quadros 1, 3, 5 e 7 contêm informações com relação à dicionarização das variantes, sendo D. para dicionarizado, N.D. para não dicionarizado e (*) para as variantes dicionarizadas que não têm um verbete próprio, sendo citadas em outros verbetes como usos possíveis de encontrar aquela lexia no território brasileiro; 2) os quadros 2, 4, 5 e 8 contêm dados sobre a possível origem dessas palavras.

Galinha-D’angola

Foram encontradas 108 respostas válidas, as quais contêm 17 variantes, sendo dez alocadas na categoria “outras denominações” por causa da baixa frequência e seis analisadas e desenvolvidas através dos gráficos e cartografias. Com isso, analisando as seis lexias cartografadas nos dicionários anteriormente citados, desenvolveu-se os quadros 1 e 2.

QUADRO 1: Galinha-d'angola e suas variantes quanto à dicionarização no Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis.

Variante	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2008)	Michaelis (1998)
Cocar	D.	D.	D.
Conquém	(*)	D.	N.D.
Galinha-d'Angola	D.	D.	(*)
Guiné	D.	D.	D.
Saqué	(*)	D.	D.
Tô-fraco	(*)	D.	D.

QUADRO 2: Galinha-d'agola e suas variantes quanto a sua etimologia, de acordo com Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis.

Variante	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2008)	Michaelis (1998)
Cocar	Do francês <i>cocarde</i> que vem da palavra francesa <i>coq</i> que significa 'galo'	Do francês <i>cocarde</i> .	Regionalismo do Piauí e da Bahia. Do Francês <i>cocarde</i> .
Conquém	Não comentado	Brasileirismo, uma onomatopeia para representar o canto da ave.	Não comentado
Galinha-d'Angola	Não comentado	Não comentado	Não comentado
Guiné	Etimologia top. <i>Guiné</i> .	Do topônimo <i>Guiné</i>	Da topografia <i>Guiné</i> .
Saqué	Não comentado	Brasileirismo	Não comentado
Tô-fraco	Não comentado.	Nome originário da imitação do canto dessa galinha.	Palavra que imita o canto dessa galinha.

Cocar foi encontrada nos três dicionários com o mesmo sentido de galinha-d'angola. Quanto à etimologia (c.f. Quadro 2): a palavra vem do francês *cocarde* que, de acordo com o Houaiss, vem de *coq* que significa *galo*. Compreende-se, assim, a entrada de palavras advindas de línguas europeias sendo integradas à comunicação dos brasileiros.

A palavra *conquém* aparece dicionarizada em dois dicionários, porém apresenta um verbete próprio apenas no Caldas Aulete, sendo na outra obra, o Houaiss, citada no verbete “galinha-d'angola”. Conforme se vê no Quadro 2, trata-se de uma onomatopeia, isto é, *conquém* seria o som produzido pela galinha.

Galinha-d'angola encontra-se nas três obras, com verbete próprio no Houaiss e no Caldas Aulete. No dicionário Michaelis (1998) aparece citada no verbete galinha como “[...] ave galinácea originada da África, também conhecida por guiné [...]” (p. 1009). Já *guiné* aparece em todos os três dicionários, tendo como origem da unidade lexical o topônimo Guiné. Por ser uma ave de origem africana, é muito provável que essa variante tenha aparecido através da suposição do seu país de origem (Angola para *galinha-d'angola* e Guiné para *guiné*).

Saqué aparece registrada em todos os dicionários pesquisados, sendo encontrado um verbete específico no Caldas Aulete e no Michaelis. No Houaiss foi citada no verbete "galinha-d'angola" como uma forma diferente de denominar essa ave. No Caldas Aulete e no Houaiss, observa-se que *saqué* é um brasileirismo para a ave e, no Michaelis, foi encontrada como *sacuê*.

Por fim, tem-se *tô-fraco* que consta das três obras como *estou-fraco*, com o sentido de *galinha-d'angola*. Verifica-se que, no Caldas Aulete e no Michaelis, a motivação para o uso desta lexia é, assim como o do *conquém*, a onomatopeia, ou seja, é a imitação ao canto da ave.

Papagaio

A ave apresenta plumagem colorida, que pode aprender a imitar a voz humana, pronunciando palavras e até mesmo frases inteiras, sendo uma ave psitaforme, isto é:

[...] ave constituída [...] (de) bico robusto, tão longo quanto alto, língua carnuda e grossa, dois dedos medianos voltados para a frente (...), há uma só família brasileira, a dos psitacídeos, que compreende os papagaios, araras e periquitos (MICHAELIS, 2008, p. 1726).

Assim, a coleta de dados desta pesquisa teve como objetivo obter variantes para denominar esta ave. Para o desenvolvimento desta análise, precisou-se filtrar das 153 respostas válidas, correspondentes às oito variantes, das quais cinco – *arara*, *curica*, *louro*, *papagaio* e *periquito* – foram pesquisadas nos três dicionários, conforme ilustram os Quadros 3 e 4:

QUADRO 3: Papagaio e suas variantes quanto à dicionarização no Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis.

Variante	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2008)	Michaelis (1998)
Arara	D.	D.	D.
Curica	D.	D.	D.
Louro	D.	D.	D.
Papagaio	D.	D.	D.
Periquito	D.	D.	D.

QUADRO 4: Papagaio e suas variantes quanto à dicionarização no Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis.

Variante	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2008)	Michaelis (1998)
Arara	Do tupi que é um nome comum a diversas aves de porte grande.	Do tupi.	Do tupi.
Curica	Do tupi (<i>kuruca</i>), que é uma variedade de papagaio.	Brasileirismo.	Não comentado.
Louro	Etimologia controversa, talvez do maori nori.	Origem controversa, talvez do maori nori.	Não comentado.
Papagaio	Etimologia controversa.	Origem controversa.	Não comentado.
Periquito	Vem do espanhol <i>periquito</i> , cuja palavra vem de <i>perico</i> uma espécie de papagaio	Do espanhol <i>perico</i> .	Não comentado.

Arara tem sua etimologia advinda do tupi e, de acordo com o Houaiss, é um nome comum a diversas aves de porte grande. *Curica* aparece como ave de grande porte,

chamada, também no Michaelis, como *papagaio-do-mangue*, tendo sua etimologia tupi *kuruca*, que é uma variedade de papagaio.

Louro aparece como o mesmo que papagaio, com a origem controversa, mas os dicionários Houaiss e Caldas Aulete acreditam que tenha vindo do maori nori. *Papagaio* sendo da família dos psitacídeos é uma ave de penas coloridas e que consegue imitar a voz humana, identificada em todos os dicionários pesquisados. *Periquito* tem sua etimologia do espanhol *perico*.

Galinha Sem Rabo

Conforme a Questão 069 do QSL reproduzida, os informantes deram 76 respostas válidas, sendo seis variantes obtidas, porém quatro foram as mais frequentes e foram as analisadas na pesquisa, correspondendo às lexias: *galinha sura*, que comporta as variações fonéticas *suruca*, *suru*, *surenga*, *suruva* e *surunga*; *galinha cotó*, que contém a variante *tocó*; e *galinha nambu*.

QUADRO 5: Galinha sem rabo e suas variantes quanto à dicionarização no Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis.

Variante	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2008)	Michaelis (1998)
Cotó	D.	D.	D.
Nambu	D.	D.	D.
Suru	D.	D.	D.
Toco/tocó	D.	D.	D.

QUADRO 6: Galinha sem rabo e suas variantes quanto à etimologia no Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis.

Variante	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2008)	Michaelis (1998)
Cotó	Etimologia da palavra latina <i>cubitus</i> que significa 'cotovelo'.	Não comentado.	Não comentado.
Nambu	Do tupi <i>Inhambu</i> .	Do tupi <i>inambu</i> .	Do tupi <i>inambú</i> .
Suru	Não comentado.	De origem 'obscura'.	Regional da Bahia, mas não comenta sua etimologia.
Toco/tocó	Origem duvidosa.	Origem obscura.	Origem desconhecida.

Cotó foi encontrada em todos os três dicionários no sentido de membro amputado ou animal que não tem rabo. Houaiss diz que a etimologia de cotó vem do latim *cubitus*, que significa cotovelo.

Nambu vem da palavra tupi *inhambu* (no Houaiss) ou *inambú* (Caldas Aulete e Michaelis), sendo uma denominação comum para aves dos tinamídeos, que são: “[...] aves exclusivamente americanas, [...] que, no Brasil, recebem os nomes comuns de macuco, inambu, inhambu ou nambu [...]” (MICHAELIS, 2008, p. 2066).

Quanto a *suru*, presente nas três obras com referência a animal sem cauda, o Michaelis comenta que a variante é um regionalismo da Bahia. *Tocó* foi encontrado no

dicionário Houaiss como *toco* [ô], no Caldas Aulete, tanto como *toco* [ô], quanto como *tocó*. No Caldas Aulete, *toco* [ô] tem origem obscura/duvidosa, enquanto *tocó* seria uma metátese – troca de elementos fônicos entre sílabas – de *cotó*.

Cachorro Sem Rabo

Foram obtidas 84 respostas pertinentes, equivalentes a cinco variantes: *cotó*, *cotoco*, *pitoco*, *suru* e *toco/tocó*, que estão representadas nos Quadros 7 e 8.

QUADRO 7: Cachorro sem rabo e suas variantes quanto à dicionarização no Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis.

Variante	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2008)	Michaelis (1998)
Cotó	D.	D.	D.
Cotoco	D.	D.	D.
Pitoco	D.	D.	D.
Suru	D.	D.	D.
Toco/tocó	D.	D.	D.

QUADRO 8: Cachorro sem rabo e suas variantes quanto à etimologia no Houaiss, Caldas Aulete e Michaelis.

Variante	Houaiss (2009)	Caldas Aulete (2008)	Michaelis (1998)
Cotó	Da palavra latina <i>cubitus</i> que significa 'cotovelo'	Não comentado	Não comentado
Cotoco	Conforme Nascentes, do cruzamento de <i>coto</i> e <i>toco</i> .	Junção de <i>coto</i> e <i>toco</i> , segundo Nascentes.	Não comentado.
Nambu	Do tupi <i>Inhambu</i>	Do tupi <i>inambu</i> .	Do tupi <i>inambú</i>
Pitoco	Junção de <i>pito</i> e <i>-oco</i> .	Proveniente de <i>pito</i> .	Origem desconhecida.
Suru	Não comentado.	De origem 'obscura'.	Regionalismo da Bahia,
Toco/tocó	Origem duvidosa.	Origem obscura.	Origem desconhecida.

Cotoco mostra-se como membro amputado ou parte deste, tendo sua origem, de acordo com Houaiss e o Caldas Aulete, citando Nascentes, do cruzamento de *coto* e *toco*.

Encontrada nos três dicionários, *pitoco* apresenta várias acepções, inclusive a de animais que têm rabo curto ou cortado (no Caldas Aulete). O Houaiss e o Caldas Aulete comentam que *pitoco* teria vindo da palavra *pito* com sufixo *-oco*.

Suru foi documentada em todos os dicionários pesquisados. Quanto a sua origem, o Caldas Aulete diz que sua etimologia é “obscura”, porém apenas o Michaelis comenta que essa variante é um regionalismo da Bahia. Em *toco* acontece a mesma situação descrita nas variantes para “galinha sem rabo”.

Considerações finais

O estudo exploratório do comportamento das variantes mostrou que, na fala dos baianos, a predominância é do uso de *cocar* e *galinha d'angola* para a ave galiforme;

papagaio e *louro* para a ave de penas coloridas; *galinha sura* para galinha sem rabo e *cachorro toco* para cachorro sem rabo. Percebe-se que há diversas influências na fala, na construção e uso das unidades lexicais. Desse modo, a pesquisa nos dicionários Houaiss (2009), Michaelis (1998) e Caldas Aulete (2008) demonstrou que o conjunto lexical do português brasileiro recebeu contribuição de diversas etnias, como a indígena, a francesa, a espanhola e até mesmo a maori, sendo essa pesquisa mais um reflexo da diversidade linguística do país.

Referências

CALDAS AULETE, F. J. de. **Dicionário Aulete**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008. Disponível em: <<http://aulete.com.br>>.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 2. Londrina: Eduel, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 2001**. Londrina: Eduel, 2001.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialectologia no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma Socio-história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas Dialectais Brasileiras. *In*: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos Anos de Linguística do Brasil**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 321-357.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura-Instituto Nacional do Livro, 1963.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TREVISAN, Rosana *et al.* **MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

As variantes do item lexical diabo registradas pelo Atlas Linguístico do Brasil na fala do sul de Minas Gerais

Brenda Vivian Bovo (G-UEL)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar as respostas à questão 147 (Deus está no céu e no inferno está...?) do Questionário do Projeto Atlas linguístico do Brasil - ALIB, dadas pelos 32 informantes das oito localidades situadas no sul de Minas Gerais: Uberlândia, Patos de Minas, Campina Verde, Passos, Formiga, Lavras, Poços de Caldas e Itajubá. Trata-se de pesquisa quantitativa e qualitativa alicerçada nos princípios da Geolinguística, da Sociolinguística Variacionista e da Lexicologia. Os dados foram analisados a partir das variáveis: localidade de origem, sexo e faixa etária do informante e os resultados, apresentados em tabelas, quadros, cartas linguística e gráficos.

PALAVRAS-CHAVE: *Atlas Linguístico do Brasil, Diabo, Variação linguística.*

Introdução

Em todos os momentos, nós criamos uma forma de interação com o meio em que vivemos e passamos a nomear os seres à nossa volta. Como vivemos em lugares e contextos históricos diferentes, os nomes dados mudam de um grupo de indivíduos para outros e essa diversidade ocorre devido a aspectos sociais e históricos, como a origem, o local de nascimento, o sexo, a faixa etária, a escolaridade, a cultura, entre outros fatores. Para Biderman (2006), é a partir dessas nomeações que as entidades da realidade podem ser identificadas e, a partir dos nomes dados, é criado um universo para a linguagem.

A tentativa de comunicação, seja verbal ou não verbal, por meio de figuras, desenhos, danças, sons, gestos, expressões fisionômicas, entre outras, é inerente ao ser humano.

Utilizada em momentos e contextos sociais adequados, a linguagem pode ser grande aliada no processo de comunicação. Um meio recente de comunicação é a internet, que trouxe novas expressões, por exemplo, os conhecidos *emotions*, palavra derivada do inglês, que demonstra a emoção do momento, e as abreviações, que retratam a correria do dia a dia. Essas diferentes formas de linguagem podem ser incorporadas definitivamente à linguagem informal, mas também podem ter uma vida curta entre os falantes.

Embora tenhamos a consciência de que a língua não admite o que é “certo” ou “errado, não é una, mas diversa e tem uma função comunicativa e interativa, observamos que nem sempre as diferentes formas de expressão verbal em Língua Portuguesa são vistas sem preconceitos. É comum ouvir que “nós, brasileiros, não sabemos português”, ou que falar de um modo diferente é “errado”. No contraponto da comunicação, está a gramática normativa cujo papel fundamental é estabelecer a unidade da língua nacional, a sua forma “padrão”, utilizada nos meios de comunicação oficial, nas escolas, meios públicos, entre outros.

A dimensão territorial de nosso país favorece a variação linguística de tal modo que é comum vermos e ouvirmos palavras em determinado local cujo significado não conhecemos, ou nomes atribuídos a referentes que conhecemos por outra denominação.

Quanto ao grau de escolaridade, sabemos que muitas pessoas não têm a oportunidade de frequentar uma escola ou faculdade, tendo pouco acesso à norma culta, enquanto indivíduos mais escolarizados têm mais contato com essa modalidade de língua, conhecendo assim uma variante mais prestigiada e podendo contar com um vocabulário mais amplo.

Outro fator que pode determinar distinções na fala refere-se ao sexo do falante, pois, embora atualmente a mulher tenha conquistado mais espaços na sociedade, ainda pode-se observar uma diferença no vocabulário utilizado por ela e um homem: a este é permitido usar uma linguagem mais solta, mais grosseira, ao passo que a mulher pode sofrer discriminação se não policiar sua linguagem, evitando termos grosseiros e chulos. Em relação à região de origem ou a localização, nascemos e crescemos em contato com determinado grupo social que tem seus modos próprios de falar e seus “sotaques”, e assim vamos absorvendo os mesmos hábitos linguísticos da comunidade em que estamos inseridos e nos apropriando das diferentes normas ali vigentes.

Um dos métodos mais adequados para registrar a variação diatópica são os atlas, daí a sua enorme importância para o conhecimento e estudo da variação linguística em dada cidade, estado ou país. Por meio do atlas, é possível verificar os diversos nomes dados ao mesmo objeto, ou as diferentes formas de pronúncia da mesma palavra. O modo de falar do paranaense distingue-se do falar do gaúcho, do alagoano e do paraense, por exemplo. Mas não precisamos nem nos referir a dois estados diferentes, pois, se compararmos a fala das pessoas naturais de Londrina com a das nascidas em Curitiba, ambas do estado do Paraná, vamos verificar que elas diferem tanto no léxico, como na fonética, na morfossintaxe, entre outros aspectos da linguagem. Em Curitiba, por exemplo, nomes como “penal”, “vina” e “mimosa” são atribuídos a referentes que aqui têm outras denominações: estojo escolar, salsicha e mexirica.

Considerando que a língua sofre variações e mudanças devido aos diversos fatores já apontados, propomos neste artigo verificar as denominações atribuídas ao *diabo*, obtidas por meio das respostas dadas à Questão do QSL do Atlas Linguístico do Brasil: “Deus está no céu e no inferno está ___?”, por falantes do sul de Minas Gerais. Trata-se de pesquisa baseada no banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014) que contempla a fala de quatro informantes de cada uma das oito localidades do sul de Minas Gerais, selecionadas para esta reflexão: Uberlândia, Patos de Minas, Campina Verde, Passos, Formiga, Lavras, Poços de Caldas e Itajubá.

Diabo: dicionarização, descrição e análise

A figura do diabo, pelo menos no meio cristão, é uma figura desprezível e temerosa. No site <http://biblia.com.br/perguntas-biblicas/demonios/o-que-a-biblia-diz-sobre-o-demonio-ou-diabo/> consta que:

Os demônios são anjos caídos que servem a Satanás. A Bíblia diz em Apocalipse 12:9 “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele.” Os demônios são poderosos, mas são restringidos por Deus. A Bíblia diz em Marcos 1:27 “E todos se maravilharam a ponto de perguntarem entre si, dizendo: Que é isto? Uma nova doutrina com autoridade! Pois ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!” Jesus pode exercer autoridade sobre os demônios. (...) Se nos submetemos a Deus e resistimos a Satanás, ele (Satanás) fugirá de nós. A Bíblia diz em Tiago 4:7 “Sujeitai-vos, pois, a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós.”

Buscando no dicionário de Ferreira (2004), o autor, na entrada *diabo*, remete a *demônio*. Neste verbete, o autor expõe que o termo vem do grego *daimónion*, pelo lat. *tar. daemoniu*. Como primeira acepção, esclarece: “Nas crenças da Antiguidade e no politeísmo, gênio inspirador, bom ou mau, que presidia o caráter e o destino de cada indivíduo; alma, espírito”. A segunda acepção de Ferreira tem a ver com as crenças ocidentais: “Nas religiões judaica e cristã, anjo mau que, tendo se rebelado contra Deus, foi precipitado no Inferno e procura a perdição da humanidade; gênio ou representação do mal; espírito maligno, espírito das trevas; Lúcifer, Satanás, Satã, Diabo”.

Sabemos que o homem se serve de signos para nomear seres, objetos, sentimentos, emoções. Segundo Biderman (1999), “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. A designação e a nomeação dessas realidades criam um universo significativo revelado pela linguagem”.

Ainda, nas palavras da autora, verificamos que:

O léxico de uma língua constitui, portanto, uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes às entidades perceptíveis e apreendidas no universo cognoscível, o homem as classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam estes referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais (<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>).

Assim, o processo de nomear a realidade está intimamente ligado à cultura de uma comunidade de fala e pode levar a diferentes formas de designar seres e objetos dessa realidade. É o que buscam a Sociolinguística e a Geolinguística quando investigam a variação linguística: as várias formas de dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade.

O *corpus* desta pesquisa constitui-se das respostas dadas a essa questão, em oito localidades do sul de Minas Gerais, em cada uma das quais foram entrevistados quatro informantes, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, dois na faixa etária de 20 a 35 anos, e dois entre 50 e 65 anos. O Quadro 1 mostra a distribuição dos informantes segundo o sexo e a faixa etária.

Quadro 1 - Idade mínima e máxima dos informantes analisados.

Informante	Faixa Etária	Sexo
01	I (20-35 anos)	Masculino
02	I (20-35 anos)	Feminino
03	II (50-67 anos)	Masculino
04	II (50-67 anos)	Feminino

Fonte: Quadro elaborado pela autora com os dados do ALiB.

Todos os informantes têm apenas o Grau Fundamental de Escolaridade, mas com anos diferentes de permanência na escola, conforme expomos no Quadro 2:

Quadro 2 – Variação do nível de escolaridade dos informantes.

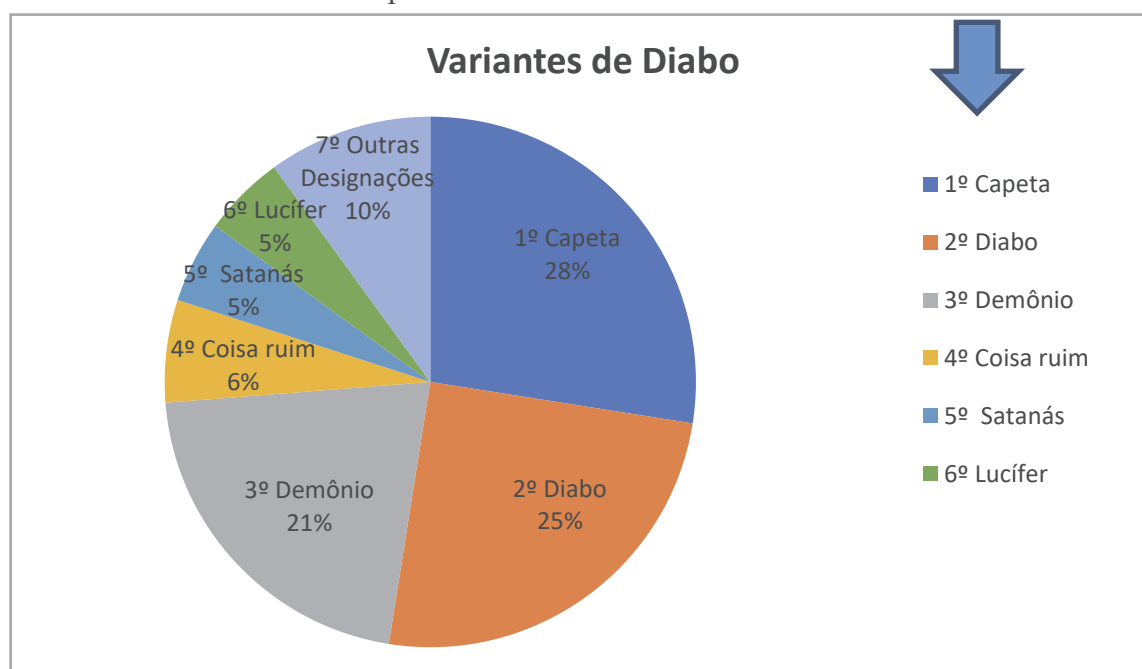
Localidade	Variação do nível de escolaridade
Uberlândia	da 3ª série à 8ª do ensino fundamental
Patos de Minas	da 4ª série à 7ª do ensino fundamental
Campina Verde	da 4ª série à 8ª do ensino fundamental
Poços de Caldas	da 4ª série à 8ª do ensino fundamental
Itajubá	da 4ª série à 8ª do ensino fundamental
Formiga	da 2ª série à 8ª do ensino fundamenta
Passos	da 4ª série do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio
Lavras	da 4ª série do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio

Fonte: Quadro elaborado pela autora com os dados do ALiB.

Nota-se que apenas dois dos 32 informantes estavam cursando o 1º ano do Ensino Médio, mas todos frequentaram escolas do Fundamental, ou seja, todos tiveram algum contato com a norma culta ensinada pela escola.

O *corpus* constitui-se de 65 dados, o que significa que cada informante registrou mais de uma forma para denominar o *diabo*. A variante mais produtiva foi *capeta* com 18 ocorrências, seguida de *diabo* com 16, *demônio* com 14, *coisa ruim* com quatro, *satanás* três, *lúcifer* dois e *satã*, *trem*, *bicho*, *saru/sare*, *arquimedes*, *exu/inchu*, *capiroto* e *saravá* com uma ocorrência cada. A partir desses dados construímos o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Variantes léxicas para denominar o *diabo*.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com os dados do ALiB.

As *outras designações* correspondem às ocorrências únicas e estão demonstradas no Quadro 3.

Quadro 3 - Designações com menores índices de ocorrência para o *diabo*

Outras Designações	Ocorrências
Archimedes	1
Bicho	1
Capiroto	1
Exú/Inxú	1
Saravá	1
Saru/Sare	1
Satã	1
Trem	1

Fonte: Tabela elaborada pela autora com os dados do ALiB.

De posse do acervo das variantes coletadas, buscamos em Ferreira (2004) as formas dicionarizadas.

O Quadro 4 traz as variantes e seus significados de acordo com o dicionário de Ferreira (2004).

Quadro 4 – Significado das variantes dicionarizadas em Ferreira (2004).

Variação lexical	Denominação
Capeta	Fam. 1. V. (2) <i>diabo</i> .”
Diabo	V. <i>demônio</i> (2 a 7)
Demônio	Nas crenças da Antiguidade e no politeísmo, gênio inspirador, bom ou mau, que presidia o caráter e o destino de cada indivíduo; alma, espírito”. 2. Nas religiões judaica e cristã, anjo mau que, tendo se rebelado contra Deus, foi precipitado no Inferno e procura a perdição da humanidade; gênio ou representação do mal; espírito maligno, espírito das trevas; Lúcifer, Satanás, Satã, Diabo”.
Coisa ruim	13. Bras. Pop. V. <i>diabo</i> (2).
Satanás	O diabo; Belzebu, Satã.
Lúcifer	Um dos nomes dados ao diabo.
Arquimedes	Em <i>arquimediano</i> : Relativo a Arquimedes (287-212 a.C.), sábio grego, considerado o maior matemático da Antiguidade.
Bicho	17. V. <i>diabo</i> (2).
Capiroto	Forma popular de demônio.
Exú	“Entidade espiritual, do candomblé ou da umbanda; porta-voz que conduz os pedidos oferecidos pelos homens aos Orixás.”
Saravá	Usa-se em saudações nos cultos afro-brasileiros. Variação de saravaô.
Sare	Em <i>saru</i> : [do tupi] Bras. AM. Diz-se de pessoa doida, inapta, ou coisa inutilizada, perdida, por efeito maléfico.
Satã	Satanás.
Trem	11. Bras. MG. Fam. Indivíduo sem préstimo ou de mau caráter; traste.

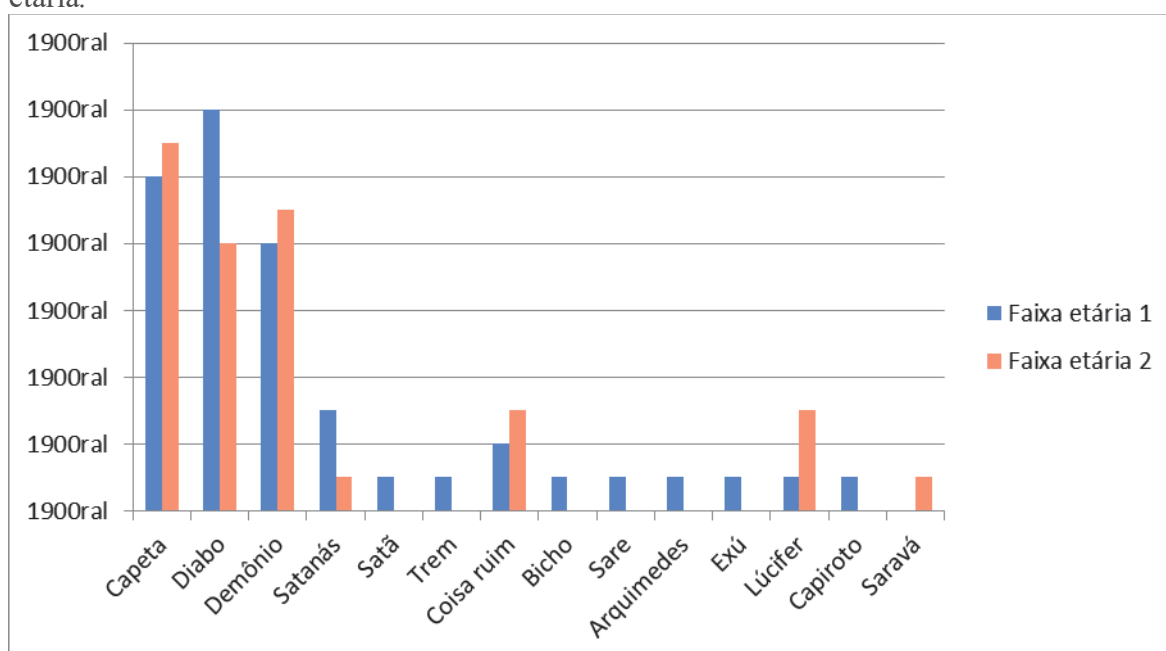
Fonte: Quadro elaborado pela autora com os dados do ALiB.

O Quadro 4 mostra que as formas *capeta*, *diabo*, *demônio*, *coisa ruim*, *satanás*, *lúcifer*, *bicho*, *capiroto* e *satã* constam de Ferreira (2004) com a acepção de *ente que habita o inferno*. Estes significados, na maioria dos casos, são a primeira ou a segunda acepção registrada no verbete. Outros, porém, não estão dicionarizados, mas seus

significados guardam algum traço sêmico que pode ser atribuído ao *diabo*, como *arquimedes*, em alusão ao sábio grego que, segundo consta, criou armas e artefatos inusitados, diabólicos, para a época, dentre eles, *enormes espelhos destinados a dirigir os raios solares sobre as velas dos navios inimigos, ateando-lhes fogo e enormes gruas para agarrar e virar as embarcações inimigas* (www.ebiografia.com/arquimedes/). *Saravá* e *exu*, embora em sua definição não guardem qualquer traço de semelhança com o *diabo*, são tomados, de forma preconceituosa, como agentes do mal. Pode-se entender a extensão do significado de *sare* e *trem* para designar o *diabo* devido aos semas *inutilidade, perdida, sem valor, maléfica*.

As análises seguintes dizem respeito à influência das variáveis extralinguísticas consideradas neste estudo. O gráfico 2 mostra as variantes distribuídas pela faixa etária dos informantes.

Gráfico 2 – Distribuição das variantes léxicas para denominar o *diabo*, segundo a faixa etária.

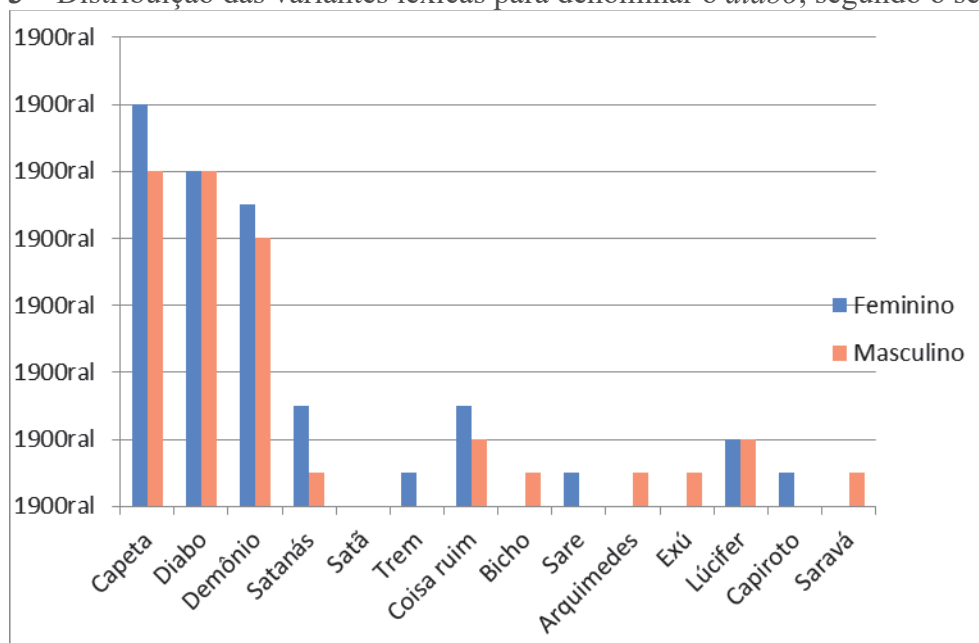


Fonte: Gráfico elaborado pela autora com os dados do ALiB.

Na análise diageracional, exposta no Gráfico 2, verificamos que os informantes da faixa etária 1, isto é, os mais jovens, apresentaram um número maior de denominações, registrando 13 das 14 variantes coletadas (exceto *saravá*). A faixa etária 2 concentrou-se nas formas: *capeta*, *diabo* e *demônio* e, com menores índices, registraram *coisa ruim* e *satanás*.

A análise diasssexual demonstrou que os homens reproduzem um número maior de variantes que as mulheres, como podemos observar no Gráfico3:

Gráfico 3 – Distribuição das variantes léxicas para denominar o *diabo*, segundo o sexo



Fonte: Gráfico elaborado pela autora com os dados do ALiB.

A análise baseada nos anos de escolaridade mostrou resultados bem heterogêneos entre os vários grupos, conforme verificamos na Tabela 2:

Tabela 2 – Número de respostas segundo o tempo de frequência na escola

Variações/Série	2 ^a F	3 ^a F	4 ^a F	5 ^a F	6 ^a F	7 ^a F	8 ^a F	1 ^o M	Total
Capeta	1	1	5	3	0	2	6	0	18
Diabo	1	2	2	3	1	3	4	0	16
Demônio	1	1	5	1	0	3	3	0	14
Coisa ruim	0	1	0	1	0	0	2	0	4
Satanás	0	0	0	0	0	2	1	0	3
Lúcifer	0	0	2	0	0	0	0	0	2
Satã	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Trem	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Bicho	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Sare	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Arquimedes	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Exú	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Capiroto	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Saravá	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Total	3	5	15	9	4	10	17	2	65

Fonte: Tabela elaborada pela autora com os dados do ALiB.

Amalgamando os dados de dois em dois anos de escolaridade, verificamos que as duas primeiras séries (2^a e 3^a) apresentam o menor número de variantes, ou seja apenas oito denominações, ao passo que as demais possuem um acervo maior de nomes para designar o diabo: 24 (4^a e 5^a), 14 (6^a e 7^a) e 19 (8^a e 1^a do Ensino Médio).

Conclusões parciais

Os dados coletados junto aos informantes das localidades do sul de Minas Gerais mostraram 14 variantes lexicais para o conceito *diabo*, tendo ou não este significado registrado como primeira acepção em Ferreira (2004). As variantes obtidas foram: *capeta, diabo, demônio, coisa ruim, satanás, Lúcifer, archimedes, bicho, capiroto, exú, saravá, sare, satã e trem*. Trata-se de denominações ora associadas às religiões cristãs, ora a entidades da umbanda ou do candomblé, mas com uma conotação negativa e preconceituosa, ora a tradições orais e históricas, como o caso de *arquimedes*, ora a uma designação hiperonímica regional mineira, como o caso de *trem*.

De acordo com a análise diageracional, a Faixa etária 1 apresentou um maior número de variantes em relação à Faixa Etária 2. Na análise diasssexual, o acervo das mulheres superou o número de denominações lembradas pelos homens: 13 e sete ocorrências, respectivamente.

De acordo com a análise por grau de escolaridade, os informantes da 1ª fase do ensino fundamental (1ª a 4ª) apresentaram o total de 23 (35.4%) registros distribuídos entre as formas *capeta, diabo e demônio* e as ocorrências únicas de *saravá e coisa ruim*; os informantes da 2ª fase do ensino fundamental (5ª a 8ª) apresentaram o total de 40 (61.5%) registros, distribuídos entre as formas *capeta, diabo, demônio e satanás* e ocorrências únicas de *coisa ruim, arquimedes, capiroto, satã e sarê*; quanto aos informantes que cursaram o 1ª ano do Ensino Médio, obtivemos os registros de *exu e bicho* (3.1%).

Concluindo, observamos que a variação no ato de nomear o *diabo* vai do conhecimento de mundo do informante, sendo influenciado pelas variáveis idade, sexo e anos de escolaridade, portanto variáveis culturais e sociais.

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **O conhecimento, a terminologia e o dicionário**. Ciência e Cultura, vol. 58 nº 2, abr-jun 2006. In: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php>.> São Paulo, Acesso em 01 de abril de 2016.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri; RAZKY, Abdelhak; MARGOTTI, Felício Wessling; ALTENHOFEN, Cléo Wilson. **Atlas Linguístico do Brasil**, vols. 1 e 2, Londrina: Editora EDUEL, 2014.

COMITÊ NACIONAL. **Projeto para o Atlas Lingüístico do Brasil**. www.alib.ufba.br. Acesso em 01 de abril de 2017.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO DO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL. **Questionários do ALiB-2001**. Londrina: EdUEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1986.

Uma análise com os dados do Projeto ALiB: designações para meio-fio no Sul do Brasil

Ana Cláudia Chofard (IC – UEL)

RESUMO: No Brasil a língua portuguesa é dinâmica e está exposta a inúmeras variações que podem ser explicadas segundo os pressupostos da geolinguística pluridimensional os quais dirigem esse estudo, vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), inserido no campo dos estudos lexicais. Propomos como objeto de estudo, portanto, as designações para meio-fio obtidas por meio das respostas dadas a questão 197 do Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001): “O que separa o ___ (cf. item 196) da rua?”, segundo as variáveis extralinguísticas: sexo (feminino e masculino) e faixa etária (18 a 30 e 50 a 65 anos). Como objetivos, estabelecemos: (i) apresentar as variantes registradas na região Sul do Brasil pelo ALiB; (ii) observar quais fatores contribuem para a utilização de determinada variante; (iii) mapear a distribuição das variantes. Com a realização desta pesquisa, pretendemos contribuir para o mapeamento dos falares brasileiros podendo, assim, oferecer informações sobre a diversidade da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: *ALiB. Meio-fio. Região Sul.*

Introdução

Com o passar dos anos inúmeras mudanças ocorrem na vida dos indivíduos e a língua também está sujeita a essas alterações e isso leva ao surgimento de novas lexias para nomear objetos, instrumentos que dizem respeito às necessidades atuais.

Segundo a lexicóloga Biderman (1989), o léxico transmite a herança cultural de um povo que carrega aspectos da vida, das crenças e valores de uma sociedade. Isto é, a variação do léxico do indivíduo não é causada somente pelo momento que vive, mas por toda a bagagem cultural e social que adquiriu com o passar dos anos.

Este trabalho, vinculado ao projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), analisa as variantes lexicais da parte do calçamento de uma rua do meio urbano cujo nome mais conhecido é *meio-fio* e, segundo o dicionário Aurélio, é um arremate entre o plano do passeio e o da pista de rolamento de um logradouro. Neste artigo analisam-se as respostas dadas a questão 196, da área semântica Vida Urbana do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB, assim formulada: “Como se chama o que separa a calçada/passeio (cf. item 196) da rua?”

O estudo inclui o sul do Brasil – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – e orientou-se pelos seguintes objetivos: (i) apresentar as variantes registradas na região Sul do Brasil pelo ALiB; (ii) observar quais fatores contribuem para a utilização de determinada variante; (iii) mapear a distribuição das variantes.

Metodologia

Os dados do Projeto ALiB foram coletados mediante entrevistas *in loco* quando foram aplicados os Questionários do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) junto a informantes selecionados de acordo com requisitos estabelecidos pelo projeto.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa corresponde às respostas obtidas para a questão 197 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001): "Como se chama o que separa a calçada/passeio (cf. item 196) da rua?". Trata-se das respostas dadas por 176 informantes, nascidos e residentes em 44 localidades do interior dos estados da Região Sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os informantes, com nível de escolaridade fundamental, quatro por localidade, são estratificados segundo as variáveis extralinguísticas: (i) diasssexual (masculino e feminino) e (ii) diageracional (faixa etária I 18-30 e faixa etária II 50-65 anos).

A tabela 1 mostra o perfil dos informantes:

Tabela 1 – Perfil dos informantes- Dados extraídos dos Questionários 2001

N.º Informante	Nível de escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001

A realização da pesquisa seguiu as seguintes etapas:

- (i) - Seleção da questão a ser estudada;
- (ii) - Revisão das transcrições das regiões;
- (iii) - Levantamento das respostas dos informantes;
- (iv) – Confecção de cartas linguísticas;
- (v) – Análise quantitativa e qualitativa dos dados obtidos pelas respostas das informantes de acordo com os princípios teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional.

Pressupostos Teóricos

O interesse pela diversidade linguística no Brasil não é atual, mais especificamente, segundo Cardoso (1999), Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca, convidado para colaborar com o *Atlas Ethnographique du Globe*, de autoria do geógrafo vêneta Adrien Balbi, elaborou uma lista de nomes que distinguem o português falado no Brasil do falado em Portugal. Mas, a Geolinguística terá seu início em nosso país, somente mais de um século depois, com o Atlas Prévio dos Falares Baianos, publicado em 1963 por Nelson Rossi.

Segundo Bassi e Margotti (2012), a Geolinguística é um procedimento utilizado pela Dialetoлогия e tem como preocupação descrever e mapear a variação espacial. Este trabalho, no entanto, segue os princípios da Geolinguística Pluridimensional, adotados pelo Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que, ao lado da dimensão diatópica, acrescenta dados diastráticos, diasssexuais e diageracionais. Assim, os informantes do ALiB têm o seguinte perfil: em cada uma das localidades do interior foram entrevistados quatro informantes estratificados segundo o sexo: dois homens e duas mulheres; a faixa etária: a 1ª, entre 18 e 30 anos e a 2ª, entre 50 e 65 anos, e a escolaridade- nível de ensino fundamental; nas capitais, acrescentaram-se, a esses, quatro informantes com o nível de ensino universitário.

Bassi e Margotti (2012), de acordo com Thun (1998), afirmam que

[...] a geolinguística pluridimensional é formada pelo eixo horizontal da Dialetoologia e pelo eixo vertical da Sociolinguística. No primeiro eixo inclui-se a diatopia, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço geográfico, e no segundo eixo a diastratia, que se relaciona com a organização sociocultural de uma comunidade de fala (BASSI e MARGOTTI, 2012, p. 51.).

A monodimensionalidade, segundo Margotti (2004), agrega certa restrição à análise que faz um recorte da variação geográfica apenas, enquanto a pesquisa pluridimensional, assume alguns aspectos da Sociolinguística, necessários para a boa interpretação dos dados de variação linguística.

Como nosso interesse nesse trabalho é a variação lexical, buscamos em Biderman (1989), a confirmação de que o léxico conserva a herança cultural de um povo por meio de signos verbais, condensando aspectos da vida, culturais, da crença e valores de uma sociedade.

Para Oliveira (2001), o nível lexical é o que mais expressa significativamente a mobilidade social e a maneira como a sociedade vê e representa o mundo. Oliveira e Isquierdo (2001) afirmam, também, que o léxico “constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural”.

Cientes da importância do estudo do léxico para conhecer não só a diversidade linguística, mas também o ponto de vista de determinada comunidade de fala sobre os seres e o mundo que a rodeiam, selecionamos um item da vida urbana para refletir sobre a interação entre língua e sociedade.

Nesta linha de raciocínio, Bassi (2012) esclarece que

O léxico, então, tem como função a nomeação de seres e/ou objetos de acordo com a modalidade linguística predominante no contexto social. Por meio de estudos lexicais sobre a fala de determinada comunidade, podemos analisar e detectar os traços linguísticos mais característicos daquela região, suas práticas socioculturais, suas ideologias, seus valores e as mudanças sócio-históricas ocorridas na língua (BASSI, 2012, p. 55.).

Descrição e Análise dos Dados

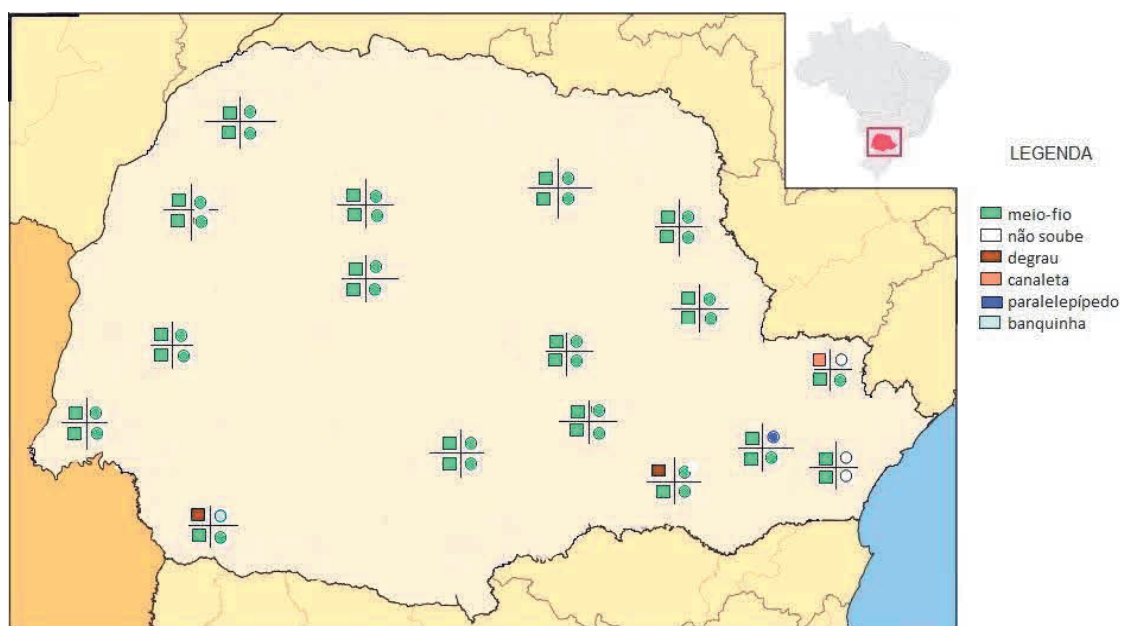
A respeito dos dados da questão 197 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001): “... o que separa o (cf. item 196) da rua?” obtivemos o total de 176¹⁸ respostas distribuídas entre 12 variantes: *meio-fio*, *cordão*, *fio da calçada*, *paralelepípedo*, *canaleta*, *degrau*, *acostamento*, *banquinha*, *muretinha*, *murinho*, *sarjeta* e *saliência*.

Para representar a distribuição das variantes foram elaboradas três cartas experimentais, uma para cada estado da região Sul, que levam em conta, além da diatopia, dados extralinguísticos. Cada ponto possui uma cruz onde o quadrado representa o sexo masculino e o círculo, o feminino. Os símbolos acima da linha horizontal referem-se à faixa etária I (18 a 30 anos) e os localizados abaixo da linha, a faixa etária II (50 a 65 anos). A legenda indica, em ordem decrescente, as variantes obtidas e as não respostas.

A seguir apresentam-se as cartas experimentais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

¹⁸ Estavam indisponíveis os dados de Santa Cruz do Sul, Osório e Santana do Livramento, todos do Rio Grande do Sul.

Carta lingüística experimental 1- Designações para *meio-fio* no estado do Paraná.



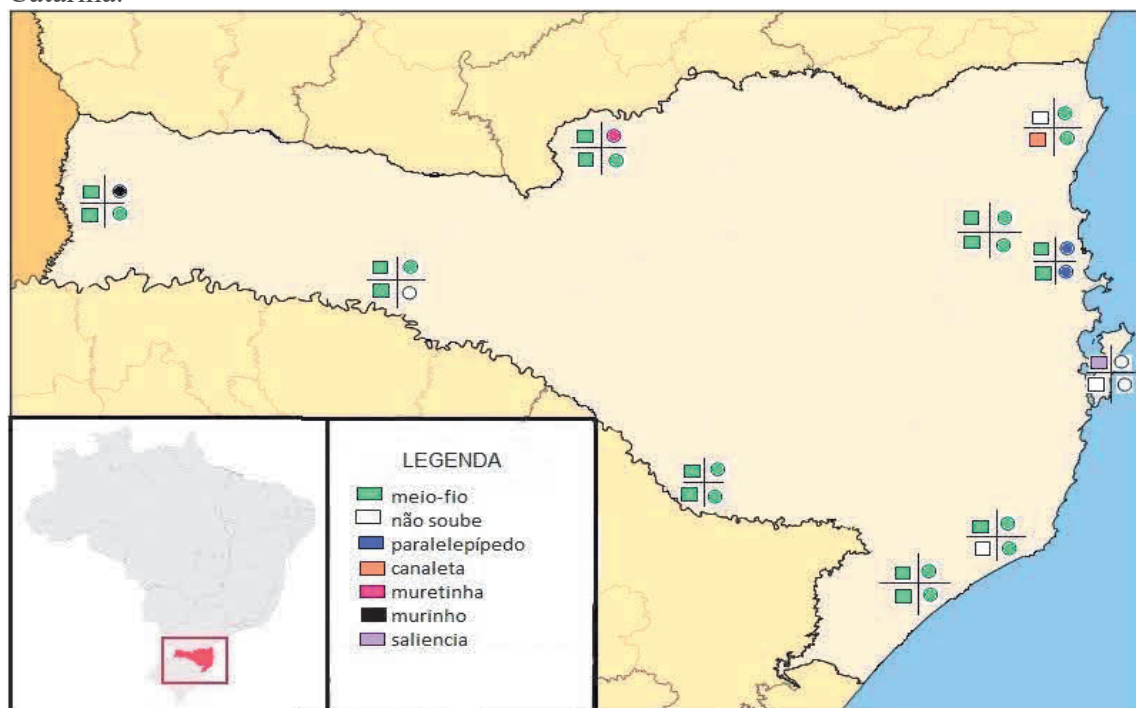
Fonte: Elaborada pela autora

Na carta experimental nº 1, do Paraná, verificamos que predomina a variante *meio-fio* (88% das respostas). Observamos que, no Norte do estado, essa forma é exclusiva, ao contrário do Sul, onde foram registradas diferentes variantes como: *degrau* (3% das respostas), *canaleta* (1,5% das respostas) dada por um homem jovem, *banquinha* (1,5% das respostas) e *paralelepípedo* (1,5% das respostas), ambas dadas por mulheres jovens.

São registrados também três informantes que não souberam responder (4% das respostas) sendo duas mulheres da faixa etária I e uma mulher da faixa etária II. Com isso, é visível que as variantes diferentes de *meio-fio* ocorreram somente na fala dos jovens e ao Sul do estado.

A Carta lingüística experimental 2 traz os dados de Santa Catarina.

Carta linguística experimental 2- Designações para *meio-fio* no estado de Santa Catarina.



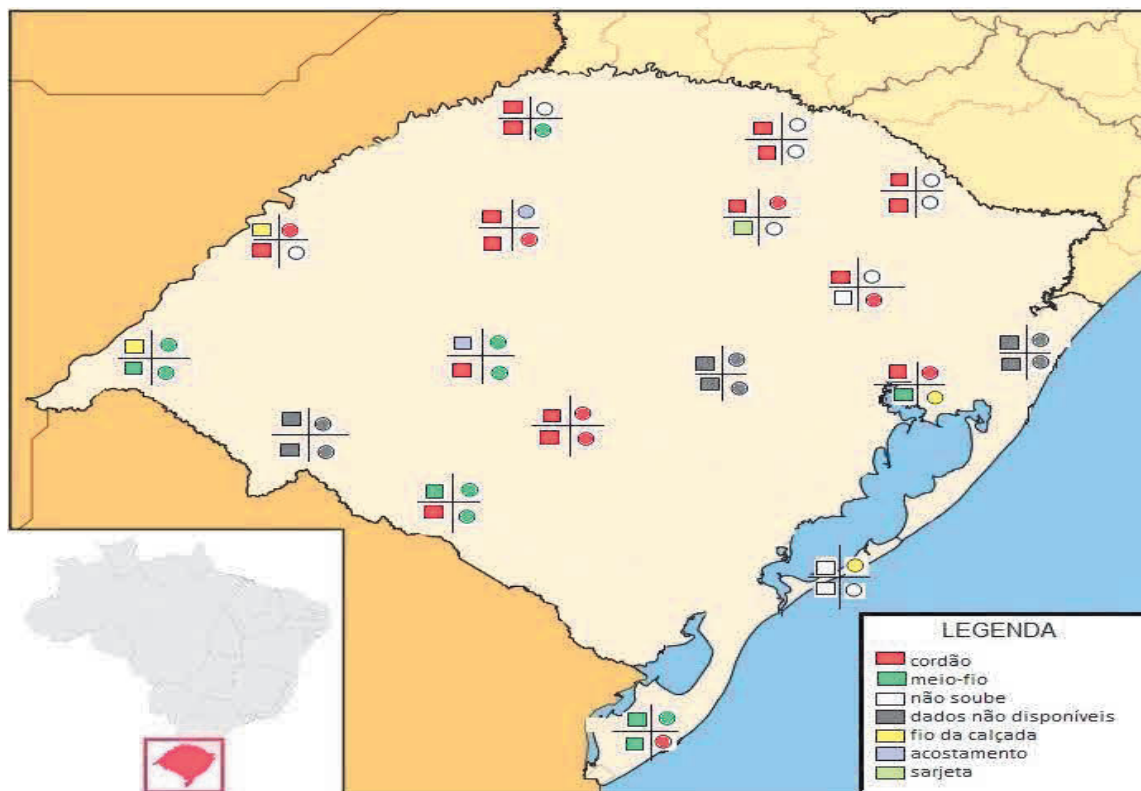
Fonte: Elaborada pela autora

No estado de Santa Catarina, *meio-fio* (70% das respostas) também é predominante, registrando-se outras formas pouco produtivas, como *paralelepípedo* (5% das respostas) que ocorre na fala das mulheres de Itajaí. Algumas variantes tiveram ocorrência única, representando cada qual 2,5% do total coletado nesse Estado: *murinho*, *canaleta*, *muretinha* e *saliência*.

O número de informantes catarinenses que não souberam responder foi superior em relação ao estado do Paraná e ocorreram nas respostas da mulher jovem em São Francisco do Sul, a idosa de Concórdia, as mulheres e o homem idoso de Florianópolis e o homem idoso de Tubarão, totalizando 15% das respostas.

A Carta linguística experimental 3 traz os dados do estado do Rio Grande do Sul.

Carta linguística experimental 3- Designações para *meio-fio* no estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Elaborada pela autora

Como é bem visível na carta, a variante mais produtiva é *cordão* (35% das respostas) e em seguida registrou-se *meio-fio* (19% das respostas). Ocorrem outras variantes menos frequentes: *fio da calçada* (6% das respostas), *acostamento* (3% das respostas) e *sarjeta* (1,5% das respostas).

No Rio Grande do Sul o número de informantes que não souberam responder é ainda maior em relação aos dois outros estados sulistas, com um total de 18% das respostas.

Considerações Finais

No cômputo geral, a variante mais utilizada na Região Sul é *meio-fio*, mesmo que em diferentes níveis de ocorrência em cada estado, perfazendo um total de 101 respostas (57%). Diferentemente do Paraná e de Santa Catarina, o Rio Grande do Sul possui *cordão* (14%) como a variante mais produtiva.

Em relação aos dados extralinguísticos, as principais constatações são: *degrau* (1,1%), no Paraná, aparece como resposta de informantes do sexo masculino; *paralelepípedo* (1,7%) tanto em Santa Catarina quanto no Paraná se mostra como uma variante das mulheres. Dessa forma, mesmo diante de um pequeno percentual de ocorrências das variantes, a variável diasssexual é a que mais contribui para a escolha de uma ou outra denominação.

Este trabalho, apresentando os estudos lexicais relacionados ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), mostra a diversidade e a importância do estudo da língua portuguesa e dos fatores geolinguísticos proporcionando o mapeamento dos falares brasileiros.

Referências

BASSI, A.; MARGOTTI, F. W. Um estudo Geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. p. 49-78 – Londrina: Midiograf, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BIDERMAN, M. T. C. O léxico, testemunha de uma cultura. **Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filología Românicas**. Universidade de Santiago de Compostela, 1989.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FERREIRA, A. B. H. – **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Variação lexical do item lexical “sovina” nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste – ALiB¹⁹

Marina Ramos Luz (UFSC)

RESUMO: Este estudo apresenta o levantamento e a análise das variantes lexicais do item *sovina*, nas Regiões Norte (22 localidades), Nordeste (57 localidades) e Centro-Oeste do Brasil (22 localidades). O trabalho faz parte do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com base nos dados obtidos por meio da Pergunta 177 do Questionário Semântico-Lexical (QSL): “[Como chama] a pessoa que não quer gastar e, às vezes, até passa por dificuldades para não gastar?” Foram identificadas 923 respostas válidas, sendo 177 na Região Norte, 607 na Região Nordeste e 139 na Região Centro-Oeste. Esses dados foram cadastrados no Programa SGVClín (2014), por meio do qual foram feitas as cartas linguísticas e as estatísticas dos resultados encontrados. Dentre as variantes mais produtivas, constam “mão de vaca”, registrada em todas as áreas pesquisadas, e “pão duro”, que é a segunda variante mais usada no Nordeste e Centro-Oeste, mas é a terceira no Norte, onde a segunda é “miserável”. Esses e os demais resultados mais expressivos estão representados nas cartas linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: *Variação lexical; sovina; Projeto ALiB.*

Introdução

A língua é um sistema em que a identidade do falante está necessária e intrinsecamente marcada. De acordo com Sílvia Brandão:

Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal – seu idioleto –, mas também filiá-lo a um determinado grupo. A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identifiquem: a) o país ou a região de que se origina; b) o grupo social de que faz parte (seu grau de instrução, sua faixa etária, seu nível socioeconômico, sua atividade profissional); c) a situação (formal ou informal) em que se encontra (BRANDÃO, 1991, p. 6).

Por isso, a descrição da língua falada, considerando a estratificação de grupos falantes representativos de todas as regiões do Brasil, é de grande relevância para os estudos linguísticos.

O estudo feito pretendeu descrever a variação do item lexical *sovina*, já tendo sido realizada anteriormente a descrição desse mesmo item nas capitais do país. Agora, a proposta foi de fazer a descrição dos dados do interior e das capitais nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. O trabalho faz parte do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em sua terceira etapa, que é o momento em que estão sendo realizadas as

¹⁹ Texto apresentado como relatório final para o Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Santa Catarina, semestre 2017.1

descrições e a análise dos dados coletados. Feita a descrição dos dados das capitais, agora se dá início às descrições das demais localidades do interior.

Inserido no campo da pesquisa dialetológica, que é descrita por Cardoso (2010, p.15) como “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição social, sociocultural e cronológica”, este trabalho propõe a análise dos dados em uma perspectiva diatópica. Trata-se de um estudo dialetológico que também leva em conta fatores sociais, de acordo com os princípios teórico-metodológicos da Geolinguística e Dialetologia Pluridimensional (MARGOTTI, 2008).

Ainda, segundo Cardoso:

[...] estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal (CARDOSO, 2010, p. 25).

Sendo o Brasil um país de dimensões continentais e de pluralidade cultural, é, portanto, também de muita riqueza no universo linguístico.

Nas regiões abordadas nesta pesquisa, podemos ver alguns trabalhos já realizados sobre o léxico, como, por exemplo, um estudo chamado *O léxico da região do Norte do Brasil*, de Maria Socorro Silva de Aragão (2009), em que a autora analisa três lexias, dentre elas a lexia descrita por este trabalho. A conclusão da autora é de que a lexia “pessoa sovina” na Região Norte comprova a variedade lexical existente no Brasil, pois das sete variantes encontradas, apenas uma aparece em todas as capitais (mão de vaca); as demais estão organizadas de modo irregular pelas localidades, o que mostra a riqueza de variação regional desse item.

Na Região Centro-Oeste, foi realizado um estudo sobre léxico com dados do interior, intitulado *A cambalhota no Centro-Oeste brasileiro: o que os dados do ALiB revelam*, de Aparecida Negri Isquerdo e Carla Regina de Souza Figueiredo (2015). A pesquisa se refere ao item 155 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB e traz as variantes lexicais de *cambalhota* em 21 localidades dos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Foram documentadas 101 ocorrências de respostas válidas, com sete variantes lexicais. Dentre elas, a mais produtiva foi *cambalhota*, sendo registrado no Mato Grosso do Sul 61,9% das ocorrências, em Goiás, 39,47%, e em Mato Grosso, 38,09%.

Na Região Nordeste ainda não há muitas pesquisas publicadas sobre variação lexical, principalmente, com dados do interior, mas há pesquisas em andamento, assim como esta.

Metodologia

A metodologia utilizada é a do Projeto ALiB, que considera quatro informantes por localidade, divididos entre os sexos feminino e masculino, em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos. Aqui foram selecionados os dados que correspondem aos pontos das Regiões Norte (22), Nordeste (76) e Centro-Oeste (22) do Brasil. As localidades pesquisadas são as seguintes: Cachoeira, Tefé, Manaus, Benjamin Constant,

Humaitá, Cruzeiro do Sul, Rio Branco, Porto Velho, Guajará Mirim, Pedro Afonso, Turiaçu, São Luís, Brejo, Bacabal, Imperatriz, São João dos Patos, Balsas, Alto Parnaíba, Teresina, Piri-piri, Picos, Canto do Buriti, Corrente, Camocim, Sobral, Fortaleza, Ipu, Canindé, Crateús, Quixeramobim, Russas, Limoeiro do Norte, Tauá, Iguatu, Crato, Mossoró, Natal, Pau dos Ferros, Caicó, Cuité, Cajazeiras, Itaporanga, Patos, Campina Grande, João Pessoa, Exu, Salgueiro, Limoeiro, Olinda, Afrânio, Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Recife, Floresta, Garanhuns, Petrolina, União dos Palmares, Santana do Ipanema, Arapiraca, Maceió, Propriá, Aracaju, Estância, Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabralia, Caravelas, Aripuanã, São Félix do Araguaia, Poxoréu, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cuiabá, Barra do Garças, Cáceres, Alto Araguaia, Coxim, Corumbá, Paranaíba, Campo Grande, Nioaque, Ponta Porã, Porangatu, São Domingos, Formosa, Goiás, Goiânia, Jataí e Catalão.

O item lexical pesquisado é o lema *sovina*, resposta para a Pergunta 138 ("Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?"), referente ao Questionário Semântico-lexical (QSL), no campo semântico *comportamento social*.

Os dados recolhidos constituem um total de 923 respostas, sendo 177 na Região Norte, 607 na Região Nordeste e 139 na Região Centro-Oeste. Esses dados foram primeiramente sistematizados em formato de planilha, organizada por: (i) região; (ii) Estado; (iii) sequência de informantes; (iv) item lexical (por ordem de uso, a primeira variante lexical citada pelo informante até a última). Em seguida, esses dados foram cadastrados no Programa SGVClín (2014), por meio do qual foram feitas as cartas linguísticas e as estatísticas dos resultados encontrados. Os informantes são quatro por localidade, sendo dois homens e duas mulheres em cada ponto, distribuídos por faixa etária, exceto em algumas localidades em que o áudio não estava disponível.

Apresentação, descrição e análise dos dados

Os resultados obtidos resultaram num total de 88 variantes lexicais (entre todas as respostas). As 10 variantes lexicais mais produtivas na Região Norte foram: “mão de vaca” (24,86%), “miserável” (18,64%), “pão duro” (12,99%), “mão fechada” (9,04%), “mesquinho” (5,08%), “sovina/sovina” (3,95%), “avarento” (2,6%), “mão de tranca” (1,69%), “econômico” (1,69%) e “seguro” (1,69%) (cf. Figura 1).

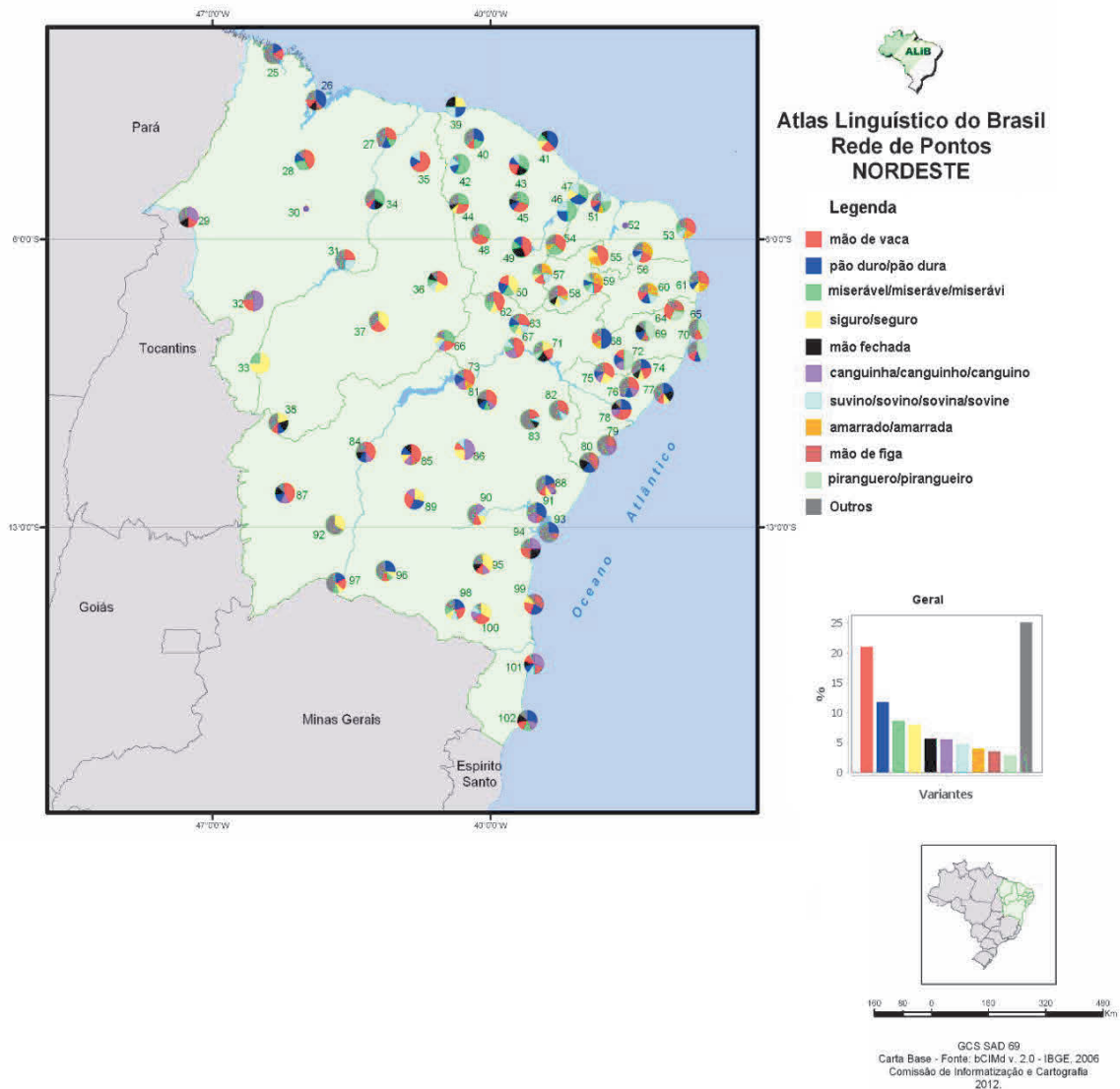
FIGURA 1: Carta das dez variantes mais produtivas de “sovina” (a pessoa que não quer gastar e, às vezes, até passa por dificuldades para não gastar) - Região Norte.



Fonte: *Corpus* do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Na Região Nordeste, por sua vez, os dez itens mais produtivos foram: "mão de vaca" (20,92%), "pão duro" (11,70%), "miserável" (8,57%), "seguro" (7,91%), "mão fechada" (5,60%), "canguinha" (5,44%), "sovina/suvina" (4,61%), "amarrado" (3,95%), "mão de figa" (3,46%) e "piranguero" (2,80%) (cf. Figura 2).

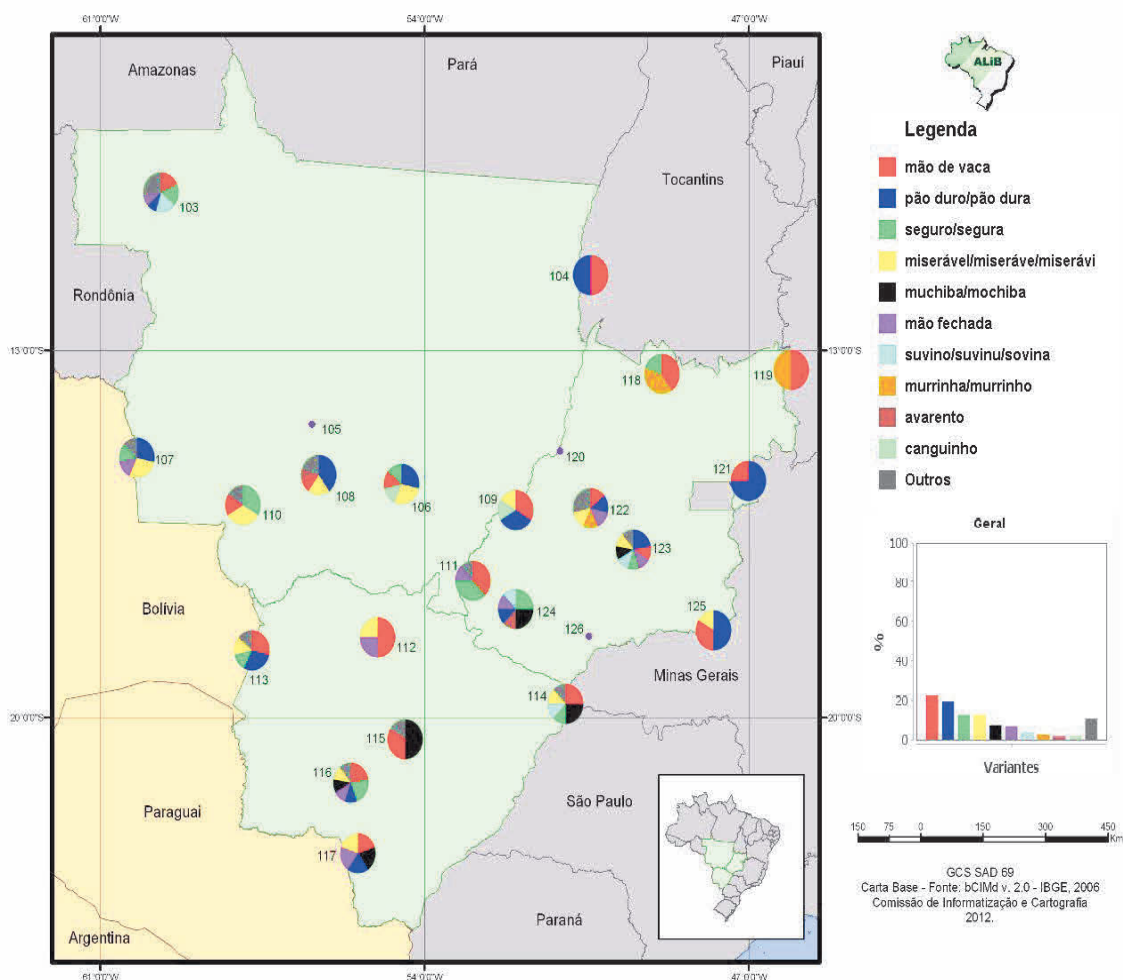
FIGURA 2: Carta das dez variantes mais produtivas de “sovina” (a pessoa que não quer gastar e, às vezes, até passa por dificuldades para não gastar) - Região Nordeste.



Fonte: *Corpus* do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

E, por fim, na Região Centro-Oeste, as dez variantes mais produtivas foram: "mão de vaca" (22,30%), "pão duro" (19,42%), "seguro" (12,23%), "miserável" (12,23%), "muxiba" (7,19%), "mão fechada" (6,47%), "sovina/suvina" (3,60%), "murrinha" (2,88%), "avarento" (1,44%), "econômico" (1,44 %) (cf. Figura 3).

Figura 3: Carta das dez variantes mais produtivas de “sovina” (a pessoa que não quer gastar e, às vezes, até passa por dificuldades para não gastar) - Região Centro-Oeste.



Fonte: *Corpus* do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Podemos notar que a lexia “mão de vaca” é a mais recorrente em todas as regiões com 202 registros. Verificamos, também, que, além de haver muitas variantes lexicais, há variantes que se sobressaem em relação às demais regiões. Por exemplo, no Nordeste, os itens “canguinha” e “pirangueiro” têm, respectivamente, 33 e 17 ocorrências, mas não aparecem no total geral das outras duas regiões, o que mostra que essas variantes são próprias da Região Nordeste. O mesmo acontece com a lexia “muxiba”, que, no Centro-Oeste, ocorre dez vezes e nas outras duas regiões não aparece no total geral.

Dessa forma, o que os dados mostram é que o lema *sovina* apresenta uma quantidade vasta de variantes, porém algumas dessas variantes são típicas de determinada região. Os dados nos mostram isso também quando, nas cartas, ocorrem pontos em que a área cinza se sobressai às áreas coloridas. A cor cinza representa todas as variantes que não fazem parte da lista das dez variantes mais produtivas, o que indica que naquele ponto há variante(s) que na região macro não é (são) tão recorrente(s), porém em um contexto micro ela(s) é (são) utilizada(s).

Considerações finais

Assim, nesta pesquisa, pudemos constatar que o lema *sovina* apresenta ainda mais variantes do que as já encontradas na pesquisa anterior sobre esse lema nas capitais,

ou seja, é uma lexia muito produtiva no português brasileiro, a exemplo do que ocorre com outras lexias pesquisadas no *corpus* do ALiB, algumas das quais foram apresentadas na introdução deste trabalho. A análise feita com mais localidades e de maneira regional foi produtiva no sentido de encontrar regionalismos macro, porém na Região Nordeste talvez uma pesquisa por regiões menores deixasse em evidência outras variantes. Por fim, pudemos demonstrar que a lexia “mão de vaca”, assim como nas capitais, também é a mais produtiva no conjunto das localidades pesquisadas nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Da mesma forma, o confronto dos resultados aqui descritos com os resultados obtidos nas Regiões Sudeste e Sul servirá para identificar outras áreas dialetais específicas dessa mesma lexia.

Referências

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. O léxico da região Norte do Brasil. *In*: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (Org.). **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009.

BRANDÃO, S.F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários**. Londrina: EDUEL, 2001.

ISQUERDO, Negri Aparecida; FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. A cambalhota no Centro-Oeste brasileiro: o que os dados do projeto ALiB revelam. *In*: MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (Orgs.). **Documento 5: projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e Perspectivas**. Salvador: Quarteto, 2015.

MARGOTTI, F. W. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. **Anais do CELSUL. GT Estudos Geolinguísticos no Brasil: um profícuo jubileu de ouro**. Porto Alegre: 2008.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014.

MORFOSSINTAXE

A variação menos/menas na região Nordeste: o que dizem os dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

Amanda de Jesus Fernandes de Carvalho (PIBIC/UFMA)

RESUMO: O item lexical *menos* está inserido, segundo a Gramática Tradicional (GT), em diferentes classes de palavras. Seja como substantivo, adjetivo ou advérbio e, independentemente da classificação atribuída pela GT, esse item deve permanecer invariável, ou seja, não deve sofrer flexão, neste caso, de gênero. Entretanto, o que se observa na língua falada atualmente no Brasil, é que *menos* sofre flexão de gênero para *menas* quando sucedido de um substantivo feminino. Tendo em vista essa realidade da língua(gem), este trabalho, ancorado nos fundamentos da Dialectologia e da Geossociolinguística, busca investigar a variação menos/menas nas capitais do Maranhão, de Sergipe e da Bahia. A amostra, constituída a partir do banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, foi analisada considerando fatores como sexo, faixa etária e escolaridade com vistas a verificar em que medida esses fatores extralinguísticos motivam o uso de uma ou de outra forma. Considerando que nem sempre a língua em situações reais de uso está em consonância com a GT – como revelam os resultados parciais – pretende-se, com este trabalho, refletir sobre esse descompasso e, assim, oferecer um mapeamento do fenômeno morfossintático da variação menos/menas nessas três regiões do país.

PALAVRAS-CHAVE: *Variação morfossintática; Menos/menos; dialectologia; Geossociolinguística; Atlas Linguístico*

Introdução

Com os avanços dos estudos nas áreas da Dialectologia e da Sociolinguística, vários fenômenos de cunho variacional e dialetal têm chamado a atenção dos estudiosos do português brasileiro, em especial, fenômenos que não se encaixam nos padrões prescritos pela tradição gramatical.

Nessa perspectiva, o objeto de estudo aqui proposto – o uso da variante popular *menas* – caracteriza-se como um desses fenômenos. Essa variação já havia sido reconhecida por Antenor Nascentes²⁰, que, no segundo volume de sua obra *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, datada de 1961, sugeriu a inclusão de uma questão para investigar a variação *menos/menas*.

Sendo assim, a presente pesquisa visa investigar a variação *menos/menas* em três capitais do Nordeste brasileiro: São Luís, Aracaju e Salvador, utilizando o banco de dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e da Sociolinguística.

²⁰Filólogo e dialectólogo brasileiro, Antenor Nascentes foi figura central para a proposta de construção do Atlas Linguístico do Brasil.

Procedimentos metodológicos

Levando em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoleologia e da Sociolinguística, o primeiro passo para a realização desta pesquisa foi o levantamento da literatura sobre o tema em gramáticas históricas, normativas e de uso, em dicionários, bem como em trabalhos de linguistas que, em seus artigos, enfocam a variação *menos/menas*. O segundo foi a estruturação da amostra, como explicitado no item a seguir, sendo a análise dos dados a última etapa.

O corpus

Os dados utilizados para a investigação da variação *menos/menas*, foram coletados por meio da aplicação do Questionário Morfossintático – QMS do ALiB que é composto por 49 questões elaboradas com o objetivo de investigar a variação linguística relativa a questões como: o uso de artigo diante de nomes próprios, o gênero e número dos substantivos, os graus do adjetivo, o uso dos pronomes pessoais, possessivos e indefinidos, o uso dos tempos verbais – presente do indicativo, pretérito perfeito, futuro do presente, futuro do pretérito –, o uso de *ter/haver* em construções existenciais e o advérbio de negação.

A pergunta que tem como foco a variação objeto de nossa análise é a questão 32, transcrita a seguir:

QMS (32) – Paulo tem muita força, Luís tem pouca força. Podemos dizer: “Paulo tem mais força do que Luís. Luís, pelo contrário, tem _____ força do que Paulo.

Essa variação pode ser observada no exemplo extraído da fala do informante 093/03, de Salvador²¹:

Ex. (01)

(032)

INF. – *Menas* força.

INQ. – Certo.

INF. – É mais fraco.

Em outra situação, podemos observar os dados de fala do informante 079/7 de Aracaju:

Ex. (02)

(032)

INF. – *Menos* força do que Paulo.

Perfil dos informantes

Os informantes do ALiB são em número de quatro por localidade investigada, exceto nas capitais, onde foram entrevistadas oito pessoas, de modo a incluir quatro falantes com formação universitária completa, pois, nas capitais, há maior densidade populacional e maior diversidade de estratos sociais.

Os informantes do ALiB são selecionados com base no perfil descrito a seguir: pessoas de ambos os sexos, distribuídas, igualmente, em duas faixas etárias – faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos; quanto à escolaridade, são considerados sujeitos alfabetizados e que cursaram, no máximo, até o 5º ano do Ensino Fundamental. Os informantes devem ser naturais da localidade linguística pesquisada, devendo dela não ter

²¹Para interpretação da codificação dos informantes, ver Perfil dos Informantes.

se afastado por mais de um terço de suas vidas, e seus pais devem ser, preferencialmente, da mesma localidade.

Por questões éticas e visando preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, o ALiB os codifica da seguinte forma: atribui aos homens números ímpares e às mulheres, números pares, sendo os números menores (1, 2, 3 e 4) atribuídos aos informantes que cursaram ou cursam o Ensino Fundamental, e os números maiores (5, 6, 7 e 8), àqueles com nível universitário.

Considerando esses conjuntos, os números 1 e 2 e 5 e 6 são atribuídos aos informantes da faixa etária I, enquanto os números 3 e 4 e 7 e 8 são atribuídos aos da faixa II. Cada localidade pesquisada recebe um número. Assim, temos: São Luís – 026, Aracaju – 079 e Salvador – 093. Tomando-se como exemplo a codificação do sujeito cuja fala foi usada no exemplo (01), temos a seguinte interpretação: o falante é um homem, natural de Salvador, pertencente à faixa etária II e seu nível de escolaridade é o Fundamental.

Localidades investigadas

O ALiB conta com uma rede de pontos com 250 localidades, distribuídas em todo o território nacional. No entanto, selecionamos para este texto as capitais do Maranhão, de Sergipe e da Bahia, ou seja, São Luís, Aracaju e Salvador, respectivamente.

O item *menos* na língua portuguesa: diversos olhares

Menos, originário do Latim *minus* > *meos*, é tradicionalmente considerado um advérbio de intensidade que denota diminuição. A questão da variação *menos/menas* não é enfocada no âmbito da tradição gramatical, sendo aí vista como um *erro inominável*, embora a registremos no uso real da língua na variedade do português falado do lado de cá do Atlântico.

Ao fazermos o levantamento bibliográfico para esta pesquisa, observamos a escassez de estudos acerca desse fenômeno. Até onde pudemos investigar, temos conhecimento de uma análise de caráter pluridimensional, desenvolvida por Aguilera e Romano (2012), com base nos dados do ALiB.

Nesse trabalho, os autores investigaram, em dicionários e em gramáticas da língua portuguesa, em quais classes gramaticais *menos* está inserido e constataram que, nos dicionários, *menos* aparece, na maioria das vezes, como advérbio e, em menor frequência, como pronome indefinido e substantivo. Em relação às gramáticas que tratam do uso atual da língua, verificaram que, em grande parte delas, *menos* é inserido na classe dos advérbios e, com menor frequência, na classe dos pronomes indefinidos ou adjetivos. No que concerne às gramáticas históricas, observaram que Nunes ([1919] 1956) enquadra *menos* como advérbio, pronome indefinido, substantivo e adjetivo; já nas gramáticas normativas e/ou de uso, segundo os autores, para Vásquez Cuesta e Luz (1989), *menos* desempenha as mesmas funções: advérbio, pronome indefinido, substantivo e adjetivo.

***Menos* nos dicionários**

É possível encontrar *menos* no *Vocabulario portuguez e latino*, do padre Raphael Bluteau, que data de 1712. Nessa obra, *menos* aparece como uma evolução da forma latina, *minus*: “Menos. Advérbio, expressivo de diminuição, respectivamente a coisa mayor em quantidade, ou qualidade. *Minús*.” (p. 423).

Nos exemplos a seguir, extraídos da obra de Bluteau, o item *menos* é empregado apenas na forma padrão, não sofrendo, portanto, flexão quando posto diante de substantivo feminino:

Ex. (03): com muito menos confiança.

Ex. (04): todas as estrelas, menos duas, são maiores que a terra.

Além do dicionário de Bluteau, consultamos as seguintes obras: *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa* (CEGALLA, 1996), *Dicionário etimológico Nova Fronteira*, (CUNHA, 1996), *Dicionário de questões vernáculas*, (ALMEIDA, 1998), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, (HOUAISS; VILLAR, 2001) e o *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, (AULETE, 2011).

No *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, Cegalla (1996) se limita a classificar *menos* como palavra invariável.

No *Dicionário etimológico Nova Fronteira*, Cunha (1996, p. 512) trata apenas da etimologia de *menos* (do latim *minus*), classificando-o como um advérbio, como podemos observar no trecho a seguir: “*menos adv. ‘em quantidade ou intensidade menor’ | XIV, meos, meos XIII etc. | Do lat. minus (...)*”.

Almeida (1998, p. 337), por sua vez, afirma que, embora *menos* apresente várias funções, em todas elas deverá permanecer invariável. Segundo o autor,

Menos – Esta nossa palavra tem várias funções, mas é sempre invariável, o que significa que não podemos flexioná-la nem quando advérbio (Julgas que fui *menos* desgraçada?) nem quando preposição (Todos *menos* ela) nem ainda quando adjetivo: Mais amor e *menos* confiança.

Já no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1894), encontramos *menos* classificado como pronome indefinido, que “expressa número ou quantidade menor de alguma coisa <*pedimos mais carne e m. pão*>”, e como advérbio, exprimindo a ideia de “em menor quantidade, em grau inferior ou com menor intensidade <*as laranjeiras floresceram m. este ano*>”. Ainda no verbete relativo ao item *menos*, o autor trata da variação *menos/menas* que, segundo ele, no Brasil, ocorre na linguagem coloquial “desescolarizada”, em realizações como “<*menas confiança comigo, hein?*>”. Segundo o dicionário, essa concordância de gênero do advérbio quantitativo *menos* – “antônimo funcional de *mais* e, por isso, invariável” – com o substantivo que o segue, neste caso, *confiança*, dá lugar ao uso da “*forma deturpada*” *menas*, como se se tratasse de um pronome indefinido.

Assim como a maioria dos autores, Aulete (2011, p. 915), em seu *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, classifica *menos* como um advérbio que expressa algo “com menor intensidade ou em menor quantidade” e como pronome indefinido para exprimir menor quantidade. No verbete, não encontramos qualquer alusão ao uso da variante *menas*.

Em síntese, em todas as obras de referência consultadas, *menos* é registrado como um item invariável, normalmente como um advérbio e/ou como um pronome indefinido, sendo, em algumas delas, o uso da variante *menas* condenado, considerado um fenômeno da linguagem “desescolarizada”.

Menos nas gramáticas

Na *Gramática histórica* de Pereira (1929, p. 440-445), encontramos *menos* no grupo dos *adjectivos e pronomes indefinidos* e mais particularmente entre os *quantitativos indefinidos*, cuja classe é a dos *partitivos*. Segundo o autor,

(...) *Menos* é comparativo de superioridade synthetico de *pouco* (...) é de origem adverbial, (lat. *minus*), e, como *pouco*, *muito*, *mais*, *quanto*, *etc.*, é adjectivo deante de um subst., e adverbio sempre que modifica *adjectivo*, *verbo* e *adverbio*. (...) Ex: Todas as estrelas, *menos* duas, são maiores que a terra. (PEREIRA, 1929, p. 445)

Encontramos *menos* novamente em Pereira (1946, p. 172), em sua *Gramática expositiva*, na classe das palavras inflexivas, classificado como advérbio de quantidade. O autor destaca ainda que *menos*, tanto como *muito*, *pouco*, *mais*, *tanto*, *quanto*, pode funcionar também como pronome indefinido, substantivo e adjectivo. Segundo o autor, a inclusão desses itens no grupo dos adjectivos se dá quando eles modificam substantivos, como nos exemplos que apresenta: “*muito* povo, *mais* amor e ***menos*** confiança” (destaque nosso).

Já na versão de 1975 da *Gramática metódica da língua portuguesa*, Almeida nos traz *menos* na classe dos pronomes indefinidos. E, assim como Pereira (1946), também ressalta que *menos* pode, na frase, ter várias funções: pronome adjectivo indefinido, pronome indefinido, advérbio de intensidade e pronome substantivo, bem como locução adverbial (ALMEIDA, 1975, p. 171).

Almeida ainda chama atenção para a questão da invariabilidade dos itens *mais* e *menos*, quer funcionem como pronomes adjectivos, quer como advérbios. Segundo ele, esses itens são invariáveis e constitui *erro gravíssimo* a flexão de *menos* para o feminino. Em nota, ratifica a não-variação de *menos*: “(...) *mais* e *menos* não variam nem quando advérbios, nem quando pronomes adjectivos: ‘*Mais* amor e *menos* confiança’. Dizer ‘*menas* confiança’ é cometer erro inominável” (ALMEIDA, 1975, p. 288).

Em sua *Gramática histórica*, Coutinho (1976, p. 263) traz a etimologia de *menos*: “*minus*>*meos* e *meos* (arcs.), *menos*” e *mais* à frente, o classifica como advérbio que, segundo ele, é “*reconstituição erudita*.” (p. 267).

Cunha e Cintra (1995, p. 536) incluem *menos* na classe dos advérbios de intensidade; quanto à gradação dos advérbios, encontramos *menos* como comparativo de inferioridade, em construções como: “O pai andava ***menos depressa do que*** (ou ***que***) o filho.”

Rocha Lima, na edição de 1997 de sua *Gramática normativa da língua portuguesa*, cita *menos* apenas quando alude aos graus do advérbio. Segundo o autor, “Alguns advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação. Podem empregar-se assim no *comparativo* (de superioridade, de inferioridade, de igualdade) como no *superlativo* (relativo ou absoluto)”. Para ilustrar sua ideia, o autor apresenta alguns exemplos, dentre os quais destacamos o seguinte: “Esgotaram-se os recursos *menos* rapidamente ***do que*** esperávamos.” (ROCHA LIMA, 1997, p. 177).

Na *Gramática da língua portuguesa*, de Vilella e Koch (2001), *menos* aparece entre os adjectivos, no grau comparativo, e entre os advérbios, como um intensificador.

Bechara (2004, p. 295), por sua vez, em sua *Moderna gramática portuguesa*, enquadra *menos* na classe dos adjectivos comparativos de inferioridade, apresentando o seguinte exemplo: “Falou *menos* alto ***que*** (ou ***do que***) o irmão”.

Quanto à gradação do adjetivo, Bechara (2004) apresenta o comparativo como o que compara qualidade entre dois ou mais seres, no caso de *menos*, estabelecendo uma inferioridade: “O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.” (BECHARA, 2004, p. 296)

Na *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, Azeredo (2006) traz, de forma resumida, *menos* citado entre os advérbios de intensidade, na classe das palavras invariáveis.

Na *Gramática do português culto falado no Brasil* (CASTILHO, 2015), encontramos *menos* no grupo dos quantificadores indefinidos (QI), como um dos elementos/recursos linguísticos que pode ser usado para responder a nossa necessidade de relacionar, comparar as “(...) classes de objetos em que nossa experiência se articula” (CHIERCHIA, 2003 apud CASTILHO, 2015, p. 150).

Por fim, mesmo em uma obra que tem como proposta confrontar o padrão e os usos da língua, como o *Guia de usos do português: confrontando regras e usos* (NEVES, 2003, p. 514), *menos* é apresentado como “(...) palavra invariável, [que] não tem variação para o feminino.”

Análise dos dados

O *corpus* deste trabalho é constituído pelas respostas de oito informantes para cada localidade pesquisada – São Luís, Aracaju e Salvador –, perfazendo um total de 23²² informantes analisados com base na amostra constituída para o Atlas Linguístico do Brasil. Considerando-se, então, o cômputo geral dos dados, temos a seguinte distribuição:

Tabela 1: Distribuição geral dos dados

DISTRIBUIÇÃO GERAL		
LOCALIDADE	MENOS	MENAS
SÃO LUÍS	4	4
ARACAJU	4	4
SALVADOR	3	4
TOTAL	11	12

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os dados evidenciam que, em se tratando da localidade, os resultados se mostram equilibrados quanto ao uso de *menos/menas*. No intuito de investigar mais a fundo a ocorrência desse fenômeno, analisamos em seguida os dados em função dos fatores sociais analisados.

Fatores sociais

Os fatores sociais elencados para este trabalho são escolaridade, faixa etária e sexo, visto que se destacam por sua relevância quanto ao uso de *menos/menas*.

Fator escolaridade

Embora exista a hipótese de que nas capitais – neste caso, São Luís, Aracaju e Salvador – haja uma preferência pela variante de mais prestígio, considerando que o

²² Salvador conta com a resposta de apenas sete informantes devido a problemas técnicos na gravação da questão 32.

acesso às agências padronizadoras da língua são mais marcantes nas capitais, observamos que a ocorrência da forma *menas* concorreu no mesmo nível quanto ao uso de *menos*.

Verificamos um caso de polarização das variantes que se configura da seguinte forma: entre os sujeitos com ensino fundamental a variante *menas* é a mais recorrente enquanto entre aqueles com ensino superior a variante *menos* é a forma predominante, ambas com registro total de ocorrências, como observado na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2: Distribuição das variantes *menos/menas* considerando o fator escolaridade

ESCOLARIDADE				
FATOR	FUNDAMENTAL		SUPERIOR	
LOCALIDADE	MENOS	MENAS	MENOS	MENAS
SÃO LUÍS	-	4	4	-
ARACAJU	-	4	4	-
SALVADOR	-	4	3	-

Fonte: Elaborada pelas autoras

Os resultados apontam que, mesmo dispondo de acesso mais facilitado à educação, nas capitais, o uso de *menos* acompanha o nível de instrução dos informantes, de maneira a resultar na polarização das respostas, como visto na Tabela 2, significando assim, ser a escolaridade uma variável de extrema relevância para explicar a variação *menos/menas*.

Fator faixa etária

No que concerne à investigação por faixa etária, segue a distribuição das ocorrências nos Estados pesquisados, tal como apresentado na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3: Distribuição das variantes *menos/menas* considerando o fator faixa etária

FAIXA ETÁRIA				
FATOR	FAIXA I		FAIXA II	
LOCALIDADE	MENOS	MENAS	MENOS	MENAS
SÃO LUÍS	2	2	2	2
ARACAJU	2	2	2	2
SALVADOR	2	2	1	2

Fonte: Elaborada pelas autoras.

De acordo com os resultados da amostra, em todas as localidades pesquisadas, observamos o equilíbrio quanto ao uso de *menos/menas* nos dois grupos de faixa etária, mesmo em Salvador, localidade em que não foi possível obter e avaliar por questões técnicas, conforme mencionado na nota 5, a resposta de um único informante. Com base na análise, concluímos que os dados denotam a imparcialidade no uso de *menos/menas*, tanto entre os informantes de mais idade quanto entre os mais novos.

Fator sexo

Os resultados obtidos da leitura dos dados referentes ao fator sexo apontam certo equilíbrio no uso de *menos/menas*, como demonstrado na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Distribuição das variantes *menos/menas* considerando o fator sexo

FATOR	SEXO			
	HOMEM		MULHER	
LOCALIDADE	MENOS	MENAS	MENOS	MENAS
SÃO LUÍS	2	2	2	2
ARACAJU	2	2	2	2
SALVADOR	1	2	2	2

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Com relação ao fator sexo, os resultados apontam igual distribuição entre os sexos, independentemente da capital investigada, denotando que esse grupo de fator não se mostrou relevante nesta análise.

Considerações finais

Considerando o cômputo geral dos dados, os resultados apontam que a ocorrência da forma de menor prestígio, neste caso, *menas*, alcança um total de aproximadamente 50% em relação ao uso da forma de maior prestígio, *menos*.

No entanto, esses resultados variam quando analisados isoladamente sob as variáveis sociais investigadas. No que tange aos fatores sociais investigados, a escolaridade foi o fator de maior relevância, tendo em vista a visível preferência pelo uso de *menas* entre os informantes com Ensino Fundamental e o uso de *menos* entre os informantes de Ensino Superior, resultando na polarização dos resultados.

Concluimos assim que, apesar de os dados terem sido coletados em capitais, o nível de escolaridade foi fundamental para a observação do fenômeno da variação *menos/menas*, visto que ao contrário do que diz o senso comum – nas capitais há a manutenção da língua prescrita pela GT – notamos a marcante presença da variante de menor prestígio.

Em geral, os resultados aqui gerados evidenciam um descompasso entre o que postula a Gramática Tradicional e o que observamos no uso real da língua, com *menos* sendo usado com flexão de gênero quando seguido de um substantivo feminino.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Menos ou menas: um estudo pluridimensional a partir dos dados do projeto ALiB. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres. (Orgs.). **Documentos 3** – Projeto Atlas Linguístico do Brasil: vozes do X WORKALiB – amostras do português brasileiro. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 199-218.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Dicionário de questões vernáculas**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. do Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez, e latino**. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

CASTILHO, Célia Moraes de. Quantificadores indefinidos. In: ILARI, Rodolfo. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. v. 4: Palavras de classe fechada. p. 147 – 162.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed., 7. Imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FERREIRA, Júlio Pires. *Grammatica portuguesa: para uso do curso médio e do curso superior*. 5. ed. Recife: Ramiro M. costa & Filhos, 1917.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Dicionário etimológico do português arcaico**. Salvador: EDUFBA, 2013.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas, 1952.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Guia de usos do português: confrontando regras e usos**. São Paulo, 2003.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia**. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1956 [1919].

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva: curso superior**. 69. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática histórica**. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

SILVA, Joaquim Carvalho da Silva. **Dicionário da língua portuguesa medieval**. Londrina: EDUEL, 2007.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

“Não sei não, não vou não, não quero não” – a dupla negação na fala de ludovicenses: um estudo com base nos dados do Projeto ALiB

Layane Kessia Pereira Sousa

RESUMO: A negação é um universal de linguagem que pode se manifestar de diferentes formas nas línguas naturais. Em se tratando do Português Brasileiro (PB), esse fenômeno da negação sentencial é apresentado na língua de três formas: i) a negação pré-verbal (não + SV); ii) a dupla negação (não +SV+ não); e iii) a negação pós-verbal (SV+ não). Partindo desses pressupostos, o presente trabalho busca analisar a segunda estrutura de negação sentencial, a dupla negação. Ancorada nos estudos da Sociolinguística, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança (CEZARIO & VOTRE, 2008; LABOV, 2008; TARALLO, 2006), da Dialectologia (CARDOSO, 2010) e nos estudos de Schwegler (1991), Furtado da Cunha (2001), Schwenter (2005) e Rocha (2013), nossa pesquisa busca analisar os fatores linguísticos, discursivo-pragmáticos e sociais que contribuem para o uso da estrutura na fala de ludovicense. Para este estudo, utilizamos os dados da Capital do Estado, São Luís, localidade que compõe a rede de pontos linguísticos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Assim, com essa amostra representativa, foi possível fazer uma análise comparativa dos dados obtidos, de modo a observar a expressão da dupla negação na Capital. Os dados analisados foram coletados de oito entrevistas realizadas com falantes nativos das localidades, distribuídos segundo os fatores: sexo – masculino e feminino –, idade –faixa etária I, de 18 a 30 anos, e faixa etária II, de 50 a 65 anos –, e escolaridade – ensino fundamental incompleto e superior. Com base em nossos resultados, observamos, na capital maranhense, o uso significativo da variante não-canônica, a dupla negação, principalmente.

PALAVRAS-CHAVE: *Variação Linguística. Dupla Negação. São Luís. ALiB.*

Considerações iniciais

Esta pesquisa foi realizada sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança, que, segundo alguns estudiosos (CEZARIO & VOTRE, 2008; LABOV, 2008; TARALLO, 2006), observa a língua como um fato social, isto é, construída pelos seus falantes, reunidos em sociedade, tendo sua história e cultura refletidas por meio da linguagem.

À luz dessa teoria, propomos investigar, na capital do Maranhão, São Luís, a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, uso das expressões negativas sentenciais no português maranhense, em especial, a *dupla negação*, tema que vem despertando o interesse de diversos estudiosos da língua e provocando discussões sob diferentes enfoques.

Nessa premissa, a negação sentencial é um fenômeno linguístico que pode apresentar diferentes formas na mesma língua. Em se tratando do Português Brasileiro (doravante PB), são encontradas três estruturas negativas, estudadas por muitos pesquisadores da área. Esse interesse pode ser justificado pelo fato de o PB ser “a única das línguas românicas cuja variabilidade na estrutura da negação conta com três variantes” (SCHWENTER, 2005 *apud* ROCHA, 2013, p. 7), exemplificadas a seguir:

a) Negação pré-verbal (Neg.1)

Exemplo (1)²³

INQ. – ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

INF.– Quem **NÃO** gosta é **canhenga**

[MA026]²⁴

b) Dupla Negação (Neg.2)

Exemplo (2)

INQ.– E tu sabes se tem vida em outro planeta?

INF.– Vida?

INQ.– Uhn, rã. Em outro planeta?

INF.– **NUM**²⁵ **sei NÃO. NUM sei NÃO.**

[MA026]

c) Negação pós-verbal (Neg.3)

Exemplo (3)

INQ.– Tu conheces alguma simpatia pra tirar verruga, por exemplo, ou pra outra coisa qualquer?

INF.– Não. **Conheço NÃO**

[MA026]

A estrutura em (1) exemplifica a negação pré-verbal, variante canônica, bastante recorrente tanto na fala como na escrita; em (2), a dupla negação (Neg.2), variante coloquial objeto de estudo desta pesquisa; e em (3), a negação pós-verbal (Neg.3).

Com base nos exemplos apresentados, podemos observar que o mesmo falante pode ser usuário dos três tipos de negação, representados aqui em diferentes contextos, o que exemplifica a variação linguística, uma vez que a língua se mostra como um sistema maleável que tende a adaptar-se a diferentes situações comunicativas nas quais os sujeitos estão inseridos (*cf.* CEZARIO E VOTRE, 2008).

Para análise da dupla negação, estrutura foco deste trabalho, nos norteamos principalmente por duas ideias disponíveis na literatura da área, a respeito da função discursivo-pragmática da estrutura:

(i) a proposta de Schwegler (1991), que parte do pressuposto de que a segunda partícula negativa da dupla negação, em fase inicial da estrutura, estaria desempenhando função de ênfase. Esta função, no entanto, teria se perdido com o tempo, restando, apenas, o caráter entoacional ao segundo advérbio de negação da estrutura;

(ii) a proposta de Schwenter (2005), que analisa construções negativas do PB sob a perspectiva da Pragmática. Segundo ele, as três estruturas negativas só são intercambiáveis quando a proposição negada tiver sido ativada anteriormente no discurso. Assim, quando uma informação nova for apresentada, isto é, quando não houver ativação prévia da proposição no discurso, somente a negação pré-verbal é permitida. Nesse

²³ Convém ressaltar que os dados do ALiB são transcritos grafematicamente. As abreviaturas INQ. e INF. referem-se, respectivamente, a inquiridor e informante.

²⁴ Atentamos para o fato de que os exemplos ora citados são todos extraídos dos dados de fala da informante do sexo feminino da faixa etária I, selecionada para a pesquisa.

²⁵ Para o *corpus* deste trabalho, consideramos, também as variantes fonéticas do elemento negativo **NÃO**.

sentido, todo conteúdo ativado no discurso é pressuposto, mas nem todo conteúdo pressuposto é ativado discursivamente.

Para a composição do *corpus* da pesquisa, selecionamos os dados extraídos de oito entrevistas realizadas pelo Projeto ALiB com falantes nativos da localidade pesquisada, distribuídos segundo os fatores sexo, idade e escolaridade. Para melhor compreensão, explicitamos esses fatores com mais detalhe no item *Procedimentos Metodológicos* deste trabalho.

Com o objetivo de explicitar didaticamente como a pesquisa foi desenvolvida, estruturamos o presente trabalho da seguinte forma: (i) a introdução, aqui apresentada; ii) um sucinto comentário acerca das estruturas negativas no PB, enfocando principalmente a dupla negação, e apresentação do que postulam algumas gramáticas a respeito da estrutura, (iii) os procedimentos metodológicos; (iv) a análise dos dados; e (v) uma síntese das ideias principais do estudo.

O que dizem alguns estudos sobre a dupla negação

O fenômeno da negação sentencial tem sido estudado à luz de diferentes autores. Jespersen (1917), por exemplo, tomou como objeto de estudo línguas, como o inglês e o francês, que passaram por estágios nos quais duas estratégias de negação coexistiram. Nessa pesquisa, o autor propõe um ciclo, conhecido como Ciclo de Jespersen, que consiste no processo diacrônico em que o elemento negativo muda de posição dentro da frase, podendo oscilar entre a posição pré-verbal e a pós-verbal, e ainda ser duplicado, aparecendo antes e depois do sintagma verbal, em uma fase intermediária.

Schwegler (1991), que trouxe grandes contribuições para os estudos da negação no PB, estudou as estruturas negativas com dados das capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, e verificou sua ocorrência em diálogos abertos, enunciados negativos em contexto de pergunta e resposta, enunciado imperativo e declarativas espontâneas, e pressupõe que, assim como as línguas estudadas por Jespersen, o PB estaria vivenciando o Ciclo. De acordo com sua hipótese, Schwegler defende que a dupla negação, no primeiro momento, desempenharia função enfática que, com o tempo, se desgastaria restando apenas o caráter entoacional da estrutura. Nessa nova perspectiva, a dupla negação estaria assumindo a função pragmática de marcar a informação velha no discurso.

Schwenter (2005) retoma a ideia de informação velha e nova no discurso, trazendo novas contribuições aos estudos da negação. O autor afirma que as duas negativas não-canônicas – a dupla negação e a negação pós-verbal – são possíveis apenas quando há no discurso a ativação do conteúdo negado. Sua hipótese é que, quando o conteúdo for novo para o falante e novo no discurso ou novo no discurso e velho para o falante, não haverá a possibilidade de realização de Neg.2 e Neg.3. Em suas observações, Schwenter (2006) também presume que o PB esteja nas fases iniciais do Ciclo de Jespersen. Os argumentos que sustentam essa asserção podem ser encontrados em seu artigo “*Fine-Tuning Jespersen’s Cycle*” (2006), em que defende a ideia de que a função pragmática de Neg.2 e Neg.3 se aplicaria ao português, ao catalão e ao italiano, tendo as negativas não-canônicas a função de marcar conteúdo ativado no discurso.

Nesse sentido, diferentes estudos sobre as estruturas negativas no PB contribuem de forma significativa para as discussões sobre o Ciclo de Jespersen, uma vez que a língua portuguesa pode defrontar-se com motivações equivalentes. Alguns estudiosos acreditam que este pode ser o processo pelo qual o português vem passando, uma vez que a coexistência de três estruturas negativas no PB pode ser interpretada como um processo de mudança linguística em curso.

Em outros estudos, como o de Furtado da Cunha (2001), vemos que as três estruturas negativas são interpretadas como resultado de pressões rivais sobre o sistema linguístico. Nessa pesquisa, são trabalhados os seguintes princípios do funcionalismo: marcação, iconicidade e gramaticalização. A autora também expõe em seu texto, exemplos em que apresenta a dupla negação como material de suporte em que o falante tende a detalhar a comunicação.

Furtado da Cunha (2001) explica que existem duas possibilidades para a origem das negativas no PB. A primeira seria que as negativas teriam surgido de um processo de crioulização. Segundo esse pressuposto, a Neg.1 teria vindo do português europeu, e a Neg.2 e a Neg.3 advindo da influência de línguas africanas. A outra hipótese seria que as estratégias negativas não-canônicas seriam resultado de um processo de mudança natural da língua, uma vez que alguns estudos diacrônicos revelam o uso da Neg.2 em textos antigos do português europeu.

Noll (2008) ratifica essa segunda hipótese ao afirmar que a dupla negação usada no PB coloquial é um arcaísmo recorrente em textos antigos do português. O uso do segundo *não*, pós-verbal, tornava a construção enfática, como ocorria no francês. Para sustentar seus argumentos, Noll busca apoio na *Gramática histórica da língua portuguesa*, de Said Ali (1965), citando-a textualmente em uma nota em que lemos o seguinte: “Diferente de nós, e de acordo com a linguagem vulgar, os escritores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restrições a negação dupla, e até tríplice, com efeito reforçativo”²⁶. Noll reproduz ainda o exemplo dessa construção trazido por Said Ali, extraído do texto *Barca do Purgatório*, de Gil Vicente: “E este será glorioso / Não he de justiça, não”.

Além dos estudos ora citados, destacamos outras pesquisas que tomaram como base o PB. No âmbito da Sociolinguística Variacionista, temos o trabalho Rocha (2013), que enfoca a dupla negação com base em dados da fala do português paulistano e de Nascimento (2014), que estuda a negação na variedade falada em Vitória/ES. Na perspectiva funcionalista, Flores (2011) analisa dados de fala pertencente ao português falado no Distrito Federal.

Diante das diferentes perspectivas acerca da dupla negação apresentadas aqui, verificamos que ainda há inúmeros questionamentos a serem respondidos e hipóteses a serem testadas. No entanto, para efeitos deste trabalho, destacamos aqui a visão apresentada por Schwenter (2005), que subsidiará parte de nossa análise.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa foi realizada sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista, vertente que, segundo Cezario e Votre (2008, p. 141) se propõe estudar “(...) a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre estruturas linguísticas e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”.

Nessa perspectiva, desenvolvemos a pesquisa da seguinte forma: (i) primeiramente, fizemos um levantamento bibliográfico no âmbito da Sociolinguística (LABOV, 2008) e da Dialetoлогия (CARDOSO, 2010), para definição dos preceitos teórico-metodológicos, e dos estudos sobre a negação (SCHWEGLER, 1991; SCHWENTER, 2005; FURTADO DA CUNHA, 2000; ROCHA, 2013), a fim de respaldar teoricamente nossas reflexões sobre o objeto de estudo; (ii) depois, definimos a localidade onde investigaríamos a expressão da dupla negação e o perfil dos informantes;

²⁶ Nota 52 do Capítulo 7 – A formação das peculiaridades brasileiras em comparação com o português europeu – do livro de Noll (2008, p. 320).

(iii) delimitamos o *corpus* da pesquisa; (iv) e, por fim, analisamos os dados considerando os fatores que condicionaram o uso da variante investigada.

Seguindo as orientações metodológicas adotadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto de abrangência nacional que objetiva fazer um mapeamento do português falado no Brasil, propomos investigar o uso da dupla negação na fala de moradores da Capital do Maranhão, São Luís.

Os informantes foram selecionados com base no perfil descrito a seguir: sujeitos de ambos os sexos, distribuídos, igualmente, em duas faixas etárias – faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos – e dois níveis de escolaridade – Ensino Fundamental incompleto e Ensino Superior completo –; naturais da localidade pesquisada, e não tendo dela se afastado por mais de um terço de suas vidas, e seus pais devem ser, preferencialmente, naturais da mesma localidade.

O *corpus* de análise para a presente pesquisa foi selecionado com base nos dados de fala de entrevistas que compõem o banco de dados do Projeto ALiB, que consistem na aplicação *in loco* de questionários linguísticos previamente elaborados. Cada entrevista é composta pelos seguintes instrumentos: Questionário Fonético Fonológico (QFF, contemplando, além do nível segmental, questões voltadas à prosódia), o Questionário Semântico-Lexical (QSL), o Questionário Morfossintático (QMS), as Questões de Pragmática (QP), os Temas para Discursos Semidirigidos (TDS), as Perguntas Metalinguísticas (PM) e um texto para leitura, que possibilitam o estudo de fenômenos de todos os níveis linguísticos.

Como este trabalho investiga a expressão da dupla negação, variante de natureza morfossintática, consideramos, inicialmente, os dados coletados por meio do Roteiro de Discursos Semidirigidos, que se configuram como relatos pessoais, ou seja, discursos livres, e a questões 47, 48 e 49 do Questionário Morfossintático (QMS), que recobrem o tema *colocação do NÃO em respostas negativas*, apresentadas a seguir:

(47) “Você / a(o) senhor(a) sabe se tem vida em outro planeta / na lua?”

(48) “Você / o(a) senhor(a) já viu disco voador, não é?”

(49) “Você / o(a) senhor(a) já viajou de avião? Tem medo de viajar de avião?”

Entretanto, posteriormente, constatamos que somente os Discursos Semidirigidos e as três questões selecionadas do QMS não nos forneceriam dados suficientes para a pesquisa. Assim, decidimos investigar o uso de estruturas negativas em todo o inquérito, a fim de observar as ocorrências de dupla negação em contextos espontâneos de fala.

Análise dos dados

Inicialmente, antes de analisarmos o uso da dupla negação correlacionando-o aos fatores linguísticos, sociais e discursivo-pragmáticos selecionados para a pesquisa, verificamos as ocorrências das três estruturas negativas, a saber: Neg.1, Neg.2 e Neg.3, nos oito inquéritos da capital São Luís, a fim de fornecer um quadro geral de suas realizações para que fosse possível examinar a frequência da *dupla negação*, alvo de nossa análise, frente às outras estruturas negativas, como observado na Tabela 1.

Tabela 1– Distribuição geral dos dados

Variantes	Ocorrências	%
Neg. 1	295	88,8%
Neg. 2	35	10,5%
Neg. 3	3	0,9%
Total	333	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao observar o cômputo dados, verificamos que há uma diferença significativa entre as ocorrências das três variantes. Os dados evidenciam que em São Luís predomina a variante canônica, a negação pré-verbal. Em se tratando da dupla negação, registramos uma diferença de 260 ocorrências entre a Neg.1 e a Neg.2. A presença de 35 ocorrências de Neg.2 mostra que esta variante ainda se configura como inovadora no sistema linguístico. Também é importante observar o baixo número de ocorrência da negação pós-verbal, o que pode ser um indicativo de que essa estrutura ainda está sendo introduzida no português, apontando para um indício de processo de mudança linguística.

Tendo em vista que o foco de nossa pesquisa é uma análise sociolinguística da dupla negação, enfocamos a seguir as realizações dessa estrutura considerando os fatores selecionados para a pesquisa.

Fatores sociais

Baseados nos demais trabalhos já realizados acerca da dupla negação no PB (*cf.* ROCHA 2013; NASCIMENTO, 2014), selecionamos para nossa análise os fatores sociais *localidade, sexo, faixa etária e escolaridade*.

a) Fator sexo

Considerando o fator sexo, apresentamos na Tabela 2, a seguir, o cômputo geral dos dados.

Tabela 2 – Distribuição das ocorrências de Neg.2 quanto ao fator sexo

Localidade	Homem		Mulher		TOTAL
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
São Luís	24	75%	8	25%	32 (100%)

Fonte: Elaborada pela autora

Na Tabela 2, observamos, que embora os dados sejam poucos, os falantes do sexo masculino realizaram mais a dupla negação, computando um total de 24 ocorrências da estrutura entre os dois grupos, representando um percentual de 75%.

A maior ocorrência da estrutura na fala de homens reforça a ideia já posta pela Sociolinguística Variacionista de que as mulheres tendem a usar a forma padrão com mais frequência. Isso acontece porque seria cobrado da mulher um comportamento que esteja em conformidade com as normas sociais, principalmente, no que se refere ao seu comportamento linguístico. Por causa dessa cobrança social, ela teria a maior preocupação em reproduzir as formas linguísticas consideradas de prestígio dentro de sua comunidade de fala. (CEZARIO; VOTRE, 2008)

b) Fator faixa etária

Em se tratando da análise da variante quanto ao fator faixa etária, demonstramos na Tabela 3 a distribuição quantitativa das ocorrências de dupla negação.

Tabela 3 – Distribuição das ocorrências de Neg.2 quanto ao fator faixa etária

Localidade	Faixa Etária I (18 a 30 anos)		Faixa Etária II (50 a 65 anos)		TOTAL
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
São Luís	9	28,1%	23	71,9%	32 (100%)

Fonte: Elaborada pela autora

Na Tabela 3, o cômputo geral dos dados mostrou diferenças significativas entre as duas faixas etárias, sendo a faixa II a que mais realiza a dupla negação, com 71,9%.

Constatamos que nossos dados, apesar de não serem tão numerosos, não corroboram as postulações labovianas de que as variantes inovadoras são mais comuns na fala de pessoas mais jovens (TARALLO, 2006).

c) Fator Escolaridade

Como já mencionado anteriormente, por se tratar de uma análise de dados de informantes de uma capital estadual, foi possível considerar o fator escolaridade. A seguir, a distribuição de ocorrências de dupla negação por parte dos falantes ludovicenses.

Tabela 4 – Distribuição das ocorrências de Neg2 quanto ao fator escolaridade em São Luís

São Luís		
Escolaridade	Ocorrências	%
Ensino Fundamental	23	71,9%
Ensino Superior	9	28,1%
TOTAL	32	100%

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com os dados apresentados na Tabela 4, de 32 ocorrências de dupla negação, 23 (71,9%) foram registradas na fala de sujeitos que possuem até o ensino fundamental e apenas nove (28,1%) ocorreram na fala de pessoas com ensino superior. Apesar da pouca quantidade de dados, nossos resultados apontam que a variante inovadora, a dupla negação, é mais recorrente entre os usuários com menor nível de escolaridade, fato que corrobora o que também é postulado pela teoria laboviana, de que pessoas com maior grau de instrução tendem a realizar com maior frequência a variante de prestígio.

Fator Linguístico: Tempo Verbal

Após a visualização de nossos dados, verificamos que, dentre os fatores linguísticos geralmente considerados no estudo da negação – Tipo de pergunta, Tipo frase, Tipo sentença, Tipo sujeito –, o fator Tempo Verbal foi o que se mostrou mais relevante e, por isso, foi a única variável linguística selecionada para a pesquisa.

Em nossos dados, encontramos ocorrências de dupla negação apenas em orações no presente do indicativo, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, como apresentamos na Tabela 5:

Tabela 5 – Ocorrências de dupla negação em São Luís, distribuídas pelo o fator Tempo Verbal

Localidade	Presente do Indicativo		Pretérito Perfeito		Pretérito Imperfeito		TOTAL
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
São Luís	27	84,4	2	6,3	3	9,4	32 (100%)

Fonte: Elaborada pela autora

Ao analisarmos esse fator linguístico, observamos que houve maior ocorrência de dupla negação em orações no Presente do Indicativo. Apesar de poucas realizações, o Tempo Verbal Pretérito Imperfeito também se destaca por apresentar 9,4% de ocorrências.

Observamos que, entre os outros tempos verbais, quase não houve número significativo de uso da variante, uma vez que a diferença entre o Presente do Indicativo e o Pretérito Imperfeito se configurou com uma diferença de 25 ocorrências para o terceiro grupo de fatores.

Fator Discursivo-pragmático: Ativação da Proposição

A ativação da proposição é um dos fatores discursivo-pragmáticos que têm se mostrado mais relevante na análise de estruturas negativas. Conforme dito anteriormente, segundo Schwenter (2005), para que a dupla negação seja possível, o conteúdo negado deve ser ativado direta ou indiretamente no discurso. Dessa forma, selecionamos para análise os dois tipos de ativação, a fim de observar em qual desses Neg.2 é mais recorrente. Para visualização, apresentamos essa distribuição na Tabela 6:

Tabela 6 - Ocorrências de dupla negação por localidade, distribuídas pelo o fator Ativação da Proposição

Localidade	Ativação direta		Ativação Indireta		TOTAL
	Nº de ocorrências	%	Nº de ocorrências	%	
São Luís	15	46,9%	17	53,1%	32 (100%)

Fonte: Elaborada pela autora

Na Tabela 6, observamos que houve uma distribuição quase igualitária entre os dois tipos de ativação, computando, assim 53,1% para proposições ativadas indiretamente e 46,9% realizações da estrutura em proposições diretamente ativadas.

Considerações finais

Buscamos, por meio desta pesquisa, ampliar os conhecimentos acerca da dupla negação no PB, mais particularmente, no português falado no Maranhão, uma vez que ainda há poucos estudos sobre a variante no português falado no Estado.

Com base em nossas análises, dentre os fatores sociais, linguísticos e discursivo-pragmáticos analisados, os que mais se destacaram foram *sexo, faixa etária, escolaridade e tempo verbal*.

Com relação à variável sexo, destacamos que os falantes do sexo masculino realizaram mais a dupla negação, o que corrobora o que é postulado pelos estudos sociolinguísticos: as mulheres tendem a manter o padrão e, conseqüentemente, acabam optando pelas formas de prestígio.

Quanto à faixa etária, notamos que essa variável se mostrou relevante em nossas análises. Observamos que a estrutura é mais recorrente entre falantes da faixa etária II. O fato de haver maior registro de dupla negação na faixa II segue na direção contrária do que é postulado por Tarallo (2006). Segundo o autor, “para se atestar a mudança em progresso [...] é necessário que as variantes sejam correlacionadas aos diversos grupos etários: maior incidência nas faixas mais jovens e menor frequência nas mais velhas” (TARALLO, 2006, p. 65-66).

Em relação ao fator escolaridade, analisado apenas em São Luís, os dados apontam que a variante inovadora se mostrou menos presente na fala de pessoas mais escolarizadas, enquanto a forma canônica, a negação pré-verbal, é preferida por falantes com Ensino Superior. Quanto ao Tempo Verbal, observamos que quase todas as realizações de dupla negação ocorreram em orações no presente do indicativo.

Com isso, verificamos que todas as variáveis, sociais e linguística, investigadas se mostraram relevantes para nossa análise, com exceção da variável ativação da proposição, que, na verdade, pensávamos ser a mais promissora, uma vez que estudos vêm apontando fatores pragmáticos como mais decisivos na escolha das estruturas negativas.

O aprofundamento dos estudos desenvolvidos no âmbito da negação, e em particular da dupla negação, certamente contribui/contribuirá para maior compreensão e conhecimento do português falado no Maranhão.

Referências

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 17, no 1, p. 1-30, 2001

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Variação e mudança no domínio funcional da negação. **Gragoatá**, Niterói, 2000, n. 9, p. 155-170.

FLORES, Julield Ferrine. **A dupla negativa do português falado no Distrito Federal**. 50f., Monografia (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

JESPERSEN, Jens Otto. **Negation in English and other languages**. Hist-Fil Meddelelser vol. 1, n. 5. Copenhagen: Det Kgl. Danske Videnskabernes Selskab, 1917. 2014.

LABOV, William, **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCIMENTO, Cristina Aparecida Reimann. **A negação no português falado em Vitória / ES**. 98 f., Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes**. São Paulo: Globo, 2008.

ROCHA, Rafael Stoppa. **A negação dupla no português paulistano**. 97f., Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo., São Paulo, 2013.

SCHWEGLER, A. **Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress**. *Orbis, Leuven*, v.34, 1991, p. 187-214.

SCHWENTER, Scott A. **The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese**, 2005. Disponível em: <<http://people.cohums.ohio-state.edu/schwenter1/lingua.pdf>>. Acesso em: 17 maio. 2017.

SCHWENTER, S. A. Fine-Tuning Jespersen's Cycle. In: Birner, B.; Ward, G. **Drawing the Boundaries of Meaning: Neo-Gricean Studies in Pragmatics and Semantics in Honor of Laurence R. Horn**. Amsterdam: Benjamins, 2006, p. 327-344.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

Tu, você, cê, ocê, senhor: o falar de Bacabal em foco

Jamile Ieda Alves Caldas (UFMA/PIBIC)

RESUMO: Este trabalho, recorte de uma pesquisa de iniciação científica, tem como objetivo expor os resultados sobre a variação linguística observada no falar de Bacabal, município maranhense, no que diz respeito ao uso da segunda pessoa do singular como forma de tratamento dado ao interlocutor. Para efeito de análise, de natureza geossociolinguística, foram considerados os fatores extralinguísticos *sexo* e *faixa etária* (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), e o fator *efeito de interação*. A análise geral revelou que a forma *tu* é a mais utilizada entre os falantes bacabalenses, o que corresponde a uma de frequência de 50,4%. Na sequência, temos as formas *você*, *senhor*, *cê* e *ocê*, que apresentaram percentual de 26,1%, 14,8%, 7,8% e 0,9%, respectivamente. Os dados corroboram que a forma *tu* é mais empregada por ambos os sexos, porém, é na fala das mulheres que encontramos os maiores percentuais gerados para a forma *tu*, com 88,5%, e os menores percentuais para a forma *você*, com percentual de apenas 3,8%. É interessante notar, ainda que o *tu* seja a forma mais predominante, sobretudo na fala dos informantes da faixa etária II, que a forma inovadora *você* está muito presente no falar dos mais jovens, o que pode indicar um possível processo de mudança em curso das formas de tratamento nesse município maranhense. Por fim, o fator *efeito de interação* revelou que, ao fazerem o relato de experiência pessoal, os falantes utilizam mais a forma *tu*, indo ao encontro da teoria laboviana, que aponta a narrativa de experiência pessoal como um dos pontos da entrevista em que fica nítido o registro da fala mais casual.

PALAVRAS-CHAVE: *Variação Linguística. Pronomes de segunda pessoa. Bacabal-MA.*

Introdução

Este trabalho tem como objetivo expor os resultados sobre a variação linguística observada no falar do município maranhense Bacabal no que diz respeito ao uso da segunda pessoa do singular como forma de tratamento dado ao interlocutor. Para tanto, faz-se necessário apresentar um breve panorama histórico sobre a formação do sistema pronominal brasileiro, tendo como base os estudos já realizados nesse âmbito.

Os pronomes pessoais da segunda pessoa do singular, utilizados como forma de tratamento no português brasileiro, receberam fortes resquícios da declinação do sistema latino, e vieram como tratamento para ser usado de forma direta para um interlocutor. Isto é, a forma *tu* era marcada exclusivamente para o singular enquanto *vós* era marcada para o plural. Segundo Faraco (1982), a configuração do português medieval até o século XIV era da seguinte forma: a forma *vós* podia ser empregada apenas para um único interlocutor de nível social ou hierárquico elevado, ou por fator de idade, sendo uma forma cortês para se dirigir a alguém. Enquanto *tu* era sempre a bem marcada, não podendo ser empregada para pessoas desconhecidas; era realizada na fala de igual para igual, ou quando um dos falantes possuía maior prestígio que o outro, de superior para inferior.

Said Ali (1964) afirma que outras formas de tratamento foram implantadas quando o intuito do emissor era se dirigir a um receptor de elevado prestígio social, a

saber, o rei. Dentre essas formas, destacavam-se: *Vossa Alteza*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Majestade*, *Vossa Mercê*, além de outras. Para tanto, no final do século XVI, muitas delas foram perdendo seu grau honorífico, tendo em vista que seu uso se generalizou entre a população de todas as classes.

Ao que se refere à forma *Vossa Mercê*, Teyssier (1980, *apud* ALVES 2010, p.17) explica que o ato da expansão de uso da forma *Vossa Mercê* ocasionou o surgimento do *você* devido a uma erosão fonética, evoluindo do *Vossa Mercê* para *voacê* e em seguida para o *você*, e a uma erosão semântica, assumindo um tratamento familiar.

No Brasil, estudos mostram a predominância da forma inovadora *você*, todavia, existe ainda o uso do *tu* em alguns Estados do Norte, Nordeste e Sul, seguidas do verbo sem a concordância prevista na norma gramatical. De acordo com Menon (1995, p.97), historicamente a forma *você*, oriunda de uma locução nominal (pronomine possessivo + substantivo) e acompanhada de um verbo conjugado na terceira pessoa do singular, se pronominalizou, ou seja, passou por um processo de gramaticalização, o que a fez mudar de categoria: “de nome (visto que uma locução nominal, segundo a gramática tradicional, equivale a um nome -substantivo ou adjetivo -, exercendo as mesmas funções gramaticais) para pronomine”. Com efeito, a forma de tratamento *tu* é usada comumente na fala sem a presença do morfema atribuído à segunda pessoa do singular, da mesma forma que *você*. A hipótese levantada pela autora é a de que houve uma espécie de interiorização da forma verbal, sem a presença de tal morfema como a marca de segunda pessoa, e ainda a variação recaindo no uso do pronomine.

Uma vez apresentado este breve percurso histórico sobre a origem das formas *tu* e *você*, o presente trabalho apresenta a seguinte organização: a seção Bacabal, o *locus* da pesquisa, trata das razões que levaram à realização deste trabalho; em Metodologia, apresentamos os métodos utilizados para a coleta de dados, na cidade de Bacabal, pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB; na sequência, a seção Análise dos Dados expõe os resultados e a comparação com os dados do ALiMA, analisados por Alves (2010); e por fim, as Considerações Finais.

Em linhas gerais, esperamos com este trabalho levar à comunidade acadêmica os resultados da nossa pesquisa sobre a variação pronominal²⁷. Ademais, observar a relevância das variáveis sociais e estilística, como possíveis motivadoras para a escolha da forma de tratamento *tu*, *você* e *cê* no falar de Bacabal.

Bacabal, o *locus* da pesquisa

O falar maranhense apresenta uma significativa variação no que diz respeito ao sistema pronominal brasileiro, dando destaque para as formas de tratamento *tu* e *você*. De vários municípios maranhenses a serem pesquisados, Bacabal foi o escolhido para implementar o *corpus* que está sendo elaborado por um projeto de pesquisa do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (DELER/UFMA), o Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, que tem como objetivo maior “descrever a realidade do português do Maranhão para identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado” (RAMOS, 2005, p. 5).

²⁷Para este trabalho, como já dito, contemplamos apenas o município de Bacabal. No entanto, é válido ressaltar que já se encontram disponíveis os resultados da pesquisa de iniciação científica - A variação TU e VOCÊ: o tratamento dado ao interlocutor no Estado do Maranhão, com base nos dados do Projeto ALiMA” -, cujos dados englobam a variação pronominal nos municípios maranhenses de Araiões, Brejo, Carolina e Turiaçu.

Geograficamente, a cidade de Bacabal está localizada na mesorregião Centro do Estado do Maranhão, e possui uma distância de cerca de 258 quilômetros da capital São Luís. O nome da cidade originou-se devido à existência de inúmeras palmeiras de bacaba presentes no início de sua colonização. Ademais, com o passar do tempo, prosperou com o desenvolvimento do comércio, trazendo para si a presença de novos moradores, muitos deles nordestinos.

A cidade em questão foi um dos municípios escolhidos do Estado para compor a amostra dos fenômenos realizados no momento da fala, pelo Atlas Linguístico do Brasil - Projeto ALiB. Este foi iniciado em 1996 por um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras, e tem como objetivo principal a realização de um atlas linguístico brasileiro²⁸ no que se refere à língua portuguesa por meio de um mapeamento em todo o território nacional. Segundo Cardoso, com o intuito de revestir as inúmeras ocorrências de utilização das variações linguísticas, assim como as diferentes áreas, o projeto em questão

tem como rede de pontos um conjunto de 250 localidades distribuídas por todo o território nacional — uma área de 8.511.000 km² —, para cuja seleção se procurou contemplar as diferentes situações culturais, as áreas de limites internos e internacionais bem como a representatividade do ponto para a sócio-história do país, além da densidade demográfica (CARDOSO, 2003, p.7).

Os dados coletados em Bacabal, para o Projeto ALiB, tiveram no total a participação de quatro informantes que responderam a um questionário composto por 458 questões. Para esta pesquisa, foi tomado como base para a análise dos dados não apenas a utilização do Questionário Morfosintático (QMS), a fim de identificar as formas de tratamento dirigidas a um interlocutor, como também todas as ocorrências registradas nos Questionários Fonético e Fonológico (QFF), Semântico Lexical (QSL), nos Temas para Discursos Semidirigidos e nas Perguntas Metalinguísticas.

Metodologia da Pesquisa

O presente estudo é de caráter quali-quantitativo e tem como base os dados coletados no município maranhense de Bacabal. Para efeito de análise, foram considerados os fatores extralinguísticos *sexo* e *faixa* etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), e o fator *efeito de interação*. A escolha desses fatores foi de suma importância para chegarmos aos resultados, já que estes podem ser decisivos na escolha dos bacabalenses quanto ao uso da segunda pessoa.

Para a realização da pesquisa, temos como apoio teórico o método proposto por William Labov. Segundo Monteiro (2000, p. 39), para compreender a teoria laboviana, é necessário “o alcance do conceito de *comunidade*”, termo que se caracteriza como uma “questão complexa” por não ser fácil determinar os limites geográficos ou sociais de uma comunidade e por não haver unanimidade por parte dos linguistas ao que se refere aos critérios de demarcação. Com efeito, Labov deixou claro que

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso de elementos da língua, mas, sobretudo pela participação num conjunto de normas estabelecidas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, que são invariantes com

²⁸É válido ressaltar que o Projeto ALiB teve seu primeiro trabalho, denominado como Atlas Linguístico do Brasil- Volume I e II, publicado no ano de 2014. Para maiores informações, consultar o site do Projeto: www.alib.ufba.br.

relação aos níveis particulares de uso. (LABOV, 1968: 120, *apud* MONTEIRO, 2000, p. 39.)

Para tanto, a teoria laboviana sugere que a prática da pesquisa de campo parta de uma análise de um grupo de indivíduos, ou seja, busca-se capturar o vernáculo da comunidade. A partir daí, é necessário definir a variável de estudo, determinando o número exato de variantes e observando a quantidade que aparece nos contextos, para que assim se possa “elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis” (LABOV, 1972, *apud* MONTEIRO, 2000, p. 59).

O que dizem os dados

Neste item, fazemos uma comparação desta pesquisa, a partir de agora citada como Alves e Caldas (2017), com a de Alves (2010), tendo em vista que nosso trabalho também se propôs a estudar o comportamento linguístico dos falantes de Bacabal. Na sequência, apresentamos os resultados das variáveis *sexo*, *faixa etária* e *efeito de interação*, gerados com base no nosso *corpus*.

Alves (2010)

A pesquisa realizada por Alves (2010) contou com quatro informantes bacabalenses e levou em consideração variáveis sociais e linguísticas.

Em seu estudo, a autora observou que a faixa etária do informante se mostrou a mais importante por ser explicada sob o viés da variação diageracional, sendo ainda a primeira a ser selecionada para a análise das formas *tu* e *você*. Convém ressaltar que a análise geral da pesquisa foi feita com base em seis municípios maranhenses – São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Balsas e Alto Parnaíba – e apontou que “os falantes mais idosos tendem a empregar com maior frequência a forma conservadora *tu*, ao passo que os mais jovens utilizam a forma inovadora *você*”.

Em relação aos dados de Bacabal, os valores percentuais acerca da variante diageracional revelam que tanto os jovens quanto os idosos apresentam quase a mesma conduta ao se referirem a um interlocutor, utilizando a forma *tu* com percentuais de 56% e 57%, respectivamente. Esses dados indicam que, nessa localidade, a escolha de *tu* e *você* se apresenta como um fenômeno em variação estável”. De acordo com a autora, análises futuras em que se levem em conta a idade e outras variáveis independentes podem ser mais confiáveis para verificar que tipo de variação encontramos no português falado no Maranhão.

Alves e Caldas (2017)

A pesquisa ora apresentada, por sua vez, foi realizada com base nos dados coletados para o Projeto ALiB, no município de Bacabal. Conta também com quatro informantes, distribuídos pela mesma faixa etária e sexo. Considerando a análise geral, tal como apresentado no Quadro 1, a forma *tu* é a mais utilizada entre os falantes de Bacabal, vindo em seguida as formas *você* e *cê*. Apesar de esta pesquisa ter como foco o uso do *tu/você*, foi notória a presença de três outras variantes na fala dos informantes: *cê*, *ocê*, *senhor*, fato que nos levou a incluir essas variantes no quadro geral da amostra. O Quadro 1 exibe os dados da pesquisa em sua totalidade apresentando, portanto, as cinco variantes encontradas, contrapondo-os com os de Alves (2010):

Quadro 1- Variantes identificadas na amostra de Alves e Caldas (2017) e Alves (2010).

ALVES e CALDAS (2017)					
TU	VOCÊ	SENHOR	CÊ	OCÊ	TOTAL
58	30	17	9	1	115
50.4%	26.1%	14.8%	7.8%	0.9%	100%

ALVES (2010)			
TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
13	9	1	23
56.5%	39.1%	4.3%	100%

Fonte: Alves e Caldas (2017) e Alves (2010).

Como vemos, na pesquisa de Alves e Caldas (2017), foram identificadas no *corpus* 115 ocorrências quanto ao emprego da segunda pessoa do singular para se referir a um interlocutor. Sendo assim, a forma *tu* obteve uma frequência de 50.4% no falar dos bacabalenses, no total de 58 ocorrências; ao passo que a forma *você* apresentou uma frequência de 26.1%, com 30 ocorrências; a forma *senhor*, por sua vez, exibiu 14.8% de frequência, com 17 ocorrências; a forma *cê*, revelou uma frequência de 7.8%, com 9 ocorrências; enquanto que a forma *ocê* manifestou uma frequência de 0.9%, totalizando apenas uma ocorrência.

Por sua vez, a pesquisa realizada por Alves (2010) contou com 23 ocorrências assim distribuídas: a forma conservadora *tu* apresentou uma frequência de 56.5% e 13 ocorrências, vindo, em segundo plano, a forma *você*, com percentuais de 39.1 %; e nove ocorrências, e a forma *cê*, com uma frequência de 4.3% e uma ocorrência. A autora não encontrou ocorrências de outras formas, já no *corpus* por nós analisado encontramos um total de cinco variantes.

Análise das variáveis sexo, faixa etária e efeito de interação

Passemos agora à apresentação dos dados considerando apenas as variantes mais frequentes na fala dos informantes. Logo, para efeito de análise, temos um total de 97 ocorrências em referência ao tratamento para segunda pessoa. O Quadro 2 expõe essas variantes:

Quadro 2- Variantes Tu/Você/Cê

TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
58	30	9	97
59.8%	30.9%	9.3%	100%

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o Quadro 2, das 97 ocorrências em referência ao tratamento para segunda pessoa, registramos 58 registros de *tu*; 30, de *você*; e 9 de *cê*, correspondendo, respectivamente, a um percentual de 59.8%, 30.9% e 9.3%.

Tendo em vista as variantes que exibiram maior frequência nesta pesquisa, observamos que o resultado para a forma *tu* vai ao encontro daquele apresentado por

Alves (2010). Segundo a autora, quanto mais distantes da capital do Estado, maior a tendência de os municípios maranhenses conservarem o *tu*, como marca de identidade regional, principalmente na fala dos mais idosos (cf. Quadro 4).

Variável Sexo

Passemos agora para a análise dos dados considerando o fator sexo. O quadro 3 apresenta os percentuais gerados.

Quadro 3- Efeito da variável *sexo* quanto ao uso das variantes Tu/Você/Cê.

Masculino			Feminino		
TU	VOCÊ	CÊ	TU	VOCÊ	CÊ
35	29	7	23	1	2
49.3%	40.8%	9.9%	88.5%	3.8%	7.7%

Fonte: Elaborado pela autora

Como vemos no Quadro 3, os dados confirmam que a forma *tu* é empregada pelos dois sexos, mas é na fala das mulheres que são registrados os maiores percentuais para a forma *tu*, com 88.5%. A forma *você*, por sua vez, é a segunda mais empregada pelo sexo masculino, ao apresentar o percentual de 40.8%, ao passo que as mulheres a utilizaram em menor frequência com registro de apenas 3.8%. Por fim, a forma *cê* apresentou menor frequência na fala masculina com percentuais de 9.9%, enquanto na fala das mulheres o percentual foi de 7.7%.

Variável Faixa Etária

Na sequência, o Quadro 4 expõe os resultados gerados pelo efeito da variável faixa etária no contexto de fala do bacabalense.

Quadro 4- Efeito da variável faixa etária quanto ao uso das variantes Tu/Você/Cê

Faixa Etária I			Faixa Etária II		
Tu	Você	Cê	Tu	Você	Cê
35	29	7	23	1	2
49.3%	40.8%	9.9%	88.5%	3.8%	7.7%

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados revelam que tanto na faixa etária I quanto na faixa etária II predomina o uso de *tu* sobre as demais variantes, tendo uma frequência de 49.3% e 88.5% respectivamente. Na primeira faixa etária, a forma *você* aparece em segundo plano, com 40.8%, enquanto a forma *cê* apresenta uma frequência de 9.9%. Por sua vez, na faixa etária II, a segunda variante com maior uso é a forma *cê* com uma frequência de 7.7%, ao passo que a variante *você* dispõe de apenas 3.8% de frequência.

Variável Efeito de Interação

Antes de apresentar os resultados desta variável, é importante destacar que foram identificados, com base no material gravado, apenas seis contextos, a saber: N -

relato de experiência pessoal; T- trecho de fala de grande interesse do informante em que ocorre um desvio do tópico proposto pelo entrevistador; R- falante respondendo ao interlocutor; G - falante dirigindo-se ao interlocutor; S - falante expondo opiniões de caráter genérico; e L- trechos de fala que se referem a atitudes linguísticas. A seguir, apresentamos os resultados da variável *efeito de interação*.

Quadro 5- Efeito da variável *efeito de interação* com todas as variantes identificadas no estudo.

Contextos	TU	VOCÊ	SENHOR	CÊ	OCÊ	TOTAL
N	26 70.3%	6 16.2%	2 5.4%	2 5.4%	1 2.7%	37 32.2%
T	4 26.7%	6 40.0%	1 6.7%	4 26.7%	0 0.0%	15 13.0%
R	24 49.0%	9 18.4%	14 28.6%	2 4.1%	0 0.0%	49 42.6%
G	0 0.0%	3 100.0%	0 0.0%	0 0.0%	0 0.0%	3 2.6%
S	1 16.7%	5 83.3%	0 0.0%	0 0.0%	0 0.0%	6 5.2%
L	3 60.0%	1 20.0%	0 0.0%	1 20.0%	0 0.0%	5 4.3%

Fonte: Elaborado pela autora

Verificamos que a forma *tu* foi a mais empregada quando em contextos representados por N, R e L, com termos percentuais de 70.3%, 49.0% e 60.0%, com ocorrências de 26, 24 e 3, respectivamente. Por sua vez, a forma inovadora *você* mostrou-se em primeiro plano nos contextos T, G e S, com frequência de 40.0%, 100.0% e 83.3%, e ocorrências de 6, 3 e 5. Como resposta a esses números para *tu*, observamos que, para os contextos N, R e L, houve menor monitoramento na fala por parte do locutor, expressando menor grau de formalidade. Quanto ao contexto N, já era esperado que, ao fazerem o relato de experiência pessoal, os falantes utilizassem mais a forma conservadora *tu*, isso porque, segundo a teoria laboviana, a narrativa de experiência pessoal é um dos pontos da entrevista em que fica nítido o registro da fala mais casual.

A forma *cê* apresentou destaque, em terceiro plano, nos contextos N, T, R e L, com frequência de 5.4%, 26.7%, 4.1% e 20.0%, tendo 2, 4, 2 e 1 de ocorrências. Por sua vez, em contextos N, T e R, a forma *senhor* obteve frequência de 5.4%, 6.7% e 28.6%, com ocorrências de 2, 1 e 14. Para a forma *ocê*, foram identificadas variantes somente no contexto N, com percentuais de 2.7% e uma ocorrência.

Considerações finais

Propomos, com este estudo, expor uma comparação entre duas pesquisas realizadas com dados de falantes bacabalenses. Em termos gerais, a forma *tu* ocorre na fala dos informantes tanto da primeira quanto nos da segunda faixa etária. Todavia, o presente estudo destaca que a forma conservadora *tu*, apesar de ser a primeira escolha de todos os informantes, exhibe uma significativa diferença em termos percentuais, mantendo, assim, o espaço para a forma inovadora *você* na fala dos mais jovens.

A análise dessa variável expôs que, na fala dos informantes mais velhos, a forma conservadora *tu* é a mais frequente, ao passo que a forma inovadora *você*, como já dito, parece manter um relevante espaço no falar dos mais jovens. Em relação à forma *cê*,

notamos um maior uso pelos informantes da primeira faixa etária do sexo masculino, e um menor uso na fala das informantes da segunda faixa etária.

Já a variável sexo mostrou que as mulheres deram preferência para a forma conservadora *tu*, ao passo que os homens destacaram as formas inovadoras *você* e *cê*. Concluimos que, para a fala de ambos os sexos, a forma *tu* ainda é a predominante, sobretudo na dos informantes da faixa etária II. Entretanto, verificamos que a forma inovadora *você* está muito presente no falar dos mais jovens, o que pode indicar um possível processo de mudança em curso das formas de tratamento nesse município maranhense.

Por fim, observamos, sob o viés estilístico, que a forma *tu* obteve êxito nos contextos representados por N, R e L, com frequência de 70.3%, 49.0% e 60.0%. Por sua vez, a forma *você* exibiu destaque nos contextos T, G e S, com percentuais de 40.0%, 100.0% e 83.3%; ao passo que as formas *cê*, *senhor* e *ocê* foram identificadas nos contextos N, T, R e L, apresentando frequência de 5.4%, 26.7%, 4.1% e 20.0%; N, T e R, com frequência de 5.4%, 6.7% e 28.6%; e N, percentuais de 2.7%.

Referências

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do Tu e do Você no português falado no Maranhão**, 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Caminho dos Pronomes Pessoais no Português Brasileiro: considerações a partir de dados do Projeto ALiB. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1, São Paulo. 1 a 05/set/2008. **Anais do I Anais do I SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. São Paulo: FFLCH USP, 2008, p. 321-345.

COELHO et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto- (Coleção para conhecer linguística), 2015.

DANTAS, Wagner Saback **Uma proposta de (re)análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística laboviana** Florianópolis, SC, 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion**. Tese de doutoramento. University of Salford, UK, 1982.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial,. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso, 2008.

MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Universidade Federal do Paraná, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. (Coord.). **Projeto Atlas Linguístico do Maranhão**. São Luís: UFMA. (Departamento de Letras). Projeto em andamento. 2018.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FRASEOLOGIA

A variação lexical nas regiões Nordeste e Centro-Oeste com base no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Cíntia da Conceição Marques (PERMANECER/UFBA)

RESUMO: Este trabalho de cunho lexical objetiva, a partir do material coletado do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, apresentar parte do estudo sobre a presença de variação lexical nos dados referentes a seis capitais, sendo três da Região Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia) e três da Região Nordeste (Maceió, Aracaju e Salvador). Vinculado ao Projeto VALEXTRA (Variação Lexical: Teorias, Recursos e Aplicações), convênio CAPES/COFECUB 2015 celebrado entre a UFBA (Universidade Federal da Bahia) e a Universidade Paris 13 (Laboratório LDI – *Lexiques, Dictionnaires, Informatique*), a metodologia aplicada nesta pesquisa compreende os pressupostos estabelecidos pelas equipes de pesquisadores do Brasil (ALiB) e da França (LDI). O Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ NACIONAL, 2001) foi aplicado a 48 informantes, delimitando três campos semânticos: fenômenos atmosféricos (questões de 1 a 6), astros e tempos (questões de 7 a 21) e acidentes geográficos (questões de 22 a 38). Utilizou-se a metodologia já proposta pelo Projeto ALiB: duas faixas etárias: a Faixa I, de 18 a 30 anos, e a Faixa II, de 50 a 65 anos; dois sexos: masculino e feminino; e duas faixas de escolaridade: fundamental e universitário. Este trabalho, entretanto, está centrado apenas na questão 015 – *Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?* Sabendo que o léxico reflete a ideologia e as práticas socioculturais das comunidades humanas, com a análise do *corpus*, pretende-se aprofundar o conhecimento da realidade linguística brasileira, tanto em termos diatópicos, quanto diasssexuais, diastráticos, diageracionais e diafásicos, apresentando as variantes encontradas e suas possíveis motivações.

PALAVRAS-CHAVE: *Variação lexical; Língua Portuguesa; Dialectologia.*

Introdução

No uso da linguagem oral, o falante utiliza uma série de recursos discursivos para que a comunicação se estabeleça da forma o mais efetiva possível. Movido pelas distintas intenções, recorre a estruturas pré-fabricadas, grupos de palavras, novos vocábulos e novos sentidos, adequando-se aos diferentes contextos e situações comunicativas. A Fraseologia é uma ciência relativamente nova que tem despertado o interesse de diversos estudiosos; apesar disso, a dificuldade de delimitar o objeto de estudo e a classificação das unidades mostram-se como obstáculos dessa corrente de estudo, muitas vezes marginalizada.

Com base na teoria francesa, adota-se o termo *unidades fraseológicas* (UF) para designar as unidades linguísticas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia. São elas: sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina ou cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações.

Segundo Mejri (2016), o processo de fixação das unidades fraseológicas realiza-se por meio de um processo universal próprio das línguas vivas que se inscreve no tempo, realiza-se independentemente da vontade dos interlocutores, age como fator sistêmico sobre o funcionamento da língua em todos os níveis e é recorrente. Observa-se que as

escolhas dos indivíduos por determinadas formas são influenciadas por fatores cognitivos e linguísticos, pelo contexto e pela visão de mundo. Portanto, é possível conceituar a Fraseologia como uma disciplina independente, que se relaciona com todos os níveis da linguagem (desde o fonético-fonológico ao discursivo-pragmático) com o objetivo de estudar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomatidade, que sejam polilexicais e que constituam a competência discursiva dos falantes (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 33).

A fim de compreender esses mecanismos, este trabalho tem como objetivo explorar os recursos do ALiB e da Lexicografia brasileira para fazer o inventário dos fraseologismos mais frequentes no português brasileiro, presentes em inquéritos coletados *in loco*, contribuindo com as pesquisas fraseológicas, comprovando a importância do fraseologismo para a compreensão das línguas como parte essencial da cultura.

Dessa forma, a partir do material coletado pela pesquisa do ALiB, pretende-se contribuir para a compreensão e a categorização dessas unidades fraseológicas no Brasil, através da coleta e descrição das unidades fraseológicas encontradas em seis capitais brasileiras, sendo três da Região Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia) e três da Região Nordeste (Maceió, Aracaju e Salvador), bem como realizar a análise das unidades fraseológicas coletadas, visando aprofundar o conhecimento da realidade linguística brasileira, tanto em termos diatópicos, quanto diafásicos, diastróficos e diastróficos, apresentando as variantes encontradas e suas possíveis motivações.

Fraseologia: reflexões teóricas

Uma das grandes dificuldades para os estudos dos fraseologismos está relacionada à delimitação e à definição do objeto de estudo. Dentre as diversas abordagens que se propõem a analisar estas estruturas, não existe um consenso, tendo em vista as diferentes correntes teóricas que pesquisam seu comportamento. No Brasil, existem duas grandes linhas de pesquisa: a corrente espanhola, que tem como objeto principal os provérbios e sua composição, e a corrente francesa, que, adotando o termo Unidade Fraseológica (UF), busca ampliar o objeto de estudo da fraseologia para muito além das sentenças proverbiais, utilizando como principais critérios de classificação dessas unidades a polilexicalidade e a fixidez. Para este estudo será adotada a linha de pesquisa francesa defendida por Salah Mejri.

Salah Mejri (1987) define Fraseologia como o fenômeno que se exprime por meio de associações sintagmáticas recorrentes, e fixação como o processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam. Mejri (1987) destaca a importância do processo de fixação para a compreensão do comportamento das UFs,

Le figement est en effect important à plus d'une trite: il engage toutes les dimensions du système Linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence (...) couramment employé dans la conversation de tous les jours, illustre parfaitement l'imbrication de tous les niveaux que nous venons que mentionner (MEJRI, 1997, p. 23)²⁹.

²⁹ O processo de fixação é, em efeito, importante: ele confirma todas as dimensões do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.). Uma sequência (...) comumente empregada em conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar (MEJRI, 1997, p. 23, tradução nossa).

² A primeira condição necessária para que se possa falar de fraseologismo é que se esteja na presença de uma sequência de várias palavras e essas palavras tenham, além disso, uma existência independente. Isto

Sfar (2015) define fixidez como processo pelo qual as formações sintagmáticas têm, no seu conjunto, sintaxe interna correlacionada com o significado global, ou seja, o sentido da expressão não se constitui da soma do sentido de cada uma das palavras que a constituem individualmente. Segundo Gross (1996), o processo de fixação das UFs é uma propriedade das línguas naturais, cuja importância foi totalmente ignorada, sendo tratada, por quase todas as gramáticas, em um capítulo sobre a formação de palavras, paralelas à derivação. Sobre a polilexicalidade, Gross afirma:

La première condition nécessaire pour qu'on puisse parler de figement est que l'on soit en présence d'une séquence de plusieurs mots et que ces mots aient, par ailleurs, une existence autonome. Cela exclut les suites formées à l'aide d'un afixe (prefixe, suffixe), qui relèvent de ce qu'on appelle la dérivation. (GROSS, 1996, p.9)²

Sendo assim, constata-se que a polilexicalidade diz respeito ao número de elementos, ou seja, para ser considerado fraseologismos a UF deverá ser formada por pelo menos duas unidades lexicais armazenadas na memória como se fossem uma só. Já a fixação refere-se à relação entre a mobilidade, a variação dos constituintes de uma UF e o processamento da linguagem verbal. No que diz respeito à característica formal, a fixação pode se manifestar nas UFs através de restrições: no eixo sintagmático, restrição para flexões, pronominalizações e passivização; no eixo paradigmático, restrição para comutação de termos e inserção de novos elementos.

Somadas à polilexicalidade e à fixidez, foram analisadas, ainda, a idiomaticidade, enquanto valor adquirido e compartilhado pelos falantes de determinada língua; a convencionalidade, relativa à seleção de determinadas estruturas em detrimento de outras, para atender a propósitos discursivos precisos; e a frequência, que se refere à repetição, muitas vezes automática, de estruturas pré-fabricadas. Para Monteiro-Plantim (2014), a convencionalidade dos novos fraseologismos vem sendo mantida graças a telenovelas, jornais, revistas, músicas, internet etc.

De acordo com Monteiro-Plantim (2014), as unidades fraseológicas sofreram um processo de marginalização, havendo recomendações expressas para a sua não utilização em inúmeros materiais didáticos dedicados ao ensino de língua materna, com a justificativa de que evidenciariam falta de criatividade e pobreza de vocabulário. Porém, com o avanço das pesquisas, esse olhar equivocado vem se dissipando. Afinal as unidades fraseológicas são reflexos de cultura e crenças de um povo, existindo de formas variadas. Nas mais diversas línguas, vêm ganhando espaço no ensino de língua para estrangeiros, apesar da dificuldade de compreensão e falta de material de apoio como dicionários especializados e gramáticas. Essas dificuldades não são encontradas apenas para falantes estrangeiros, mas também em falantes da língua materna que não estejam familiarizados com determinadas unidades, grupos ou contextos de produção.

Cacciari e Tabossi (1993 *apud* Leme, 2008, p. 13) apontam para a grande importância dessas unidades, listando características essenciais como: a universalidade, ou a difusão de determinada unidade no campo linguístico de um idioma, o surgimento e a difusão das unidades fraseológicas. De acordo com as autoras, os fraseologismos surgem no uso cotidiano da linguagem natural e sua criação demonstra novos conceitos sobre o mundo, descreve novas maneiras de os indivíduos construírem modelos mentais e

exclui composições formadas pelo acréscimo de afixos (prefixo, sufixo), que se enquadram na chamada derivação.

indica formas inovadoras de propagá-los, além de comprovar a facilidade que os falantes de língua materna possuem para utilizar essas unidades, já que lidam diariamente com o sentido literal dos vocábulos e seus significados.

Compreendendo Fraseologia e Lexicologia enquanto ciências independentes, porém correlacionadas, é importante refletir sobre o léxico enquanto reflexo da cultura e de ideologias. Segundo Aragão (2013), as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separá-las ou dizer onde uma termina e a outra começa. Para ela, ao estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos e determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados.

Segundo Aragão (2013, p. 39), para compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, ou de um grupo de especialistas ou profissionais, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contexto.

De acordo com Mattos (2001, p. 271), conhecer e estudar as expressões típicas de um idioma é fundamental para adquirir um desempenho linguístico fluente, já que não basta apenas conhecer a gramática e o vocabulário de uma língua. Dessa forma:

[...] ao aprendermos uma língua estrangeira, o estudo destas unidades possibilita uma aprendizagem ao mesmo tempo linguística e cultural, posto que através destas expressões o homem fala de seus costumes, de seus pensamentos e ideologias, resultado da história de cada povo (MATTOS, 2001, p. 271).

Segundo Cunha e Mafra (2012, p. 1), as unidades fraseológicas estão atreladas a eventos que ocorreram com personagens reais, mas há também explicações folclóricas de que o povo as mantém por muitas gerações e transmitem de forma oral, o que pode significar a perda de parte das explicações originais ou “corretas”. Para as referidas autoras, tais expressões são consideradas como uma das manifestações mais relevantes das potencialidades criadoras de uma língua, como demonstra eloquentemente a riqueza das suas imagens, a originalidade das suas metáforas e a variedade e maleabilidade das suas formas estruturais.

A partir das definições apresentadas, é possível delimitar uma série de características que permitirão melhor compreensão e categorização das estruturas em colocações, fórmulas de rotina, expressões idiomáticas, ditos populares, parêmsias, provérbios etc., analisando, também, as possíveis motivações de escolhas dessas unidades por parte dos informantes das capitais estudadas.

Procedimentos metodológicos

O Atlas Linguístico do Brasil contempla um total de 250 localidades e conta com a contribuição de 1100 informantes. Segundo Paim e Ribeiro (2016, p. 21), o Questionário Linguístico do Projeto ALiB é constituído de sete partes distintas. Sua divisão visa contemplar as diferentes áreas de estudo da língua, garantindo uma descrição mais precisa do perfil linguístico brasileiro. Apresenta-se da seguinte forma:

- (1) QFF - Questionário fonético-fonológico (159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia);
- (2) QSL - Questionário semântico lexical (202 perguntas);
- (3) QMS - Questionário morfossintático (49 perguntas);
- (4) QP - Questões de pragmática (04 perguntas);

- (5) TDS - Temas para discurso semi-dirigido (04 temas - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal);
 (6) PM - Perguntas metalinguísticas (06 perguntas);
 (7) LE - Texto para leitura (“Parábola dos sete vimes”).

A metodologia aplicada nesta pesquisa compreende os pressupostos estabelecidos pelas equipes de pesquisadores do Brasil (ALiB) e da França (LDI). O levantamento de dados foi realizado em seis capitais, sendo três da Região Nordeste (Maceió, Aracaju, Salvador) e três da Região Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande, Goiânia), na sessão *astros e tempo* (questões de 22 a 38), do Questionário Semântico-lexical (QSL). Este trabalho, entretanto, está centrado apenas na questão 015: *Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?*

Utilizou-se a metodologia já proposta pelo Projeto ALiB para escolha dos informantes (disposta no Quadro1), o que possibilita uma análise em termos pluridimensionais.

QUADRO 1: Perfil dos informantes.

Nº informante	Nível escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Universitário	I (18-30 anos)	Masculino
06	Universitário	I (18-30 anos)	Feminino
07	Universitário	II (50-65 anos)	Masculino
08	Universitário	II (50-65 anos)	Feminino

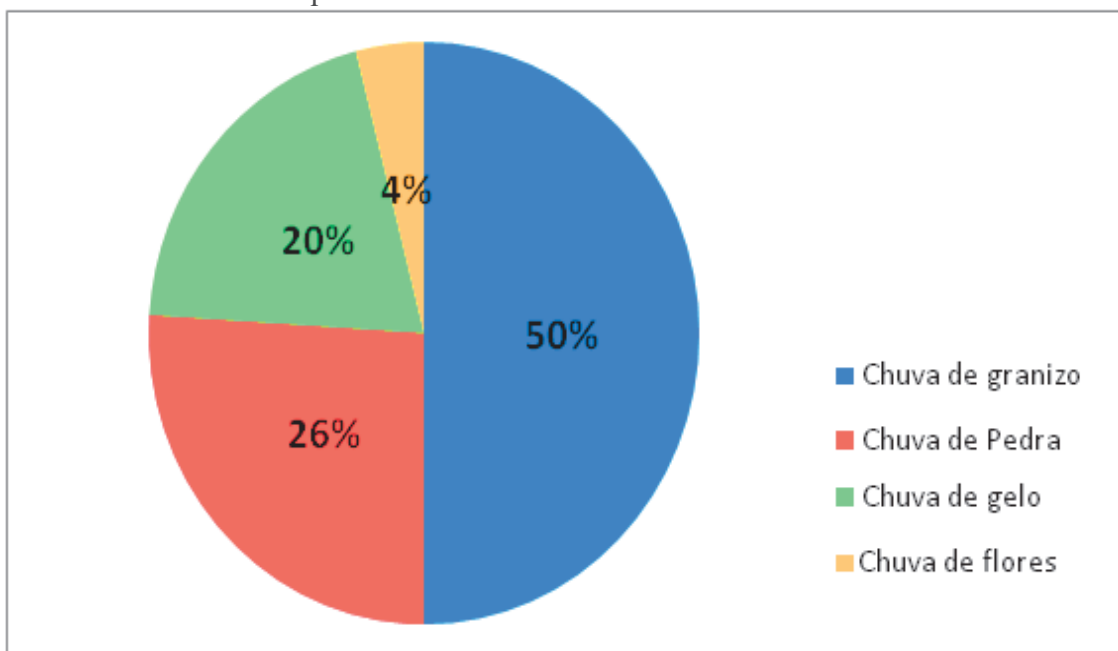
Fonte: Banco de dados do ALiB.

Como é possível observar no Quadro 1, foram entrevistados oito informantes por capital, totalizando 48 informantes para este estudo. Inicialmente, os áudios relativos às capitais foram ouvidos e uma seleção abrangente das possíveis Unidades Fraseológicas foi realizada, dividindo-as por capitais. Em seguida, com o auxílio da *Université Paris 13*, fez-se uma seleção mais criteriosa dos dados recolhidos. Dando início à análise dos dados, foram realizadas a quantificação das estruturas encontradas e a consulta aos dicionários de Ferreira (2004), Houaiss (2009) e Michaelis (1998), a fim de constatar as formas dicionarizadas. Posteriormente, os dados foram analisados em termos diatópicos, diageracionais, diassexuais e diastráticos, apresentando as variantes encontradas e suas possíveis motivações.

Resultados e discussões

Com o tratamento inicial dos dados, foram validadas 46 unidades fraseológicas como resposta para a Questão 015: *Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?* São elas: “chuva de granizo”, “chuva de pedra”, “chuva de gelo” e “chuva de flores”, como se verifica no Gráfico 1:

GRÁFICO 1: Análise quantitativa.



Fonte: Banco de dados do ALiB.

Como se observa no Gráfico 1, das unidades encontradas, predominou o fraseologismo “chuva de granizo”, com 50% das ocorrências, seguido de “chuva de pedra”, que é a resposta sugerida pelo Questionário do ALiB e apresentou 26% do percentual. “Chuva de flores” apresentou o menor número de ocorrência, com apenas 4% do total. No Quadro 2, verificou-se como essas unidades estão se incorporando à tradição gramatical por meio da consulta aos dicionários.

QUADRO 2: Consulta aos dicionários.

Unidade fraseológica	Michaelis (1998)	Aurélio (2004)	Houaiss (2009)
Chuva de granizo	N/D	N/D	s.f. m.q. Granizo
Chuva de pedra	Chuva de pedras, de balas.	1. Tipo de precipitação atmosférica na qual as gotas de água se congelam ao atravessar uma camada de ar frio, caindo sob a forma de pedras de gelo.	N/D
Chuva de gelo	N/D	N/D	N/D
Chuva de flores	N/D	N/D	N/D

Fonte: Elaborado pela autora

No Quadro 2, ficou claro que muitas das unidades fraseológicas encontradas ainda não estão dicionarizadas, principalmente as mais inovadoras como “Chuva de gelo” e “Chuva de granizo”. No recorte abaixo, verifica-se como esses inquéritos são realizados:

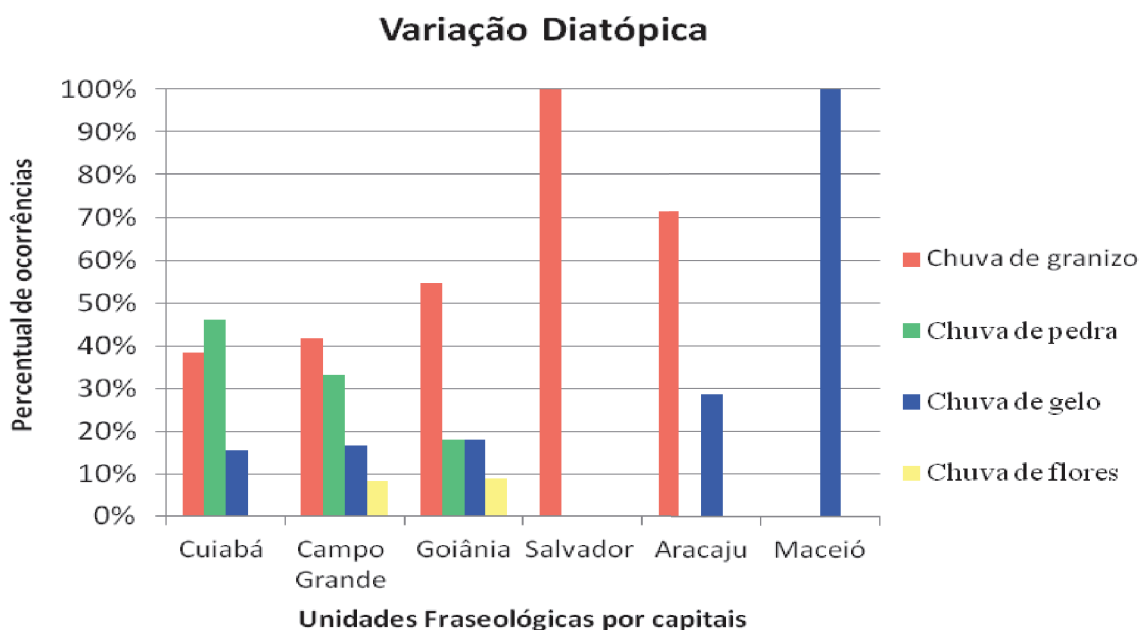
QUADRO 3: Recorte e transcrição grafemática de inquérito.

INQ.- E durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo, né? Como se chama essa chuva?
INF.- É uns fala **chuva de flores**, outros fala... **Chuva... de pedra, de gelo**.
INQ.- Por que será que é chuva de flor?
INF.- Diz que é porque, cai aquelas pedrinha branquinha, diz que fala que é **chuva de flor**.
INQ.- É comum, você fala sempre chuva de flor?
INF.- É... Eu falo chuva de... É **chuva de flor, chuva de pedra**.
(Campo Grande, mulher, faixa I, nível fundamental)

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Para a questão analisada, a distribuição dos dados no espaço geográfico é representada no Gráfico 2:

GRÁFICO 2: Análise Diatópica



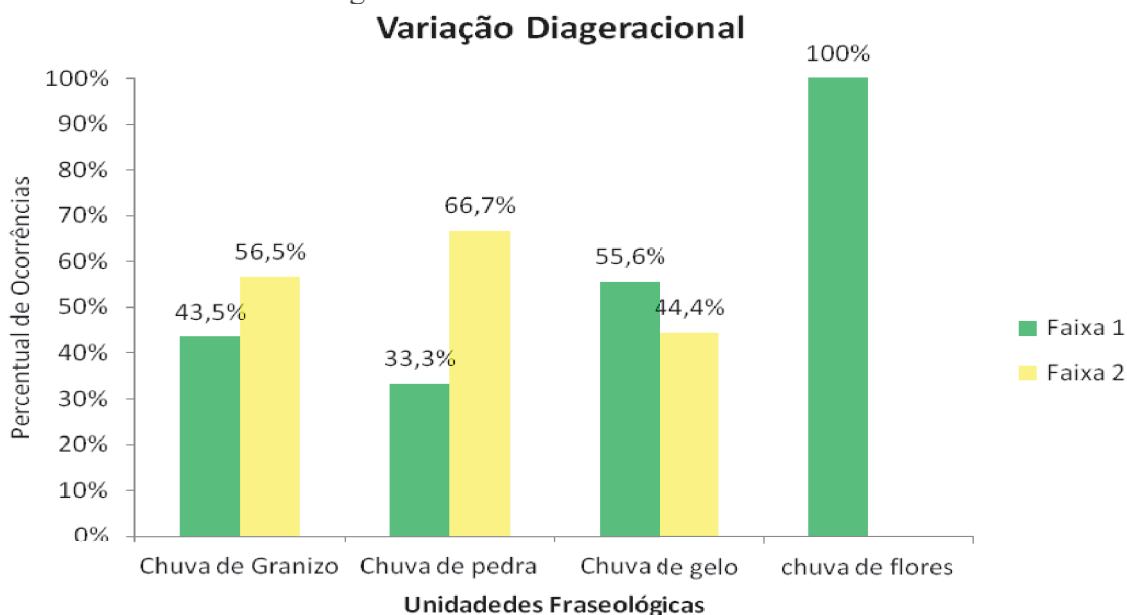
Fonte: Banco de dados do ALiB.

A análise diatópica dos dados demonstra que “Chuva de granizo” foi a unidade fraseológica mais produtiva quantitativamente, pois aparece em maior percentual em quatro das seis capitais estudadas, tendo uso categórico em Salvador e um percentual bastante significativo em Aracaju, onde alcançou 71% ocorrências. “Chuva de gelo”, apesar de representar 20% do total de unidades encontradas, aparece em cinco das capitais estudadas com destaque em Maceió, onde aparece de forma isolada. A UF “Chuva de pedra”, que é a resposta esperada para a pergunta 015, aparece em três das capitais analisadas, tendo maior ocorrência em Cuiabá com 46%.

Na análise diatópica, percebe-se uma produtividade maior para as capitais da Região Centro-Oeste nas quatro denominações encontradas. A UF “Chuva de flores” aparece apenas em Campo Grande e Goiânia, com 8% das ocorrências para ambas as capitais. Na Região Nordeste, há uma variedade menor de usos: nas capitais estudadas apareceram apenas duas das quatro variantes – “Chuva de granizo” e “Chuva de gelo”.

Para verificar se a temporalidade influencia as escolhas dos informantes, foi analisada a variável diageracional, como demonstrado no Gráfico 3:

GRÁFICO 3: Análise Diageracional.

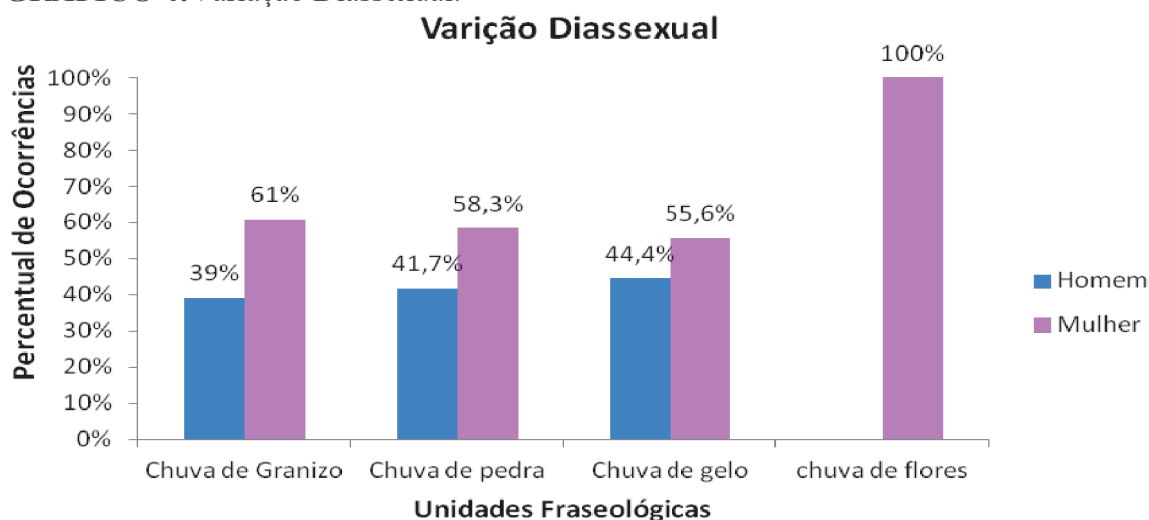


Fonte: Banco de dados do ALiB.

Analisando os dados diageracionais, verifica-se que as variantes “chuva de granizo” e “chuva de pedra”, que já estão dicionarizadas, são mais utilizadas pelos informantes da faixa 2, enquanto “chuva de gelo” e “chuva de flores”, que são mais inovadoras, são mais utilizadas pelos informantes da faixa 1. Com exceção de “chuva de flores”, que aparece apenas na faixa 1, há distribuição equivalente dos dados com relação à idade dos informantes.

A seguir, a variável sexo apresenta-se no Gráfico 4.

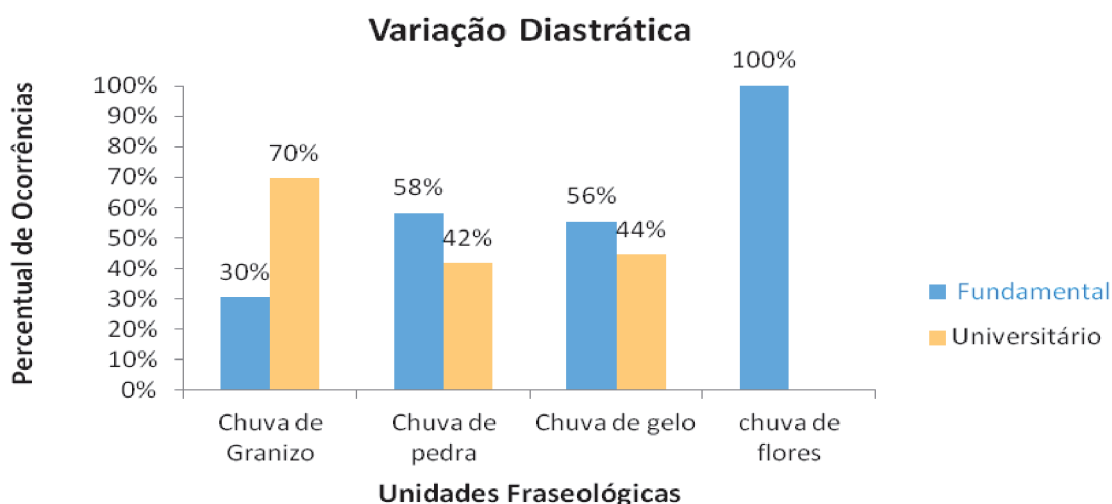
GRÁFICO 4: Varição Diassexual.



Fonte: Banco de dados do ALiB.

Na análise diassexual, destaca-se o maior uso de todas as UFs por parte das informantes de sexo feminino. Com exceção de “chuva de flores” que aparece apenas na fala das mulheres, há distribuição equivalente dos dados com relação a ambos os sexos. No Gráfico 5, verifica-se a influência do grau de escolaridade:

GRÁFICO 5: Variação Diastrática.



Fonte: Banco de dados do ALiB.

Constata-se que os informantes de nível universitário optam pela variante dicionarizada “Chuva de granizo”, com 70% das respostas analisadas. Já os informantes de nível fundamental atingiram maior percentual de escolhas nas demais variantes.

Considerações finais

Neste trabalho, analisou-se uma pequena amostra de Unidades Fraseológicas específicas do português, encontradas nas capitais da Região Nordeste (Maceió, Aracaju e Salvador) e Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia), a partir do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, sendo possível observar como diferentes fatores interferem nessas escolhas. Através das análises diatópica, diasssexual, diageracional e diastrática, confirmou-se como os fraseologismos utilizados pelos informantes refletem o imaginário popular e a riqueza lexical presente nas capitais analisadas, mesmo que usados de forma intuitiva. Com base na Geolinguística Pluridimensional, foi possível verificar que:

- (i) em resposta a questão “015” predominou o fraseologismo “chuva de granizo”, seguido de “chuva de pedra”, que é a resposta sugerida pelo questionário do ALiB;
- (ii) das quatro denominações encontradas, duas encontram-se registradas nos dicionários consultados;
- (iii) na análise diatópica, observa-se uma produtividade maior para as capitais da Região Centro-Oeste nas quatro denominações encontradas, comparando à Região Nordeste, onde aparecem apenas duas variantes;
- (iv) as variantes dicionarizadas são mais utilizadas pelos informantes da faixa 2, enquanto as mais inovadoras são mais utilizadas pelos informantes da faixa 1;
- (v) na análise diasssexual, destaca-se o maior uso de todas as UFs por parte das informantes de sexo feminino;
- (vi) os informantes de nível universitário optam pela variante dicionarizada “Chuva de granizo”, com 70% das respostas analisadas; já os informantes de nível fundamental atingiram maior percentual de escolhas nas demais variantes.

Os resultados apresentados neste trabalho exemplificam a importância dos estudos fraseológicos para a descrição e a documentação do português brasileiro e suas nuances, visto que o fraseologismo busca construir novos sentidos que contemplem o

dinamismo linguístico, as experiências cotidianas e as diversas identidades culturais, essenciais para a compreensão da língua no diálogo pertinente com a sociedade e a cultura.

Referências

ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. *In*: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane. **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2016. p. 39.

CARDOSO, Suzana *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

COMITÊ NACIONAL. **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: EDUEL, 2001.

CUNHA, Bruna; MAFRA, Liana. **Estudo de Unidades Fraseológicas e seus sentidos metafóricos: Análises contrastivas**. Disponível em <file:///C:/Users/C%C3%ADNTIA/Downloads/491-13510-1-PB.pdf>. Acesso em 26 fev. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

GROSS, Gaston. **Les expressions figées en français**. Les noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEME, Andreza da Costa. **Idiomaticidade e Composicionalidade das Expressões Idiomáticas da Língua Inglesa: O Significado na Interface Semântico-Pragmática-Etimológica**. 2008. 167 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MATTOS, Monissa. Fraseologia: Conceitos e características para a identificação das locuções verbais. **Língua e Literatura**, n. 27, p. 271-300, 2001.

MEJRI, Salah. **Délimitations des Unités Phraséologiques**. Université Paris 13: Slides, 2016. 48 slides, colorido.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical**. Descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunísia: Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire S. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna**. v. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SFAR, Inès. **Le Défigement: Procédés et Classements**. Paris: Slides, 2015. 49 slides, colorido.

Fraseologismos como expressão da cultura e imaginário popular: uma análise sobre as expressões utilizadas para denominar os meses do ano

Cíntia da Conceição Marques (PERMANECER/UFBA)

RESUMO: Ignorada durante muito tempo pela pesquisa científica, a fraseologia conheceu, ao final do século XX, um inesperado interesse que permitiu explicitar, quantitativa e qualitativamente, sua importância para o funcionamento das línguas. Inserido no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), este trabalho, de cunho lexical, objetiva, a partir do material coletado, demonstrar a importância dos fraseologismos como expressão da cultura e imaginário popular nos dados referentes a seis capitais, sendo três da Região Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia) e três da Região Nordeste (Maceió, Aracaju e Salvador). Vinculado ao Projeto VALEXTRA (Variação Lexical: Teorias, Recursos e Aplicações), convênio CAPES/COFECUB 2015 celebrado entre a UFBA (Universidade Federal da Bahia) e a Universidade Paris 13 (Laboratório LDI – *Lexiques, Dictionnaires, Informatique*), a metodologia aplicada nesta pesquisa compreende os pressupostos estabelecidos pelas equipes de pesquisadores do Brasil (ALiB) e da França (LDI). O levantamento de dados foi feito na seção *astros e tempo* (questões 22 a 38 do Questionário Semântico-Lexical – QSL – do Projeto ALiB). Utilizou-se a metodologia já proposta pelo Projeto ALiB – duas faixas etárias: a Faixa I, de 18 a 30 anos, e a Faixa II, de 50 a 65 anos; dois sexos: masculino e feminino; e dois níveis de escolaridade: fundamental e universitário. Este trabalho, entretanto, está centrado apenas na questão 35, que objetiva saber nomes especiais utilizados para denominar os meses do ano. Sabendo que o léxico reflete a ideologia e as práticas socioculturais das comunidades humanas, com a análise do *corpus*, pretende-se aprofundar o conhecimento da realidade linguística brasileira, apresentando as denominações encontradas e suas possíveis motivações.

PALAVRAS-CHAVE: *Fraseologia; Léxico; Língua Portuguesa.*

Introdução

No uso da linguagem oral, o falante utiliza uma série de recursos discursivos para que a comunicação se estabeleça da forma mais efetiva possível. Movido pelas mais distintas intenções, o falante recorre às estruturas pré-fabricadas, grupos de palavras, novos vocábulos e novos sentidos, adequando-se aos diferentes contextos e situações comunicativas. A Fraseologia é uma ciência relativamente nova, que tem despertado o interesse de diversos estudiosos; apesar disso, a dificuldade de delimitar o objeto de estudo e a classificação das unidades mostram-se como obstáculos dessa corrente de estudo, muitas vezes, marginalizada.

Com base na teoria francesa, o termo *unidades fraseológicas* (UFs) será adotado para designar as unidades linguísticas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia, são elas: sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina ou cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações.

Segundo Mejri (2016), o processo de fixação das unidades fraseológicas realiza-se: (i) por meio de um processo universal próprio das línguas vivas que se inscreve no tempo, (ii) independentemente da vontade dos interlocutores, (iii) age como fator

sistêmico sobre o funcionamento da língua em todos os níveis e (iv) é recorrente. Observa-se que as escolhas dos indivíduos por determinadas formas são influenciadas por fatores cognitivos e linguísticos, pelo contexto e pela visão de mundo. Portanto, a Fraseologia pode ser conceituada como uma disciplina independente, que se relaciona com todos os níveis da linguagem (desde o fonético-fonológico ao discursivo-pragmático) com o objetivo de estudar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomatidade, que sejam polilexicais e que constituam a competência discursiva dos falantes (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 33).

A fim de compreender esses mecanismos, este trabalho busca contribuir para a compreensão e categorização dessas unidades fraseológicas no Brasil, através da coleta e análise das unidades fraseológicas encontradas no banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), observando suas características composicionais e verificando as possíveis motivações a partir da compreensão do seu significado não-literário. Dessa forma, esta pesquisa torna-se de extrema contribuição para desmistificar esses preconceitos em torno dos fraseologismos, demonstrando serem reflexo da língua, das crenças e da cultura de um povo.

Este trabalho objetiva explorar os recursos do ALiB e da lexicografia brasileira para fazer o inventário dos fraseologismos mais frequentes no português brasileiro e presentes em inquéritos coletados *in loco*, contribuindo com as pesquisas fraseológicas, comprovando a importância do fraseologismo para a compreensão das línguas, como parte essencial da cultura.

Dessa maneira, a partir do material coletado pela pesquisa do ALiB, será apresentado parte do estudo sobre a presença de fraseologismos nos dados referentes a seis capitais brasileiras, sendo três da Região Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia) e três da Região Nordeste (Maceió, Aracaju e Salvador), para realizar a análise das unidades fraseológicas coletadas observando suas características composicionais, verificando as possíveis motivações a partir da compreensão do seu significado não-literário.

Delimitando conceitos

Uma das grandes dificuldades para os estudos dos fraseologismos está relacionada à delimitação e à definição do objeto de estudo. Dentre as diversas abordagens que se propõem a analisar estas estruturas, não existe um consenso, tendo em vista as diferentes correntes teóricas que pesquisam seu comportamento. No Brasil, existem duas grandes linhas de pesquisa: a corrente espanhola, que tem como objeto principal os provérbios e sua composição, e a corrente francesa, que, adotando o termo Unidade Fraseológica (UF), busca ampliar o objeto de estudo da fraseologia para muito além das sentenças proverbiais, utilizando como principais critérios de classificação dessas unidades a polilexicalidade e a fixidez. Para este estudo será adotada a linha de pesquisa francesa defendida por Salah Mejri.

Salah Mejri (1987) define Fraseologia como o fenômeno que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes e fixação como o processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam. Mejri (1987) destaca a importância do processo de fixação para a compreensão do comportamento das UFs,

Le figement est en effect important à plus d'une trite: il engage toutes les dimensions du système Linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence (...) couramment employé dans la conversation de tous les jours, illustre

parfaitement l'imbrication de tous les niveaux que nous venons que mentionner (MEJRI, 1997, p. 23)³⁰.

Sfar (2015) define *fixidez* como processo pelo qual as formações sintagmáticas têm, no seu conjunto, sintaxe interna correlacionada com o significado global, ou seja, o sentido da expressão não se constitui da soma do sentido de cada uma das palavras que a constituem individualmente. Segundo Gross (1996), o processo de fixação das UFs é uma propriedade das línguas naturais, cuja importância foi totalmente ignorada, sendo tratada, por quase todas as gramáticas, em um capítulo sobre a formação de palavras, paralelas à derivação. Sobre a polilexicalidade, Gross (1996) afirma que

La première condition nécessaire pour qu'on puisse parler de figement est que l'on soit en présence d'une séquence de plusieurs mots et que ces mots aient, par ailleurs, une existence autonome. Cela exclut les suites formées à l'aide d'un affixe (prefixe, suffixe), qui relèvent de ce qu'on appelle la dérivation (GROSS, 1996, p.9)².

Sendo assim, constata-se que a polilexicalidade diz respeito ao número de elementos, ou seja, para ser considerado fraseologismos a UF deverá ser formada por pelo menos duas unidades lexicais, armazenadas na memória como se fossem uma só. A fixação, por sua vez, refere-se à relação entre mobilidade e variação dos constituintes de uma UF e ao processamento da linguagem verbal. Enquanto característica formal, a fixação pode manifestar-se nas UFs através de restrições: no eixo sintagmático, restrição para flexões, pronominalizações e passivização; no eixo paradigmático, restrição para comutação de termos e inserção de novos elementos.

Somadas a polilexicalidade e a *fixidez*, foram analisadas, ainda, a idiomaticidade, enquanto valor adquirido e compartilhado pelos falantes de determinada língua, e a convencionalidade, relativa à seleção de determinadas estruturas em detrimento de outras, para atender a propósitos discursivos precisos, e à frequência que se refere à repetição, muitas vezes, automática, de estruturas pré-fabricadas. Para Monteiro-Plantim (2014), a convencionalidade dos novos fraseologismos vem sendo mantida graças a telenovelas, jornais, revistas, músicas, internet etc.

De acordo com Monteiro-Plantim (2014), as unidades fraseológicas sofreram um processo de marginalização, havendo recomendações expressas para a sua não utilização em inúmeros materiais didáticos dedicados ao ensino de língua materna, com a justificativa de que evidenciariam falta de criatividade e pobreza de vocabulário. Porém, com o avanço das pesquisas, esse olhar equivocado vem se dissipando, afinal as unidades fraseológicas são reflexo da cultura e das crenças de um povo, existindo de formas variadas. Nas mais diversas línguas, vêm ganhando espaço no ensino de língua para estrangeiros, apesar da dificuldade de compreensão e falta de material de apoio como dicionários especializados e gramáticas. Essas dificuldades não são encontradas apenas

³⁰ O processo de fixação é, em efeito, importante: ele confirma todas as dimensões do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.). Uma sequência (...) comumente empregada em conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar (MEJRI, 1997, p. 23, tradução nossa.).

² A primeira condição necessária para que se possa falar de fraseologismo é que se esteja na presença de uma sequência de várias palavras e essas palavras tenham, além disso, uma existência independente. Isto exclui composições formadas pelo acréscimo de afixos (prefixo, sufixo), que se enquadram na chamada derivação.

por falantes estrangeiros, mas também por falantes da língua materna que não estejam familiarizados com determinadas unidades, grupos ou contextos de produção.

Cacciari e Tabossi (1993 *apud* Leme, 2008, p. 13) apontam para a grande importância dessas unidades, listando características essenciais como: a universalidade, ou a difusão de determinada unidade no campo linguístico de um idioma, o surgimento e a difusão das unidades fraseológicas. De acordo com as autoras, os fraseologismos surgem no uso cotidiano da linguagem natural e sua criação demonstra novos conceitos sobre o mundo, descreve novas maneiras de os indivíduos construírem modelos mentais, indica formas inovadoras de propagá-los, além de comprovar a facilidade que os falantes de língua materna possuem para utilizar essas unidades, já que lidam diariamente com o sentido literal dos vocábulos e seus significados.

Compreendendo Fraseologia e Lexicologia enquanto ciências independentes, porém correlacionadas, é importante refletir sobre o léxico enquanto reflexo da cultura e de ideologias. Segundo Aragão (2013), as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separá-las ou dizer onde uma termina e a outra começa. Para ela, ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos e determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados.

Segundo Aragão (2013, p.39), para compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural ou de um grupo de especialistas ou profissionais, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações dentro de um contexto.

De acordo com Mattos (2001, p. 271), conhecer e estudar as expressões típicas de um idioma é fundamental para adquirir um desempenho linguístico fluente, já que não basta apenas conhecer a gramática e o vocabulário de uma língua. Dessa forma,

[...] ao aprendermos uma língua estrangeira, o estudo destas unidades possibilita uma aprendizagem ao mesmo tempo linguística e cultural, posto que através destas expressões o homem fala de seus costumes, de seus pensamentos e ideologias, resultado da história de cada povo (MATTOS, 2001, p. 271).

Segundo Cunha e Mafra (2012, p. 1), as unidades fraseológicas estão atreladas a eventos que ocorreram com personagens reais, mas há também explicações folclóricas de que o povo as mantém por muitas gerações e transmitem de forma oral, o que pode significar a perda de parte das explicações originais ou “corretas”. Para as referidas autoras, tais expressões são consideradas como uma das manifestações mais relevantes das potencialidades criadoras de uma língua, como demonstra eloquentemente a riqueza das suas imagens, a originalidade das suas metáforas e a variedade e maleabilidade das suas formas estruturais.

A partir das definições apresentadas, é possível delimitar uma série de características que permitirão melhor compreensão e categorização das estruturas em colocações, fórmulas de rotina, expressões idiomáticas, ditos populares, parêmsias, provérbios, analisando, também, as possíveis motivações de escolhas dessas unidades por parte dos informantes das capitais estudadas.

Metodologia

O Atlas Linguístico do Brasil contempla um total de 250 localidades e conta com a contribuição de 1100 informantes. Segundo Paim e Ribeiro (2016, p. 21), o

Questionário Linguístico do Projeto ALiB é constituído de sete partes distintas. Sua divisão visa contemplar as diferentes áreas de estudo da língua, garantindo uma descrição mais precisa do perfil linguístico brasileiro. Apresenta-se da seguinte forma:

- (1) QFF - Questionário fonético-fonológico (159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia);
- (2) QSL - Questionário semântico-lexical (202 perguntas);
- (3) QMS - Questionário morfossintático (49 perguntas);
- (4) QP - Questões de pragmática (04 perguntas);
- (5) TDS - Temas para discurso semidirigido (04 temas - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal);
- (6) PM - Perguntas metalinguísticas (06 perguntas);
- (7) LE - Texto para leitura (“Parábola dos sete vimes”).

A metodologia aplicada nesta pesquisa compreende os pressupostos estabelecidos pelas equipes de pesquisadores do Brasil (ALiB) e da França (LDI). O levantamento de dados foi realizado em seis capitais, sendo três da Região Nordeste (Maceió, Aracaju, Salvador) e três da Região Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande, Goiânia), na sessão *astros e tempo* (questões de 22 a 38) do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Este trabalho, entretanto, está centrado apenas na questão 35, que objetiva saber nomes especiais utilizados para denominar os meses do ano.

Utilizou-se a metodologia já proposta pelo Projeto ALiB para escolha dos informantes (disposta no Quadro1), o que possibilita uma análise em termos pluridimensionais.

QUADRO 1: Perfil dos informantes.

Nº Informante	Nível escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Universitário	I (18-30 anos)	Masculino
06	Universitário	I (18-30 anos)	Feminino
07	Universitário	II (50-65 anos)	Masculino
08	Universitário	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Como se observa no Quadro 1, foram entrevistados oito informantes por capital, totalizando 48 informantes para este estudo. Inicialmente, os áudios relativos às capitais foram ouvidos e uma seleção abrangente das possíveis Unidades Fraseológicas foi realizada, dividindo-as por capitais. Em seguida, com o auxílio da *Université Paris 13*, fez-se uma seleção mais criteriosa dos dados recolhidos. Dando início a análise dos dados, realizou-se a classificação e a categorização das estruturas encontradas e,

posteriormente, fez-se a consulta aos seguintes dicionários: Dicionário Online de Português, Ferreira (2004), Houaiss (2001) e Michaelis (1998), a fim de constatar as formas dicionarizadas.

Resultados e discussões

Com o tratamento inicial dos dados, foram validadas seis unidades fraseológicas em resposta para a questão 35 referente a denominações especiais para os meses do ano, são elas: “Mês Junino (junho)”, “Mês de São João” (junho), “Mês Natalino” (dezembro), “Mês do Natal” (dezembro), “Mês do Desgosto” (agosto) e “Mês do Cachorro Louco” (agosto). Nenhuma das variantes foi encontrada nos dicionários consultados.

No exemplo do quadro 2, verifica-se como os inquéritos são realizados:

Quadro 2: Recorte de transcrição grafemática de inquéritos.

INQ. - E alguns desses meses têm outros nomes, você conhece algum desses nomes? Pra alguns desses meses? INF.- Nomes? INQ.- Sim, outros nomes pra esses meses, tipo, mês de junho, mês de julho... INF.- Bom, aqui se fala que o mês de julho é Santana, o mês de junho, mês de são João , tem maio que é o mês das noivas, né? Agosto... Que falam que é o mês do desgosto , mês de cachorro louco , acho que só... <p style="text-align: right;">(Aracaju, masculino, faixa I, universitário)</p>
--

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Ao pesquisar as lexias separadamente, verifica-se que a maioria delas mantém certo grau de composicionalidade, ou seja, preserva traços de seus significados individuais, como nos casos “Mês Junino”, “Mês do São João”, “Mês Natalino” e “Mês do Natal”. É possível classificá-las, portanto, como colocações que, segundo Monteiro-Plantim (2014, p. 72), são expressões linguísticas formadas por uma base e um colocado, na qual se encontra coocorrência léxico-sintática, ou seja, as palavras que constituem a expressão frequentemente aparecem juntas. Nos casos analisados, “Mês” funciona como a base em que se fixa o colocado.

Visto que o critério da idiomaticidade diz respeito a não composicionalidade semântica, constata-se que essas unidades possuem um baixo grau de idiomaticidade; quanto à fixidez, observa-se a flexibilidade de elementos, havendo a possibilidade de substituir, por exemplo, “mês junino” por “mês de junho” sem que o sentido original se perca completamente, ao contrário do que acontece com as expressões idiomáticas, que perdem o sentido em caso de mudança nos constituintes.

Essas festividades carregam traços da cultura explicitada nos costumes e tradições, por isso a lexia “junho” passa a concorrer com outras variantes que abarcam de forma mais ampla as festividades e simbologias ligadas a esse mês, assim como “dezembro” passa a concorrer com as lexias “mês do natal” e “mês natalino”, demonstrando a grande importância dos fatores extralinguísticos e culturais para a compreensão plena da língua. Ambas as expressões estão relacionadas com eventos religiosos de cunho cristão: o Natal (festa que comemora o nascimento de Jesus Cristo) e o dia de São João (festa que comemora o nascimento de São João Batista).

No Quadro 3 encontram-se as definições das lexias pesquisadas individualmente:

QUADRO 3: Lexias encontradas.

Junino	São João	Natalino	Natal
Relativo ao mês de junho e também às festas populares de Santo Antônio, São Pedro e São João.	O Dia de São João é comemorado em 24 de junho. São João é conhecido como o "Santo Festeiro".	adj. Referente ao Natal, festa cristã em louvor ao nascimento de Jesus Cristo.	Liturgia. Festa em louvor ao nascimento de Jesus Cristo, celebrada no dia 25 de dezembro.

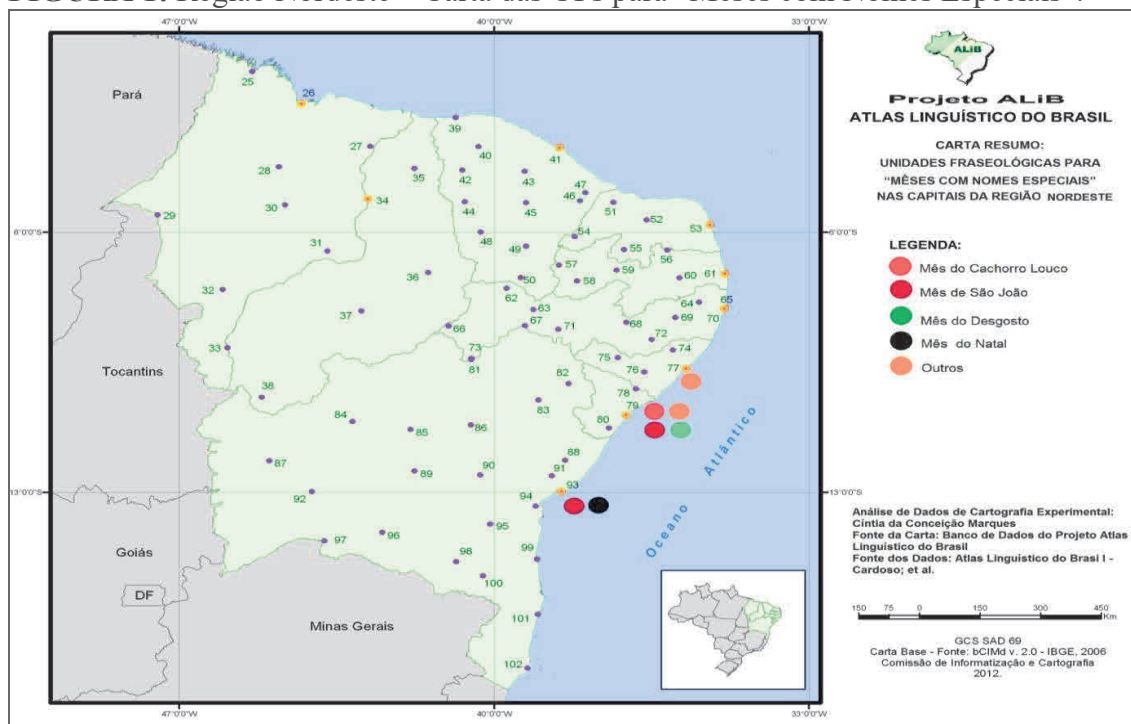
Fonte: Elaborado pela autora

Da mesma forma, acontece para “mês do cachorro louco” e “mês do desgosto”, com relação à estrutura, porém as motivações são diferenciadas. Associado a diversas superstições de má sorte e agouros, o mês de agosto é permeado por histórias e lendas. A fim de exemplificar essas construções, apresentam-se alguns dados:

- A Primeira Guerra Mundial começou no dia 1º de agosto de 1914 e as cidades de Hiroshima e Nagasaki foram atacadas pelos norte-americanos com bombas atômicas nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, o que resultou na morte de mais de 200 mil pessoas.
- Adolf Hitler se tornou o Chefe de Estado na Alemanha em 2 de agosto de 1934.
- Getúlio Vargas cometeu suicídio no dia 24 de agosto de 1954.
- O Muro de Berlim, que dividiu a Alemanha em duas partes, começou a ser construído no dia 13 de agosto de 1961.
- Houve suicídio coletivo na Irlanda do Norte no dia 12 de agosto de 1968 por parte de católicos e protestantes, “tudo em nome de Deus”.
- Juscelino Kubitschek morreu em um acidente de carro em 22 de agosto de 1976.
- Na Argentina existe uma crença popular que diz que lavar a cabeça no mês de agosto não é aconselhável, pois a pessoa que lava os cabelos durante esse mês está atraindo a morte.
- O número 8 representa o retorno, portanto, é considerado incômodo por algumas pessoas.
- Na Noite de São Bartolomeu, 23 e 24 de agosto de 1572, a Rainha católica Catarina de Médicis ordena o assassinato de mais de 3 mil protestantes em Paris, sem poupar mulheres ou crianças.
- Quanto ao “mês do cachorro louco”, afirma-se que está relacionado ao aumento da concentração de cadelas no cio devido às condições climáticas, que desencadeia brigas entre os machos e favorece a transmissão da raiva pela saliva, o que deixa os animais babando e com a aparência de “loucos”.

Ao observar esses dados, é possível compreender como essas construções vão se fixando no imaginário popular ao longo dos anos, passando a fazer parte da cultura e, conseqüentemente, da língua. Apesar de a Questão-035 (Meses com nomes especiais) ser bastante produtiva quantitativamente, algumas respostas não foram validadas para o VALEXTRA por serem lexias simples e/ou não se enquadrarem nos demais critérios de classificação estabelecidos para as UFs. As respostas não validadas foram computadas como “outras”. É possível verificar a distribuição das unidades fraseológicas encontradas nas Figuras 1 e 2, abaixo:

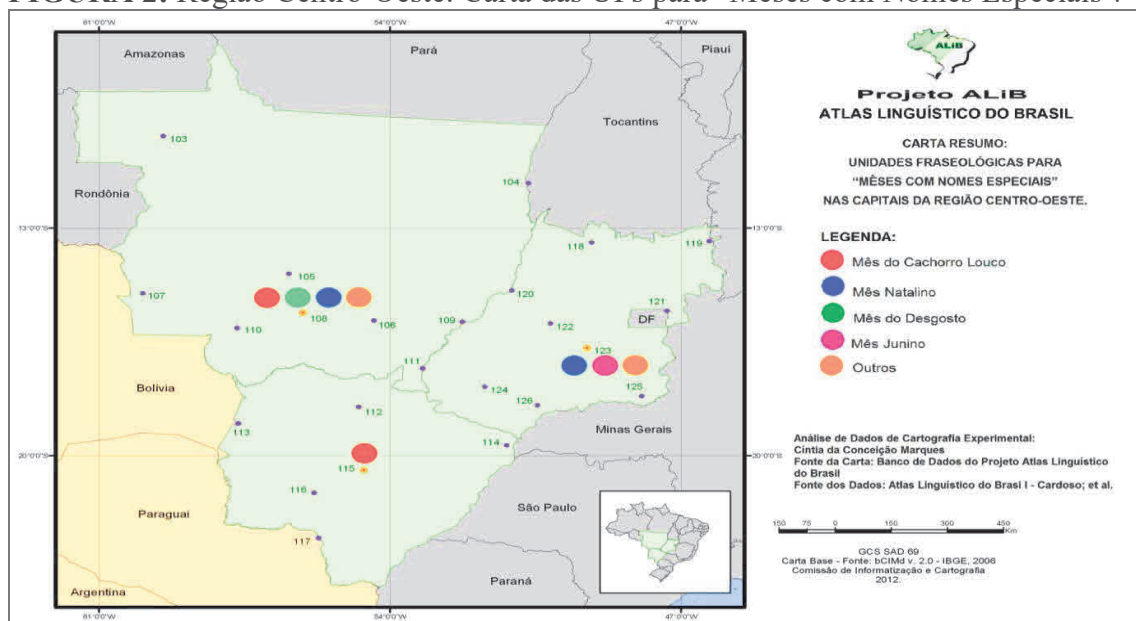
FIGURA 1: Região Nordeste – Carta das UFs para “Meses com Nomes Especiais”.



Fonte: Dados do Projeto ALiB.

Analisando a Figura 1, constata-se a predominância de “Mês de São João”, relativa ao mês de junho, que aparece em Salvador (93) e Aracaju (79), sendo utilizada pela maioria dos informantes. Essa frequência de uso pode estar relacionada às grandes festividades, tradicionais nesse mês, em que se comemora o nascimento dos santos católicos João, Pedro e Antônio. Destaca-se que Aracaju apresentou a maior variedade de respostas obtidas.

FIGURA 2: Região Centro-Oeste: Carta das UFs para “Meses com Nomes Especiais”.



Fonte: Dados do Projeto ALiB.

Analisando a Figura 2, observa-se a predominância de denominações relativas ao mês de agosto; são elas: “Mês do Cachorro Louco” e “Mês do Desgosto”. A expressão “Mês do Cachorro Louco” aparece em Cuiabá (105) e Campo Grande (115), sendo utilizada pela maioria dos informantes. “Mês Natalino” também aparece em duas capitais: Cuiabá (105) e Goiânia (123), porém com menor uso por parte dos informantes. Destaca-se que Cuiabá apresentou a maior variedade de respostas obtidas, seguida de Goiânia.

Considerações finais

Esta pesquisa demonstra a importância do estudo da Fraseologia para a compreensão da língua, estabelecendo um diálogo entre língua, sociedade e cultura. Por meio dos resultados apresentados, observa-se como os fraseologismos utilizados pelos informantes refletem o imaginário popular e a riqueza lexical presente nas capitais analisadas, mesmo que usados de forma intuitiva. Este estudo trouxe uma pequena amostra do uso dos fraseologismos nas capitais brasileiras sobre a qual se apresentam algumas considerações:

✓ A partir da análise dos dados, constatam-se as diversas influências culturais para a construção, o uso e a permanência dos fraseologismos. As motivações para essas escolhas são de origem histórica, religiosa e marcadas pelas diversas questões do imaginário popular.

✓ Quanto à classificação, registrou-se para a questão analisada apenas o uso de colocações.

✓ Inserido no campo da Geolinguística, este trabalho traz contribuições para a descrição e compreensão do português brasileiro.

✓ Na Região Nordeste, constata-se a predominância de “Mês de São João” para o mês de junho, que aparece em Salvador (93) e Aracaju (79), sendo utilizado pela maioria dos informantes.

✓ Na Região Centro-Oeste, predominaram as denominações relativas ao mês de agosto; são elas: “Mês do Cachorro Louco” e “Mês do Desgosto”, sendo que “Mês do Cachorro Louco” aparece em Cuiabá (105) e Campo Grande (115) utilizada pela maioria dos informantes.

Por meio das considerações apresentadas sobre o uso das unidades fraseológicas nas capitais da Região Nordeste (Maceió, Salvador e Aracaju) e Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia), baseado no *corpus* do Projeto ALiB, confirmase que a fraseologia evidencia as particularidades de determinada língua, os costumes e os hábitos de uma comunidade, pois o fraseologismo busca construir novos sentidos que contemplem o dinamismo linguístico, as experiências cotidianas e as diversas identidades culturais que se criam e recriam a cada dia.

Referências

ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane. **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande, Editora da UFMS, 2016, p. 39.

CARROSO, Suzana *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
COMITÊ NACIONAL. **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: EDUEL, 2001.

CUNHA, Bruna; MAFRA, Liana. **Estudo de Unidades Fraseológicas e seus sentidos metafóricos: análises contrastivas.** Disponível em <file:///C:/Users/C%C3%ADNTIA/Downloads/491-13510-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017.

Dicionário Online de Português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

Entenda porque agosto é “O mês do cachorro louco”. Disponível em <<http://virgula.uol.com.br/comportamento/entenda-porque-agosto-e-o-mes-do-cachorro-louco/#img=1&galleryId=607904>>. Acesso em 26 fev. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

GROSS, Gaston. **Les expressions figées en français.** Les noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEME, Andreza da Costa. **Idiomaticidade e Composicionalidade das Expressões Idiomáticas da Língua Inglesa: O Significado na Interface Semântico-Pragmática-Etimológica.** 2008. 167 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MATTOS, Monissa. Fraseologia: Conceitos e características para a identificação das locuções verbais. **Língua e Literatura**, n. 27, p. 271-300, 2001.

MEJRI, Salah. **Délimitations des Unités Phraséologiques.** Université Paris 13: Slides, 2016. 48 slides coloridos.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical.** Descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunísia: Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire S. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna.** v. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SFAR, Inès. **Le Défigement: Procédés et Classements.** Paris: Slides, 2015. 49 slides, colorido.

Os fraseologismos relacionados à chuva no Nordeste

Taiane Cristina Prata Oliveira (Permanecer/UFBA)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma parte do estudo sobre a variação lexical nas capitais nordestinas brasileiras, a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O *corpus* é formado por 48 inquéritos encontrados no Arquivo Nacional do Projeto ALiB, oito em cada localidade selecionada: São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife. A metodologia aplicada no Projeto compreende os pressupostos estabelecidos pelas equipes de pesquisadores do Brasil (ALiB) e da França (Laboratório LDI – *Lexiques, Dictionnaires, Informatique*), pois está vinculado ao Projeto VALEXTRA (Variação Lexical: Teorias, Recursos E Aplicações), convênio CAPES/COFECUB 2015, celebrado entre a UFBA (Universidade Federal da Bahia) e a Universidade Paris 13. O questionário utilizado neste trabalho é o semântico-lexical (QSL), com o recorte nos campos semânticos: “acidentes geográficos” (Questões 1 a 6), “fenômenos atmosféricos” (Questões 7 a 21) e “astros e tempos” (Questões 22 a 38). O perfil dos informantes inquiridos segue a metodologia estabelecida pelo Projeto ALiB. Sendo assim, os informantes são sedimentados de acordo com o sexo (feminino ou masculino), a faixa etária (I: 18 a 30 anos, II: 50 a 65 anos) e o nível de escolaridade (fundamental ou universitário). O foco deste trabalho está na questão 015 – *Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?* Os dados estão sendo trabalhados à luz da teoria da Variação, considerando fatores de natureza linguística (tipo de estrutura e dicionarização) e extralinguística (localidade, sexo, faixa etária e nível de escolaridade).

PALAVRAS-CHAVES: *Dialetologia; variação lexical; chuva de granizo.*

Introdução

Neste trabalho estão sendo utilizadas as concepções brasileiras (ALiB) e francesas (Laboratório LDI – *Lexiques, Dictionnaires, Informatique*) sobre a fraseologia, principalmente a concepção de Salah Mejri, que expõe o fato desse ramo de estudos linguísticos poder se manifestar através de associações sintagmáticas usuais, sendo a fixação o processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam. Nessa concepção, os objetos de estudo são as séries fraseológicas e as unidades fraseológicas (UFs). No presente estudo, iremos apenas utilizar o conceito de UFs, as quais podem ser definidas como o que transcorre quando as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado, que não é resultado da soma dos significados de cada um dos elementos. Isso pode ser visto, por exemplo, em *chuva de pedra, chuva de gelo etc.*

A partir desse ponto de vista, analisaremos (qualitativa e quantitativamente), as unidades fraseológicas encontradas no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em seis capitais nordestinas: São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife.

Fundamentação teórica

Em alguns dicionários, o termo fraseologia apresenta uma diversidade que comprova sua dissemelhança conceitual. Para demonstrar essa diversidade, tomamos como exemplo o dicionário online Caldas Aulete (AULETE, 2017) e a versão eletrônica do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 2011), respectivamente:

a) 1. Ling. Modo de construção de frase peculiar a uma determinada língua ou a um determinado escritor: a fraseologia do latim: a fraseologia de Guimarães Rosa 2. Conjunto de frases e de expressões peculiares a um escritor ou a uma língua 3. Gram. Parte da gramática que estuda a frase 4. Ling. Expressão idiomática, frase com sentido fixo, ger. não literal (p. ex. *dar murro em ponta de faca*) (AULETE, 2017).

b) 1. Parte da gramática em que se estuda a construção da frase; 2. Construção de frase peculiar a uma língua, ou a um escritor; 3. Conjunto ou compilação de frases ou locuções de uma língua ou de um escritor (FERREIRA, 2011).

Observamos que, além desses verbetes, há uma gama de definições para Fraseologia. Estudiosos de várias partes do mundo teorizam, cada qual a sua maneira, sobre a significação e o objeto de estudo dessa disciplina.

De uma forma genérica, os fraseologismos são conjuntos lexicais respeitados por uma comunidade linguística. Isso quer dizer que podem ser entendidos como fórmulas coletivas e corriqueiras que refletem as marcas de um povo, assim como seus costumes, crenças, entre outros aspectos. A partir dessa concepção de senso comum sobre o fraseologismo, alguns autores caracterizam Fraseologia como a disciplina que estuda a combinação de palavras ou termos na realização de uma língua.

Sendo ignorada pela comunidade científica durante muito tempo, a Fraseologia se firma como disciplina no início do século XX. Ao final desse século, surgiu um grande interesse na área, que permitiu a explanação da importância dessa disciplina para o funcionamento das línguas. Apesar de ser considerada uma disciplina nova, a fraseologia conta com expansão terminológica e possui grande dinamismo teórico descritivo. Sendo assim, os fraseologismos, objeto de estudo da Fraseologia, vão ser denominados de diversas formas, dependendo da vertente adotada: fraseas, unidades fraseológicas, expressão idiomática, idiomatismo, frases feitas etc.

No âmbito da Fraseologia brasileira, há diversos posicionamentos teóricos. Entre eles, podemos citar o de Monteiro-Plantin, que concebe a Fraseologia como:

termo utilizado para designar tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos como a disciplina que os estuda (ainda que para alguns pesquisadores trate-se de uma subdisciplina da Lexicologia) (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 21).

Além do mais, no Brasil, existem duas grandes correntes teóricas: a corrente espanhola e a francesa. A primeira é focada nos provérbios, tendo como premissa a sua constituição, a sua utilização e a sua interação com falantes de uma determinada língua. Já a segunda trata a Fraseologia enquanto fenômeno que se exprime através das associações sintagmáticas recorrentes, expandindo esse conceito para além dos provérbios.

Salah Mejri, pesquisador da corrente francesa, vem se debruçando sobre o processo de fixação (*figement*) e considera que, no âmbito dos fraseologismos, podem estar vários elementos, entre os quais podemos citar: expressões idiomáticas, pragmatemas, locuções, provérbios, estereótipos etc.

Metodologia

Está sendo utilizado, no presente trabalho, o questionário linguístico de âmbito nacional do Projeto ALiB, aplicado em todas as localidades que participam da sua rede de 250 pontos, distribuídos por todo o país. No questionário encontram-se 435 perguntas distribuídas da seguinte forma: 159 questões do Questionário Fonético Fonológico (QFF), 11 questões de Prosódia, 202 questões do Questionário Semântico Lexical (QSL), 49 questões do Questionário Morfossintático (QMS), 04 questões de Pragmática, 04 Temas para Discursos Semidirigidos, 06 Perguntas Metalinguísticas e 01 Texto para Leitura.

Sendo assim, os informantes são sedimentados de acordo com o sexo (feminino ou masculino), faixa etária (I:18 a 30 anos, II: 50 a 65 anos) e nível de escolaridade (fundamental ou universitário). Em cada localidade, foram entrevistados oito informantes, sendo divididos conforme o Quadro 1.

QUADRO 1: Perfil dos Informantes.

Nº Informante	Nível Escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Universitário	I (18-30 anos)	Masculino
06	Universitário	I (18-30 anos)	Feminino
07	Universitário	II (50-65 anos)	Masculino
08	Universitário	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Banco de dados do ALiB

O *corpus* deste estudo é formado por 48 inquéritos encontrados no Arquivo Nacional do Projeto ALiB, sendo oito inquéritos de cada uma das localidades selecionadas – São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife. Para análise dos dados, estão sendo considerados fatores de natureza linguística e geolinguística.

Análise dos dados

A partir da audição e transcrição dos inquéritos selecionados, foram encontradas as seguintes unidades fraseológicas:

QUADRO 2: Unidades fraseológicas para chuva com bolinha de gelo.

Questionário Semântico-Lexical	Respostas Obtidas	Localidades
QSL 15 – Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?	Chuva de Gelo/Chuva de Granizo/Chuva de Neve/Chuva de pedra	Fortaleza/ João Pessoa/ Recife/Natal/ Teresina/ São Luís

Fonte: Banco de dados do ALiB.

No Quadro 3, temos uma amostra da transcrição grafemática do inquérito que apresenta como ocorrem as entrevistas e como as respostas são obtidas.

QUADRO 3: Recorte de transcrição grafemática de inquérito.

INQ.- Às vezes durante a chuva pode cair umas bolinhas de gelo, como é que a gente chama essa chuva?
 INF.- É...
 INQ.- Cai uma bolinhas de gelo, até quebrar umas telhas...
 INF.- É... é *chuva de granizo*
 (Natal - RN, Feminino, Faixa I, Universitário)

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Após o levantamento de dados, do *corpus* selecionado, foram validadas quatro unidades fraseológicas encontradas em todas as localidades estudadas. A partir das expressões, foram feitas consultas a dicionários, observando as variantes que já se encontram dicionarizadas e as que ainda não foram dicionarizadas (N.D.). No Quadro 4 apresentamos os dados encontrados.

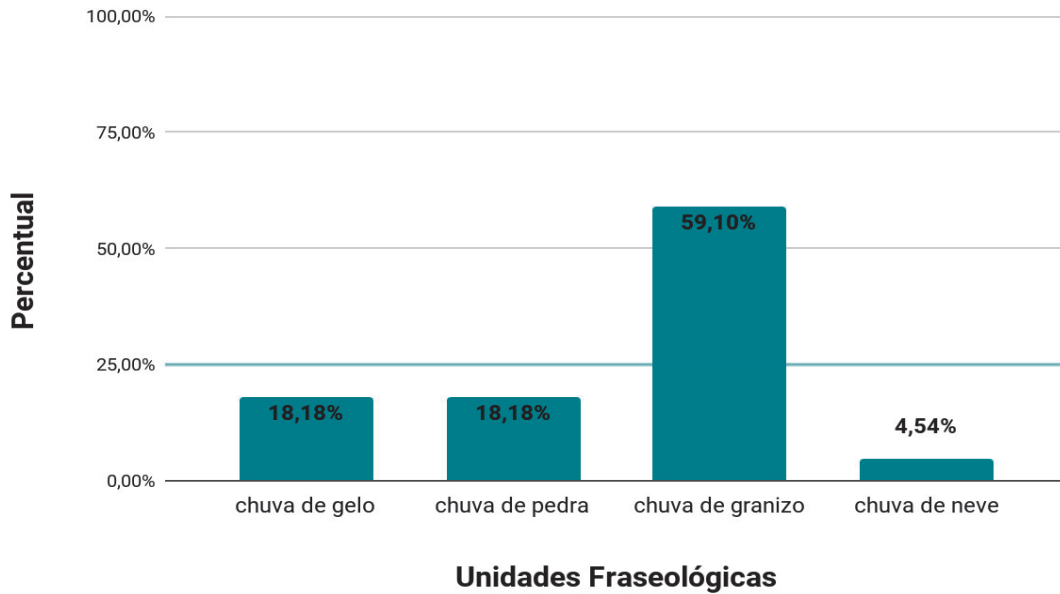
QUADRO 4: Dicionarização das Unidades Fraseológicas encontradas.

Unidades Fraseológicas	Exp. Pop. Brasileiro (1912)	Aulete (1976)	Aurélio (1986)	Houaiss (2009)
Chuva de Gelo (s.f. chuva de pedra-QSL15)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Chuva de Granizo (s.f. chuva de pedra-QSL15)	N.D.	N.D.	N.D.	s.f. m.q. GRANIZO
Chuva de Neve (s.f. chuva de pedra-QSL15)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Chuva de Pedra (s.f. chuva de pedra-QSL15)	N.D.	Met. Granizo.	N.D.	Met. Granizo

Fonte: Elaborado pela autora

Podemos verificar, a partir do Quadro 4, que as Unidades Fraseológicas *chuva de gelo* e *chuva de neve* não se encontram dicionarizadas em nenhum dos dicionários consultados. Já *chuva de granizo* consta do Dicionário Aulete (1976), enquanto *chuva de pedra* nos dicionários Aulete (1976) e Houaiss (2009). Não encontramos nenhuma das unidades fraseológicas estudadas registradas no: Dicionário de Expressões Populares Brasileiras (1912) e no Aurélio (1986).

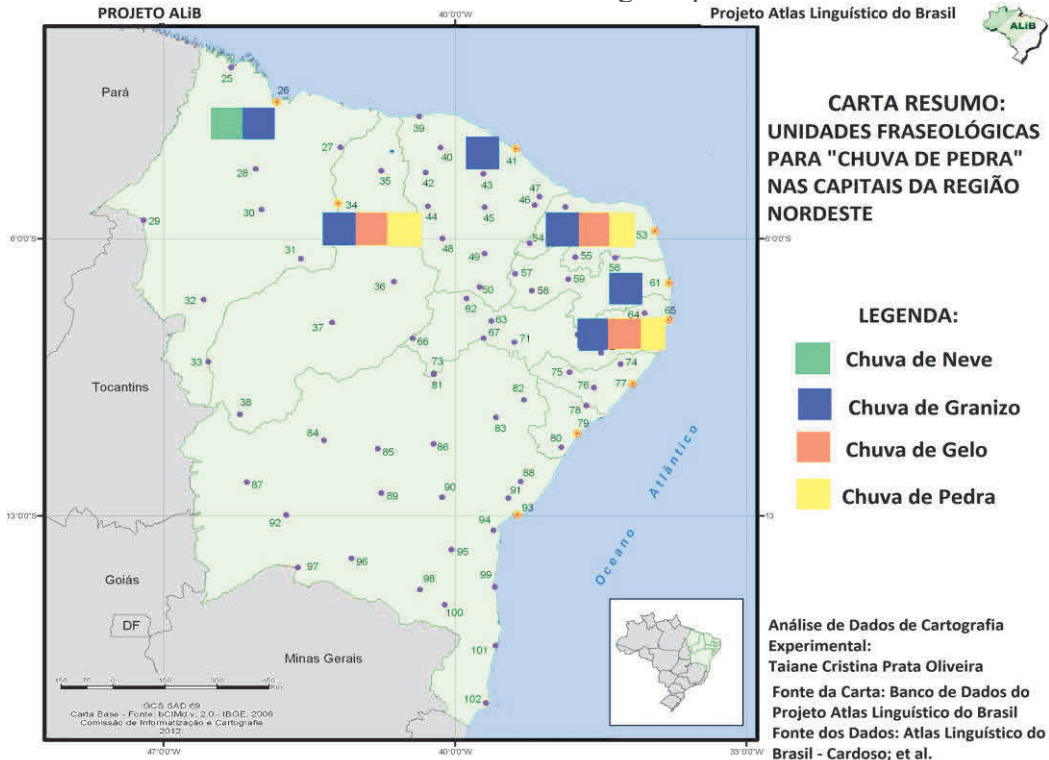
GRÁFICO 1: Percentual de ocorrências das Unidades Fraseológicas.



Fonte: Banco de dados do ALiB.

Como podemos observar a partir do Gráfico 1, a unidade fraseológica *chuva de granizo* possui o maior percentual de ocorrência (59,10%) nas localidades encontradas, seguida por *chuva de gelo* e *chuva de pedra* que possuem o mesmo percentual (18,18%). A unidade fraseológica de menor ocorrência foi *chuva de neve*, com apenas 4,54%.

FIGURA 1: Carta das Unidades Fraseológicas para Chuva de Pedras.

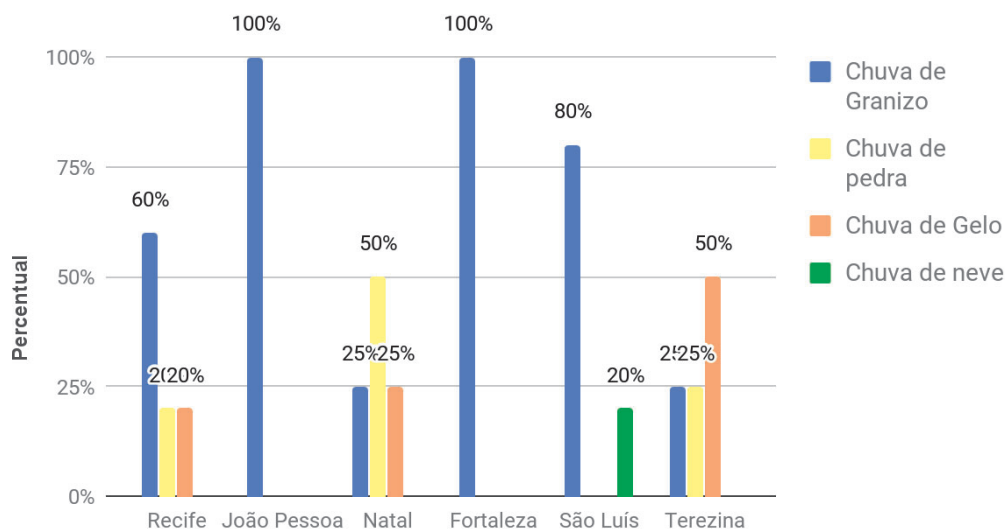


Fonte: Banco de dados do ALiB.

A partir da leitura da Figura 1, observamos que a unidade *chuva de neve* somente ocorreu na localidade de São Luís (MA), enquanto *chuva de granizo* ocorreu em

todas as localidades estudadas. Nas cidades de Fortaleza (CE) e João Pessoa (PB), foi encontrada apenas a sequência *chuva de granizo*, não ocorrendo nenhuma das outras variantes. Em Recife (PE), Teresina (PI) e Natal (RN), ocorreram as Unidades Fraseológicas *chuva de granizo*, *chuva de gelo* e *chuva de pedra*.

GRÁFICO 2: Variação Diatópica.

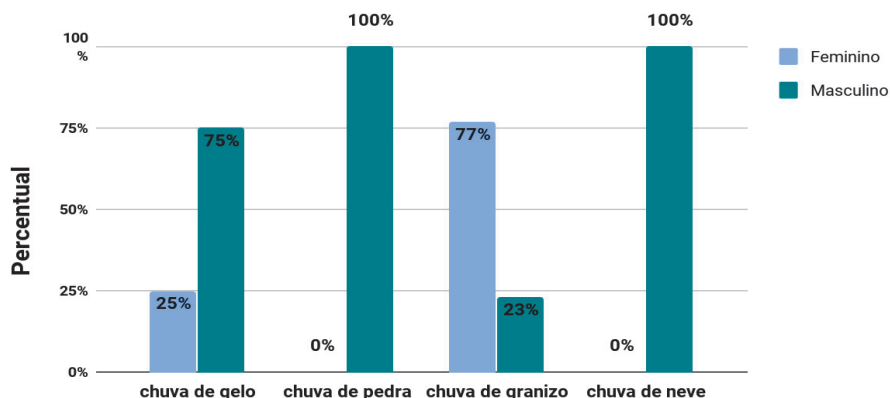


Fonte: Banco de dados do ALiB.

Como podemos observar a partir da leitura do Gráfico 2, *chuva de granizo* pode ser considerada a unidade fraseológica mais produtiva devido ao seu uso por falantes em todas as capitais analisadas, sendo que o maior número de respostas com uso dessa unidade foi na capital São Luís, com cerca de 80 % das respostas obtidas. Nas capitais João Pessoa e Fortaleza, o uso dessa unidade fraseológica aparece isolado. As outras unidades mais produtivas foram *chuva de pedra* e *chuva de gelo*, que aparecem em três das seis capitais estudadas. E, por fim, temos a unidade *chuva de neve*, que aparece em apenas uma capital: São Luís.

A partir desta parte do trabalho, vamos apresentar os mesmos dados, através de outra interpretação, o que nos permite fazer deduções com relação às variáveis sociais.

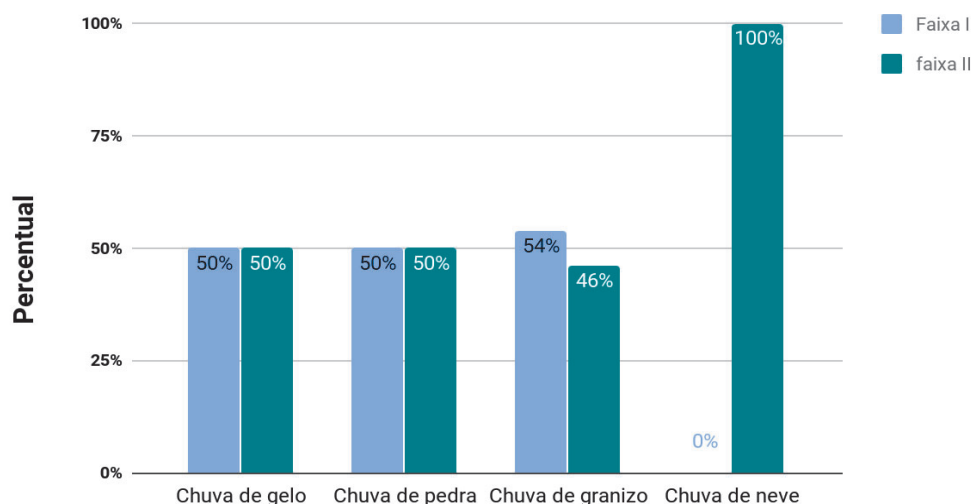
GRÁFICO 3: Variação Diassexual.



Fonte: Banco de dados do ALiB.

De acordo com o Gráfico 3, a unidade fraseológica *chuva de gelo* é utilizada majoritariamente por informantes do sexo masculino, enquanto *chuva de granizo* é utilizada em sua maioria por informantes do sexo feminino. As unidades *chuva de pedra* e *chuva de neve*, com apenas uma ocorrência cada, tiveram resultado majoritariamente masculino.

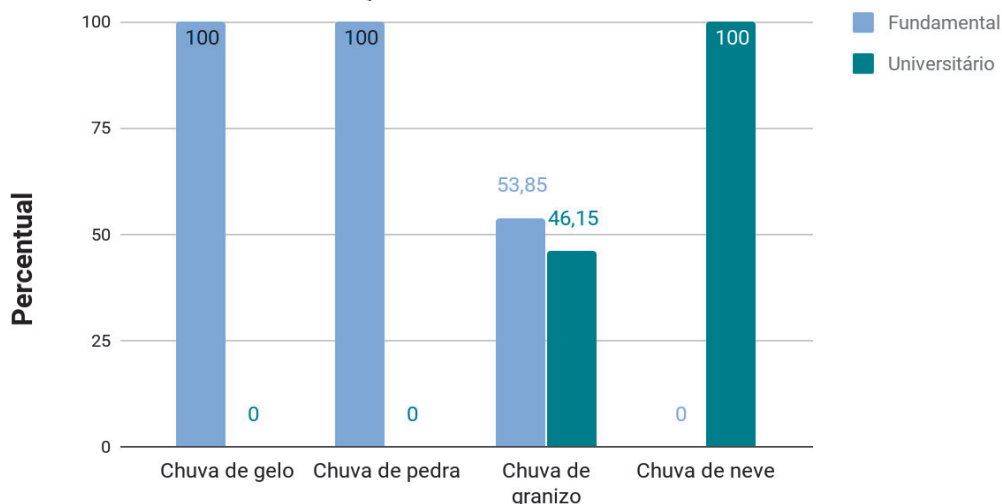
GRÁFICO 4: Variação Diageracional.



Fonte: Banco de dados do ALiB

A partir da leitura do Gráfico 4, observamos que a variação diageracional não possui tanta significância, pois manteve valores equivalentes ou aproximados na maioria das unidades fraseológicas (3 de 4 unidades) estudadas. A única unidade que apresentou um valor diferenciado foi *chuva de neve* que, por possuir uma ocorrência apenas, teve seu percentual total voltado para a faixa II (50 a 65 anos).

GRÁFICO 5: Variação Diastrática.



Fonte: Banco de dados do ALiB.

Assim como no gráfico anterior, o Gráfico 5 também apresenta valores equivalentes ou aproximados em três das quatro unidades fraseológicas estudadas. Apenas a unidade *chuva de granizo* apresentou alternância no percentual: a maioria dos informantes que utilizam essa unidade é de nível fundamental (53,85%).

Considerações finais

A análise do *corpus* demonstrou que, nas capitais analisadas da Região Nordeste, a denominação *chuva de granizo*, para as bolinhas de gelo que podem cair durante uma chuva, é a variante mais produtiva. As demais formas encontradas, *chuva de gelo*, *chuva de neve* e *chuva de pedra*, tiveram menor frequência, mas não podem ser consideradas menos relevantes, uma vez que o estudo que aqui se faz é baseado em amostragens e revela, assim, um perfil de uso.

Com base na Geolinguística Pluridimensional, foi possível verificar que: (i) para a questão apresentada foram encontradas quatro unidades fraseológicas: *chuva de granizo*, *chuva de gelo*, *chuva de neve* e *chuva de pedra*, sendo a unidade *chuva de granizo* a de maior produtividade e *chuva de neve* a de menor; (ii) as variáveis idade e escolaridade não se mostraram relevantes, havendo uma equivalência quantitativa das respostas obtidas; (iii) na variável diasssexual, observamos que a unidade *chuva de granizo* teve maior ocorrência nos falantes do sexo feminino, enquanto *chuva de gelo* apresentou maior ocorrência nos falantes de sexo masculino.

Os dados analisados demonstram a riqueza dos estudos fraseológicos para a especificação do léxico do português brasileiro, neste caso, especificamente, da Região Nordeste do país.

Referências

AULETE DIGITAL. **Dicionário da Língua Portuguesa** Disponível em <<http://www.aulete.com.br/fraseologia>>. Acesso em: 10 mar 2017.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1987.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FRANCO, Cid Barros. **Dicionário de Expressões Populares Brasileiras**. São Paulo: Unidas, 1912.

HOUAISS. Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MEJRI, Salah. **Délimitations des Unités Phraséologiques**. Université Paris 13: Slides, 2016. 48 slides, colorido.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire S. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna**. v. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014

Projeto Atlas Linguístico do Brasil: estudos sobre a variação lexical em São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife

Taiane Cristina Prata Oliveira (Permanecer/UFBA)

RESUMO: Salah Mejri (1997) define Fraseologia como o fenômeno que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes e fixação como o processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam. Apesar de ter se firmado como disciplina científica no início do século XX, a Fraseologia foi ignorada pela comunidade científica durante muito tempo. Ao final do século de origem, um inesperado interesse na área surgiu, permitindo explicitar qualitativa e quantitativamente, sua importância para o funcionamento das línguas. A Fraseologia, além de ser considerada uma disciplina nova, conta com várias vertentes que teorizam, cada qual a sua maneira, a demarcação do seu objeto de estudo. Sendo assim, pretende-se, com o presente trabalho, elaborar um vocabulário de fraseologismos/frasemas, realizado com base em audição sistemática de inquéritos e recolha de exemplos. A metodologia aplicada compreende os pressupostos estabelecidos pelas equipes de pesquisadores do Brasil (ALiB) e da França (Laboratório LDI – *Lexiques, Dictionnaires, Informatique*). O *corpus* deste trabalho é formado por 48 inquéritos encontrados no Arquivo Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, oito em cada localidade selecionada: São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife, capitais do Nordeste Brasileiro. Os informantes são distribuídos por sexo (feminino e masculino), faixa etária (faixa I: 18 a 30 anos, faixa II: 50 a 65 anos) e nível de escolaridade (fundamental e universitário).

PALAVRAS-CHAVE: *Variação Lexical; fraseologismo; Dialetoлогия.*

Introdução

Ao buscar o significado de Fraseologia, encontram-se inúmeros verbetes, como, por exemplo, o verbe do Aulete Digital (2017):

1. Ling. Modo de construção de frase peculiar a uma determinada língua ou a um determinado escritor: a fraseologia do latim: a fraseologia de Guimarães Rosa.
2. Conjunto de frases e de expressões peculiares a um escritor ou a uma língua.
3. Gram. Parte da gramática que estuda a frase.
4. Ling. Expressão idiomática, frase com sentido fixo, ger. não literal (p. ex. *dar murro em ponta de faca*).

Neste trabalho estão sendo utilizadas as concepções brasileiras (ALiB) e francesas (Laboratório LDI – *Lexiques, Dictionnaires, Informatique*) sobre a Fraseologia. Considera-se, principalmente, o ponto de vista de Salah Mejri sobre a Fraseologia – fenômeno que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes – e fixação – processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam.

Sendo assim, no presente trabalho, serão analisadas, qualitativa e quantitativamente, as unidades fraseológicas encontradas no *corpus* do Projeto Atlas

Linguístico do Brasil (ALiB), em seis capitais nordestinas: São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife.

Reflexões sobre fraseologia

Na literatura especializada, há uma gama de definições para Fraseologia. Linguistas de várias partes do mundo teorizam, cada qual a seu modo, sobre a significação e o objeto de estudo da Fraseologia. Segundo Monteiro-Plantin (2014), a fraseologia é

uma disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística (do fonético ao discursivo-pragmático), cujo objetivo é o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 33).

Os objetos de estudos da Fraseologia são as séries fraseológicas e as unidades fraseológicas (UF). As séries fraseológicas são os agrupamentos usuais em que o grau de coesão é relativo, isso quer dizer que são palavras que compõem uma expressão, mas possuem, isoladamente, uma autonomia, que se perde no conjunto; como por exemplo: “*Estrela marte*”, “*Arco-íris*” etc. Já as unidades fraseológicas são aquelas em que o grau de coesão é absoluto; sendo assim, as UF são o que ocorre quando as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado, que não é resultado da soma dos significados de cada um dos elementos; como, por exemplo, “*Boca da noite*”, “*Pancada de chuva*” etc.

Metodologia

Está sendo utilizado, no presente trabalho, o questionário linguístico de âmbito nacional do Projeto ALiB, aplicado em todas as localidades que participam da sua rede de 250 pontos, distribuídos por todo o país. No questionário, encontram-se 435 perguntas distribuídas da seguinte forma: 159 questões do Questionário Fonético Fonológico (QFF), 11 questões de Prosódia, 202 questões do Questionário Semântico Lexical (QSL), 49 questões do Questionário Morfosintático (QMS), 04 questões de Pragmática, 04 Temas para Discursos Semidirigidos, 06 Perguntas Metalinguísticas e 01 Texto para Leitura.

O questionário utilizado neste trabalho é o semântico-lexical (QSL), com o recorte nos campos semânticos: “acidentes geográficos” (Questões 1 a 6), “fenômenos atmosféricos” (Questões 7 a 21) e “astros e tempo” (Questões 22 a 38). O perfil dos informantes inquiridos segue a metodologia estabelecida pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Sendo assim, os informantes são sedimentados de acordo com o sexo (feminino ou masculino), faixa etária (I: 18 a 30 anos, II: 50 a 65 anos) e nível de escolaridade (fundamental ou universitário). Em cada localidade, foram entrevistados oito informantes, sendo divididos em:

Homem, faixa I, Fundamental (informante 1);
Mulher, faixa I, Fundamental (informante 2);
Homem, faixa II, Fundamental (informante 3);
Mulher, faixa II, Fundamental (informante 4);
Homem, faixa I, Universitário (informante 5);

Mulher, faixa I, Universitário (informante 6);
 Homem, faixa II, Universitário (informante 7);
 Mulher, faixa II, Universitário (informante 8).

O *corpus* que está sendo analisado é formado por 48 inquéritos encontrados no Arquivo Nacional do Projeto ALiB, em áudio e em primeira transcrição, sendo oito inquéritos de cada uma das localidades selecionadas. Os dados estão sendo trabalhados à luz da teoria da Variação. Para a análise estão sendo considerados fatores de natureza linguística e geolinguística.

Análise dos dados

A partir da audição e transcrição dos inquéritos selecionados, foram encontradas as seguintes unidades fraseológicas:

QUADRO 1: Respostas encontradas a partir do Questionário Semântico-Lexical do ALiB;

Questionário semântico lexical	Respostas Obtidas	Localidades
QSL 07 - ...o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leve?	Pé de vento/ Pancada de chuva	João Pessoa
QSL 13 - ...uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?	Pau d'água D'água/Tromba	Fortaleza/ João Pessoa/ Recife
QSL 15 – Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?	Chuva de Gelo/Chuva de Granizo/Chuva de Neve/Chuva de pedra	Fortaleza/ João Pessoa/ Recife/Natal/ Teresina/ São Luiz
QSL 17 - Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes se dão a essa faixa?	Arco-íris/ Arco celeste	Teresina/ São Luiz
QSL 21- Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?	Nuvem de fumaça	João Pessoa

QSL 23- O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?	Nascer do dia/Nascer do sol	Fortaleza/ João Pessoa/ Recife/Natal/ Teresina/ São Luiz
QSL 24 - ... a claridade avermelhada do céu antes de _____(cf. item 23)?	Barra do dia/Raiar do dia/Raiar do sol	Teresina/ São Luiz
QSL 25- E o que acontece no céu no final da tarde?	Poente do sol /Pôr do sol /Pousar do sol/barra da tarde	Fortaleza/ João Pessoa/ Recife/Natal
QSL 28 - ... o começo da noite?	Boca da noite	João Pessoa/ Recife/ Natal/São Luiz / Teresina
QSL 29- De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?	Papa-ceia/ Estrela guia/ Estrela marte/ Estrela matutina/Estrela do nascimento de Jesus/ Estrela da manhã/Estrela cadente/Estrela d'alva	Fortaleza/ João Pessoa/ Recife/Natal/ Teresina/ São Luiz
QSL 30- De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?	Estrela marte/ Estrela da noite/Estrela d'alva	Fortaleza/ João Pessoa/ Recife/Natal
QSL 31- De noite, muitas vezes, pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?	Estrela cadente/Estrela caminhadeira/Estrela luzente/Estrela oriente/ Estrela peregrina	Natal/ João Pessoa/ Recife
QSL 33- Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?	Via láctea	Natal/Recife
QSL 35- Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?	Mês de São João/ mês de Santana/mês dos pais/ mês do desgosto/mês do natal/ mês do vento	Recife/Natal/Fortaleza/ Teresina/São Luiz

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Após o levantamento de dados, foram validadas 38 unidades fraseológicas, divididas entre os seguintes campos semânticos: *acidentes geográficos*, *fenômenos atmosféricos* e *astros e tempo*. A partir das expressões, foram feitas consultas a dicionários, observando as variantes que já são dicionarizadas e as que ainda não foram dicionarizadas (N.D.). No Quadro 2, apresentamos os dados encontrados:

QUADRO 2: Dicionarização do campo semântico “Fenômenos Atmosféricos”.

Unidades Fraseológicas	Aulete (1976)	Aurélio (1986)	Houaiss (2009)	Exp. Pop. Brasileiro
Arco Celeste (s.f. arco-íris - QSL 17)	s. m. o mesmo que <i>arco-íris</i> .	1. V. <i>arco-íris</i> . [Pl.: <i>arcos-celestes</i> .]	m. O mesmo que arco-íris.	N.D.
Arco-íris (s.f. arco-íris - QSL 17)	s.m.meteoro luminoso em forma de arco, que apresenta as sete cores do prisma ou do espectro solar pela sua ordem natural. [É devido à refração da luz solar, nas gotas de água da chuva. Mostra-se sempre na parte oposta ao sol]. Arco-íris na serra, chuva na terra. (Adág.). //F. Arco+íris.	[De arco + o mit. Íris (a mensageira da deusa Juno), que vinha do Céu caminhando por este arco.] S.m. 2 n. Ópt. Fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de água suspensas na atmosfera, e que é observado como um conjunto de arcos de circunferência (excepcionalmente como circunferência inteiras) coloridos com as cores do espectro solar; arco-celeste, arco-da-aliança, arco-da-chuva, arco-davelha, arco-de-deus.	s.m.2n. (1712) MET ÓPT arco luminoso que se origina em fenômenos físicos e meteorológico e é produzido quando a luz solar é refratada, dispersa e internamente refletida por gotículas de água provenientes da chuva e suspensas na atmosfera [É visível como um conjunto de bandas coloridas adjacentes na forma de arcos de circunferência (mais raramente como anéis) com as cores do espectro solar.	___ Olha lá o arco-íris bebendo água. arco-íris é o nome do meteoro luminoso com a configuração de um arco em que se distinguem as cores do espectro solar. É visível quando o sol está pouco acima do horizonte e tem à frente uma nuvem de chuva, estando o observador entre a nuvem e o sol, de costas para êste. Diz o sertanejo que o arco íris bebe a água dos rios, lagoas, fontes.
Chuva de Gelo	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.

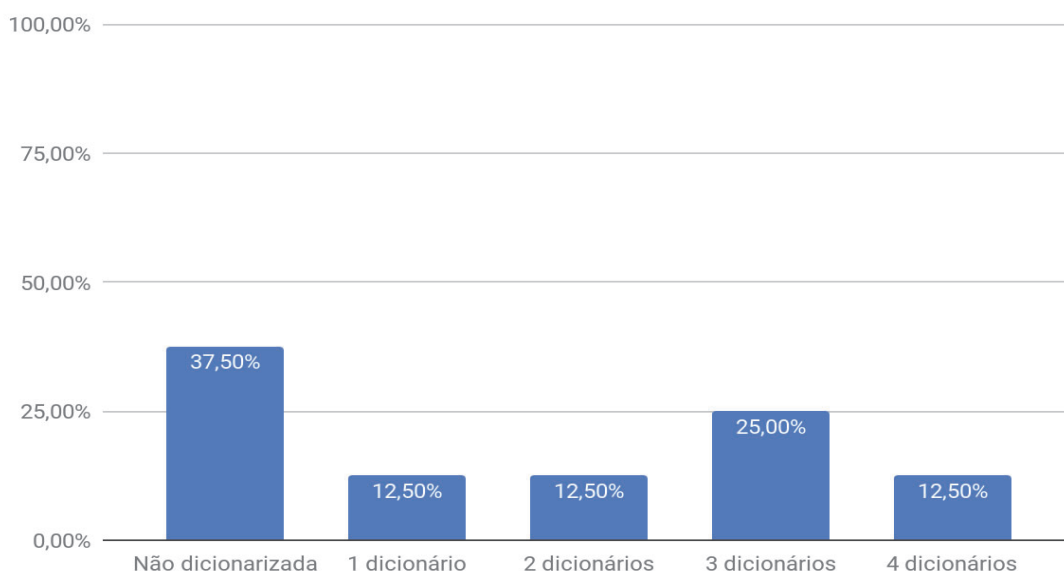
(s.f. chuva de pedra-QSL15)				
Chuva de Granizo (s.f. chuva de pedra-QSL15)	N.D.	N.D.	s.f. m.q. GRANIZO	N.D.
Chuva de Neve (s.f. chuva de pedra-QSL15)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Nuvem de fumaça (s.f. nevoeiro - QSL21)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Pau D'água (s.f. tromba d'água-QSL13)	s.m. (Bras.) árvore voquialácea silvestre cujas raízes segregam um líquido que mata a sede dos viajantes do sertão. Beberão, ébrio contumaz.	s.m. 1. Bras. V. pau-de-goma. 2. Bras. V. ébrio (8 "Do vício de beber). Não se lembrava mais. Para muitos, aquilo era fogo de palha, porque (...) cachaça. [Pl: paus-d'água.]	N.D.	N.D.
pé de vento (s.f. redemoinho de vento - QSL 07)	s. m. ventania súbita, rajada. Tufão; furacão; vento forte; remoinho. (Fig.) Pessoa espalhafatosa, que faz andar tudo num virote; pessoa estabanada; pessoa que corre dum lado para o outro arrumando ou desarrumando com rapidez. Cf. Ventana 2.	Substantivo masculino. 1. Ventania repentina, de curta duração. 2. Bras. Vento forte; tufão, furacão. [Pl.: pés de vento.]	1.infrm. Joc. Vento forte ou rajada de vento; lufa, lufada, rabanada, rajada, refega, refrega, ventania. 2. P situação de tumulto; confusão.	N.D.

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Percebe-se a partir do Quadro 2 que as unidades fraseológicas *chuva de gelo*, *chuva de neve* e *nuvem de fumaça* não se encontram dicionarizadas nos dicionários consultados. A unidade fraseológica *arco-celeste* encontra-se dicionarizada em três dos quatro dicionários consultados. Já *arco-íris* encontra-se dicionarizada em todos os dicionários consultados. A unidade *chuva de granizo* encontra-se dicionarizada apenas no

Dicionário Houaiss (2009), enquanto a unidade *pau d'água* está dicionarizada em dois dicionários: Aulete (1976) e Aurélio (1986). Já a unidade *pé de vento* encontra-se dicionarizada em três dos quatro dicionários consultados. Apenas a unidade *arco-íris* foi encontrada no Dicionário de Expressões Popular Brasileiro. No Gráfico 1, podemos observar o percentual de dicionarização das unidades fraseológicas do campo semântico *fenômenos atmosféricos*:

GRÁFICO 1: Percentual de dicionarização – *fenômenos atmosféricos*



Fonte: Banco de dados do ALiB.

O Quadro 3 traz os dados sobre campo semântico *astros e tempo*:

QUADRO 3: Dicionarização do campo semântico *astros e tempo*.

Unidades Fraseológicas	Aulete (1976)	Aurélio (1986)	Houaiss (2009)	Exp. Pop. Brasileiro (1912)
Barra da tarde (s.f. crepúsculo - QSL26)	25. PB Nuvem carregada que, ao pôr do sol, aparece no horizonte	N.D.	N.D.	N.D.
Barra do dia (S.F. alvorada - QSL24)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Boca da noite (s.f. anoitecer - QSL28)	sf. O começo da noite.	N.D.	N.D.	N.D.
Estrela cadente (s.f. estrela cadente-QSL31)	ponto brilhante, cujo brilho é comparável ao das estrelas e que aparece de noite	Meteoro	m.q. Meteoro	N.D.

	no céu e aí descreve uma trajetória mais ou menos extensa, e depois desaparece deixando um rasto luminoso que se conserva por alguns instantes; aerólito; meteoro; meteorito.			
Estrela caminhadeira (s.f. estrela cadente-QSL31)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Estrela d'alva (s.f. estrela d'alva - QSL29)	N.D.	[de estrela+ de + alva] s.f. Vênus	s.f. ASTR infm. m.q. Vênus ('planeta')	N.D.
Estrela da manhã (s.f. estrela d'alva - QSL29)	Pop. Denominação do planeta Vênus quando visível no céu antes do nascer do Sol.	Vênus	m.q. Vênus	N.D.
Estrela da noite (s.f. estrela cadente-QSL31)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Estrela luzente (s.f. estrela cadente-QSL31)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Estrela marte (s.f. estrela d'alva - QSL29)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Estrela matutina (s.f. estrela d'alva - QSL29)	Estrela da manhã	N.D.	m.q. vênus	N.D.
Estrela oriente (s.f. estrela cadente-QSL31)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Estrela peregrina (s.f. estrela cadente-QSL31)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Mês da criança (s.f. outubro-QSL35)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Mês da Independência (s.m. setembro-QSL35)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.

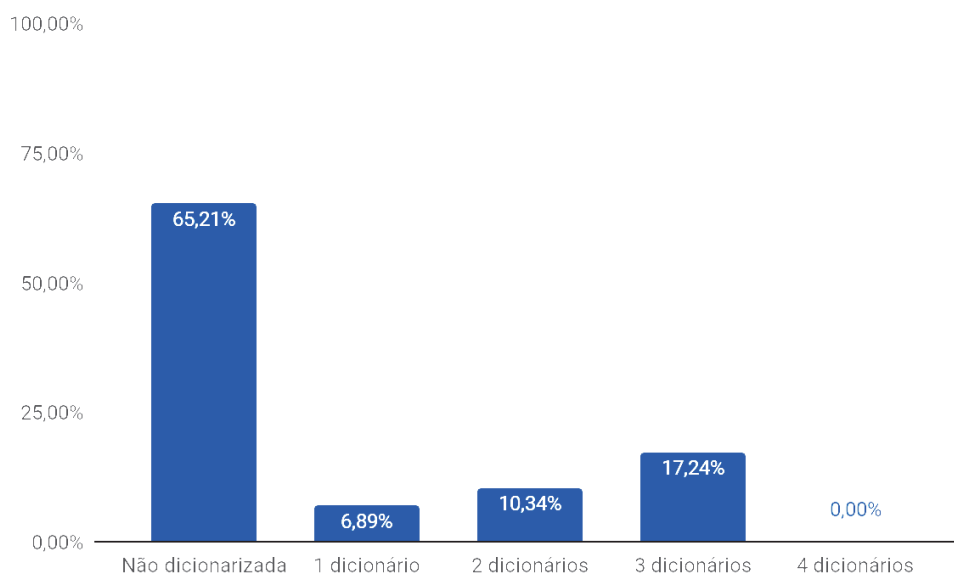
Mês de Maria (s.m. maio-QSL35)	O mês de maio.	S.M. Bras. Festividades com que a igreja celebra o mês de maria; O mês de maio	1. o mês de maio. 2. B série de festividades e cerimônias realizadas durante o mês de maio, em homenagem a Maria, mãe de Jesus; mês de maio.	N.D.
Mês de São João (s.m. junho-QSL35)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Mês de Santana (s.m. julho-QSL35)	N.D.	Bras. O mês de julho. [tb. se diz apenas sant'ana]	o mês de julho	N.D.
Mês do desgosto (s.m. agosto-QSL35)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Mês do Natal (s.m. dezembro -QSL35)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Mês do vento (s.m. agosto-QSL35)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Mês dos pais (s.m. agosto-QSL35)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Nascer do dia (s.m. nascer do sol -QSL23)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Nascer do sol (s.m. nascer do sol -QSL23)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Papa-ceia (s.m. estrela vespertina -QSL30)	s. m. (Bras.) (pop.) a estrela da tarde. F. Papar+ceia.	[de papar + ceia] s.f. Bras. Pop. V. vênus	m.q. vênus	N.D.
Poente do sol (s.m. pôr do sol -QSL25)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Pôr do sol (s.m. pôr do sol-QSL25)	sm.1. Desaparecimento do sol no horizonte; OCASO;	S.m. Crepúsculo vespertino; crepúsculo, ocaso.	momento em que o sol desaparece no horizonte; conjunto de	N.D.

	POENTE 2. Cor da atmosfera durante o crepúsculo vespertino.		fenômenos atmosféricos que acompanham o declínio do sol no horizonte;	
Pousar do sol (s.m. pôr do sol -QSL25)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
Raiar do dia (s.m. Alvorada QSL 24)	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.

Fonte: Banco de dados do ALiB

Evidencia-se, a partir do Quadro 3, que nenhuma das unidades fraseológicas se encontra dicionarizada no Dicionário de Expressões Populares Brasileiro. Outro ponto que pode ser observado é que a maioria das unidades fraseológicas do campo semântico *astros e tempo* não se encontra dicionarizada. Demonstra-se o percentual de dicionarização das expressões do campo semântico *astros e tempo* no Gráfico 2:

GRÁFICO 2: Percentual de dicionarização – *astros e tempo*.



Fonte: Banco de dados do ALiB.

Com a intenção de analisar a composição morfológica das estruturas encontradas, analisam-se as classificadas em: Substantivo + Preposição + Substantivo; Verbo + Preposição + Substantivo; Substantivo + Adjetivo; Substantivo + Substantivo.

QUADRO 4: Composição morfológica das expressões.

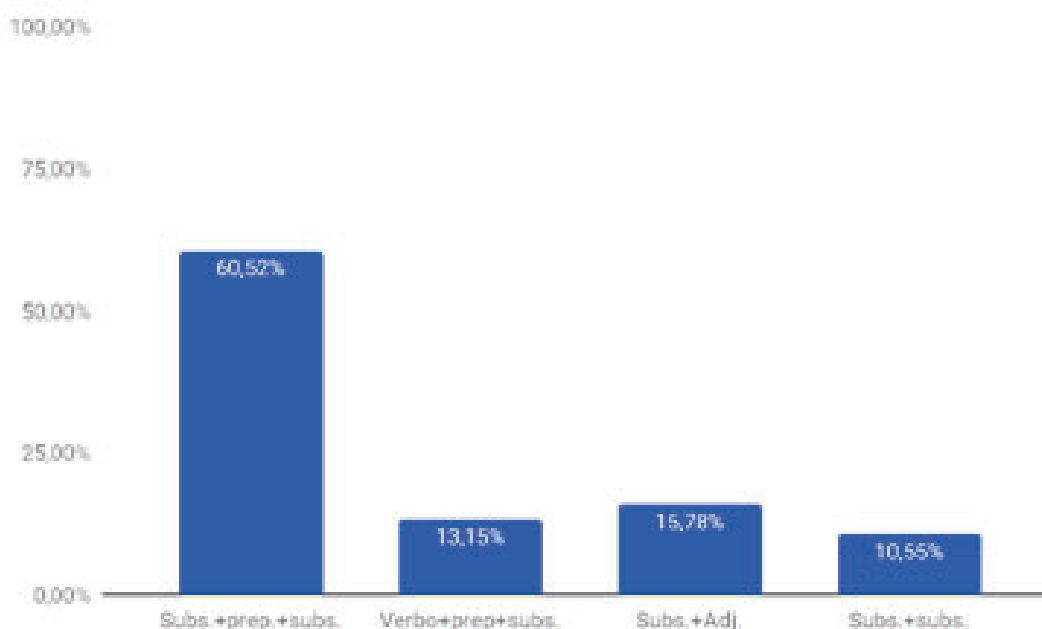
Composição Morfológica das Unidades Fraseológicas			
Substantivo + Preposição + Substantivo	Verbo + Preposição + Substantivo	Substantivo + Adjetivo	Substantivo + Substantivo
FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS			
Chuva de Gelo		Arco Celeste	Arco-íris
Chuva de Granizo			
Chuva de Neve			
Nuvem de fumaça			
Pau D'água			
Pé de vento			
ASTROS E TEMPOS			
Barra da tarde	Nascer do dia	Estrela cadente	Estrela marte
Barra do dia	Nascer do sol	Estrela caminhadeira	Estrela oriente
Boca da noite	Pôr do sol	Estrela luzente	Papa-ceia
Estrela d'alva	Pousar do sol	Estrela matutina	
Estrela da manhã	Raiar do dia	Estrela peregrina	
Estrela da noite			
Mês da criança			
Mês da Independência			
Mês de Maria			
Mês da criança			
Mês de São João			
Mês de Santana			

Mês do desgosto			
Mês do Natal			
Mês do vento			
Mês dos pais			
Poente do sol			

Fonte: Banco de dados do ALiB.

No intuito de mostrar a composição morfológica das unidades fraseológicas quantitativamente, apresenta-se o Gráfico 3:

GRÁFICO 3: Percentual de composição morfossintática das unidades fraseológicas (total).



Fonte: Banco de dados do ALiB.

O Gráfico 3 revela que a maioria das unidades fraseológicas encontradas tem sua composição morfológica formada por substantivo + preposição + substantivo (60,52%). Na sequência, em ordem decrescente de produtividade, estão as estruturas como substantivo + adjetivo (15,78%), verbo + preposição + substantivo (13,15%) e substantivo + substantivo (10,55%).

Considerações finais

A partir dos resultados apresentados anteriormente, infere-se que por meio da coleta de dados, registrou-se uma grande amostra de fraseologismos nos campos analisados, sendo o campo *astros e tempos* o de maior produtividade com 30 expressões validadas. Já o campo com menor produtividade foi *acidentes geográficos* com nenhuma expressão validada nas localidades estudadas.

No que se refere à estrutura das unidades fraseológicas, a formação “Substantivo + Preposição + Substantivo” é a mais empregada (60,52%), sendo a estrutura “Substantivo + Adjetivo” (15,78%) a segunda mais utilizada.

Na consulta aos dicionários, verifica-se que muitas das UF encontradas não estão dicionarizadas. O Dicionário de Expressões Populares Brasileiro possui a menor quantidade de registros das variantes analisadas. Apenas uma UF encontrada (*arco-íris*) está registrada nesse dicionário.

Ainda na consulta aos dicionários, 25% das UF do campo semântico *fenômenos atmosféricos* encontram-se dicionarizadas em três dicionários. Enquanto apenas 12,50% encontram-se registradas em todos os dicionários utilizados. No campo semântico *astros e tempo*, nenhuma UF encontra-se dicionarizada nos quatro dicionários utilizados e apenas 17,24% estão presentes em três dicionários.

Referências

AULETE DIGITAL. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/fraseologia>>. Acesso em: 10 mar 2017.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1987.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FRANCO, Cid Barros. **Dicionário de Expressões Populares Brasileiras**. São Paulo: Unidas, 1912.

HOUAISS. Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire S. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna**. v. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

Unidades fraseológicas da região Norte no *corpus* do Projeto ALiB

Ana Rita Carvalho de Souza (PIBIC/CNPq)

RESUMO: Neste trabalho apresenta-se um dos aspectos de que se ocupa o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB): o léxico do português brasileiro. Dessa forma, investigamos as unidades fraseológicas referentes aos campos *acidentes geográficos, astros e tempo e fenômenos atmosféricos* nas capitais Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho, pertencentes à Região Norte. O Projeto ALiB é um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento, que tem por meta desenhar, de maneira imparcial, dentro do que lhe é possível, o português falado no Brasil e, após a publicação de seus dois primeiros volumes, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre a diversidade de usos vinculada a áreas específicas, mas também relacionadas a fatores sociais. A metodologia empregada busca verificar o aparecimento dessas unidades em termos diatópicos, diastráticos e diageracionais. Dessa forma, a análise dos inquéritos investigados tem como propósito estudar itens lexicais, como, por exemplo, *chuva de granizo, mês do cachorro louco, estrela guia*, presentes no repertório linguístico dos informantes, com o intuito de documentar a diversidade lexical do português falado no Norte do Brasil, seguindo os princípios da Dialectologia Pluridimensional em que o registro segue os parâmetros geográficos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: *Variação lexical; fraseologismo; Geolinguística.*

Introdução

Os estudos fraseológicos no Brasil estão consolidados em uma significativa produção científica, porém as unidades fraseológicas seguem marginalizadas no ensino de língua materna. Não se pode afirmar com precisão, mas é provável que isso aconteça porque esse assunto ainda é tratado como pobreza de vocabulário e não como um fator inerente a todas as línguas naturais. Baseada nessa premissa, Monteiro-Plantin (2014) afirma que:

Enquanto conjunto de fenômenos fraseológicos comum a todas as línguas naturais, a Fraseologia constitui um estupendo recurso linguístico, do qual os falantes fazem uso em seu cotidiano, em contextos precisos e com objetivos específicos (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 21).

Dessa forma, podemos conceituar a Fraseologia como uma disciplina independente, que se relaciona com todos os níveis da linguagem (desde o fonético-fonológico ao discursivo-pragmático) com o objetivo de estudar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomaticidade, que sejam polilexicais e que constituam a competência discursiva dos falantes (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 33).

Mejri (2016) ressalta que o processo de fixação destas unidades realiza-se por meio de um processo universal próprio das línguas vivas que se inscreve no tempo, realiza-se independentemente da vontade dos interlocutores, age como fator sistêmico

sobre o funcionamento da língua em todos os níveis e é recorrente. Para tanto, faz-se necessário trazer essa realidade linguística para o nosso cotidiano, não somente no âmbito científico, mas também para a realidade do ensino da língua materna, dada a sua importância para a compreensão e funcionamento da língua em questão. Com isso, optamos pela denominação Unidades Fraseológicas (UFs), para designar as sequências linguísticas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia, por considerarmos tal hiperônimo suficiente para abarcar sentenças proverbiais, expressões idiomáticas (EI), pragmatemas, fórmulas situacionais, colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões.

As UFs encontradas no *corpus* do Projeto ALiB sinalizam que, em vez de pobreza de vocabulário, seu uso representa parte do conhecimento linguístico do falante e que elas são mais comuns do que se pode imaginar. Elas também nos permitem conhecer a realidade linguística brasileira, referente à utilização das UFs, tanto na perspectiva diatópica, quanto diasssexual, diastrática e diageracional, a partir da constituição da base desse dado no campo semântico fenômenos atmosféricos. É sabido que o ALiB é um projeto de amplitude nacional no campo da Geolinguística Pluridimensional, com isso pretendemos observar a importância quantitativa e qualitativa das UFs observadas em função da descrição lexical.

Durante as análises, também, será possível identificar e estudar em que dimensão o fenômeno da colocação atua na idiomaticidade da língua ou de suas variantes e como se coloca o português brasileiro com relação à lusofonia de um modo geral. Assim, almeja-se individualmente evidenciar as comunidades de fala que fazem uso das UFs em seu cotidiano, como elas ocorrem, por que ocorrem e, em paralelo, traçar um perfil de uso dessas unidades, comparando futuramente dados desse *corpus* com dados apresentados por outros pesquisadores, sobre diferentes regiões brasileiras, em uma tentativa de desenhar, o mais objetivamente possível, o português falado no Brasil, principal meta norteadora do ALiB.

Fundamentação teórica

Hoje, no Brasil, existem duas grandes correntes de pesquisadores que se debruçam nos estudos fraseológicos. Uma segue a corrente espanhola, que se dedica a estudar os provérbios e sua constituição, bem como seu uso e compreensão pelos falantes de determinada língua. A outra segue a corrente francesa, adotada por Salah Mejri, que expande o objeto de estudo da Fraseologia para muito além dos provérbios, adotando como principal critério para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF) o da polilexicalidade.

Mejri (1997) se dedica ao estudo do processo de fixação (*figement*) dessas unidades, contemplando vários elementos e elucidando como o processo de fixação de unidades sintagmáticas livres as torna unidades sintagmáticas que não podem ser dissociadas. Sendo assim,

Le figement est en effect important à plus d'une trite: il engage toutes les dimensions du système Linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence (...) couramment employé dans la conversation de tous les jours, illustre parfaitement l'imbrication de tous les niveaux que nous venons que mentionner (MEJRI, 1997, p. 23)³¹.

³¹ O processo de fixação é, em efeito, importante: ele confirma todas as dimensões do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.). Uma sequência (...) comumente empregada em

Essa sequência tratada por Mejri é o que chamamos aqui de Unidade Fraseológica, ou o alvo deste estudo, mas, para completar esta análise, a fixação não é analisada isoladamente. Consideramos, também, a estabilidade dessas unidades léxicas e o grau de idiomaticidade, além de observar se elas são utilizadas de maneira convencional em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que involuntariamente. A principal característica dessas unidades é o grau de coesão, que é absoluto, ou seja, os elementos que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto recebe uma nova significação que pode ter alguma relação com as significações anteriores ou não. Mejri (2016) afirma que essa sequência é dita cristalizada se ela encontra uma fixidez total ou parcial de regras da combinatória sintagmática e da comutatividade paradigmática. Para Sfar (2015), fixidez é o processo pelo qual as formações sintagmáticas têm, no seu conjunto, sintaxe interna correlacionada com o significado global, ou seja, não se pode analisar uma unidade fraseológica através de seus itens isoladamente, mas todos juntos como se fosse uma estrutura só. Esse critério, juntamente com a polilexicalidade, dá norteamento e justifica o fato de as unidades aqui analisadas serem consideradas fraseologismos.

Durante o processo de comunicação, os falantes fazem uso de combinações de palavras entre si para expressar seus pensamentos e interagir com o meio em que vivem. Essas combinações podem ser livres ou não. Mejri (1997) explica que essas sequências passam de livres para fixas gradualmente e quase que imperceptivelmente, chamando atenção para a noção de *continuum* no tratamento delas, o que pode ser tomado como teoria para explicar como as UFs aqui analisadas se tornaram ou tornam parte do vocabulário dos falantes das capitais da Região Norte do Brasil.

Metodologia

O Atlas Linguístico do Brasil perfaz um total de 250 localidades e conta com a contribuição de 1100 informantes. Conforme abordam Paim e Ribeiro (2016, p. 21), o Questionário Linguístico do Projeto ALiB é constituído de sete partes distintas e está assim organizado:

- (1) QFF - Questionário fonético-fonológico (159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia);
- (2) QSL - Questionário semântico lexical (202 perguntas);
- (3) QMS - Questionário morfossintático (49 perguntas);
- (4) QP - Questões de pragmática (04 perguntas);
- (5) TDS - Temas para discurso semidirigido (04 temas - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal);
- (6) PM - Perguntas metalinguísticas (06 perguntas);
- (7) LE - Texto para leitura (“Parábola dos sete vimes”).

Verificamos, no Questionário, que todas as perguntas se fazem acompanhar da redação de como devem ser formuladas, evitando, dessa forma, possíveis distorções na(s) resposta(s) obtida(s), em decorrência do modo como se apurou o modelo fornecido pelo informante.

A metodologia aplicada nesta pesquisa compreende os pressupostos estabelecidos pelas equipes de pesquisadores do Brasil (ALiB) e da França (LDI –

conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar (MEJRI, 1997, p. 23, tradução nossa).

Lexiques, Dictionnaires, Informatique). O levantamento de dados (nível lexical) foi feito nas sessões “Acidentes Geográficos” (questões de 01 a 06), “Fenômenos Atmosféricos” (questões 07 a 21) e “Astros e Tempo” (questões 22 a 38) do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB.

A capital Palmas foi excluída deste estudo, pois o Projeto ALiB entende que ela não tem tempo de fundação suficiente para ter consolidação histórica e pais dos informantes de faixa II nascidos no local, dois dos requisitos para se realizar pesquisa em campo.

A metodologia de escolha dos informantes do ALiB está demonstrada no quadro abaixo e, com base em sua leitura, podemos observar que essa escolha fornece dados de forma ponderada para estudos pluridimensionais.

QUADRO 1: Perfil dos informantes.

Nº informante	Nível escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Universitário	I (18-30 anos)	Masculino
06	Universitário	I (18-30 anos)	Feminino
07	Universitário	II (50-65 anos)	Masculino
08	Universitário	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Vale salientar que, no interior dos Estados brasileiros, o Projeto ALiB inquiriu somente quatro informantes, diferenciando-se das capitais apenas na escolaridade, pois temos informantes apenas de nível fundamental, o que não desprestigia o material coletado, visto que, quando os pesquisadores foram a campo, o acesso à universidade ainda era um sonho para a maioria das localidades do interior, tornando muito difícil e até impossível recolher amostras com informantes de nível universitário.

Este trabalho se desdobrou na seguinte sequência cronológica:

- i. escuta dos áudios específicos do *corpus* do ALiB em questão;
- ii. transcrição grafemática do recorte analisado (fenômenos atmosféricos);
- iii. procura por dicionarização das expressões encontradas em pelo menos quatro obras;
- iv. colocação dos dados encontrados em planilha permitindo, assim, a análise desse material em todas as perspectivas: diatópica, diageracional, diassexual e diastrática.

Foi encontrado um total de 32 UFs, distribuídas pelas seis capitais analisadas e entre informantes de ambos os sexos, faixas etárias e graus escolaridade.

Análise dos dados

O *corpus* desta pesquisa é constituído pelas respostas de 48 informantes, esclarecendo que, em cada localidade, foram entrevistados oito informantes, divididos da seguinte forma:

- ✓ seis cidades: Belém - PA, Boa Vista - RR, Macapá - AP, Manaus - AM, Porto Velho - RO e Rio Branco - AC, possibilitando a análise diatópica;
- ✓ duas faixas etárias: a Faixa I, de 18 a 30 anos, e a Faixa II, de 50 a 65 anos, possibilitando a análise diageracional;
- ✓ sexo: masculino e feminino, possibilitando a análise diassexual;
- ✓ dois níveis de escolaridade: fundamental e universitário, possibilitando a análise diastrática, sendo que o cruzamento de todos esses dados permite a análise diafásica também.

É importante esclarecer que, dos 48 informantes inquiridos, alguns não souberam ou não responderam a algumas questões e que as lexias simples não foram consideradas, visto que o objeto deste estudo são as Unidades Fraseológicas. As UFs encontradas foram:

QUADRO 2: Unidades Fraseológicas encontradas.

Nº	Questão	Área semântica	Respostas obtidas
001	... Um rio pequeno de uns dois metros de largura?	Acidentes Geográficos	<i>Braço do Rio</i>
003	... O lugar onde o rio termina ou encontra outro rio?	Acidentes Geográficos	<i>Boca do Rio</i>
004	Muitas vezes, num rio, a água começa a girar formando um buraco na água, que às vezes puxa para baixo. Como se chama isso?	Acidentes Geográficos	<i>Boca de Lobo</i>
007	... O vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Pé de Vento</i>
009	... Uma luz forte e rápida que sai das nuvens podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais em dias de mau tempo?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Pedra de Raio</i>
011	... Uma chuva com vento forte que vem de repente?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Pé D'água / Pau D'água</i>
013	... Uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Pau D'água / Pancada de Chuva / Pé D'água</i>
014	... Uma chuva forte e contínua?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Pampero de Água</i>
015	Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Chuva de Granizo / Chuva de Gelo / Chuva de Neve</i>
017	Quase sempre depois de uma chuva aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Arco-Íris</i>
018	... Uma chuva bem fininha?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Chuva de Molhar Besta</i>

020	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?	Fenômenos Atmosféricos	<i>Orvalho da Manhã</i>
022	... A parte do dia quando começa a clarear?	Astros e Tempo	<i>Raiar do Dia / Raio de Sol</i>
025	E o que acontece no céu no final da tarde?	Astros e Tempo	<i>Pôr do Sol</i>
028	... O começo da noite?	Astros e Tempo	<i>Boca da Noite</i>
029	De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?	Astros e Tempo	<i>Estrela D'Alva / Estrela da Manhã / Estrela Guia / Estrela Matutina / Estrela Rainha</i>
030	De tardezinha uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte e brilha mais. Como chamam esta estrela?	Astros e Tempo	<i>Estrela D'Alva</i>
031	De noite, muitas vezes, pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?	Astros e Tempo	<i>Estrela D'Alva / Estrela Cadente</i>
033	Numa noite bem estrelada aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?	Astros e Tempo	<i>Caminho de São Jorge / Via Láctea</i>
035	Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.? (Meses com nomes especiais)	Astros e Tempo	<i>Mês dos Casamentos / Mês Junino / Mês de São João / Mês do Desgosto / Mês do Cachorro Louco</i>

Fonte: Banco de dados do ALiB.

Foi feita uma pesquisa de dicionarização de expressões, na tentativa de elucidar se algum lexicógrafo já teria publicado alguma delas. Os resultados desta busca estão dispostos do quadro abaixo, conforme legenda:

- ✓ N/D é não dicionarizado;
- ✓ DOS é dicionarizado com outro sentido.

QUADRO 3: Dicionarização das expressões.

Unidade fraseológica	Exp. Pop. Brasileiras (1912)	Aulete (1986)	Aurélio (1986)	Houaiss (2009)
<i>Boca de Lobo (s.m. redemoinho de água-QSL4)</i>	N/D	DOS	DOS	DOS
<i>Boca do Rio (s.f. foz-QSL3)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D

<i>Braço do Rio (s.m. córrego-QSL1)</i>	N/D	N/D	DOS	s.m. 7. p. ana. (da acp. 1) qualquer objeto cuja forma ou movimento lembre o do braço. 7.11 GEO ramificação o lateral de um rio; esteiro.
<i>Chuva de Gelo (s.f. chuva de pedra-QSL15)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Chuva de Granizo (s.f. chuva de pedra-QSL15)</i>	N/D	N/D	N/D	s.f. m.q. Granizo
<i>Chuva de Molhar Besta (s.f. garoa-QSL18)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Chuva de Neve (s.f. chuva de pedra-QSL15)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Orvalho da manhã (s.m. orvalho-QSL20)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Pampero de Água (s.f. chuva forte-QSL14)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Pancada de Chuva (s.m.temporal-QSL11)</i>	N/D	N/D	DOS	DOS
<i>Pé D'água (s.m.temporal-QSL11)</i>	N/D	DOS	DOS	DOS
<i>Pé D'água (s.m.tromba d'água-QSL13)</i>	N/D	s.m. (Bras.) aguaceiro, manga-d'água, Cp. Pé-de-vento	s.m. Bras. V. aguaceiro (1). [Pl: pés-d'água.]	s.m. B chuva forte, repentina e de pouca duração; aguaceiro. [pl: pés-d'água]
<i>Pé de Vento (s.m. redemoinho de vento-QSL7)</i>	DOS	N/D	DOS	DOS
<i>Pedra de Raio (s.m. raio-QSL9)</i>	N/D	DOS	DOS	DOS
<i>Pau D'água (s.f. tromba d'água-QSL13)</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
<i>Boca da Noite (vb. Anoitecer-QSL28)</i>	N/D	N/D	19. O princípio da noite, o anoitecer, à	16. fig. princípio, início <b. da noite>

			boca da noite, à boquinha da noite.	
<i>Caminho de São Jorge (s.f. via láctea-QSL33)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Estrela Cadente (s.f.estrela cadente-QSL31)</i>	N/D	N/D	Astr. Fragmento de matéria do espaço interplanetário que ao penetrar na atmosfera se aquece, tornando-se luminoso. [sin. Meteoro, estrela fugaz, estrela filante, exalação, zelação.]	ASTR. m. q. METEOR O (rastros luminoso)
<i>Estrela D'alva (s.f.estrela matutina-QSL29)</i>	N/D	s.f. planeta vênus, quando aparece do lado do nascente, pouco antes do amanhecer, também chamada estrela da manhã ou estrela matutina.	(de estrela + de + alva) s.f. V. vênus	s.f. ASTR. infrm. m. q. VÊNUS (planeta) [pl: estrelas- d'alva.]
<i>Estrela D'alva (s.f. estrela vespertina-QSL30)</i>	N/D	s.f. planeta vênus, quando aparece do lado do poente, pouco depois do anoitecer, também chamada	(de estrela + de + alva) s.f. V. vênus	s.f. ASTR. infrm. m. q. VÊNUS (planeta) [pl: estrelas- d'alva.]

		estrela da tarde, estrela do pastor, estrela vespertina, vésper, véspero, estrela vésper.		
<i>Estrela D'alva (s.f. estrela cadente-QSL31)</i>	N/D	N/D	DOS	DOS
<i>Estrela da Manhã (s.f. estrela matutina-QSL29)</i>	N/D	N/D	s.f. Astr. V. Vênus (2)	s.f. m.q. VÊNUS
<i>Estrela Guia (s.f. estrela matutina-QSL29)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Estrela Matutina (s.f. estrela matutina-QSL29)</i>	N/D	s.f. o planeta vênus.	s.f. Astr. V. Vênus (2)	s.f. m.q. VÊNUS
<i>Estrela Rainha (s.f. estrela matutina-QSL29)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Mês de Festa Junina (s.m. junho-QSL35)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Mês de São João (s.m. junho-QSL35)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Mês do Cachorro Louco (s.m. agosto-QSL35)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Mês do Desgosto (s.m. agosto-QSL35)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Mês dos Casamentos (s.m. maio-QSL35)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Mês Junino (s.m. junho-QSL35)</i>	N/D	N/D	N/D	N/D
<i>Pôr do Sol (s.m. pôr do sol-QSL25)</i>	N/D	N/D	s.m. crepúsculo vespertino; crepúsculo ocaso; [pl: pores-do-sol.]	42. s.m. momento em que o sol desaparece no horizonte; conjunto dos fenômenos atmosféricos que acompanham o declínio do sol no horizonte; crepúsculo vespertino,

				ocaso, poente.
<i>Raiar do Dia</i> (vb. <i>amanhecer-QSL22</i>)	N/D	N/D	N/D	DOS
<i>Raio de Sol</i> (vb. <i>amanhecer-QSL22</i>)	N/D	N/D	N/D	DOS
<i>Via Láctea</i> (s.f. <i>via láctea-QSL33</i>)	N/D	s.f. larga faixa embranquiça da que em noite serenas se vê no céu, abrangendo quase um círculo máximo da esfera celeste, formada por massas de estrelas e nuvens estrelares e que é a visão longínqua da nossa galáxia. Também lhe chamam caminho, carreira ou estrada de São Tiago, também galáxia e nebulosa.	s.f. Astr. 1. nebulosa que forma longa mancha branca no escuro do céu. [Sin: caminho de São Tiago, estrada de Santiago, estrada de São Tiago, carreira de São Tiago, galáxia.	N/D

Fonte: Banco de dados do ALiB, Franco (1912), Aulete (1986), Ferreira (1986) e Houaiss (2009).

Após a análise de dicionarização das UFs, elas foram classificadas quanto à estrutura lexical e morfológica, além de passarem por uma triagem em que algumas foram descartadas por não atenderem a todos os critérios requeridos para compor as bases do Projeto VALEXTRA (Variação Lexical: Teorias, Recursos e Aplicações), mas foram preservadas, visto que nos servem para estudos e análises comparativas.

Uma amostra de transcrição grafemática de inquérito revela como são feitas as entrevistas e como as respostas são obtidas:

QUADRO 4: Recorte de transcrição grafemática de inquérito.

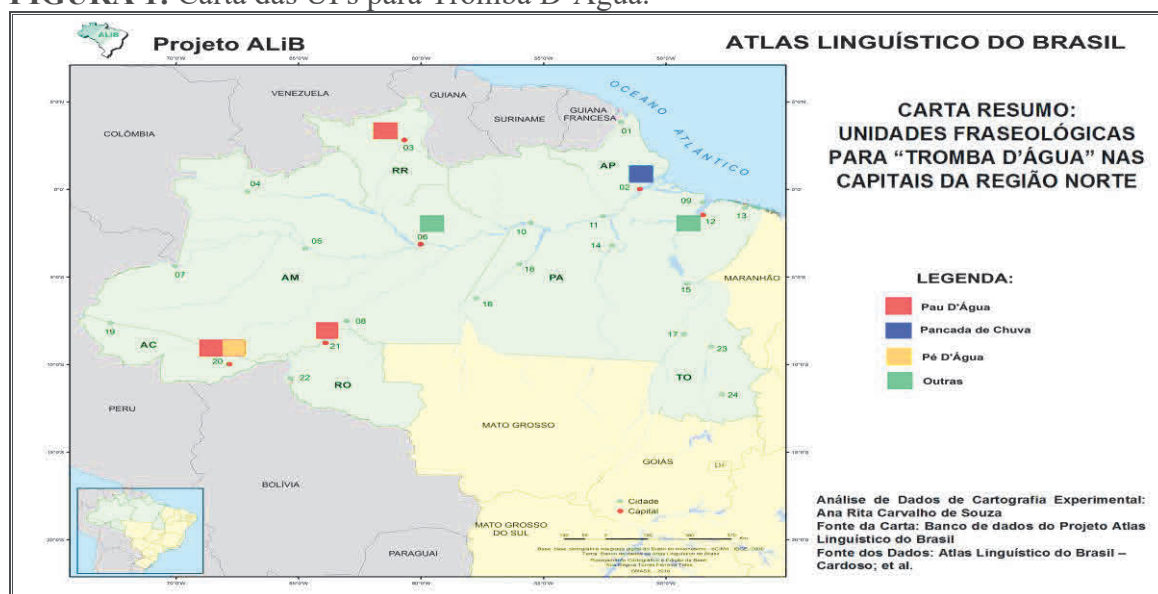
INQ. - E aquela chuva de pouca duração, mas muito forte e pesada?
INF.- Nós chamamos... aqui... mas essa rápida? Nós chamamos também de *pancada de chuva*
INQ. - Pancada, né?
INF.- *Pancada de chuva*. Quando ela é assim leve nós dizemos que é chuveiro, né. Se... se tá assim fazendo sol e começa a chover se diz que é o casamento da raposa, né? É, acho que no Brasil todo usa essa expressão, né?
INQ. - Ou casamento de viúva também.
INF.- Ou então, é *chuva de molhar besta*. (risos)
INQ. - Quando é fininha?
INF.- Fininha. Porque o camarada acha, que se ele for andando ele não vai se molhar, né?
INQ. - É, quando vê né?
INF.- É. É *chuva de molhar besta*.
(*Macapá, masculino, faixa II, universitário*)

Fonte: Banco de dados do ALiB.

De acordo com o Quadro 2, temos as questões 013, 015, 029 e 035 como as questões que foram mais produtivas quanto à utilização de UFs como respostas. É importante esclarecer que, quanto à variação lexical, podemos observar uma extensa riqueza de vocabulário, porém como a análise deste trabalho objetiva evidenciar o uso de Unidades Fraseológicas para as perguntas em questão, essas respostas foram desconsideradas. Também é preciso dizer que algumas das Unidades Fraseológicas encontradas não foram aproveitadas para compor a base de dados do VALEXTRA, como mencionado, sendo sinalizadas nas análises que se seguem como “outras”.

A questão 013 (*Uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada*) aparece primeiro com três UFs, as quais destacamos a seguir:

FIGURA 1: Carta das UFs para Tromba D'Água.



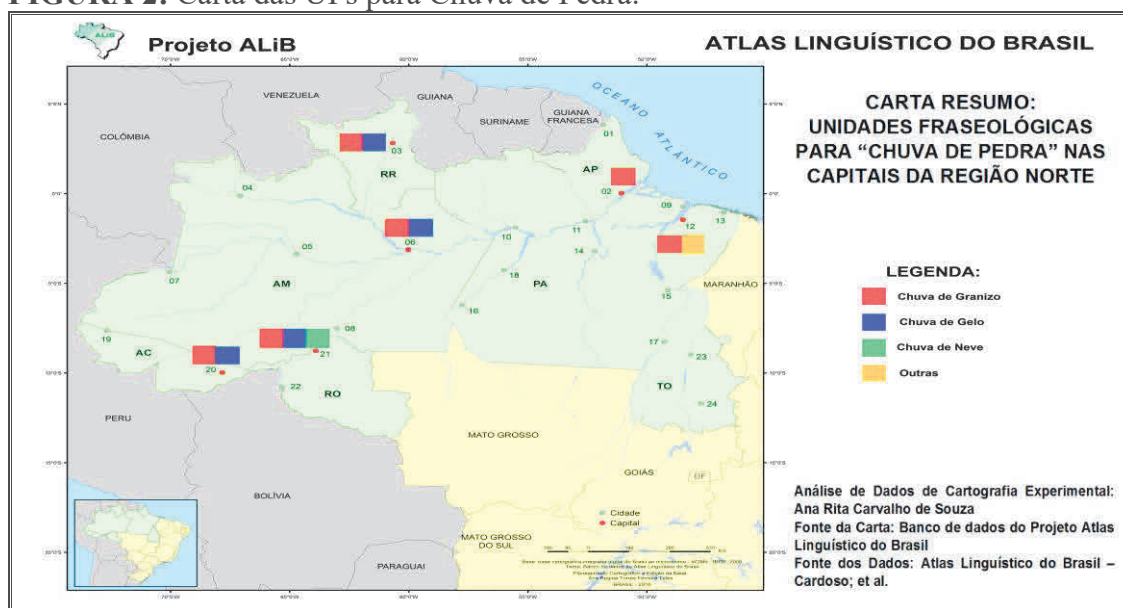
Fonte: Banco de dados do ALiB.

Como podemos observar, a partir da leitura da Carta, *Pau D'Água* pode ser considerada a UF mais produtiva devido ao seu uso por falantes na metade das capitais

analisadas. Destacamos os pontos 003 - Boa Vista e 021 - Porto Velho, nos quais ela aparece isolada, sendo exclusiva para os falantes dessas localidades. Outras UF's se mostraram produtivas nos pontos 006 - Manaus e 012 - Belém. *Pancada de Chuva* aparece sozinha no ponto 002 - Macapá, igualmente a *Pé D'Água* que aparece no ponto 020 - Rio Branco.

A questão 015 (*Durante uma chuva podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?*) aparece, em seguida, também com três UF's, as quais destacamos a seguir:

FIGURA 2: Carta das UF's para Chuva de Pedra.

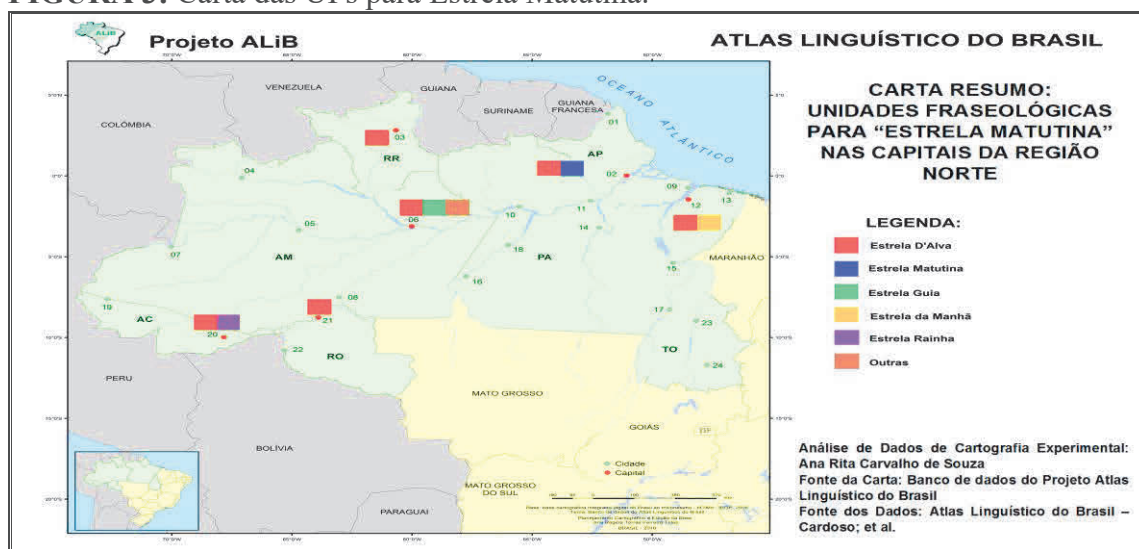


Fonte: Banco de dados do ALiB.

A figura 2 mostra que a UF *Chuva de Granizo* é recorrente em todas as capitais pesquisadas. No entanto, vemos também que os informantes conhecem e utilizam outras formas como *Chuva de Gelo*, que aparece em metade das capitais analisadas. *Chuva de Neve* aparece isolada no ponto 021 - Porto Velho, enquanto os informantes do ponto 012 - Belém conhecem e fazem uso de outras perífrases para se referir a esta chuva.

A questão 029 (*De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?*), de todas as questões aqui apresentadas, é a mais produtiva, aparecendo com cinco UF's como resposta, dispostas na carta abaixo:

FIGURA 3: Carta das UFs para Estrela Matutina.

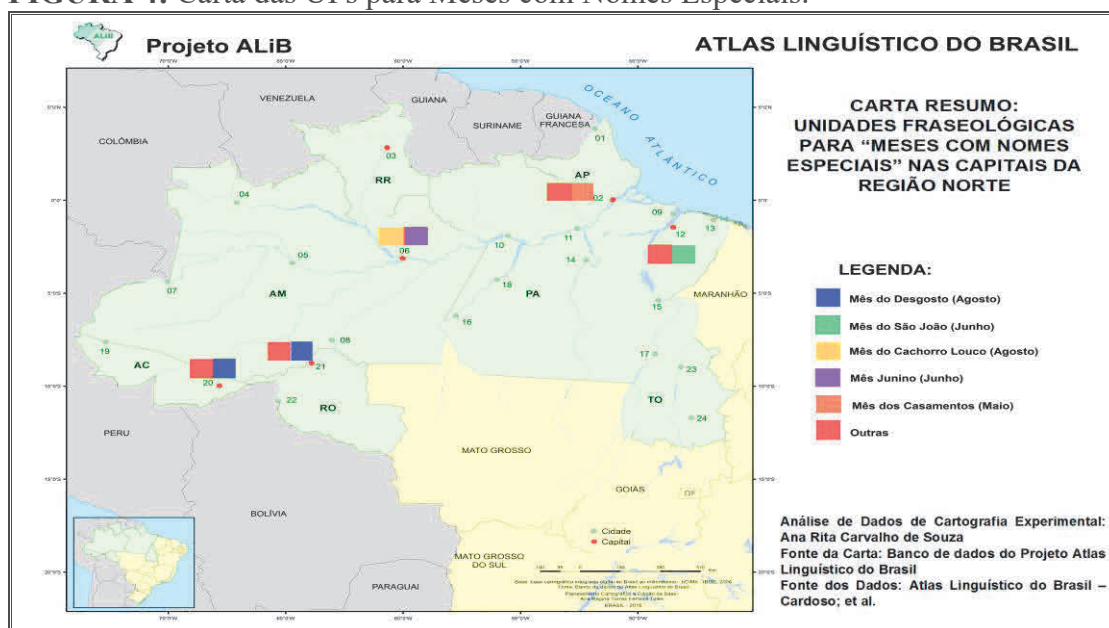


Fonte: Banco de dados do ALiB.

De acordo com a Figura 3, observamos que *Estrela D'Alva* é a UF de destaque, sendo a preferida na escolha dos falantes, mesmo aqueles que conhecem outras formas de denominar essa estrela. As outras Unidades Fraseológicas aparecem isoladas, uma em cada capital. Destacamos o ponto 006 - Manaus, que foi a capital que demonstrou maior riqueza lexical quanto ao número variado de respostas obtidas, sinalizadas na carta em marrom, legenda “outras”.

Por fim, a questão, também muito produtiva, 035 (*Meses com nomes especiais*), cujas respostas variam muito de acordo com a cultura local, regional, religiosidade entre outros fatores. Muitas respostas criativas e interessantes foram dadas a essa pergunta e as Unidades Fraseológicas validadas para o VALEXTRA estão dispostas na figura seguinte:

FIGURA 4: Carta das UFs para Meses com Nomes Especiais.



Fonte: Banco de dados do ALiB.

Como é possível observar, na figura 4, o mês de junho, como no APFB (*Atlas Prévio dos Falares Baiano*) e no ALS (*Atlas Lingüístico de Sergipe*), é bastante produtivo quando se trata de nomes especiais e, a partir dos inquéritos analisados, verificamos que é comum os informantes fazerem essa escolha naturalmente, ou seja, ela é involuntária. Sinalizado em vermelho, como a maioria das UFs encontradas, estão aquelas que não foram validadas, mas nos servem como material de apoio nas análises comparativas. É interessante observar as designações para o mês de agosto, que contém *Mês do Cachorro Louco*, assim chamado por se tratar do mês da vacinação em cães contra a raiva, e *Mês do Desgosto*, em alguns casos por ser o oposto de agosto, mas, na maioria dos casos, por esse mês ser visto como um mês “zarado” que só traz desgosto. Destacamos o ponto 003 - Boa Vista, onde nenhum dos informantes declarou conhecer ou saber do que se tratava.

Considerações finais

A análise do *corpus* demonstrou que, nas capitais da Região Norte, a utilização de UFs pela população ocorre de maneira sistemática junto a outras lexias simples ou não. Muitas formas encontradas tiveram pouca frequência, mas não podem ser consideradas menos relevantes, uma vez que o estudo que aqui se faz é baseado em amostragem, revelando, assim, um perfil de uso.

A análise dos dados apresentados neste trabalho demonstra a contribuição dos estudos fraseológicos para a descrição e a documentação da riqueza lexical presente nas regiões brasileiras, neste caso, a Região Norte. Com base na Geolinguística, foram contrastados os dados no espaço, chegando às seguintes conclusões:

- ✓ para as questões apresentadas foram encontradas 16 UFs e a questão 029 foi a mais produtiva;
- ✓ na maioria dos casos aqui apresentados, a etimologia mostra que credices populares, diferenças culturais e religiosidade são fatores cruciais para o falante no momento de escolha linguística em seu discurso;
- ✓ os estudos fraseológicos têm sua importância registrada por abarcar escolhas linguísticas que há muito tempo não eram consideradas pela pesquisa científica;
- ✓ a Geolinguística no Brasil, tanto a monodimensional, quanto a pluridimensional, é a ferramenta que melhor expressa o falar do brasileiro em relação à lusofonia de um modo geral.

Com esta pesquisa, podemos observar a utilização de Unidades Fraseológicas (UFs) específicas no português falado nas capitais da Região Norte (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho), com base no *corpus* do Projeto ALiB, e confirmou-se que o léxico é o nível linguístico que melhor e mais rápido expressa o dinamismo das línguas e mostra nosso modo de ser, de estar e de nos comportar no mundo, exemplificando como o falar dessa Região se comporta.

Referências

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Caldas Aulete. 5. ed. Lisboa: Delta, 1986.

CARDOSO, Suzana Alice M. da S. C. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**: Aurélio. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRANCO, Cid Barros. **Dicionário de expressões populares brasileiras**. São Paulo: Unidas, 1912.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MEJRI, Salah. **Délimitations des Unités Phraséologiques**. Université Paris 13: Slides, 2016. 48 slides, colorido.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical**. Descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunísia: Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

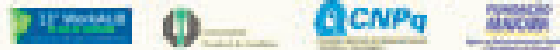
MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire S. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna. v. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SFAR, Inès. **Le Défigement: Procédés et Classements**. Paris: Slides, 2015. 49 slides, colorido.

BANNERS

ALIB-PARANÁ: 20 ANOS DE CAMINHADA E TRAVESSIAS

Myriam Rossi Steiman Cholmis (CNPq-UEL)
Vanderlei de Andrade Aguilera (CNPq-UEL)



APRESENTAÇÃO

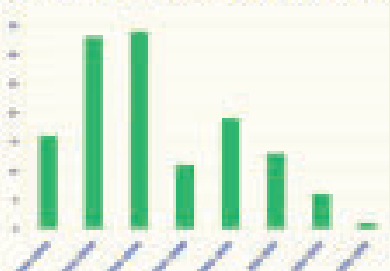
A Regional Paraná do Atlas Lingüístico do Brasil participa ativamente de todas as etapas do desenvolvimento da referida obra geosociolingüística desde a sua gênese, ocorrida em 1994 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este trabalho, por meio de recursos iconográficos, apresenta uma síntese dessa caminhada, cujo êxito só foi alcançado graças ao esforço de uma equipe coesa, profundamente comprometida com a pesquisa geosociolingüística e ciente da importância de preservar e analisar a língua portuguesa falada no Brasil em suas múltiplas faces.

QUADRO 1, 1 e 2 – Composição da Regional Paraná. FONTE: Dados de ALIB. Organização: Myriam Cholmis.

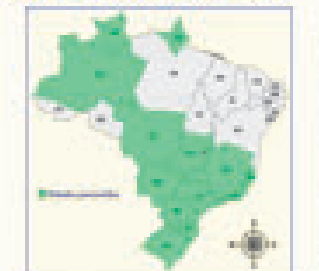
COORDENAÇÃO	INQUIRIDORES E AUXILIARES
Vanderlei de Andrade Aguilera (Diretora Científica e Coordenadora Regional), Fabiana Cristina Albino (Vice-Coordenadora Regional)	Arlene dos Santos, Débora Lima, Ênio Toniolo, Fabiana Albino, Cilma Rodrigues, Giovanna Rosa, Grisei Porell, Ivá Muniz, Janaina Romi, Kika Milani, Rosa Rodrigues, Rosana Amâncio, Vanderlei de Aguilera, Vanderlei Castro

INDICAÇÃO DEBÉTICA E APOIO TÉCNICO	
SECRETARIA	Fernanda Naves, Giovanna Dias, Flávia Paula, Rosana Gonçalves
ASSISTENTE	Ana Paula Cassinato, Anna Carolina de Santos, Arlene dos Santos, Ceres Dias, Daniela Destefani, Eliete Oliveira, Estela Destefani, Fernanda Cavallini, Glória de Silva, Ivá Muniz, Jean Carlos Oliveira, Joyce Lauranga, Juliana Jentes, Lilian de Silva, Mariana de Rosário, Nêide de Silva, Valter Ramares, Vanessa Yelo, William Sampaio
ASSISTENTE	Dayse Lauranga, Hellen Silva, Jéssica Silva, Juliana Franco, Márcia de Silva, Márcia Del Rio
SECRETARIA	Amaral Chafant, Dayse Lauranga, Gabriela Oliveira, Mariana Martins, Diviela Veigues
SECRETARIA	Ana Claudia Chafant, Cilma de Castro, Graciele Dava, Myriam Cholmis

GRÁFICO ÚNICO – Viagens da Regional Paraná. FONTE: Dados de ALIB. Organização: Myriam Cholmis.



MAPA ÚNICO – Cidades pesquisadas pela Regional Paraná. FONTE: IBGE e Dados de ALIB. Organização: Myriam Cholmis.



QUADRO 3 – Contribuição da Regional Paraná. FONTE: Dados de ALIB. Organização: Myriam Cholmis.

DADOS	TODAS AS REGIONAIS	REGIONAL PARANÁ	CONTRIBUIÇÃO DA REGIONAL PARANÁ
Quilômetros percorridos	37.621	12.722	34%
Localidades visitadas	350	66	20%
Informantes entrevistados	1.100	205	20%
Horas de gravação	2.750	667	26%
Horas de transcrição	27.500	9.670	36%

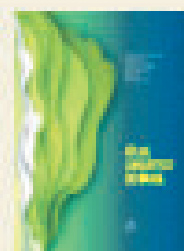
REFERÊNCIA

BRUNO, Susana. Atlas Linguístico do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.



ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL - REGIONAL PARANÁ EM 20 ANOS DE ATIVIDADES

Alina Fracarolli do Carmo (Dr-UEL)
Vanderci de Andrade Aguilera (CNPq-UEL)



Apresentação:

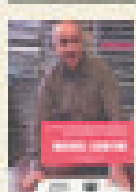
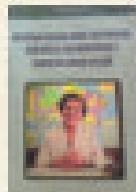
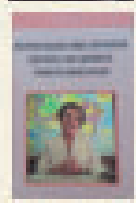
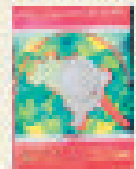
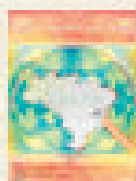
O Atlas Linguístico do Brasil compreende várias regionais dentre as quais se destaca a do Paraná, sediada na Universidade Estadual de Londrina, que se integrou ao projeto ALB desde o seu início em 1988, durante o Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil*.

É coordenada por Vanderci Aguilera, autora do Atlas Linguístico do Paraná e Fabiana Alino, autora do Atlas Linguístico do Paraná II.

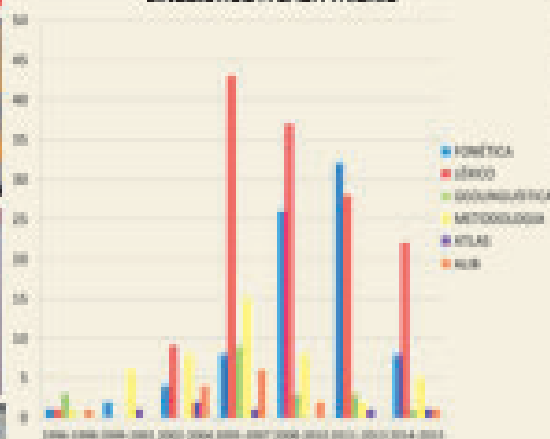
Em homenagem aos 20 anos de existência do ALB, a Regional Paraná apresenta, neste evento, uma síntese dos trabalhos desenvolvidos pelos docentes e discentes dos vários níveis da UEL.

Relativas à produção acadêmica de seus participantes, seja sob a forma de monografias, dissertações, teses, seja sob a forma de livros, capítulos de livros, artigos, resumos e trabalhos completos publicados em anais de eventos nacionais e internacionais.

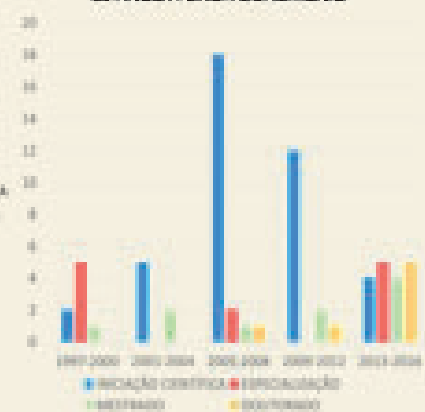
As imagens nas lâminas referem-se às: (i) obras publicadas ou organizadas pelos pesquisadores da Regional ALB-PR; (ii) publicações em parceria com outras Regionais; (iii) publicações da Editora da UEL.



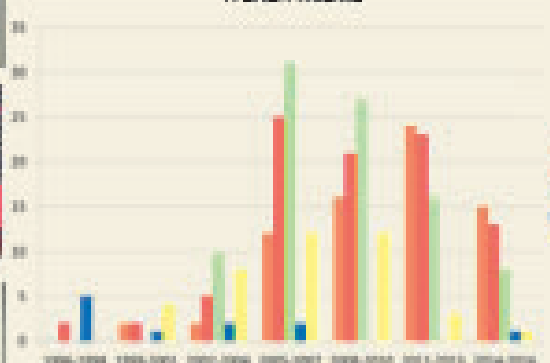
NÚMERO DE TRABALHOS POR NÍVEL LINGÜÍSTICO A CADA TRÍENIO



PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DESENVOLVIDAS NOS 20 ANOS A CADA QUADRÊNIO



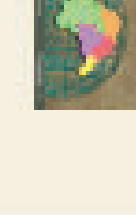
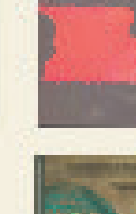
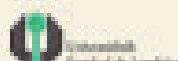
NATUREZA DOS TRABALHOS PRODUZIDOS A CADA TRÍENIO



PRODUÇÕES CIENTÍFICAS EM ANDAMENTO

ANO	INSTITUTO	QUANTIDADE
2024	UFPR	1
2024	UFPR	1
2024	UFPR	1
2024	UFPR	4
2024	UFPR	1
2024	UFPR	1

Referências:
Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <http://atlas.ufrgs.br/>. Acesso em 28 de novembro de 2024.



AUTORES

Aline Fracarolli do Carmo

Graduanda do curso de Letras (aline.fracarolli@outlook.com), orientada pela Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera (vanderci@uel.br), docente na Universidade Estadual de Londrina

Amanda de Jesus Fernandes de Carvalho

Graduanda do Curso de Letras (bmandyfer@gmail.com), orientada pela Prof.^a Dr.^a Conceição de Maria de Araujo Ramos (conciufma@gmail.com), docente na Universidade Federal do Maranhão.

Ana Cláudia Chofard

Graduanda do curso de Letras (annachofard@outlook.com), orientada pela Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera (vanderci@uel.br), docente na Universidade Estadual de Londrina

Ana Cléa dos Reis

Graduanda do curso de Letras (anaclea_1976@hotmail.com), orientada pela Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer (ueldircel@hotmail.com), docente na Universidade Estadual de Londrina

Ana Rita Carvalho de Souza

Graduanda no curso de Letras, orientada pela Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (marcelampaim@yahoo.com.br), docentes na Universidade Federal da Bahia

Brenda Vivian Bovo

Graduanda do curso de Letras (brenda.bovo@outlook.com), orientada pela Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (vanderci@uel.br), docente na Universidade Estadual de Londrina.

Cíntia da Conceição Marques

Graduanda no curso de Letras, orientada pela Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (marcelampaim@yahoo.com.br), docentes na Universidade Federal da Bahia

Eric Henrique Abreu Silva

Graduando do curso de Letras (erhenrique17@gmail.com), orientado pelo Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (comendesufma@gmail.com), docente na Universidade Federal do Maranhão.

Jamile Ieda Alves Caldas

Graduanda do Curso de Letras (jamile19caldas@gmail.com), orientada pela Profa. Dra. Cibelle Corrêa Béliche Alves (cibellebeliche@yahoo.com.br), docente na Universidade Federal do Maranhão.

Larissa Santos Deomondes

Graduanda no curso de Letras, orientada pelas Profas. Dras. Silvana Soares Costa Ribeiro (silvanaribeiro25@gmail.com) e Marcela Moura Torres Paim (marcelampaim@yahoo.com.br), docentes na Universidade Federal da Bahia.

Laryssa Francisca Moraes Porto

Graduanda em Letras (lakaporto16@gmail.com), orientada pela Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos (gsantos_23@yahoo.com.br), docente na Universidade Federal do Maranhão.

Layane Kessia Pereira Sousa

Graduanda do Curso de Letras (layane.sousa2113@gmail.com), orientada pela Profª. Drª. Conceição de Maria de Araujo Ramos (conciufma@gmail.com), docente na Universidade Federal do Maranhão.

Maria Caroline Chagas

Graduanda do curso de Letras (mariacaroline_1996@outlook.com.br), orientada pela Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino (fabiane_altino@uol.com.br), docente na Universidade Estadual de Londrina.

Mariana Spagnolo Martins

Mestranda em Estudos da Linguagem (mariana.spagnolo@hotmail.com), orientada pela Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (vanderci@uel.br), docente na Universidade Estadual de Londrina. .

Marina Ramos Luz

Graduada em Letras, orientada pelo Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (felicio.margotti@gmail.com), docente na Universidade Federal de Santa Catarina.

Myriam Rossi Sleiman Gholmie

Graduanda do curso de Letras (myriamgholmie@gmail.com), orientada pela Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera.(vanderci@uel.br), docente na Universidade Estadual de Londrina

Nádia Letícia Pereira Silva

Graduada em Letras (nadialeticiaps@gmail.com), orientada pelo Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (comendesufma@gmail.com), docente na Universidade Federal do Maranhão.

Taiane Cristina Prata Oliveira

Graduanda no curso de Letras, orientada pela Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (marcelampaim@yahoo.com.br), docentes na Universidade Federal da Bahia